

ESCUELA IBÉRICA DE LA PAZ

ESCOLA IBÉRICA DA PAZ



«A presente obra constitui uma valiosíssima contribuição histórica e, sobretudo, doutrinária para a Ciência do Direito Internacional contemporâneo. Reunindo *relectiones* dos últimos grandes mestres da escolástica que ensinaram nas Universidades de Portugal e Espanha, como também de missionários que exerceram os seus ministérios no Novo Mundo, os textos, conformando a *Escola Ibérica da Paz*, expressavam, para a época, uma nova e revolucionária concepção de comunidade universal, uma *societas gentium*, fundada na sociabilidade natural e na unidade do género humano. Reconhecidos como “pais fundadores do Direito Internacional”, esses autores, rompendo com o conceito medieval de *Imperium mundi*, legaram à cultura jurídica ocidental uma obra magistral, que se caracteriza por sua perene atualidade.»

Antônio Celso Alves Pereira
Professor de Direito Internacional da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

«La presente obra constituye una valiosísima contribución histórica y sobretodo doctrinal, a la Ciencia del Derecho Internacional contemporáneo. Los textos de *La Escuela Ibérica de la Paz*, donde se reúnen las *relectiones* de los últimos grandes maestros de la Escolástica que enseñaron en las principales Universidades de Portugal y España, con los escritos de los misioneros que por entonces ejercían su ministerio en el Nuevo Mundo, expresaron ya en su época un nuevo y revolucionario concepto de comunidad universal, una *societas gentium* fundada en la sociabilidad natural y en la unidad del género humano. Sus autores, reconocidos hoy como “padres fundadores del Derecho Internacional”, abandonaron el concepto medieval de *Imperium mundi* y legaron a la cultura jurídica occidental una obra magistral y de perenne actualidad.»

Antônio Celso Alves Pereira
Profesor de Derecho Internacional de la Universidad del Estado de Rio de Janeiro – UERJ

1511 – 1694

**ESCOLA IBÉRICA
DA PAZ**

**A CONSCIÊNCIA CRÍTICA DA CONQUISTA
E COLONIZAÇÃO DA AMÉRICA**

**ESCUELA IBÉRICA
DE LA PAZ**

**LA CONCIENCIA CRÍTICA DE LA CONQUISTA
Y COLONIZACIÓN DE AMÉRICA**

1511 – 1694

**ESCOLA IBÉRICA
DA PAZ**

**A CONSCIÊNCIA CRÍTICA DA CONQUISTA
E COLONIZAÇÃO DA AMÉRICA**

**ESCUELA IBÉRICA
DE LA PAZ**

**LA CONCIENCIA CRÍTICA DE LA CONQUISTA
Y COLONIZACIÓN DE AMÉRICA**

**Pedro Calafate
Ramón Emilio Mandado Gutiérrez**

Prefácio / Prefacio

Antônio Augusto Cançado Trindade



**Ediciones
Universidad
Cantabria**

Escola Ibérica da Paz : a consciência crítica da conquista e colonização da América = Escuela Ibérica de la Paz : la conciencia crítica de la conquista y colonización de América : 1511-1694 / [direção = directores], Pedro Calafate, Ramón Emilio Mandado Gutiérrez ; prefácio = prefácio, Antônio Augusto Cançado Trindade. — Santander : Editorial de la Universidad de Cantabria, 2014.

427 p. : il.

Coleção de textos portugueses e espanhóis dos séculos XVI e XVII. Catálogo de Acompanhamento da exposição itinerante realizada em 2014 e 2015, em Lisboa, Santander e outras cidades.

ISBN 978-84-19024-45-9

1. Direito internacional – S. XVI-XVII. 2. Lei Natural – S. XVI-XVII. 3 Índios – Lei – S. XVI. 4 índios – Tratamento recebido – S. XVI. 5. Arte moderno – S. XXI – Portugal –Exposições. I. Calafate, Pedro, ed. lit. II. Mandado Gutiérrez, Ramón Emilio, ed. lit. 3. Cançado Trindade, Antonio Augusto.

341°15/16”

340.122°15/16”

325.454(=81/=87)°15/16”

7.036(469)(083.824)

THEMA: LBBS, JBFH, 3MD, 3MG

Esta edição é a propriedade da EDITORIAL DE LA UNIVERSIDAD DE CANTABRIA; Qualquer reprodução, distribuição, tradução, comunicação pública ou transformação só pode ser feita com o consentimento de seus proprietários, salvo disposição legal em contrário. Ir para CEDRO (Espanhol Centro de Direitos Reprográficos, www.cedro.org) se você precisa para fazer fotocópias ou digitalizar um fragmento deste trabalho.

Conselho Editorial UC:

Presidente: José Ignacio Solar
 Ciências Biomédicas: Jesús González Macías
 Ciências Experimentais: M^a Teresa Barriuso Pérez
 Ciências Humanas: Fidel Ángel Gómez Ochoa
 Área do Engenharia: Luis Villegas Cabredo
 Ciências Sociais: Concepción López Fernández y Juan Baró Pazos
 Director Editorial: Belmar Gándara Sancho

© Autores

© Editorial de la Universidad de Cantabria
 Avda. de los Castros, 52 - 39005 Santander. Cantabria (España)
 ISNI: <https://isni.org/isni/0000000506860180>
www.editorial.unican.es

© Real Sociedad Menéndez Pelayo
 Gravina, 4. 39001 Santander
www.rsmp.es

ISBN: 978-84-19024-45-9 (PDF)
 DOI: <https://doi.org/10.22429/Euc2014.030>
 ISBN: 978-84-714-3 (TAPA)

Feito na Espanha - *Made in Spain*
 Santander, 2023

Escola Ibérica da Paz : a consciência crítica da conquista e colonização da América = Escuela Ibérica de la Paz : la conciencia crítica de la conquista y colonización de América : 1511-1694 / [direção = directores], Pedro Calafate, Ramón Emilio Mandado Gutiérrez ; prefácio = prefacio, António Augusto Cançado Trindade. — Santander : Editorial de la Universidad de Cantabria, 2014.

427 p. : il.

Colección de textos portugueses y españoles de los siglos XVI y XVII. Acompañan al catálogo de la exposición itinerante celebrada en 2014 y 2015 en Lisboa, Santander y otras ciudades.

ISBN 978-84-19024-45-9

1. Derecho internacional – S. XVI-XVII. 2. Derecho natural – S. XVI-XVII. 3. Indios – Derecho – S. XVI. 4. Indios – Trato recibido – S. XVI. 5. Arte moderno – S. XXI – Portugal –Exposiciones. I. Calafate, Pedro, ed. lit. II. Mandado Gutiérrez, Ramón Emilio, ed. lit. 3. Cançado Trindade, Antonio Augusto.

341”15/16”

340.122”15/16”

325.454(=81/=87)”15/16”

7.036(469)(083.824)

THEMA: LBBS, JBFH, 3MD, 3MG

Esta edición es propiedad de la EDITORIAL DE LA UNIVERSIDAD DE CANTABRIA; cualquier forma de reproducción, distribución, traducción, comunicación pública o transformación solo puede ser realizada con la autorización de sus titulares, salvo excepción prevista por la ley. Diríjase a CEDRO (Centro Español de Derechos Reprográficos, www.cedro.org) si necesita fotocopiar o escanear algún fragmento de esta obra.

Consejo Editorial UC:

Presidente: José Ignacio Solar

Área de Ciencias Biomédicas: Jesús González Macías

Área de Ciencias Experimentales: M^a Teresa Barriuso Pérez

Área de Ciencias Humanas: Fidel Ángel Gómez Ochoa

Área de Ingeniería: Luis Villegas Cabredo

Área de Ciencias Sociales: Concepción López Fernández y Juan Baró Pazos

Directora Editorial: Belmar Gándara Sancho

© Autores

© Editorial de la Universidad de Cantabria

Avda. de los Castros, 52 - 39005 Santander. Cantabria (España)

ISNI: <https://isni.org/isni/0000000506860180>

www.editorial.unican.es

© Real Sociedad Menéndez Pelayo

Gravina, 4. 39001 Santander

www.rsmpe.es

ISBN: 978-84-19024-45-9 (PDF)

DOI: <https://doi.org/10.22429/Euc2014.030>

ISBN: 978-84-714-3 (TAPA)

Hecho en España - *Made in Spain*
Santander, 2023

DIREÇÃO

Pedro Calafate
Ramón Emilio Mandado Gutiérrez

COORDENAÇÃO SECTORIAL

Ana Maria Tarrío (Paleografia e Latim)
Bethania Assy (Direito)
José Quaresma (Projetos Artísticos e Exposições)

INVESTIGADORES

Sílvia Loureiro (Direito) – Ricardo Ventura (Paleografia e Latim)
Marina Costa Castanho (Latim) – Filipa Roldão (Paleografia e Latim)
Joana Serafim (Paleografia e Latim) – Miguel Sena Monteiro (Latim)
André Santos Campos (Filosofia e Latim) – Leonel Ribeiro dos Santos (Filosofia e Latim)
Luís Machado de Abreu (Filosofia e Latim) – Giampaolo Abbate (Filosofia e Latim)
António Guimarães Pinto (Latim)

ARTISTAS

Elsa Bruxelas – Filipa Camacho – Filipa Christellys Tirgoala
Filipa Flores – Gina Martins – Inês Garcia
Inês Mesquita – Inês Valla – Isabel Lopes de Castro
José Quaresma – Mário Bernardo – Paulo Lourenço
Rita Castro – Susana Carvalho

8

EXPOSIÇÕES**Organização e Coordenação de Projeto**

José Quaresma

Design

Colectivo 4.16 e Isabel Lopes de Castro

CATÁLOGO**Design**

Colectivo 4.16 e Isabel Lopes de Castro

Créditos fotográficos

Alexandre Nobre

Artes Finais

Belmar Gándara
Gema Martínez Rodrigo

Pré-impressão, impressão e acabamento

Editorial de la Universidad de Cantabria
Cantabria Campus Internacional

AUTORES

Pedro Calafate
Ramón Emilio Mandado Gutiérrez

COORDINACIÓN SECTORIAL

Ana Maria Tarrío (Paleografía y Latín)
Bethania Assy (Derecho)
José Quaresma (Proyectos Artísticos y Exposiciones)

INVESTIGADORES

Sílvia Loureiro (Derecho) – Ricardo Ventura (Paleografía y Latín)
Marina Costa Castanho (Latín) – Filipa Roldão (Paleografía y Latín)
Joana Serafim (Paleografía y Latín) – Miguel Sena Monteiro (Latín)
André Santos Campos (Filosofía y Latín) – Leonel Ribeiro dos Santos (Filosofía y Latín)
Luís Machado de Abreu (Filosofía y Latín) – Giampaolo Abbate (Filosofía y Latín)
António Guimarães Pinto (Latín)

ARTISTAS

Elsa Bruxelas – Filipa Camacho – Filipa Christellys Tirgoala
Filipa Flores – Gina Martins – Inês Garcia
Inês Mesquita – Inês Valla – Isabel Lopes de Castro
José Quaresma – Mario Bernardo – Paulo Lourenço
Rita Castro – Susana Carvalho

EXPOSICIONES

Organización y coordinación

José Quaresma

Diseño

Colectivo 4.16 e Isabel Lopes de Castro

CATÁLOGO

Diseño

Colectivo 4.16 e Isabel Lopes de Castro

Créditos fotográficos

Alexandre Nobre

Arte Final

Belmar Gándara Sancho
Gema Martínez Rodrigo

Dirección y Coordinación Editorial

Editorial de la Universidad de Cantabria
Cantabria Campus Internacional

ESCOLA IBÉRICA DA PAZ

ESCUELA IBÉRICA DE LA PAZ

«Dizei, com que direito e com que justiça tendes em tão cruel e terrível servidão estes índios? Com que autoridade tendes feito tão detestáveis guerras a estas gentes que estavam em suas terras mansas e pacíficas, onde em tão grande número, com mortes e estragos nunca ouvidos, as tendes consumido? Como os tendes tão oprimidos e fatigados, sem lhes dar de comer nem curá-los nas enfermidades em que incorrem pelos excessivos trabalhos que lhes dais e morrem, dizendo melhor, os matais, para tirar e adquirir ouro cada dia? E que cuidado tendes de que alguém os doutrine, conheçam seu Deus e criador, sejam batizados, ouçam missa, guardem as festas e domingos? Eles não são homens? Não têm almas racionais? Não sois obrigados a amá-los como a vós mesmos? Não entendeis isto? Não percebeis isto? Como estais dormindo sono tão profundo e tão letárgico? Tende certeza de que, no estado em que estais, não vos podeis salvar mais do que os mouros ou turcos que não têm e não querem a fé de Jesus Cristo.»

Frei António de Montesinos

..

Frei António de Montesinos, Sermão do 4º Domingo do Advento, proferido na Catedral de Santo Domingo, na Ilha Espanhola (hoje República Dominicana e Haiti), em 21 de dezembro de 1511. Fonte impressa: Bartolomé de Las Casas, *História de las Indias* (1559), Madrid 1875-76, III, 4-5.

«Decid, ¿con qué derecho y con qué justicia tenéis en tan cruel y horrible servidumbre a estos indios? ¿Con qué auctoridad habéis hecho tan detestables guerras a estas gentes que estaban en sus tierras mansas y pacíficas, donde tan infinitas dellas, con muerte y estragos nunca oídos habéis consumido? ¿Cómo los tenéis tan opresos y fatigados, sin dalles de comer ni curallos en sus enfermedades en que, de los excesivos trabajos que les dais, incurren y se os mueren y, por mejor decir, los matáis por sacar y adquirir oro cada día? ¿Y qué cuidado tenéis de quien los doctrine y cognozcan a su Dios y criador, sean bautizados, oigan misa, guarden las fiestas y domingos? ¿Éstos, no son hombres? ¿No tienen ánimas racionales? ¿No sois obligados a amallos como a vosotros mismos? ¿Esto no entendéis? ¿Esto no sentís? ¿Cómo estáis en tanta profundidad de sueño tan letárgico dormidos? Tened por cierto que el estado en el que estáis no os podéis más salvar que los moros o turcos que carecen y no quieren la fe de Jesucristo».

Fray Antonio de Montesinos

..

Sermón del 4º Domingo del Adviento, de Fray Antonio de Montesinos, predicado en la Catedral de Santo Domingo en la Isla de La Española (actualmente República Dominicana y Haití) el 21 de diciembre de 1511, reproducido por Bartolomé de Las Casas en su *Historia General de la Indias*, libro 3, caps. 4 y 5.

«No decurso dos séculos mudaram os vitimizadores, mas as vítimas continuam a ser as mesmas: os povos indígenas em situação de elevada vulnerabilidade.

Mas houve uma evolução da consciência humana que hoje faz toda a diferença: a existência de uma jurisdição internacional sobre os direitos humanos [...].

Uma vez mais, o despertar da consciência jurídica universal – fonte material última de todo o Direito, como venho insistindo nos meus numerosos votos nesta Corte –, possibilitou que os esquecidos e abandonados do mundo alcançassem a instância judicial internacional, em busca da realização da justiça».

Antônio Augusto Cançado Trindade

..

Excerto de «Reflexões Finais» do Voto Arrazoado do Juiz Antônio Augusto Cançado Trindade, da Corte Interamericana de Direitos Humanos, na Sentença do Caso da Comunidade Indígena Sawhoyamaxa contra o Estado do Paraguai, de 29 de Março de 2006, parágrafos 65 e 66.

«A lo largo de los siglos, cambiaron los victimarios, pero las víctimas siguen siendo las mismas, los pueblos indígenas en situación de alta vulnerabilidad.

Pero ha habido una evolución de la conciencia humana que hoy día hace la diferencia: la existencia de una jurisdicción internacional de los derechos humanos [...].

El despertar de la conciencia jurídica universal, –como fuente material última de todo el Derecho, como vengo insistiendo en mis numerosos Votos en el seno de esta Corte–, ha de nuevo posibilitado que los olvidados y abandonados del mundo alcanzasen la instancia judicial internacional en búsqueda de la realización de la justicia».

Antonio Augusto Cançado Trindade

..

Extracto del original en Español de las Reflexiones finales del Voto Razonado, emitido por el Juez de la Corte Interamericana de Derechos Humanos Antônio Augusto Cançado Trindade, en la Sentencia del Caso de la Comunidad indígena Sawhoyamaya contra el Estado del Paraguay, el 29 de marzo de 2006, párrafos 65 y 66.

ÍNDICE

ÍNDICE

PRÓLOGO	24
JOSÉ CARLOS GÓMEZ SAL JUAN ENRIQUE VARONA ALABERN	
NOTA SOBRE A COMPONENTE VISUAL E ARTÍSTICA	30
JOSÉ QUARESMA	
AGRADECIMENTOS	36
PEDRO CALAFATE	
PREFÁCIO	40
ANTÔNIO AUGUSTO CANÇADO TRINIDADE	
INTRODUÇÃO	110
PEDRO CALAFATE RAMÓN EMILIO MANDADO	
CAPÍTULO I: MESTRES QUE ENSINARAM EM UNIVERSIDADES ESPANHOLAS E AMERICANAS	156
—	
FRANCISCO DE VITORIA	160
¹ — O direito das gentes como lei promulgada para todo o orbe.	
² — A natureza social do homem: «o homem não é lobo do homem»	
³ — A autoridade do orbe em defesa dos inocentes: a proteção internacional dos direitos da pessoa humana	
⁴ — “Com que direito?": A dúvida sobre a legitimidade do domínio espanhol sobre as Índias Ocidentais	
⁵ — A legitimidade das soberanias indígenas	
⁶ — O medo e a ignorância anulam o juramento de fidelidade	
⁷ — A infidelidade não é impedimento para ter verdadeiro domínio	
⁸ — Não é aceitável a guerra para a evangelização	
⁹ — A invocação do cumprimento de ordens superiores não escusa os soldados da culpa por crimes contra o género humano	
¹⁰ — O <i>ius praedicandi</i>	
¹¹ — Os crimes contra a lei natural não constituem título legítimo de conquista ou ocupação	
¹² — As diferenças civilizacionais não anulam o argumento da racionalidade nos gentios.	

- ¹³ — *Jus communicationis et peregrinandi*
¹⁴ — *Jus commercii*
¹⁵ — Pode haver guerra justa de ambas as partes
¹⁶ — A justiça no império dos cristãos sobre os pagãos

DOMINGO DE SOTO **180**

- ¹ — “Com que direito?": A dúvida sobre a legitimidade do domínio espanhol sobre as Índias Ocidentais
² — A presença de Deus no coração dos cristãos (a “caridade”) não lhes confere nenhum poder sobre os outros povos
³ — As diferenças culturais não justificam o domínio
⁴ — O Império supõe um contrato livre entre os povos
⁵ — “Não há diferença entre judeu e grego”, nem “entre escravo e livre”
⁶ — Não podemos julgar “os que estão de fora”

DIEGO DE COVARRUBIAS Y LEYVA **190**

- ¹ — A soberania inicial do povo e a condição do Império
² — O imperador não é senhor do mundo
³ — O Papa não é senhor do mundo nem no temporal nem no espiritual
⁴ — As diferenças religiosas não justificam a guerra

MELCHOR CANO **198**

- ¹ — Os homens são livres e iguais por natureza
² — A melhor organização política não confere a uma república autoridade para oprimir as demais
³ — O argumento baseado na maior utilidade dos bárbaros não confere autoridade para os subjugar
⁴ — À exceção dos crimes contra o género humano, os Estados não podem digladiar-se por causa de crimes contra a natureza
⁵ — Tanto os fiéis como os infiéis podem ser combatidos por crimes contra o género humano
⁶ — O Papa não tem poder temporal sobre os índios
⁷ — *Jus communicationis*
⁸ — *Jus praedicandi*
⁹ — As diferenças culturais e civilizacionais exigem cuidados acrescidos no governo dos povos, para além da letra da lei

ALONSO DE VERACRUZ **208**

- ¹ — O imperador não é senhor do mundo
² — O *ius praedicandi* e as condições do império dos cristãos sobre os pagãos
³ — A infidelidade não é impedimento para ter verdadeiro domínio
⁴ — A legitimidade das soberanias indígenas e o brilho de suas civilizações

PRÓLOGO	25		
JOSÉ CARLOS GÓMEZ SAL JUAN ENRIQUE VARONA ALABERN			
NOTA SOBRE LOS ELEMENTOS VISUALES Y ARTÍSTICOS	31		
JOSÉ QUARESMA			
AGRADECIMIENTOS	37		
PEDRO CALAFATE			
PREFACIO	41		
ANTÔNIO AUGUSTO CANÇADO TRINIDADE			
INTRODUCCIÓN	111		
PEDRO CALAFATE RAMÓN EMILIO MANDADO			
CAPÍTULO I: MAESTROS QUE ENSEÑARON EN UNIVERSIDADES ESPAÑOLAS Y AMERICANAS	157		
—			
FRANCISCO DE VITORIA	161		
1 — El Derecho de Gentes como ley promulgada para todo el orbe: el «totus orbis»			
2 — La naturaleza social del hombre: «no es lobo el hombre para el hombre»			
3 — La autoridad del orbe en defensa de los inocentes: la protección internacional de los derechos de la persona humana			
4 — «¿Con qué derecho?»: la duda sobre la legitimidad del dominio español en las Indias Occidentales			
5 — La legitimidad de las soberanías indígenas			
6 — El miedo y la ignorancia anulan el juramento de fidelidad			
7 — La infidelidad no es impedimento para poseer verdadero dominio			
8 — No es aceptable la guerra para la evangelización			
9 — Alegar cumplimiento de órdenes superiores no exime a los soldados de culpa por crímenes contra el género humano			
10 — <i>Jus praedicandi</i>			
11 — Los crímenes contra la ley natural no constituyen título legítimo de conquista u ocupación			
12 — Las diferencias de civilización no anulan el argumento de la racionalidad en los gentiles			
13 — <i>Jus communicationis et peregrinandi</i>			
		15 — Puede hacerse guerra justa por ambas partes	
		16 — La justicia en el imperio de los cristianos sobre los paganos	
		DOMINGO DE SOTO	181
		1 — «¿Con qué derecho?»: La duda sobre la legitimidad del dominio español en las Indias Occidentales	
		2 — La presencia de Dios en el corazón de los cristianos (la «caridad») no confiere ningún poder a los cristianos sobre los demás pueblos	
		3 — Las diferencias culturales no justifican el dominio	
		4 — El imperio supone un contrato libre entre los pueblos	
		5 — «No hay diferencia entre judío y griego», ni entre esclavo y libre	
		6 — No podemos juzgar «a los que están fuera»	
		DIEGO DE COVARRUBIAS Y LEYVA	191
		1 — La soberanía primera del pueblo es condición para el imperio	
		2 — El emperador no es el señor del mundo	
		3 — El Papa no es el señor del mundo ni en lo temporal ni en lo espiritual	
		4 — Las diferencias religiosas no justifican la guerra	
		MELCHOR CANO	199
		1 — Los hombres son libres e iguales por naturaleza	
		2 — La mejor organización política no confiere a una república autoridad para oprimir a las demás	
		3 — El argumento basado en la mayor utilidad de los bárbaros no confiere autoridad para subyugarlos	
		4 — A excepción de los crímenes contra el género humano los Estados no pueden guerrear por causa de crímenes contra la naturaleza	
		5 — Tanto los fieles como los infieles pueden ser combatidos por crímenes contra el género humano	
		6 — El Papa no tiene poder temporal sobre los Indios	
		7 — <i>Jus communicationis</i>	
		8 — <i>Jus praedicandi</i>	
		9 — Las diferencias culturales y de civilización exigen un celo especial en el gobierno de los pueblos, que va más allá de la letra de la ley	
		ALONSO DE VERACRUZ	209
		1 — El emperador no es el señor del mundo	
		2 — El <i>jus praedicandi</i> y las condiciones a las que debe sujetarse el imperio de los cristianos sobre los paganos	
		3 — La infidelidad no es impedimento para poseer verdadero dominio	
		4 — La legitimidad de las soberanías indígenas y el esplendor de sus civilizaciones	

JUAN DE LA PEÑA**216**

- ¹ — A guerra dos Conquistadores espanhóis contra os índios foi injusta.
- ² — O *jus praedicandi* e a doação do Papa Alexandre VI: natureza e limites
- ³ — A limitação dos direitos da Coroa espanhola na América

SERAFIM DE FREITAS**224**

- ¹ — O imperador não é senhor do mundo
- ² — O Papa não é senhor do mundo
- ³ — O Novo Mundo não pode ser dado em feudo pelo Papa
- ⁴ — Não é aceitável conquistar primeiro para evangelizar depois
- ⁵ — A Igreja só tem autoridade sobre os que receberam o batismo
- ⁶ — O poder civil não depende da fé
- ⁷ — O *jus praedicandi* e a doação do Papa Alexandre VI: natureza e limites
- ⁸ — Depois de batizados os pagãos conservam o domínio de jurisdição e propriedade

**CAPÍTULO II:
MESTRES QUE ENSINARAM
NAS UNIVERSIDADES PORTUGUESAS****238****MARTÍN DE AZPILCUETA****242**

- ¹ — A legitimidade das soberanias indígenas
- ² — A lei imperial não suprime as providências naturais
- ³ — Os povos são livres de escolher como e por quem querem ser governados: o império não é de direito divino
- ⁴ — O império é uma expectativa jurídica e depende de um pacto improvável

MARTÍN DE LEDESMA**252**

- ¹ — A razão da Humanidade prevalece sobre a razão de Estado
- ² — Os gentios e pagãos têm, por Direito Natural, verdadeiro domínio sobre as suas terras e bens
- ³ — O argumento de inferioridade civilizacional não justifica a guerra nem a escravatura
- ⁴ — É condenável e ilegítima a escravidão, a pretexto de querer tornar cristãos os escravos
- ⁵ — O Papa não é senhor do mundo nas coisas temporais e o poder civil não depende dele
- ⁶ — O poder civil dos infiéis e pagãos é legítimo, por direito divino e natural, e os cristãos não têm o direito de lho usurpar

FERNANDO PÉREZ**264**

- ¹ — O medo e a ignorância anulam o juramento de fidelidade dos povos americanos

- ² — A autoridade do orbe em defesa dos inocentes: a proteção internacional dos direitos da pessoa humana
- ³ — A invocação do cumprimento de ordens superiores não escusa os soldados da acusação de crime contra o género humano
- ⁴ — Os soldados são culpados, pois a sua condição não é a de carrascos
- ⁵ — Os crimes contra a lei natural não constituem título legítimo de conquista ou ocupação
- ⁶ — A idolatria não é título legítimo de guerra
- ⁷ — O argumento de inferioridade civilizacional não justifica a guerra nem a escravatura
- ⁸ — Não há escravatura por natureza
- ⁹ — Os escravos, aprisionados na guerra, podem fugir: o direito de regresso à pátria

LUIS DE MOLINA**276**

- ¹ — A fé resulta de uma decisão livre
- ² — O primado da paz
- ³ — A fundamentação jusnaturalista do poder político
- ⁴ — A legitimidade das soberanias indígenas
- ⁵ — Nem o imperador nem o Papa são senhores do mundo
- ⁶ — O argumento de inferioridade civilizacional não justifica a guerra nem a escravatura
- ⁷ — A idolatria e os crimes contra a lei natural não constituem títulos legítimos de conquista ou ocupação
- ⁸ — A autoridade do orbe em defesa dos inocentes: a proteção internacional dos direitos da pessoa humana
- ⁹ — A limitação da escravatura pela natureza e pelo direito
- ¹⁰ — A condenação do tráfico de escravos africanos
- ¹¹ — A condenação do tráfico de escravos japoneses
- ¹² — A condenação do tráfico de escravos chineses

PEDRO SIMÕES**294**

- ¹ — A legitimidade das soberanias indígenas
- ² — O Papa não é senhor do mundo nas coisas temporais
- ³ — Pode haver guerra justa de ambas as partes
- ⁴ — O *jus praedicandi*
- ⁵ — A autoridade do orbe em defesa dos inocentes
- ⁶ — O império é uma expectativa jurídica
- ⁷ — O argumento de inferioridade civilizacional não justifica a guerra nem a escravatura
- ⁸ — A invocação do cumprimento de ordens superiores não escusa os soldados da culpa por crimes contra o género humano

ANTÓNIO DE SÃO DOMINGOS**310**

- ¹ — Os cristãos não podem prescrever convicções íntimas aos outros povos
- ² — Os crimes contra a lei natural não constituem título legítimo de conquista ou ocupação
- ³ — Os povos americanos podem ser obrigados a cumprir o direito das gentes, comum ao género humano: o *jus communicationis*
- ⁴ — A limitação do *jus praedicandi*: mesmo que os gentios impeçam a pregação do Evangelho não se lhes pode mover a guerra

JUAN DE LA PEÑA

217

- 1 — La guerra de los conquistadores españoles contra los indios fue injusta
- 2 — El *ius praedicandi* y la concesión del Papa Alejandro VI: naturaleza y límites
- 3 — La limitación de los derechos de la Corona española en América

SERAFIM DE FREITAS

225

- 1 — El emperador no es el señor del mundo
- 2 — El Papa no es el señor del mundo
- 3 — El Nuevo Mundo no puede ser concedido como feudo por el Papa.
- 4 — No es aceptable conquistar primero para evangelizar después.
- 5 — La Iglesia sólo tiene autoridad sobre los que recibieren el bautismo
- 6 — El poder civil no depende de la fe
- 7 — El *ius praedicandi* y la concesión del Papa Alejandro VI: naturaleza y límites
- 8 — Los paganos conservan el dominio de jurisdicción y propiedad después de ser bautizados

CAPÍTULO II:

MAESTROS QUE ENSEÑARON EN LAS UNIVERSIDADES PORTUGUESAS

239

MARTÍN DE AZPILCUETA

243

- 1 — La legitimidad de las soberanías indígenas
- 2 — La ley imperial no suprime los dones naturales
- 3 — Los pueblos son libres de escoger cómo y por quién desean ser gobernados: El imperio no es de derecho divino
- 4 — El imperio es una expectativa jurídica y depende de un pacto improbable

MARTÍN DE LEDESMA

253

- 1 — La «razón de la Humanidad» prevalece sobre la razón de Estado
- 2 — Los gentiles y paganos tienen, por derecho natural, verdadero dominio sobre sus tierras y bienes
- 3 — El argumento de inferior civilización no justifica la guerra ni la esclavitud
- 4 — Es ilegítima la esclavización con el pretexto de querer convertir los esclavos al cristianismo
- 5 — El Papa no es el señor del mundo en cuanto a las cosas temporales y el poder civil no proviene de él
- 6 — El poder civil de los infieles y paganos es legítimo, por derecho divino y natural y los cristianos no tienen derecho a usurparlo

FERNANDO PÉREZ

265

- 1 — El miedo y la ignorancia invalidan el juramento de fidelidad de los pueblos americanos

- 2 — La autoridad del orbe en defensa de los inocentes: el ser humano como sujeto de derecho internacional
- 3 — Alegar cumplimiento de órdenes superiores no exime a los soldados de la acusación de crimen contra el género humano
- 4 — Los soldados son susceptibles de culpa, pues su condición no es la de verdugos
- 5 — Los crímenes contra la ley natural no confieren título legítimo de conquista y ocupación
- 6 — La idolatría no es título legítimo de guerra
- 7 — El argumento de inferior civilización no justifica la guerra ni la esclavitud
- 8 — No existe esclavitud por naturaleza.
- 9 — Los esclavos que se hacen en la guerra pueden huir: el derecho de regreso a la patria

LUIS DE MOLINA

277

- 1 — La fe se acepta por una decisión libre
- 2 — El primado de la paz
- 3 — La fundamentación jusnaturalista del poder político
- 4 — La legitimidad de las soberanías indígenas
- 5 — Ni el emperador ni el Papa son los señores del mundo
- 6 — El argumento de inferior civilización no justifica la guerra ni la esclavitud
- 7 — La idolatría y los crímenes contra la ley natural no otorgan títulos legítimos de conquista u ocupación
- 8 — La autoridad del orbe en defensa de los inocentes: la protección internacional de los derechos humanos
- 9 — La limitación de la esclavitud por la naturaleza y el derecho
- 10 — Condena de la trata de esclavos africanos
- 11 — Condena de la trata de esclavos japoneses
- 12 — Condena de la trata de esclavos chinos

PEDRO SIMÕES

295

- 1 — La legitimidad de las soberanías indígenas
- 2 — El Papa no es el señor del mundo en las cosas temporales
- 3 — Puede hacerse guerra justa por ambas partes
- 4 — El *ius praedicandi*
- 5 — La autoridad del orbe en defensa de los inocentes: la protección internacional de los derechos de la persona humana
- 6 — El imperio es una expectativa jurídica
- 7 — El argumento de inferior civilización no justifica la guerra ni la esclavitud
- 8 — Alegar el cumplimiento de órdenes superiores no exime a los soldados de culpa por crímenes de guerra

ANTÓNIO DE SÃO DOMINGOS

311

- 1 — Los cristianos no pueden imponer convicciones íntimas a los demás pueblos
- 2 — Los crímenes contra la ley natural no otorgan título legítimo de conquista u ocupación
- 3 — Los pueblos americanos pueden ser obligados a respetar el derecho de gentes común al género humano: el *ius communicationis*
- 4 — La limitación del *ius praedicandi*: no se puede hacer la guerra a los gentiles incluso si impiden la predicación del Evangelio

- ⁵ — A autoridade do orbe em defesa dos inocentes: a proteção internacional dos direitos da pessoa humana
- ⁶ — A invocação do cumprimento de ordens superiores não escusa os soldados da culpa por crimes contra o género humano
- ⁷ — O primado da consciência jurídica universal na determinação da justiça da guerra
- ⁸ — Os Estados civilizados são os que respeitam a opinião dos sábios: a prevalência da solução pacífica dos conflitos internacionais
- ⁹ — O primado da justiça objectiva sobre o poder nas relações entre os Estados

FERNÃO REBELO

324

- ¹ — O direito das gentes aplica-se a todas as nações
- ² — A condenação do tráfico de escravos africanos
- ³ — A salvação da alma não é título legítimo de escravatura
- ⁴ — A responsabilização moral da Coroa na escravatura injusta dos africanos
- ⁵ — Os escravos, aprisionados na guerra, podem fugir: o direito de regresso à pátria

FRANCISCO SUÁREZ

336

- ¹ — Fundamentação jusnaturalista do poder político
- ² — A legitimidade das soberanias indígenas
- ³ — Os pagãos podem dominar os cristãos
- ⁴ — O Papa não tem poder temporal nem espiritual sobre os povos estranhos ao redil da Igreja
- ⁵ — O *jus praedicandi* e a doação do Papa Alexandre VI: natureza e limites
- ⁶ — Os gentios não podem ser obrigados a ouvir a pregação
- ⁷ — O *jus praedicandi* não é um direito natural
- ⁸ — O império universal é improvável e inconveniente

**CAPÍTULO III:
MISSIONÁRIOS QUE EXERCERAM
NAS AMÉRICAS PORTUGUESA E ESPANHOLA**

352

BARTOLOMÉ DE LAS CASAS

356

- ¹ — Não há escravatura por natureza
- ² — A legitimidade das soberanias indígenas
- ³ — O império depende de um pacto entre povos livres
- ⁴ — A submissão à tirania, mesmo que voluntária, é sempre inválida
- ⁵ — A guerra justa pela liberdade
- ⁶ — O argumento de inferioridade civilizacional não justifica a guerra nem a escravatura
- ⁷ — O *jus praedicandi* e a doação do Papa Alexandre VI: natureza e limites

MANUEL DA NÓBREGA

366

- ¹ — O gentio é homem e próximo
- ² — A alma racional como fundamento da unidade do género humano e a igualdade da natureza humana em todos os povos
- ³ — As diferenças civilizacionais não anulam o argumento de racionalidade dos gentios
- ⁴ — A escravatura derivada do título de venda de um filho por seu pai somente é legítima, no Brasil, se esta necessidade for extrema, o que só raramente sucede
- ⁵ — A liberdade é de lei natural e a venda de si mesmo exige manifestação livre da vontade

JOSÉ DE ACOSTA

378

- ¹ — “Com que direito?": A dúvida sobre a legitimidade do domínio espanhol sobre as Índias Ocidentais
- ² — Os crimes contra a lei natural não constituem título legítimo de conquista ou ocupação
- ³ — Não há escravatura por natureza
- ⁴ — Não é aceitável combater o terror com um terror maior
- ⁵ — O *jus praedicandi* não anula o poder temporal dos reis pagãos

JUAN ZAPATA Y SANDOVAL

388

- ¹ — Do princípio de cidadania e “americanidade” à primazia dos índios e crioulos
- ² — Não há apenas uma regra universal a respeito da índole e costumes dos povos e das nações
- ³ — A pátria dos “filhos do Novo Mundo”

ANTÓNIO VIEIRA

396

- ¹ — A legitimidade das soberanias indígenas
- ² — A obrigação de restituir a liberdade aos cativados injustamente
- ³ — A dignidade do trabalho livre
- ⁴ — A conversão não implica vassalagem dos povos americanos nem derroga o Direito Natural
- ⁵ — O Livro e a Espada
- ⁶ — A fundamentação ética do império universal: justiça e paz
- ⁷ — A comunhão dos homens em Cristo
- ⁸ — O Direito Natural também fundamenta o poder político de Cristo

BIOGRAFIA DOS ARTISTAS

412

INDEX DA COMPONENTE VISUAL E ARTÍSTICAS

422

- ⁵ — La autoridad del orbe en defensa de los inocentes: la protección internacional de los derechos de la persona humana
- ⁶ — Alegar cumplimiento de órdenes superiores no exime a los soldados de culpa por crímenes contra el género humano
- ⁷ — El primado de la conciencia jurídica universal en la determinación de la justicia de la guerra.
- ⁸ — Los Estados civilizados son aquellos que respetan la opinión de los sabios: la prevalencia de la solución pacífica en las controversias internacionales
- ⁹ — El primado de la justicia objetiva sobre el poder en las relaciones entre los Estados

FERNÃO REBELO

325

- ¹ — El derecho de gentes es aplicable a todas las naciones
- ² — La condena de la trata de esclavos africanos
- ³ — La salvación del alma no otorga título legítimo para la esclavitud.
- ⁴ — La responsabilidad moral de la Corona en la esclavitud injusta de los africanos
- ⁵ — Los esclavos hechos en la guerra pueden huir: el derecho de regreso a la patria

FRANCISCO SUÁREZ

337

- ¹ — Fundamentación jusnaturalista del poder político.
- ² — La legitimidad de las soberanías indígenas
- ³ — Los paganos pueden dominar sobre los cristianos
- ⁴ — El Papa no tiene poder temporal ni espiritual sobre los pueblos ajenos al redil de la Iglesia
- ⁵ — El *jus praedicandi* y la concesión del Papa Alejandro VI: naturaleza y límites
- ⁶ — Los gentiles no pueden ser obligados a aceptar la predicación
- ⁷ — El *jus praedicandi* no es un derecho natural
- ⁸ — El imperio universal es improbable e inconveniente

CAPÍTULO III:

MISIONEROS QUE EJERCIERON SU MINISTERIO EN LAS AMÉRICAS PORTUGUESA Y ESPAÑOLA

353

BARTOLOMÉ DE LAS CASAS

357

- ¹ — No existe la esclavitud por naturaleza
- ² — La legitimidad de las soberanías indígenas
- ³ — El imperio precisa de un pacto entre pueblos libres
- ⁴ — La sumisión a la tiranía nunca es válida, incluso si es voluntaria
- ⁵ — La guerra justa por la libertad
- ⁶ — El argumento de inferior civilización no justifica la guerra ni la esclavitud
- ⁷ — El *jus praedicandi* y la concesión del Papa Alejandro VI: naturaleza y límites

MANUEL DA NÓBREGA

367

- ¹ — El gentil es hombre y prójimo
- ² — El alma racional como fundamento de la unidad del género humano y de la igualdad de la naturaleza humana en todos los pueblos
- ³ — Las diferencias de civilización no invalidan el argumento de racionalidad en los gentiles
- ⁴ — La esclavitud derivada del título de venta de un hijo por su padre, solamente es legítima, en el Brasil, si fuera una necesidad extrema, cosa que sólo raramente sucede
- ⁵ — La libertad es de ley natural y la venta de uno mismo exige manifestación libre de la voluntad

JOSÉ DE ACOSTA

379

- ¹ — «¿Con qué derecho?»: la duda a cerca de la legitimidad del dominio español sobre las Indias Occidentales
- ² — Los crímenes contra la ley natural no otorgan título legítimo de conquista u ocupación
- ³ — No existe esclavitud por naturaleza
- ⁴ — No es aceptable combatir el terror con un terror mayor
- ⁵ — El *jus praedicandi* no invalida el poder temporal de los reyes paganos

JUAN ZAPATA Y SANDOVAL

389

- ¹ — El principio de ciudadanía y «americanidad» da preferencia a indios y criollos
- ² — No hay una regla universal sobre la índole y costumbres de los pueblos y las naciones
- ³ — La patria de los “hijos del Nuevo Mundo”

ANTÓNIO VIEIRA

399

- ¹ — La legitimidad de las soberanías indígenas
- ² — La obligación de restituir la libertad a quienes han sido esclavizados injustamente
- ³ — La dignidad del trabajo libre
- ⁴ — La conversión no implica vasallaje de los pueblos americanos ni deroga el Derecho Natural
- ⁵ — El Libro y la Espada
- ⁶ — La fundamentación ética del imperio universal: justicia y paz
- ⁷ — La comunión de los hombres en Cristo
- ⁸ — El derecho natural también fundamenta el poder político de Cristo

BIOGRAFÍA DE LOS ARTISTAS

413

ÍNDICE DE LOS ELEMENTOS VISUALES Y ARTÍSTICOS 423

PRÓLOGO

PRÓLOGO

É com grata satisfação que a Universidade da Cantábria dá o seu contributo para um melhor conhecimento das importantes e precursoras reflexões filosóficas que a chamada Escola de Salamanca formulou durante o Século de Ouro espanhol, tanto nos planos da economia e da teologia como também, muito especialmente, no do direito indiano, que acabaram por se transformar num dos primeiros esboços da teoria dos direitos humanos.

O descobrimento do Novo Mundo suscitou, nos pensadores espanhóis e portugueses, o conceito de um ser humano que, antes de ser cristão ou inimigo do cristianismo, era essencialmente uma criatura capaz de agir de acordo com o bem e de desenvolver a sua própria cultura e costumes. Neste contexto, a Escola de Salamanca e de Coimbra, que geraram nomes tão importantes como Francisco de Vitoria, Domingo de Soto, Luis de Molina, Francisco Suárez, Diego de Covarrubias ou Martín de Azpilcueta, deve ser considerada como uma das grandes raízes da transformação do pensamento europeu medieval em pensamento ocidental e moderno, gerado a partir da experiência americana, tanto no aspeto jurídico como económico e moral, nos quais Espanha e Portugal, através dos seus juristas, teólogos e ensaístas, desempenharam um papel de primacial importância, pela promoção de uma conceção universal e generosa do ser humano.

Basta observar nos nossos dias as realidades indígenas ou autóctones nos países da América Ibérica e compará-las com o que restou das culturas ameríndias ao norte do Rio Grande para nos darmos conta do importante papel que os filósofos Salamanca desempenharam na humanização do colonialismo e no histórico processo de mestiçagem étnica e cultural.

Nas obras destes pensadores e eruditos lateja já o pensamento moderno, orientado para a fundamentação da igualdade entre os homens e para a necessidade de pensar a legitimidade do poder com base em fundamentação antropológica e racional.

O nosso contributo para a melhor compreensão desta tradição jurídica é, portanto, também uma contribuição para a consolidação dos princípios que favorecem a justiça e a paz nas relações internacionais, partindo do respeito e do reconhecimento da humanidade do outro.

Es una verdadera satisfacción para la Universidad de Cantabria ayudar a un mejor conocimiento de las importantes y precursoras reflexiones filosóficas que la llamada Escuela de Salamanca formuló durante el Siglo de Oro español en una serie de interesantes campos de estudio, como la Economía o la Teología, pero también, muy señaladamente, en el Derecho indiano, que acabó siendo uno de los primeros esbozos de teoría de los derechos humanos.

El descubrimiento del Nuevo Mundo suscitó en los pensadores españoles y portugueses el concepto de un ser humano que no era ni cristiano ni enemigo del cristianismo, sino simplemente una criatura capaz de obrar el bien y de desarrollarse en su propia cultura y costumbres. La Escuela de Salamanca y de la Universidad de Coímbra, que dieran nombres tan importantes como Francisco de Vitoria, Domingo de Soto, Luis de Molina, Francisco Suárez, Diego de Covarrubias o Martín Azpilicueta, debe considerarse una de las grandes raíces de la transformación del pensamiento europeo medieval en pensamiento occidental moderno, en respuesta a la experiencia americana, tanto en el aspecto jurídico como en el económico y moral.

Unos espacios en los cuales España y Portugal, a través de sus juristas, teólogos y ensayistas, desempeñaron un importante papel en la promoción de una visión universal y generosa del ser humano. Basta observar hoy las presencias indígenas o autóctonas en los países de la América ibérica, y compararlas con lo que quedó de las culturas amerindias al norte del Río Grande, para darse cuenta del importante papel que filósofos como los de Salamanca desempeñaron en la humanización del colonialismo y en el histórico proceso de mestizaje étnico y cultural.

En las obras de estos pensadores y eruditos late ya el pensamiento moderno de la igualdad de las personas y de la necesidad de justificar el poder mediante una legitimidad antropológica y racional. Nuestra aportación al mejor entendimiento de esta tradición jurídica es, por tanto, también una contribución a la consolidación de todos aquellos principios que favorecen unas justas y pacíficas relaciones internacionales, basadas en el respeto y el reconocimiento al otro como ser humano.

Através do livro que o leitor tem agora em mãos, a Universidade da Cantábria, em colaboração com a Real Sociedad Menéndez Pelayo e com a Universidade de Lisboa, compraz-se em resgatar para os nossos dias esta tradição ibérica pioneira, nem sempre conhecida e justamente valorizada. E tal interesse é tanto maior porquanto trazemos pela primeira vez a público manuscritos inéditos.

Na verdade, a investigação científica e cultural de âmbito global constitui um dos objectivos essenciais do projecto Cantabria Campus Internacional (CCI), mediante o qual a Universidade da Cantábria e a Universidade Menéndez Pelayo, em associação com instituições públicas e privadas da Comunidade Autónoma da Cantábria e com importantes organismos científicos espanhóis, vem, desde 2009, aplicando as reformas necessárias para se converter num campus de excelência internacional e num protagonista ativo da vida universitária da Europa e do espaço Iberoamericano. Com efeito, Cantabria Campus Internacional pretende criar estruturas de conhecimento integradas pela universidade, empresas, associações e determinadas entidades públicas, de modo a transferir com maior fluidez para a sociedade os resultados da ciência, contribuindo, assim, para o seu maior desenvolvimento em todos os âmbitos.

Este projecto de excelência corou já com êxito numerosas iniciativas e não nos restam dúvidas de que o mesmo sucede, de modo destacado, com a presente obra, razão por que desejamos que as páginas deste livro sirvam de inspiração a interessantes reflexões, iluminem sólidas investigações e contribuam para destacar o enorme contributo da escola de Salamanca para a teoria dos direitos humanos.

JOSÉ CARLOS GÓMEZ SAL

Reitor da Universidade da Cantábria

JUAN ENRIQUE VARONA ALABERN

Vice-Reitor de Relações Institucionais e Coordenação de Cantabria Campus Internacional

A través del libro que el lector tiene en sus manos, la Universidad de Cantabria, en colaboración con la Real Sociedad Menéndez Pelayo y con la Universidad de Lisboa, se complace en rescatar para el presente esta tradición ibérica pionera y no siempre justamente conocida y valorada. Y este interés ha de ser aún mayor en la medida en que, además, ponemos por primera vez a disposición del público manuscritos inéditos.

Esta labor científica y cultural de dimensión global es precisamente uno de los objetivos esenciales del proyecto Cantabria Campus Internacional (CCI), mediante el cual la Universidad de Cantabria y la Universidad Menéndez Pelayo, en asociación con las instituciones públicas y privadas de la comunidad autónoma de Cantabria, y con importantes organismos científicos españoles, viene desde 2009 aplicando las reformas necesarias para convertirse en un campus de excelencia internacional, activo protagonista en la vida universitaria de Europa y del espacio Iberoamericano. En efecto, Cantabria Campus Internacional pretende crear estructuras de conocimiento integradas por la universidad, empresas, asociaciones y determinados entes públicos, que permitan trasladar con mayor fluidez los hallazgos de la ciencia a la sociedad, a fin de contribuir a su mejor desarrollo en todos sus ámbitos. Este proyecto de excelencia ha coronado con éxito numerosas iniciativas, y no cabe duda de que esta obra es una –y muy destacada– de ellas. Deseamos que las páginas que componen este libro sirvan de inspiración a interesantes reflexiones, alumbren sólidas investigaciones y contribuyan a subrayar la gran aportación que supuso la Escuela de Salamanca en la teoría de los derechos humanos.

JOSÉ CARLOS GÓMEZ SAL

Rector de la Universidad de Cantabria

JUAN ENRIQUE VARONA ALABERN

Vicerrector de Relaciones Institucionales y Coordinación de Cantabria Campus Internacional

**NOTA SOBRE
A COMPONENTE VISUAL
E ARTÍSTICA**

NOTA SOBRE LOS ELEMENTOS VISUALES Y ARTÍSTICOS

Este projeto expositivo e editorial deriva de um convite que o Doutor Pedro Calafate me dirigiu para uma parceria de comunicação visual e artística, relacionada com os documentos a tornar públicos em diversos espaços nacionais e internacionais.

A cooperação baseou-se num plano de excelente entendimento e reciprocidade, tendo ficado claramente assumido desde o início, independentemente das atribuições específicas, que a produção de todo o evento fosse objeto de diálogo e mostra continuada das propostas que se foram materializando ao longo do último ano.

Integradas no Projeto Internacional designado, *Corpus Lusitanorum de Pace – a Contribuição das Universidades Portuguesas para a Escola Ibérica da Paz (sécs. XVI-XVII)*, a realizar em 2014 e em 2015, com a publicação de textos inéditos que são o resultado de uma prolongada investigação coordenada pelo Doutor Pedro Calafate, o circuito das exposições terá início em Lisboa, no primeiro semestre de 2014, transitando para Santander, depois Brasil (Rio de Janeiro e Manaus), continuando por outros lugares.

Estas exposições pretendem sensibilizar os espectadores e intérpretes dos conteúdos das mesmas para a peculiaridade do momento histórico e universal do contacto entre os povos ibéricos e os povos ameríndios, seja ao nível dos excessos ecuménicos e civilizacionais levados a cabo, seja ao nível do reconhecimento humano e jurídico dos povos em foco, realizado por algumas vozes portuguesas e espanholas.

Sendo assim, a partir da riqueza e raridade documental cedida pelo responsável da equipa de investigação, foi convidado um conjunto alargado de autores (artistas e designers), constituído na sua maior parte por estudantes da Faculdade de Belas Artes, para a criação de obras de arte alusivas aos temas em questão, assim como projetos de comunicação visual e gráfica para a produção do livro/catálogo e para a apresentação das obras nas exposições.

Para que as exposições viessem a denotar um forte envolvimento dos artistas e dos *designers* convidados, e tivesse os traços de autenticidade pretendidos, foi solicitada a todos os participantes a realização de dois projetos originais, ou seja, que os projetos de comunicação e as peças de arte fossem pensadas em função deste horizonte específico de trabalho.

As manifestações artísticas foram desenvolvidas a partir de dispositivos artísticos muito diferentes tais como: Gravura, Desenho, Pintura e Instalação Artística, incorporando-se assim na ideia fundamental que subjaz a estas exposições, a saber: uma participação

Este proyecto expositivo y editorial tiene origen en la invitación del Doctor Pedro Calafate para una colaboración visual y artística relacionada con los documentos que serán presentados en público en varios espacios nacionales e internacionales.

La cooperación se basó en un nivel de excelente entendimiento y reciprocidad, habiéndose establecido claramente desde el comienzo, que dentro de las atribuciones de cada uno, la producción de todo el proyecto sería objeto de diálogo y mostraría siempre las propuestas que, finalmente, se materializaron a lo largo del último año.

En el marco del Proyecto Internacional denominado *Corpus Lusitanorum de Pace - la contribución de las universidades portuguesas a la Escuela Ibérica de la Paz (siglos XVI-XVII)* que tendrá lugar en 2014 y 2015 con la publicación de textos inéditos que resultan de una prolongada investigación coordinada por el Doctor Pedro Calafate, el circuito de las exposiciones comenzará en Lisboa en el primer semestre de 2014, pasando por Santander, a continuación por Brasil (Rio de Janeiro y Manaus), siguiendo después por otros lugares.

Estas exposiciones tratan de sensibilizar a los espectadores e intérpretes del contenido de las mismas sobre la peculiaridad del momento histórico y universal del contacto entre los pueblos ibéricos y los pueblos amerindios, ya sea respecto a los excesos ecuménicos y civilizadores cometidos, o en lo que atañe al reconocimiento humano y jurídico de los pueblos mencionados, realizado por algunas voces portuguesas y españolas.

Así, partiendo de la riqueza y singularidad de los documentos proporcionados por el responsable del equipo de investigación, se invitó a un conjunto amplio de autores (artistas y diseñadores), constituido en su mayoría por estudiantes de la Facultad de Bellas-Artes de la Universidad de Lisboa, a elaborar un conjunto de obras de arte alusivas a los temas investigados, así como proyectos de comunicación visual y gráfica para la producción de un libro/catálogo para la presentación de las obras en las exposiciones previstas.

Con el fin de que las exposiciones pusieran de fanifiesto la fuerte implicación de los artistas y diseñadores invitados y tuviera los rasgos de autenticidad pretendidos, se solicitó a todos los participantes que realizaran dos proyectos originales, es decir, que idearan los proyectos de comunicación y las piezas de arte con arreglo a este horizonte específico de trabajo.

Las obras artísticas han sido desarrolladas mediante técnicas muy distintas, como por ejemplo el Grabado, el Dibujo, la Pintura y la Instalación Artística, incorporándose de esta manera la idea fun-

plural e diversificada, com autores que exibem motivações e orientações estéticas muito distintas, em função de um conjunto de grupos temáticos pertencentes a um horizonte comum de reflexão e contemplação.

Por todos estes motivos, aproveito este espaço para agradecer ao Pedro Calafate o convite e a confiança para cooperar no projeto da *Escola Ibérica da Paz*.

Agradeço também o forte envolvimento e a riqueza da produção artística de todos os artistas participantes, assim como dos designers que desenharam o livro, configuraram as imagens e os textos a exhibir publicamente, colaborando ainda na conceção das exposições.

JOSÉ QUARESMA

Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa

damental subyacente a estas exposiciones, a saber: una participación plural y diversificada de autores con motivaciones y orientaciones estéticas muy distintas, pero de acuerdo en un conjunto de grupos temáticos pertenecientes a un mismo horizonte de reflexión y contemplación.

Por todos estos motivos, quisiera utilizar estas líneas para agradecer al Dr. Pedro Calafate la invitación y la confianza que nos dispensó al invitarnos a cooperar en el proyecto de la *Escuela Ibérica de la Paz*.

Les agradezco asimismo a todos los artistas participantes su gran interés y la riqueza de su producción artística, así como a los diseñadores del libro, que configuraron las imágenes y los textos a exhibir y colaboraron además en la concepción de las exposiciones.

JOSÉ QUARESMA

Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa



Filipa Christellys Tirgoala · *In Nomine Pater - a contestação* · Tinta da China e Ecoline sobre papel / Tinta china y ecoline sobre papel · 50 x 50 cm · 2013

AGRADECIMENTOS

AGRADECIMIENTOS

Cumpr-me agradecer ao Doutor Ricardo Ventura, do CLEPUL, pela sua preciosa colaboração na identificação, nos arquivos das nossas bibliotecas, dos textos latinos, manuscritos e impressos, de professores das Universidades de Coimbra e Évora aqui em apreço.

À Prof^a Sílvia Loureiro, da Universidade do Estado do Amazonas, agradeço a sempre entusiasmada colaboração que me prestou na ordenação dos textos deste volume, a que acrescem a sugestão e seleção dos textos do capítulo relativo a Manuel da Nóbrega, e a elaboração das notas biográficas de muitos dos autores aqui patentes.

Também à Prof^a Bethania Assy, pois foi no seu seminário na Faculdade de Direito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, onde me acolheu como Professor Visitante em setembro de 2010, que lancei as primeiras pedras deste projeto.

À Prof^a Ana Maria Tarrío, do Departamento de Estudos Clássicos da FLUL, que coordenou com mestria o trabalho das bolsieras do projeto, Filipa Roldão e Marina Costa Castanho, no âmbito da transcrição paleográfica e da tradução do latim.

Ao Doutor António Guimarães Pinto, da Universidade Federal do Amazonas, tradutor dos intrincados manuscritos de António de São Domingos e Fernando Pérez, bem como dos impressos latinos de Martín de Azpilcueta e Fernando Rebelo, expressei também o meu agradecimento, não apenas pela qualidade impar do seu trabalho, como pelo seu elevado sentido de compromisso.

Uma palavra de especial apreço vai para o Doutor José Quaresma, da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, e para toda a equipa de colegas e estudantes convidados que trabalharam sob sua coordenação.

Aos Professores José Carlos Gómez Sal e Juan Enrique Alabern, Reitor e Vice-Reitor da Universidade da Cantábria, e à Dra. Belmar Gándara, Diretora da Editora da Universidade da Cantábria e a Junta de Gobierno da Real Sociedad Menéndez Pelayo, agradeço o inestimável apoio à edição deste volume.

Finalmente, ao Doutor António Augusto Caçado Trindade, Professor Emérito da Universidade de Brasília e Juiz do Tribunal Internacional de Justiça (Haia), por nos ter honrado com o seu eloquente Prefácio.

Debo agradecer al doctor Ricardo Ventura, del CLEPUL, su valiosa colaboración para la identificación, en los archivos de nuestras bibliotecas, de los textos latinos, manuscritos e impresos de los profesores de las Universidades de Coímbra y Évora objeto de estudio.

A la profesora Silvia Loureiro, de la Universidad del Estado de Amazonas, le agradezco la siempre entusiasta colaboración que me prestó para la ordenación de los textos de este volumen, a la que se suman la sugerencia y selección de los textos del capítulo relativo a Manuel da Nóbrega, y la elaboración de las notas biográficas de muchos de los autores aquí recogidos.

También a la profesora Bethania Assy que, en septiembre de 2010, me acogió como profesor visitante en su seminario en la Facultad de Derecho de la Universidad del Estado de Río de Janeiro, donde puse las primeras piedras de este proyecto.

A la profesora Ana Maria Tarrío, del Departamento de Estudios Clásicos de la FLUL, que coordinó con maestría el trabajo de las becarias del proyecto, Filipa Roldão y Marina Costa Castanho, en lo referente a la transcripción paleográfica y a la traducción del latín.

Al doctor António Guimarães Pinto, de la Universidad Federal del Amazonas, traductor de los intrincados manuscritos de António de São Domingos y Fernando Pérez, así como de los impresos latinos de Martín de Azpilcueta y Fernando Rebelo, le expreso también mi agradecimiento, tanto por la calidad inigualable de su trabajo, como por su alto sentido del compromiso.

Dirijo unas palabras de especial aprecio al doctor José Quaresma, de la Facultad de Bellas Artes de la Universidad de Lisboa, y a todo el equipo de colegas y estudiantes invitados que han trabajado bajo su coordinación.

A los profesores José Carlos Gómez Sal y Juan Enrique Alabern, Rector y Vicerrector da la Universidad de Cantabria, y a Belmar Gándara, Directora de la Editorial de la Universidad de Cantabria y a la Junta de Gobierno de la Real Sociedad Menéndez Pelayo, expreso mi gratitud por el inestimable apoyo en la edición de este libro.

Por último, al doctor Antônio Augusto Cançado Trindade, profesor emérito de la Universidad de Brasilia y juez del Tribunal Internacional de Justicia (La Haya), por habernos honrado con su elocuente Prefacio.

PREFÁCIO

PREFACIO

I. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

É com grata satisfação que escrevo o Prefácio a esta obra sobre a *Escola Ibérica da Paz*, de tanta relevância para o cultivo do tema pelas novas gerações de estudiosos, ao completar duas décadas e meia de exercício da magistratura internacional, em duas jurisdições internacionais distintas, com permanente fidelidade aos ensinamentos dos “pais fundadores” do direito das gentes. Na minha percepção, os seus escritos, ainda insuficientemente estudados nos nossos dias, são verdadeiros clássicos do Direito Internacional, dadas a perenidade e a atualidade dos seus ensinamentos, como a ineludível vinculação que estabelecem entre o jurídico e o ético, a sua visão universalista, e a posição central que atribuem à pessoa humana no seu enfoque essencialmente humanista da disciplina.

Não é meu propósito, neste breve espaço, comentar os documentos selecionados para inclusão na presente obra, o que é feito pelos seus organizadores, os Professores Pedro Calafate e Ramón Emílio Mandado. Ater-me-ei a ideias básicas e essenciais que naqueles clássicos se encontram ou que deles derivam, para demonstrar precisamente a perenidade dos seus ensinamentos, a partir de uma ótica fundamentalmente humanista, sempre atenta aos princípios gerais do Direito, a informar e conformar as normas jurídicas. Para isto, referir-me-ei a reflexões que tenho desenvolvido nestas duas últimas décadas e meia, nos meus Votos Arrazoados, Concordantes e Dissidentes, tanto na Corte Interamericana de Direitos Humanos (CtIADH)¹ como na Corte Internacional de Justiça (CIJ), na esperança de que possam servir para dar ensejo a maior reflexão por parte das novas gerações de estudiosos da disciplina.

As minhas referências aos meus Votos em duas jurisdições internacionais são aqui feitas a título tão só de ilustração, não exaustiva, das ideias básicas ou centrais dos referidos clássicos da Escola Ibérica da Paz, fundamentados, de forma pioneira, nos direitos fundamentais inerentes aos seres humanos. Ao legado daquela notável Escola tenho fielmente recorrido nos dois tribunais internacionais, na adjudicação de casos contenciosos surgidos de circunstâncias as mais diversas, assim como na emissão de Pareceres Consultivos, - o que revela a perenidade e atualidade notáveis dos referidos ensinamentos.

De início, concentrar-me-ei na *recta ratio*, na consciência humana, - em projeção e perspectiva históricas, - como fonte *material* última do direito das gentes. A partir daí, abordarei o universalismo do direito das gentes (a *lex praeceptiva* para o *totus orbis*), destacando

¹ Hoje reunidos em volumosa coletânea, a saber, A.A. Cançado Trindade, *Derecho Internacional de los Derechos Humanos - Esencia y Trascendencia (Votos en la Corte Interamericana de Derechos Humanos, 1991-2006)*, México, Edit. Porrúa/Universidad Iberoamericana, 2007, pp. 1-1055.

I. CONSIDERACIONES PRELIMINARES

Con gran satisfacción escribo el Prefacio de esta obra dedicada a *La Escuela Ibérica de la Paz*, de tanta relevancia para el conocimiento de este asunto por las nuevas generaciones de estudiosos, cuando cumpla dos décadas y media en el ejercicio de la magistratura internacional y en dos jurisdicciones internacionales distintas, con permanente fidelidad a las enseñanzas de los *Padres fundadores* del *Derecho de Gentes*. A mi parecer los escritos de éstos, aún en nuestros días insuficientemente estudiados, constituyen auténticos clásicos del Derecho Internacional por la actualidad y perennidad de sus enseñanzas, el ineludible vínculo que establecen entre lo jurídico y lo ético, su perspectiva universal y la posición central que atribuyen a la persona humana con su enfoque esencialmente humanista de esa disciplina.

No pretendo en estas breves páginas, comentar los textos seleccionados e incluidos en este libro, tal como han hecho sus coordinadores los profesores Pedro Calafate y Ramón Emilio Mandado. Me atenderé a las ideas básicas y esenciales que se encuentran en aquellos clásicos o que provienen de ellos, para demostrar precisamente la perennidad de sus enseñanzas desde un punto de vista fundamentalmente humanista, siempre atento a los principios generales del Derecho, a informar y conformar las normas jurídicas. Para ello me referiré a las consideraciones que he venido desarrollando durante las dos últimas décadas y media en mis Votos Razonados, Concordantes y Disidentes, tanto en la Corte Interamericana de Derechos Humanos (CtIDAH)¹ como en la Corte Internacional de Justicia (CIJ), con la esperanza de que puedan inducir a una mayor reflexión a las nuevas generaciones de estudiosos de la mencionada disciplina.

Las referencias a mis Votos en las dos jurisdicciones internacionales se recogen aquí tan solo a modo de ilustración, no exhaustiva, de las ideas básicas o centrales de los mencionados clásicos de la *Escuela ibérica de la Paz*, que se basaron por primera vez en derechos fundamentales inherentes a los seres humanos. En ambos tribunales he recurrido fielmente al legado de aquella admirable Escuela, tanto para juzgar contenciosos surgidos de las más diversas circunstancias, cuanto para emitir Pareceres Consultivos, lo cual pone de manifiesto la notable perennidad y actualidad de aquellas enseñanzas a las que vengo aludiendo.

Comenzaré centrándome, con proyección y perspectiva histórica, en el asunto de la *recta ratio*, en la conciencia humana como última

¹ Actualmente reunidos en la voluminosa compilación: A.A. Cançado Trindade, *Derecho Internacional de los Derechos Humanos - Esencia y Trascendencia (Votos en la Corte Interamericana de Derechos Humanos, 1991-2006)*, México, Edit. Porrúa/ Universidad Iberoamericana, 2007, pp. 1-1055.

a visão da universalidade do *jus gentium* como atinente ao direito e justiça verdadeiramente universais. A seguir, abordarei a titularidade internacional de direitos da pessoa humana, a *centralidade* das vítimas no ordenamento jurídico internacional, consoante a concepção humanista na jurisprudência internacional e sua irradiação. Em sequência lógica, passarei a demonstrar a relação desta temática com o Direito Internacional dos Direitos Humanos de nossos tempos, realçando a importância dos princípios fundamentais do Direito, com atenção especial ao princípio fundamental da igualdade e não-discriminação. O campo estará então aberto à apresentação das minhas considerações finais.

II.

A RECTA RATIO EM PROJEÇÃO E PERSPECTIVA HISTÓRICAS

Permito-me, de início, assinalar que a *recta ratio* passou, com efeito, a ser identificada, a partir das obras dos chamados *pais fundadores* do Direito Internacional, nos séculos XVI e XVII, como pertencente ao domínio dos fundamentos do Direito Natural, e, para alguns, a identificar-se ela própria integralmente com este último. As raízes do pensamento humanista, próprio dos “pais fundadores” do Direito Internacional, remontam a um passado mais distante, o das *Institutas* de Justiniano com sua reconceitualização do *jus gentium* (abarcando todo o género humano)², e dos ensinamentos magistrais no *De Officiis de Cícero* (baseados na *recta ratio*).

A contribuição dos “fundadores” do *jus gentium* inspirou-se assim em grande parte na filosofia escolástica do direito natural, em particular, na concepção estoica-tomista da *recta ratio* e da justiça, que reconheceu o ser humano como um ser social, racional, e dotado de dignidade intrínseca; a *recta ratio* passou a afigurar-se como indispensável à sobrevivência do próprio Direito Internacional. Ademais, concebeu, face à unidade do género humano, um direito universal, aplicável a todos - *tanto aos Estados como aos indivíduos* - em toda a parte (*totus orbis*)³. Ao contribuir para a emergência do *jus humanae societatis*, mestres como Francisco de Vitoria e Domingo de Soto permearam as suas lições com o pensamento humanista que os antecedeu.

Foi Cícero quem efetivamente formulou a mais célebre caracterização da *recta ratio*, ao sustentar que tudo aquilo que é correto

² Segundo as *Institutas* de Justiniano, o que a “razão natural” estabeleceu entre as nações é que se chama *jus gentium*.

³ O propósito de Francisco de Vitoria foi precisamente o de fazer com que o *jus gentium* se aplicasse não só às relações entre indivíduos, mas também às relações entre as nações; Vitoria considerava o termo *gentes* como sinónimo de *nationes*.

fuente *material* del Derecho de Gentes. Seguidamente abordaré la universalidad del Derecho de Gentes (la *lex praeceptiva* para el *totus orbis*), destacando la universalidad del *jus gentium* como concreción de un Derecho y una Justicia verdaderamente universales. Continuaré abordando la titularidad internacional de los derechos de la persona humana, la centralidad de las víctimas en el Derecho Internacional, acorde con una concepción humanista de la jurisprudencia internacional y su difusión. En secuencia lógica pasaré a demostrar la relación de este asunto con el Derecho Internacional de los derechos humanos en nuestro tiempo, resaltando la importancia de los principios fundamentales del Derecho, con especial atención al principio de igualdad y no discriminación. Todo lo cual me permitirá concluir con unas consideraciones finales.

II. LA RECTA RATIO EN PROYECCIÓN Y PERSPECTIVA HISTÓRICAS

De entrada permítaseme señalar que la noción de *recta ratio* fue adoptada e incluida de modo efectivo en el dominio del Derecho Natural e incluso, según algunos, identificado propia e íntegramente con éste, a partir de las obras de los llamados *Padres fundadores* del Derecho Internacional de los siglos XVI y XVII. Planteamiento tan humanista, característico de aquellos Padres, arraiga en un pasado muy anterior, el de las *Institutas* de Justiniano cuya nueva conceptualización del *jus gentium* incumbía a todo el género humano² y el del *De Officiis* de Cicerón, cuyas enseñanzas magistrales se basaban precisamente en la *recta ratio*.

Así pues, la contribución de los *fundadores* del *jus gentium* se inspiraba en gran medida en la filosofía escolástica del Derecho Natural, particularmente en aquella concepción estoico-tomista de la *recta ratio* y de la justicia que identificaba al ser humano como un ser social, racional y dotado de dignidad intrínseca; de ese modo la *recta ratio* pasó a ser considerada como indispensable para la supervivencia del propio Derecho Internacional. Además, en virtud de la unidad del género humano, se concibió un derecho universal, aplicable a todos – tanto a los Estados como a los individuos – y en todas partes (*totus orbis*)³. Al tiempo que contribuían al surgimiento del *jus humanis societatis*, maestros como Francisco de Vitoria y Domingo de Soto imbuían sus enseñanzas del pensamiento humanista que les precedió.

² Según las *Institutas* de Justiniano, lo que la “razón natural” establece entre las naciones se llama *jus gentium*.

³ El propósito de Francisco de Vitoria fue precisamente lograr que el *jus gentium* se aplicase no solo a las relaciones entre los individuos, sino también a las relaciones entre las naciones; Vitoria utilizaba el término *gentes* como sinónimo de *nationes*.

é determinado, em muitos aspectos, pelo *orthos logos*. Consoante os princípios da *recta ratio*, cada sujeito de Direito deve comportar-se com justiça, boa-fé e benevolência. São princípios *cogentes* que emanam da consciência humana, e afirmam a relação inelutável entre o jurídico e o ético. O direito natural reflete os ditames da *recta ratio*, em que se fundamenta a justiça. Cícero conceituava o direito emanado da *recta ratio* como dotado de validade perene, afigurando-se como inderrogável: a sua validade intransgressível estende-se a todas as nações em todas as épocas⁴. Inspirado no pensamento dos antigos gregos, Cícero deixou um legado precioso aos mestres da Escola Ibérica da Paz, ao situar a *recta ratio* nos fundamentos do próprio *jus gentium*.

O novo *jus gentium* veio, sobre estas bases, a ser construído pelos chamados “fundadores” do Direito das Gentes, precisamente os expoentes da Escola Ibérica da Paz (Francisco de Vitoria, Domingo de Soto, Serafim de Freitas, Martín de Azpilcueta, Martinho de Ledesma, Pedro Simões, António de São Domingos, Francisco Suárez, dentre outros), nas Universidades de Salamanca, Coimbra e Évora, e também nas de Valladolid e Alcalá de Henares, e alhures, no “Novo Mundo” (como os missionários Bartolomé de Las Casas e António Vieira, dentre outros), a partir dos séculos XVI e XVII. Este novo *jus gentium* passou a ser associado com a própria humanidade, buscando assegurar a sua unidade e satisfazer as suas necessidades e aspirações, consoante uma concepção essencialmente universalista (ademais de pluralista).

O *jus communicationis* de F. Vitoria, por exemplo, foi concebido como um Direito para todos os seres humanos. Assim, já nos séculos XVI e XVII, para os autores da Escola Ibérica da Paz, o Estado emergente não era um sujeito exclusivo do direito das gentes, e este último também abarcava os povos e os indivíduos. A partir de então, a *recta ratio* passou a ser invocada para fundamentar a visão do direito internacional nascente como *necessário*, ao invés de simplesmente “voluntário”. Desde então se admitiu o aprimoramento do *jus gentium* na medida em que o sentimento ou noção de uma humanidade comum a todos se desenvolvesse em todas as nações.

As raízes do que já se afigurava como o direito comum da humanidade podiam, assim, identificar-se nesta considerável evolução do *jus gentium*. Na verdade, bem antes dos “fundadores” do Direito Internacional, já no século XIII, Tomás de Aquino (1225-1274) considerou o conceito de *jus gentium* (na sua *Summa Theologiae*), apreendido pela própria razão natural (sendo assim mais perfeito

⁴ Na célebre síntese formulada por M.T. Cícero na sua obra clássica *De Republica*, “o verdadeiro Direito é a *recta ratio* em conformidade com a natureza; é de aplicação universal, inalterável e perene [...], um Direito eterno e imutável [...] válido para todas as nações em todos os tempos” (*De Republica*, livro III, cap. XXII, par. 33). Cícero ainda ponderou, no seu igualmente célebre *De Legibus* (livro II, circa 51-43 a.C.), que nada havia mais destrutivo para os Estados e mais contrário ao direito do que o uso da violência nos assuntos públicos, em um país dotado de uma constituição.

En efecto, fue Cicerón quien formuló la más célebre caracterización de la *recta ratio*, al sostener que todo aquello que es correcto está determinado, en muchos aspectos, por el *orthos logos*. Siguiendo los principios de la *recta ratio* cada sujeto de derecho debe comportarse con justicia, buena fe y benevolencia. Tales principios son *cogentes*, emanan de la conciencia humana y afirman la relación ineludible entre lo jurídico y lo ético, pues el Derecho Natural refleja los dictámenes de la *recta ratio* en donde se fundamenta la Justicia. Cicerón concebía el Derecho como una emanación de la *recta ratio* dotada de validez perenne a la que consideraba inderogable: Su validez imprescriptible se extiende a todas las naciones y a todas las épocas⁴. Inspirándose en el pensamiento de los antiguos griegos, Cicerón dejó un legado precioso a los maestros de la Escuela Ibérica de la Paz al situar la *recta ratio* en los fundamentos del propio *jus gentium*.

El nuevo *jus gentium* fue construido sobre estas bases por los llamados fundadores del Derecho de Gentes, precisamente los componentes de la Escuela Ibérica de la Paz (Francisco de Vitoria, Domingo de Soto, Serafim de Freitas, Martín de Azpilcueta, Martín de Ledesma, Pedro Simões, António de São Domingos, Francisco Suárez, entre otros), en las Universidades de Salamanca, Coímbra y Évora, así como en las de Valladolid y Alcalá de Henares y en diversos lugares en el «Nuevo Mundo» por misioneros como Bartolomé de Las Casas y António Vieira, entre otros, a partir de los siglos XVI y XVII. Este nuevo *jus gentium* se asoció a la propia idea de humanidad buscando asegurar la unidad de ésta y satisfacer sus necesidades y aspiraciones, de acuerdo con una concepción esencialmente universalista además de pluralista.

El *jus communicationis* de F. Vitoria, por ejemplo, fue concebido como un derecho para todos los seres humanos. Así, ya en los siglos XVI y XVII, para los autores de la Escuela Ibérica de la Paz, el Estado emergente no era el sujeto exclusivo del Derecho de Gentes, sino que éste último amparaba también a los pueblos y a los individuos. A partir de entonces, la *recta ratio* fue invocada para fundamentar la visión del nascente Derecho Internacional como algo *necesario* y no simplemente *voluntario*. Desde entonces se asumió que el perfeccionamiento del *jus gentium* llegaría a medida que el sentimiento o noción de una humanidad común a todos se generalizara entre las naciones.

Las raíces de lo que ya se concebía como derecho común de la humanidad, pueden por tanto identificarse ya en esta importante evolución del *jus gentium*. En realidad, incluso antes de los fundadores del Derecho Internacional, ya en el siglo XIII, Tomás de Aquino

⁴ En la célebre síntesis formulada por M. T. Cicerón en su obra clásica *De Republica*: el verdadero Derecho es la *recta ratio* en conformidad con la naturaleza; es de aplicación universal, inalterable y perenne... un Derecho eterno e inmutable... válido para todas las naciones en todos los tiempos (*De Republica*, Libro III, cap. XXII, par. 33). Igualmente en su célebre *De Legibus* (Libro II, circa 51-43 a.C.) dice que nada hay más destructivo para los Estados y más contrario a Derecho, que el uso de la violencia para los asuntos públicos en un país dotado de una constitución (Libro II, circa 51-43 a.C.).

do que o direito positivo), e revelando uma consciência da dimensão temporal, como revestindo-se de uma validade universal, e voltado à realização do bem comum, em benefício último de todos os seres humanos, - pois de outro modo seria injusto.

Em seu correto entender, é a própria *recta ratio* que revela que “o bem comum é melhor” do que o bem de um ou de outro individualmente. A *synderesis*, para ele, denotava uma forma de conhecimento, ou disposição da razão para aderir a princípios voltados à realização do bem comum. Na visão de Tomás de Aquino, o *jus gentium* propunha-se regulamentar as relações humanas com uma base ética, formando uma espécie de “razão comum de todas as nações” em busca da realização do bem comum. A *recta ratio* dotou efetivamente o *jus gentium*, na sua evolução histórica, de bases éticas, e imprimiu-lhe um carácter de universalidade, ao ser um direito comum a todos, emanando, em última análise, da *consciência jurídica universal*, - sua fonte material *par excellence*, tal como a identifico e concebo.

III.

A CONSCIÊNCIA HUMANA (RECTA RATIO) COMO FONTE MATERIAL ÚLTIMA DO DIREITO DAS GENTES

48

Efetivamente, ao longo dos anos, tenho-me referido nos meus Votos e escritos à fonte material por excelência do Direito Internacional dos Direitos Humanos, assim como de todo o Direito Internacional, que identifico na *consciência jurídica universal*, e não na mera vontade dos Estados, articulada no direito positivo, e por eles acordado consoante as suas relações de poder e de interesse estatal. No meu entender, a consciência situa-se necessariamente acima da vontade. Esta concepção encontra-se por mim desenvolvida em vários de meus escritos em distintos países, assim como em meus Votos, tanto na CtIADH como na CIJ (cf. *infra*).

No âmbito da CtIADH, permito-me recordar, *inter alia*, a passagem do meu Voto Concordante no histórico Parecer Consultivo n. 18 sobre *A Condição Jurídica e os Direitos dos Migrantes Indocumentados* (de 17.09.2003), na qual situo a continuada presença da cláusula Martens em sucessivos instrumentos do Direito Internacional Humanitário, por mais de um século, precisamente no plano da fonte material por excelência de todo o Direito das Gentes (par. 29), dando expressão à *razão de humanidade e impondo limites à razão de Estado*⁵. Outras ponderações congêneres encontram-se no

⁵ Ponto que desenvolvo no meu Tratado de *Direito Internacional dos Direitos Humanos*, vol. II, Porto Alegre/Brasil, 2003, pp. 497-509.

no (1225-1274) se refirió al concepto de *jus gentium* en su *Summa Theologiae*, como algo aprehendido por la propia razón natural y superior, por tanto, al derecho positivo y que al estar revestido de validez universal y dirigido a la realización del bien común en beneficio último de todos los seres humanos, pues de otro modo sería injusto, expresa una conciencia de carácter secular.

A su correcto entender la *recta ratio* es la que muestra cómo el bien común es mejor que el bien individual de uno u otro. La *synderesis* para él, denotaba la forma de conocimiento o disposición de la razón a adherirse a los principios dirigidos a la realización del bien común. En la idea de Tomás de Aquino, el *jus gentium* se propone reglamentar las relaciones humanas desde un fundamento ético, conformando una suerte de *razón común a todas las naciones* en busca del bien común. En efecto, la *recta ratio* dotó al *jus gentium*, en su evolución histórica, de bases éticas, le imprimió carácter de universalidad al tratarse de un derecho común a todos emanado, en último término, de la *conciencia jurídica universal*, su fuente material *par excellence*, tal como yo la identifico y concibo.

III.

LA CONCIENCIA HUMANA (RECTA RATIO) COMO FUENTE MATERIAL ÚLTIMA DEL DERECHO DE GENTES

49

Tal como ya he dicho, a lo largo de los años me he referido mediante votos y escritos a la fuente material por excelencia del Derecho Internacional de los Derechos Humanos, así como de todo el Derecho Internacional, la cual identifico con la *conciencia jurídica universal* y no con la mera voluntad de los Estados, articulada en un derecho positivo acordado por ellos en función de sus relaciones de poder e interés estatal. A mi entender la conciencia está necesariamente por encima de la voluntad. He desarrollado esta idea tanto en varios escritos míos en distintos países, como en mis Votos, ya sea en la CtIADH como en la CIJ (cfr. infra).

En el ámbito de la CtIADH, me permito recordar, *inter alia*, el pasaje de mi Voto Concordante en el histórico *Parecer consultivo n° 18* sobre *La condición jurídica y los derechos de los migrantes indocumentados* de 17.09.2003, en donde destaco la continuada presencia de la cláusula Martens en sucesivos instrumentos del Derecho Internacional Humanitario durante más de un siglo, precisamente como fuente material del Derecho de Gentes (parf. 29), dando valor





meu Voto Arrazoado (par 63 e 68) no caso da *Comunidade Indígena Sawhoyamaxa versus Paraguai* (Sentença de 29.03.2006), e no meu Voto Arrazoado (par. 28) no caso *Almonacid Arellano versus Chile* (Sentença de 26.09.2006), entre outros.

No âmbito da CIJ, permito-me aqui referir, por exemplo, o caso das *Imunidades Jurisdicionais do Estado*. Diante da decisão da CIJ, de 06.07.2010, de rechaçar a demanda reconvençional da Itália, emiti um longo Voto Dissidente no qual sustentei, *inter alia*, que era inadmissível e infundado sugerir - nem mesmo com base nos ultrapassados dogmas positivistas - que os crimes de trabalho forçado e escravo da época do Terceiro *Reich* não eram proibidos. Repliquei que eram claramente proibidos pela consciência humana, e que não poderiam ser acobertados por imunidades estatais; já na época da Alemanha nazi, e mesmo antes dela, a impossibilidade de impunidade do Estado por crimes contra a humanidade⁶ encontrava-se “profundamente arraigada na consciência humana, na *consciência jurídica universal*, que é, em meu entendimento, a fonte *material* última de todo o Direito” (par. 125).

Da concepção que sustentei neste caso (assim como em outros) emanam várias consequências, como, de início, o reconhecimento de que os seres humanos não são meros *objetos* de regulamentação do Direito Internacional, mas *sujeitos* de direitos que deste emanam diretamente. No mesmo Voto Dissidente no dramático caso das *Imunidades Jurisdicionais do Estado* (2010), ponderei ter sido o *despertar gradual da consciência humana* que levou à evolução da conceitualização dos *delicta juris gentium*, das “violações do direito internacional humanitário”, e acrescentei:

COM O DESPERTAR GRADUAL DA CONSCIÊNCIA HUMANA,
DO MESMO MODO, OS SERES HUMANOS DEIXARAM DE
SER OBJETOS DE PROTEÇÃO E FORAM RECONHECIDOS
COMO SUJEITOS DE DIREITOS, A COMEÇAR PELO DIREITO
FUNDAMENTAL À VIDA, ABARCANDO O DIREITO DE VIVER
EM CONDIÇÕES DIGNAS. OS SERES HUMANOS FORAM
RECONHECIDOS COMO SUJEITOS DE DIREITOS EM QUAISQUER
CIRCUNSTÂNCIAS, EM TEMPOS DE PAZ ASSIM COMO DE
CONFLITO ARMADO (PARS. 145-146).

Outra consequência da referida fonte *material* do direito (*supra*) - a par das fontes formais - é a prevalência da concepção humanista, que sustento, do próprio Direito Internacional, o direito das gen-

⁶ Como os massacres, perpetrados pelas tropas nazis, em Civitella (Itália) e em Distomo (Grécia), e a sujeição de pessoas arbitrariamente detidas a trabalho forçado e escravo na indústria bélica alemã, em 1943-1945.

jurídico a la *razón de humanidad* e imponiendo límites a la *razón de Estado*⁵. Otras ponderaciones similares se encuentran en mi Voto Razonado (parfs. 63 y 68) en el caso de *La Comunidad indígena Sawhoyamaxa contra Paraguay* (Sentencia de 29.03.2006) y en mi Voto Razonado (par.28) en el caso de *Almonacid Arellano contra Chile* (Sentencia de 26.09.2006).

Por otro lado, en el ámbito de la CIJ, me permito referir aquí, por ejemplo, el caso de *Las inmunidades jurisdiccionales del Estado*: En la decisión de la CIJ del 06.07.2010 que rechaza la demanda convencional de Italia, emití un extenso Voto Disidente en el cual sostuve, *inter alia*, que era inadmisibles e infundado sugerir, incluso apoyándose en los más que periclitados dogmas positivistas, que los crímenes de trabajo forzado y esclavo de la época del III Reich no estaban prohibidos. Repliqué que con toda claridad lo estaban por la conciencia humana y que tales crímenes no podrían acogerse a inmunidades estatales; ya en época de la Alemania nazi e incluso antes de ella, la imposibilidad de impunidad del Estado por crímenes contra la humanidad⁶ «estaba profundamente arraigada en la conciencia humana, en la *conciencia jurídica universal*, que es, a mi entender, la *fuerza material* última del Derecho» (parf. 125).

De la tesis que sustenté en éste y en otros casos, se deducen varias consecuencias y como primera de todas, el reconocimiento de que los seres humanos no son meros *objetos* de reglamentación para el Derecho Internacional, sino *sujetos* de derechos que emanan directamente de éste. En el mismo Voto Disidente emitido en el dramático caso de las *Inmunidades Jurisdiccionales del Estado* (2010), ponderé que hubiera sido el «despertar gradual de la conciencia humana» lo que hizo evolucionar la conceptualización de los «*delicta juris gentium*», de las «violaciones del Derecho Internacional Humanitario» y añadí:

DEL MISMO MODO, CON EL DESPERTAR GRADUAL DE LA CONCIENCIA HUMANA, LOS SERES HUMANOS DEJARON DE SER OBJETOS DE PROTECCIÓN PARA SER RECONOCIDOS COMO SUJETOS DE DERECHOS, EMPEZANDO POR EL DERECHO FUNDAMENTAL A LA VIDA, EN DONDE SE INCLUYE EL DERECHO A VIVIR EN CONDICIONES DIGNAS. EL RECONOCIMIENTO DE LOS SERES HUMANOS COMO SUJETOS DE DERECHOS LO FUE BAJO CUALESQUIERA CIRCUNSTANCIAS, YA FUERA EN TIEMPOS DE PAZ COMO DE CONFLICTO ARMADO (PARFS. 145-146).

⁵ Punto que desarrollo en mi *Tratado de Derecho Internacional dos Direitos Humanos*, vol. II, Porto Alegre, Brasil 2003, pp. 497-509).

⁶ Como las masacres perpetradas por la tropas nazis en Civitella (Italia) y en Distomo (Grecia) y la sujeción de personas detenidas a trabajo forzado y esclavo en la industria bélica alemana entre 1943-1945.

tes (*droit des gens*). No mesmo Voto Dissidente permiti-me advertir ainda que

NÃO SE PODE ERGUER (E TENTAR MANTER) UM ORDENAMENTO JURÍDICO INTERNACIONAL POR CIMA DO SOFRIMENTO DOS SERES HUMANOS, COM O SILÊNCIO DOS INOCENTES ABANDONADOS AO ESQUECIMENTO. (...) ACIMA DA VONTADE ESTÁ A CONSCIÊNCIA, QUE, NO FINAL DAS CONTAS, É A QUE MOVE O DIREITO ADIANTE, COMO SUA FONTE MATERIAL ÚLTIMA, REMOVENDO A INJUSTIÇA MANIFESTA (PAR. 179).

Daí resulta um *ordre public* internacional humanizado. Tal como elaborei em meu Voto Arrazoadado na CtIADH, no caso da *Prisão de Castro-Castro versus Peru* (Interpretação de Sentença de 02.08.2008),

ESTAMOS DIANTE DE UM *ORDRE PUBLIC* HUMANIZADO (OU MESMO VERDADEIRAMENTE HUMANISTA) EM QUE O INTERESSE PÚBLICO OU O INTERESSE GERAL COINCIDE PLENAMENTE COM A PRIMAZIA DOS DIREITOS HUMANOS, - O QUE IMPLICA O RECONHECIMENTO DE QUE OS DIREITOS HUMANOS CONSTITUEM O FUNDAMENTO BÁSICO, ELES PRÓPRIOS, DO ORDENAMENTO JURÍDICO, NOS PLANOS INTERNACIONAL E NACIONAL. SUBJACENTE AO CONCEITO DE *JUS COGENS* ENCONTRA-SE O PENSAMENTO JUSNATURALISTA, QUE LEVA A NORMAS PEREMPTÓRIAS A PARTIR DA AFIRMAÇÃO E CONSAGRAÇÃO DE VALORES ÉTICOS QUE BUSCAM BENEFICIAR A HUMANIDADE COMO UM TODO (PAR. 155).

Do anteriormente exposto, decorre uma consequência adicional inescapável, a saber, os direitos humanos sobrepõem-se aos interesses e conveniências dos Estados, são *anteriores e superiores aos Estados*. Nesse entendimento, elaborei, em meu supracitado Voto Dissidente no caso das *Imunidades Jurisdicionais do Estado* na CIJ, sobre a inalienabilidade dos direitos inerentes ao ser humano:

(...) [Q]UALQUER PRETENDIDA RENÚNCIA PELO ESTADO DOS DIREITOS INERENTES À PESSOA HUMANA SERIA CONTRÁRIA,

Otra consecuencia de la referida fuente *material* del Derecho (*supra*) –a la par con las fuentes formales– es que abogo por la prevalencia de la concepción humanista del propio Derecho Internacional en el Derecho de Gentes (*droit des gens*). En el mismo Voto Disidente me permití advertir además que:

NO SE PUEDE ESTABLECER, E INTENTAR MANTENER, UN ORDENAMIENTO JURÍDICO INTERNACIONAL POR ENCIMA DEL SUFRIMIENTO DE LOS SERES HUMANOS, CON EL SILENCIO DE LOS INOCENTES ABANDONADOS AL OLVIDO... POR ENCIMA DE LA VOLUNTAD ESTÁ LA CONCIENCIA QUE, A FIN DE CUENTAS, ES LO QUE MUEVE AL DERECHO A PROGRESAR, SU FUENTE MATERIAL ÚLTIMA EN LA REMOCIÓN DE LA INJUSTICIA MANIFIESTA (PARF. 179).

De ahí resulta un *ordre public* internacional humanizado. Tal como justifiqué con mi Voto Razonado en la CtIADH, en el caso de la *Prisión de Castro-Castro contra Perú* (Interpretación de Sentencia de 02.08.2008),

ESTAMOS ANTE DE UN *ORDRE PUBLIC* HUMANIZADO, O LO QUE ES IGUAL VERDADERAMENTE HUMANISTA, EN DONDE EL INTERÉS PÚBLICO O GENERAL COINCIDE PLENAMENTE CON LA PRIMACÍA DE LOS DERECHOS HUMANOS, LO QUE IMPLICA RECONOCER QUE LOS DERECHOS HUMANOS CONSTITUYEN POR SI MISMOS EL FUNDAMENTO BÁSICO DEL ORDENAMIENTO JURÍDICO EN LOS PLANOS INTERNACIONAL Y NACIONAL. SUBYACE EN EL CONCEPTO DE *JUS COGENS* EL PENSAMIENTO JUSNATURALISTA, EN DONDE SE DEDUCEN NORMAS PERENTORIAS DE LA AFIRMACIÓN Y CONSAGRACIÓN DE VALORES ÉTICOS QUE BUSCAN BENEFICIAR A LA HUMANIDAD COMO UN TODO (PARF. 155).

De lo anteriormente expuesto, se deduce una consecuencia adicional e ineludible, a saber: que los derechos humanos prevalecen sobre los intereses y conveniencias de los Estados, son *anteriores y superiores a los Estados*. Con tal convencimiento redacté mi ya citado Voto Disidente en la CIJ y en el caso de las *Imunidades Jurisdiccionales del Estado*, sobre la inalienabilidad de los derechos inherentes al ser humano:

EM MEU ENTENDIMENTO, À *ORDRE PUBLIC* INTERNACIONAL, E ESTARIA DESPROVIDA DE QUAISQUER EFEITOS JURÍDICOS. AFIRMAR QUE ISTO AINDA NÃO ESTAVA RECONHECIDO À ÉPOCA DA II GUERRA MUNDIAL (...), - UMA VISÃO PRÓPRIA DA VELHA POSTURA POSITIVISTA, COM SUA INEVITÁVEL SUBSERVIÊNCIA AO PODER ESTABELECIDO, - SERIA, A MEU VER, INFUNDADO. EQUIVALERIA A ADMITIR QUE OS ESTADOS PODERIAM PERPETRAR CRIMES CONTRA A HUMANIDADE COM TOTAL IMPUNIDADE, QUE PODERIAM SISTEMATICAMENTE PERPETRAR MASSACRES, HUMILHAR E ESCRAVIZAR GRUPOS DE PESSOAS, DEPORTÁ-LAS E SUBMETÊ-LAS A TRABALHO FORÇADO, E ENTÃO ESCUDAR-SE POR DETRÁS DE UMA CLÁUSULA DE RENÚNCIA NEGOCIADA COM OUTRO[S] ESTADO(S), E TENTAR RESOLVER TODAS AS CONTENDAS POR MEIO DE TRATADOS DE PAZ COM SEU[S] ESTADO[S] CONTRAPARTE[S] (PAR. 124).

Mais recentemente, retomei a mesma linha de reflexões em um contexto distinto, atinente à Sentença da CIJ de 16.04.2013, no caso da *Disputa Fronteiriça entre Burkina Faso e Níger*. Neste caso, a CIJ procedeu, a pedido das partes, a determinar o curso de parte da sua fronteira, tendo presente a promessa de ambas de que as condições de vida das populações locais - nómades e semi-nómades - que habitam a região não seriam afetadas pelo traçado da fronteira. No meu Voto Arrazoadado, concentrei-me sobretudo no “fator humano” (pars. 11-105), e assinalei que as próprias partes litigantes, no decorrer do procedimento perante a CIJ (particularmente na fase oral), haviam expressado a sua preocupação com as populações locais (principalmente nas extensas respostas a perguntas que me permiti formular-lhes em uma audiência pública perante a CIJ). Chegaram elas inclusive a exteriorizar o seu entendimento no sentido da conformação de um regime de *transhumance* como um verdadeiro “sistema de solidariedade”.

Em meu referido Voto Arrazoadado, ponderei que o presente caso revelava que mesmo um tema clássico, como o do território, é hoje abordado conjuntamente com a população. Subjacente a esta construção jurisprudencial, - agreguei, - “encontra-se o *princípio de humanidade*, orientando à busca da melhoria das condições de vida da *societas gentium* e a consecução e realização do bem comum”, no âmbito do “novo *jus gentium* de nossos tempos” (par. 90). Observei, ademais, que a lição básica a ser extraída do presente caso reside na constatação

... CUALQUIER PRETENDIDA RENUNCIA DEL ESTADO A RECONOCER LOS DERECHOS INHERENTES A LA PERSONA HUMANA SERÍA CONTRARIA, A MI ENTENDER, AL *ORDRE PUBLIC* INTERNACIONAL, Y ESTARÍA DESPROVISTO DE CUALESQUIERA EFECTOS JURÍDICOS. AFIRMAR QUE ESTO TODAVÍA NO HABÍA SIDO ACEPTADO EN LA ÉPOCA DE LA II GUERRA MUNDIAL (...), –UNA VISIÓN PROPIA DE LA ARCAICA CONCEPCIÓN POSITIVISTA DEL DERECHO Y SU INEVITABLE SUPEDITACIÓN AL PODER ESTABLECIDO– SERÍA, A MI MODO DE VER, INFUNDADO. EQUIVALDRÍA A ADMITIR QUE LOS ESTADOS PUEDEN PERPETRAR CRÍMENES CONTRA LA HUMANIDAD CON TOTAL IMPUNIDAD, QUE PUEDEN ORGANIZAR MASACRES SISTEMÁTICAMENTE, HUMILLAR Y ESCLAVIZAR A GRUPOS DE PERSONAS, DEPORTARLAS Y SOMETERLAS A TRABAJO FORZADO, ESCUDÁNDOSE SUBREPTICIAMENTE EN UNA CLÁUSULA DE RENUNCIA AL RECONOCIMIENTO DE DERECHOS NEGOCIADA CON OTRO U OTROS ESTADOS, Y ASÍ INTENTAR RESOLVER TODAS LAS CONTIENDAS TAN SOLO MEDIANTE TRATADOS DE PAZ CON LA CONTRAPARTE DE TALES ESTADO O ESTADOS (PAR. 124).

Más recientemente, retomé esa misma línea argumental en un contexto distinto, a propósito de la Sentencia de la CIJ de 16.04.2013 sobre el caso de la *Disputa Fronteriza entre Burkina Faso y Níger*. En este caso, la CIJ procedió, a solicitud de las partes, a delimitar un sector de su frontera común, teniendo presente la promesa de ambas de que las condiciones de vida de la poblaciones locales nómadas y semi-nómadas que habitan en la región no serían afectadas por el trazado de la frontera. En mi Voto Razonado, me centré sobretodo en el «factor humano» (parfs. 11-105), y destacué cómo las propias partes litigantes en el transcurso del procedimiento ante la CIJ, particularmente en la fase oral, habían puesto de relieve su preocupación por las poblaciones locales, principalmente en la extensas respuestas a las preguntas que me permití formularles durante una audiencia pública de la Corte. Incluso las mismas partes llegaron a expresar públicamente su acuerdo para conformar el régimen de transumanza como un auténtico «sistema de solidaridad».

En mi Voto Razonado ponderé que el caso aludido mostraba cómo, incluso un tema clásico como el del territorio, es abordado hoy conjuntamente con la población. Subyaciendo en esta elaboración de jurisprudencia, agregué, «se encuentra el *principio de humanidad* por el que se busca mejorar las condiciones de vida de la *socie-*

de que “é perfeitamente permissível e viável determinar uma linha fronteiriça tendo em mente as necessidades das populações locais” (par. 99).

O direito, - prossegui, - “não pode ser aplicado de forma mecânica” (par. 104), e o direito das gentes não pode ser abordado ou estudado adequadamente a partir de um paradigma exclusivamente inter-estatal. No final das contas, “em perspectiva histórica ou temporal, as populações nómades e semi-nómades, assim como sedentárias, precederam em muito a emergência dos Estados no *jus gentium* clássico” (par. 104). Os Estados, - concluí em meu referido Voto Arrazoadado, - “não são entidades perenes, sequer na história do direito das gentes”; formaram-se eles

A FIM DE CUIDAR DOS SERES HUMANOS SOB SUAS
RESPECTIVAS JURISDIÇÕES, E PARA AVANÇAR RUMO AO BEM
COMUM. OS ESTADOS TÊM FINS HUMANOS. MAIS ALÉM
DA SOBERANIA ESTATAL, A LIÇÃO BÁSICA A EXTRAIR-SE DO
PRESENTE CASO ESTÁ, EM MINHA PERCEPÇÃO, CENTRALIZADA
NA SOLIDARIEDADE HUMANA, *PARI PASSU* COM A NECESSÁRIA
SEGURANÇA JURÍDICA DAS FRONTEIRAS.
ISTO ENCONTRA-SE EM LINHA COM A SOCIABILIDADE,
EMANANDO DA *RECTA RATIO* NOS FUNDAMENTOS DO
JUS GENTIUM. A *RECTA RATIO* MARCOU PRESENÇA NO
PENSAMENTO DOS ‘PAIS FUNDADORES’ DO DIREITO
DAS GENTES, E CONTINUA A RESSOAR NA CONCIÊNCIA
HUMANA EM NOSSOS DIAS (PAR. 105).

58

IV.

O UNIVERSALISMO DO DIREITO DAS GENTES: A LEX PRAECEPTIVA PARA O TOTUS ORBIS

A Escola Ibérica da Paz, já a partir do século XVI, afigurava-se precursora da noção da prevalência do *Estado de Direito*; em suas aclamadas *Relecciones Teológicas* (1538-1539), por exemplo, Francisco de Vitoria ensinou que o ordenamento jurídico obriga a todos - tanto governados como governantes, - e, nesta mesma linha de pensamento, sustentou que a comunidade internacional (*totus orbis*) prima sobre o livre arbítrio de cada Estado individual⁷. Na sua concepção, o direito das gentes regula uma comunidade internacional constituída por seres humanos organizados socialmente em

⁷ Cf. Francisco de Vitoria, *De Indis - Relectio Prior* (1538-1539), in: *Obras de Francisco de Vitoria - Relecciones Teológicas* (ed. T. Urdanoz), Madrid, BAC, 1960, p. 675.

tas gentium así como la consecución y realización del bien común», en el ámbito del «nuevo *jus gentium* de nuestro tiempo» (parf. 90). Observé, además, que la enseñanza fundamental que se obtiene del caso aludido estriba en la constatación de que «es perfectamente permisible y viable deslindar una línea fronteriza teniendo en cuenta las necesidades de las poblaciones locales» (parf. 99).

El Derecho, proseguí, «no puede ser aplicado de forma mecánica» (parf. 104), y el Derecho de Gentes no puede ser abordado o estudiado adecuadamente a partir de un paradigma exclusivamente interestatal. A fin de cuentas, «en perspectiva histórica o temporal, las poblaciones nómadas y semi-nómadas, así como las sedentarias, precedieron en mucho a la aparición de los Estados e el *jus gentium* clásico» (parf. 104). Los Estados, concluí en mi Voto Razonado, «no son entidades perennes, ni siquiera en la historia del Derecho de gentes»; por el contrario se formaron

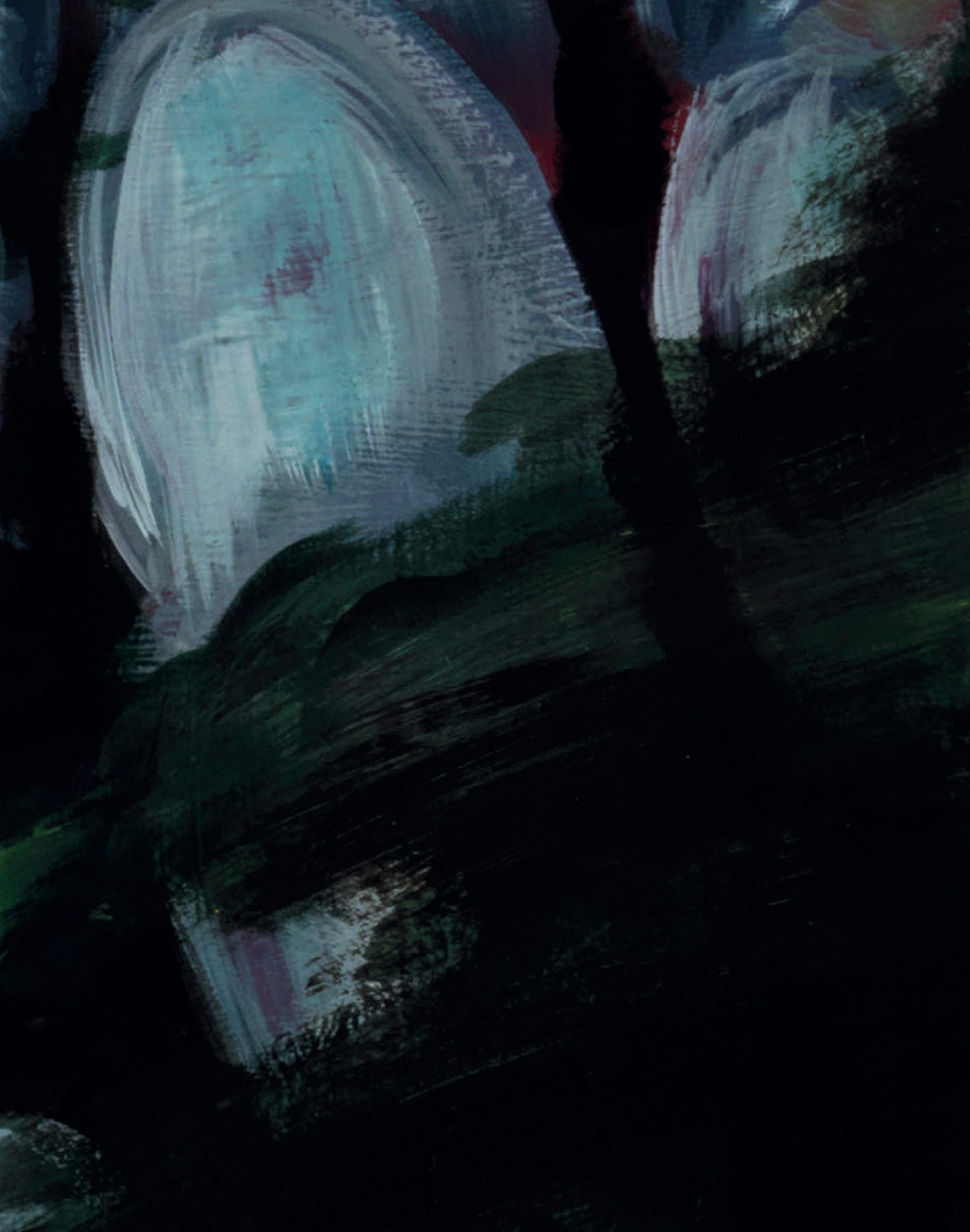
PARA CUIDAR DE LOS SERES HUMANOS QUE ESTÁN BAJO SUS RESPECTIVAS JURISDICCIONES, Y PARA PROGRESAR EN EL BIEN COMÚN. LOS ESTADOS TIENEN FINES HUMANOS. MÁS ALLÁ DE LA SOBERANÍA ESTATAL, LA LECCIÓN FUNDAMENTAL QUE HAY QUE APRENDER DEL PRESENTE CASO SE CENTRA, BAJO MI PUNTO DE VISTA, EN LA SOLIDARIDAD HUMANA, *PARI PASSU* CON LA NECESARIA SEGURIDAD JURÍDICA DE LAS FRONTERAS. ÉSTO ES PROPIO DE LA SOCIABILIDAD Y EMANA DE LA *RECTA RATIO* QUE FUNDAMENTA EL *JUS GENTIUM*. LA *RECTA RATIO* RESONÓ CON FUERZA EN EL PENSAMIENTO DE LOS «PADRES FUNDADORES» DEL DERECHO DE GENTES Y EN NUESTROS DÍAS CONTINÚA APELANDO A LA CONCIENCIA HUMANA (PARF. 105).

IV. LA UNIVERSALIDAD DEL DERECHO DE GENTES: LA *LEX PRAECEPTIVA* PARA EL *TOTUS ORBIS*

Ya desde el siglo XVI la Escuela Ibérica de la Paz se configuró como precursora de la noción de prevalencia del *Estado de Derecho*; por ejemplo, en sus celebradas *Relecciones Teológicas* (1538-1539) Francisco de Vitoria enseñó que el ordenamiento jurídico obliga a todos, tanto gobernados como gobernantes y en esa misma línea de pensamiento, sostuvo que la comunidad internacional (*totus orbis*) prima sobre el libre arbitrio de cada Estado individual⁷. En su con-

⁷ Francisco de Vitoria, *De Indis - Relectio Prior* (1538-1539), in: *Obras de Francisco de Vitoria - Relecciones Teológicas* (ed. T. Urdanoz), Madrid, BAC, 1960, p. 675.





Estados e coextensiva com a própria humanidade⁸; a reparação das violações dos direitos humanos reflete uma necessidade internacional atendida pelo direito das gentes, com os mesmos princípios de justiça aplicando-se, em conformidade com a *recta ratio*, tanto aos Estados como aos indivíduos ou povos que os formam.

Num mundo marcado pela diversificação (dos povos e culturas) e pelo pluralismo (de ideias e cosmovisões), o novo *jus gentium* assegurava a unidade da *societas gentium*, da própria humanidade. Este novo *jus gentium* não poderia assim derivar da “vontade” dos seus sujeitos de direito (dentre os quais começavam a sobressair os Estados nacionais), mas baseava-se, ao invés disso, em uma *lex praeceptiva*, apreendida pela razão humana⁹. A partir dessa unidade da humanidade, podia-se depreender que o *jus gentium* fornecia o fundamento jurídico (decorrente de uma *lex praeceptiva* do direito natural) para o *totus orbis*, suscetível de ser descoberto pela razão humana, a *recta ratio* inerente à humanidade. O caminho estava assim aberto para a apreensão de um verdadeiro *jus necessarium*, transcendendo as limitações do *jus voluntarium*¹⁰. Decorridos mais de quatro séculos e meio, sua mensagem retém uma impressionante atualidade.

No século XVII, na visão de F. Suárez, o direito das gentes revelava a unidade e universalidade do género humano; afinal, os Estados têm necessidade de um sistema jurídico que regule suas relações, como membros da sociedade universal. Em sua consagrada obra *De Legibus ac Deo Legislatore* (1612), F. Suárez mantinha que o *jus gentium* - transcendendo em muito o *jus civile* e o direito privado - é formado pelos usos e costumes comuns à humanidade, sendo conformado pela razão natural para toda a humanidade como um direito universal. Na visão de Suárez, os preceitos do *jus gentium* encontram-se imbuídos de equidade e justiça; o *jus gentium* se afigura em completa harmonia com o direito natural, de onde emanam suas normas, revelando, um e outro, o mesmo carácter verdadeiramente universal.

É notável a contribuição da Escola Ibérica para a formação e consolidação do *jus gentium*. Vitoria e Suárez, entre outros, sentaram as bases de um direito de aplicação universal (*commune omnibus gentibus*), de um direito para toda a humanidade. Lamentavelmente, a emergência do positivismo jurídico (em fins do século XVIII e no século XIX) personificou o Estado, dotando-o de “vontade própria”, e reduzindo os direitos dos seres humanos aos que o Estado a estes “concedia” (o positivismo voluntarista). Dificultou, assim, a própria

⁸ O novo ordenamento jurídico internacional passava, assim, a ser concebido (particularmente na sua *Relectio De Indis Prior*) como *gentium*, inteiramente emancipado da sua origem de direito privado (no Direito Romano), imbuído de uma visão humanista, respeitadora das liberdades das nações e dos indivíduos, e de âmbito universal. Passava a regular, com base nos princípios do direito natural e da *recta ratio*, as relações entre todos os povos, com o devido respeito aos seus direitos, aos territórios em que viviam, aos seus contatos e liberdade de movimento (*jus communicationis*).

⁹ Nas palavras do próprio F. Vitoria, *quod naturalis ratio inter omnes gentes constituit, vocatur jus gentium*; em seu *De Lege - Commentarium in Primam Secundae*, deixou ele claro que o próprio direito natural encontra-se não na vontade, mas sim na *recta ratio*.

¹⁰ Nos capítulos VI e VII de seu *De Indis*, Vitoria esclarece o seu entendimento do *jus gentium* como um direito para todos (indivíduos e povos assim como Estados), ou seja, um direito conformado, na sua visão, pelo “consenso comum de todos os povos e nações”; *ibid.*, pp. 140 e 170.

cepción, el Derecho de Gentes regula una comunidad internacional constituida por seres humanos organizados socialmente en Estados y que se extiende tanto como la propia humanidad⁸; la reparación de las violaciones de los derechos humanos refleja una necesidad internacional que, en conformidad con la *recta ratio*, es atendida por el Derecho de Gentes aplicando los mismos principios de justicia, tanto a los Estados como a los individuos o pueblos que los forman.

En un mundo caracterizado por la diversidad de pueblos y culturas así como por la pluralidad de ideas y cosmovisiones, el nuevo *jus gentium* aseguraba la unidad de la *societas gentium*, de la propia humanidad. Este nuevo *jus gentium* no podía, por tanto, proceder de la «voluntad» de sus sujetos de derecho, entre los cuales comenzaban a sobresalir los Estados nacionales, sino por contra, de una *lex praeceptiva*, aprehendida por la razón humana⁹. En esa unidad de la humanidad, se puede advertir que el *jus gentium* encontraba fundamento jurídico, al derivar de una *lex praeceptiva* del derecho natural, para el *totus orbis* y ser susceptible de ser aprehendido por la razón humana, por la *recta ratio* inherente a la humanidad. De este modo quedaba abierto el camino para la comprensión de un auténtico *jus necessarium* que superara las limitaciones del *jus voluntarium*¹⁰. Transcurridos más de cuatro siglos y medio, la enseñanza de Francisco de Vitoria conserva una impresionante actualidad.

En el siglo XVII y según la opinión de F. Suárez, el Derecho de gentes ponía ya de manifiesto la unidad y universalidad del género humano pues, finalmente, los Estados acaban precisando de un sistema jurídico que regule sus relaciones como miembros de la sociedad universal. En su ejemplar obra *De Legibus ac Deo Legislatore* (1612), F. Suárez mantenía que el *jus gentium*, superando en mucho al *jus civile* y al Derecho privado, está formado por los usos y costumbres comunes a la humanidad, pues la razón natural lo conforma como un Derecho universal para toda a humanidad. En la visión de Suárez, los preceptos del *jus gentium* están imbuidos de equidad y justicia; el *jus gentium* se configura en completa armonía con el Derecho Natural, pues de éste emanan sus normas, revelándose en ambos un mismo carácter verdaderamente universal.

La contribución de la Escuela Ibérica a la formación y consolidación del *jus gentium* fue notable. Vitoria y Suárez, entre otros, sentaron las bases de un Derecho de aplicación universal (*commune omnibus gentibus*), de un Derecho para toda a humanidad. Lamentablemente, el creciente influjo del positivismo jurídico a finales del siglo XVIII y durante el siglo XIX, personificó al Estado, dotándolo de

⁸ El nuevo ordenamiento jurídico internacional pasaba así, a ser concebido, en especial en su *Relectio De Indis Prior*, como *gentium*, completamente emancipado de su origen como Derecho privado en el Derecho Romano, está imbuido de una visión humanista de ámbito universal que respeta las libertades de las naciones y de los individuos y regula, en base a los principios del Derecho natural y de la *recta ratio*, las relaciones entre todos los pueblos, con el debido respeto a sus derechos, a los territorios en que viven, a sus contactos y a su libertad de movimiento (*jus communicationis*).

⁹ En palabras del propio F. Vitoria, *quod naturalis ratio inter omnes gentes constituit, vocatur jus gentium*; en su *De Lege - Commentarium in Primam Secundae*, dejó claro que el propio Derecho Natural no se encuentra en la voluntad, sino en la *recta ratio*.

¹⁰ En los capítulos VI e VII de su *De Indis*, Vitoria aclara su concepto de *jus gentium* como un Derecho para todos (individuos y pueblo así como Estados), o sea, un derecho conformado, en su opinión, por el “consenso común de todos los pueblos y naciones”; *ibid.*, pp. 140 e 170.

compreensão da comunidade internacional, e enfraqueceu o próprio Direito Internacional, reduzindo-o a um direito estritamente inter-estatal, não mais *acima* mas *entre* Estados soberanos. As consequências desastrosas desta distorção são sobejamente conhecidas. A personificação do Estado todo-poderoso teve uma influência nefasta na evolução do Direito Internacional em fins do século XIX e nas primeiras décadas do século XX.

Esta corrente doutrinária resistiu com todas as forças ao ideal de *emancipação* do ser humano da tutela absoluta do Estado, e ao reconhecimento do indivíduo como sujeito do Direito Internacional. A ideia da soberania estatal absoluta (com que se identificou o positivismo jurídico, inelutavelmente subserviente ao poder, inclusive nos regimes autoritários, ditatoriais e totalitários), levou à irresponsabilidade e à pretensa onipotência do Estado, não impedindo as sucessivas atrocidades por este cometidas contra os seres humanos sob sua jurisdição. Tal soberania estatal absoluta mostrou-se com o passar do tempo inteiramente injustificável e descabida.

Desde a Escola Ibérica dos séculos XVI e XVII até aos nossos dias, a concepção jusnaturalista do Direito Internacional jamais se desvaneceu; superou todas as crises por que este passou, esteve sempre presente na doutrina jusinternacionalista mais lúcida, - do que dá testemunho constante o seu perene renascimento como reação da consciência humana contra as sucessivas atrocidades cometidas contra o ser humano. Tais atrocidades lamentavelmente contaram, em sucessivas ocasiões, com a subserviência e a covardia do positivismo jurídico.

Poder-se-ia argumentar que o mundo contemporâneo é inteiramente distinto do da época dos chamados fundadores do Direito Internacional, que propugnaram por uma *civitas maxima* regida pelo direito das gentes. Ainda que se trate de dois cenários mundiais diferentes (ninguém o negaria), não há como negar que a aspiração humana permanece a mesma, qual seja a da construção de um ordenamento internacional aplicável tanto aos Estados (e organizações internacionais) quanto aos indivíduos, consoante certos padrões universais de justiça. Estamos ante um “renascimento” contínuo do Direito Natural, ainda que este último jamais tenha desaparecido. Não mais se trata de um retorno ao direito natural clássico, mas sim de seu ressurgimento renovado, mediante a afirmação ou restauração de um padrão de justiça, pelo qual se avalia o direito positivo.

«voluntad propia», y reduciendo los derechos de los seres humanos a los que el Estado les «concedía» a éstos (positivismo voluntarista). Se dificultó con ello la comprensión misma de la comunidad internacional y se debilitó al propio Derecho Internacional, reduciéndolo a un derecho exclusivamente interestatal, que no rige *por encima de* sino *entre* los Estados soberanos. Las consecuencias desastrosas de semejante distorsión son sobradamente conocidas. La personificación del Estado todopoderoso tuvo una influencia nefasta en la evolución del Derecho Internacional a finales del siglo XIX y durante las primeras décadas del XX.

Esta corriente doctrinal se resistió con todas sus fuerzas al ideal de *emancipación* del ser humano de la tutela absoluta del Estado y al reconocimiento del individuo como sujeto del Derecho Internacional. La idea de la soberanía estatal absoluta con la que se identificó un positivismo jurídico inevitablemente supeditado al poder, inclusive en los regímenes autoritarios, dictatoriales y totalitarios, llevó a la no responsabilidad del Estado y a su pretendida omnipotencia, sin impedir las sucesivas atrocidades cometidas por éste contra seres humanos bajo su jurisdicción. Con el paso del tiempo tal soberanía estatal absoluta se ha revelado totalmente injustificable y descabellada.

Desde la Escuela Ibérica de los siglos XVI y XVII hasta nuestros días, la concepción jusnaturalista del Derecho Internacional no se ha desvanecido nunca; superó todas las crisis por las que ese Derecho pasó, estuvo siempre presente en la doctrina jusinternaciona- lista más lúcida, como atestigua su constante renacimiento a modo de reacción de la conciencia humana ante las sucesivas atrocidades cometidas contra el ser humano. Tales atrocidades lamentablemente contaron en repetidas ocasiones con la sumisión y la cobardía del positivismo jurídico.

Se podría argumentar que el mundo contemporáneo es completamente distinto del de aquella época en que los llamados fundadores del Derecho Internacional propugnaron una *civitas maxima* regida por el Derecho de Gentes, pero aunque se trate de dos escenarios mundiales diferentes, nadie lo negará, no es posible negar que se mantiene la misma aspiración humana a la construcción de un ordenamiento internacional, concordante con determinados patrones universales de justicia y aplicable tanto a los Estados y Organizaciones internacionales como a los individuos. Estamos ante un «renacimiento» continuo del Derecho Natural, aunque éste jamás haya desaparecido. No se trata tan sólo de un retorno al De-

V.
UNIVERSALIDADE DO JUS GENTIUM:
DIREITO E JUSTIÇA UNIVERSAIS

No seio da CIJ, no meu Voto Arrazoadado no Parecer de 22.07.2010 sobre a *Declaração de Independência de Kosovo*, evoquei o ideal da *civitas maxima gentium* cultivado nos escritos dos chamados “pais fundadores” do Direito Internacional (*supra*). Já então, na sua época, o *jus gentium* havia-se libertado das suas origens de direito privado (de direito romano) para aplicar-se universalmente a todos os seres humanos (par. 72). A partir daí, procedi à advertência de que “os Estados existem para os seres humanos e não vice-versa. O direito internacional contemporâneo já não é indiferente ao destino da população, o mais precioso elemento constitutivo da qualidade de Estado” (par. 238).

Efetivamente não se sustenta a inversão dos fins do Estado, a qual lamentavelmente levou “os Estados a considerarem-se depositários finais da liberdade humana, e a tratar os indivíduos como meios e não como fins em si mesmos, com todas as desastrosas consequências que daí derivaram. A expansão da personalidade jurídica internacional acarretou a expansão da responsabilidade internacional” (par. 238) nos nossos tempos. E, ao referir-me à “eterna saga do género humano na sua busca da emancipação da tirania e da opressão sistemática”, concluí que “os Estados que se transformaram em máquinas de opressão e destruição” deixaram de ser Estados aos olhos da sua população vitimada (par. 239). Abandonadas em meio à inobservância generalizada da lei, as suas vítimas buscaram refúgio e sobrevivência em outras partes, no *jus gentium*, no Direito das Gentes, e, em nossos tempos, no *Direito das Nações Unidas*.

Nos últimos anos, tanto na CtIADH como mais recentemente aqui na CIJ, tenho voltado minhas reflexões à complexa temática da responsabilidade internacional *dos Estados* em meio a circunstâncias *agravantes*, que se encontra em grande parte ainda aberta na doutrina jusinternacionalista contemporânea. Não obstante, creio poder dizer que a justiça internacional contemporânea tem logrado alguns avanços, embora ainda haja um longo caminho a percorrer. É o que indica a adjudicação internacional (impensável há alguns anos atrás) de casos de massacres pela CtIADH, na década passada, na qual tive o privilégio, ademais da enorme responsabilidade, de participar como magistrado. A este ciclo se somam casos congé-

recho Natural clásico, sino de su resurgimiento renovado, mediante la afirmación o restauración de un patrón de justicia con el que se evalúa el Derecho Positivo.

V.

UNIVERSALIDAD DEL *JUS GENTIUM*: DERECHO Y JUSTICIA UNIVERSALES

De nuevo en el ámbito de la CIJ, en mi Voto Razonado, en el Parecer de 22.07.2010 sobre la *Declaración de Independencia de Kosovo*, evocé el ideal de la *civitas maxima gentium* que se explica en los escritos de los llamados «padres fundadores» del derecho internacional (*supra*). Ya en su época el *jus gentium* se había liberado de la condición originaria de Derecho privado que tuvo en el derecho romano, para aplicarse universalmente a todos los seres humanos (parf. 72). A partir de ahí, hice la advertencia de que «los Estados existen para los seres humanos y no al contrario. El derecho internacional contemporáneo ya no es indiferente al destino de la población, el más valioso elemento constitutivo de la calidad de un Estado» (parf. 238).

En efecto, ya no se sostiene esa inversión de los fines del Estado que condujo lamentablemente a «los Estados a considerarse depositarios finales de la libertad humana y a tratar a los individuos como medios y no como fines en sí mismos, con todas las desastrosas consecuencias que de ello se derivaron. La expansión de la personalidad jurídica internacional acarrió la expansión de la responsabilidad internacional» (parf. 238) en nuestros tiempos. Y al referirme a la «eterna saga del género humano en su búsqueda de la emancipación de la tiranía y de la opresión sistemática», concluí que «los Estados que se transformaron en máquinas de opresión y destrucción» dejaron de ser Estados a los ojos de su población victimada (parf. 239). Abandonadas en medio de una conculcación generalizada de la ley, sus víctimas buscaron refugio y supervivencia en otras partes, en el *jus gentium*, en el Derecho de Gentes, y en nuestros días en el *Derecho de las Naciones Unidas*.

En los últimos años, tanto en la CtIADH como más recientemente aquí, en la CIJ, mis reflexiones han retomado, en medio de circunstancias *agravantes*, la compleja temática de la responsabilidad internacional *de los Estados* que, en gran medida, aún sigue abierta en la doctrina jusinternacionalista contemporánea. No obstante, creo

neres, inclusive, na atualidade, diante da CIJ. Este ciclo de casos põe-nos em contato com o que há de mais sombrio na natureza humana; tenho-me empenhado em adjudicá-los a partir do que visualizo como o advento do novo *jus gentium* dos nossos tempos, o direito internacional para a pessoa humana, e, em última análise, para a humanidade¹¹.

¹¹ Para minha própria concepção, cf. A.A. Cançado Trindade, *International Law for Humankind - Towards a New Jus Gentium*, 2a. ed. rev., The Hague, Nijhoff, 2013, pp. 1-726; A.A. Cançado Trindade, *Le Droit international pour la personne humaine*, Paris, Pédone, 2012, pp. 45-368.

VI. A TITULARIDADE INTERNACIONAL DE DIREITOS DA PESSOA HUMANA

No meu Voto Arrazoadado no caso da *Comunidade Indígena Sawhoyamaxa versus Paraguai* (Sentença da CtIADH de 29.03.2006), observei que transcorridos sete anos da Sentença paradigmática da CtIADH no caso dos *Meninos de Rua (Villagrán Morales e Outros versus Guatemala, mérito)*, Sentença de 19.11.1999),

OS ABANDONADOS E ESQUECIDOS DO MUNDO VOLTAM A
ALCANÇAR UM TRIBUNAL INTERNACIONAL DE DIREITOS
HUMANOS EM BUSCA DE JUSTIÇA, NOS CASOS DOS MEMBROS
DAS COMUNIDADES YAKYE AXA (SENTENÇA DE 17.06.2005)
E SAWHOYAMAXA (A PRESENTE SENTENÇA). NO CAS
D'ESPÈCE, OS ARRANCADOS FORÇOSAMENTE DE SEUS LARES
E TERRAS ANCESTRAIS, E SOCIALMENTE MARGINALIZADOS
E EXCLUÍDOS, EFETIVAMENTE ALCANÇARAM UMA
JURISDIÇÃO INTERNACIONAL, PERANTE A QUAL FINALMENTE
ENCONTRARAM A JUSTIÇA (PAR. 37).

Procedi, então, a recapitular, nas origens do direito das gentes, os ensinamentos dos mestres da Escola Ibérica, particularmente as célebres *Relecciones Teológicas* (1538-1539) de Francisco de Vitoria e os *Tratados Doctrinales* (1552-1553) de Bartolomé de las Casas (par. 62), com a sua fiel observância do *princípio da humanidade*. Recordei (par. 63) as palavras de F. Vitoria, que sustentava residir o fundamento último do Direito

NA DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA COMO SER RACIONAL.
O HOMEM SE CONSTITUI EM [...] SUJEITO CAPAZ DE DIREITOS
E DEVERES POR SUA RACIONALIDADE, JÁ QUE PELO USO DE
SUA FACULDADE RACIONAL E SUA CONSEQUENTE LIBERDADE

poder afirmar que la justicia internacional contemporánea, aunque tenga todavía un largo camino por recorrer, ha logrado algunos avances. Es lo que evidencia, en la pasada década, que la CtIADH haya examinado casos de masacres, algo impensable hace algunos años y en lo cual tuve el privilegio y la enorme responsabilidad de participar como magistrado. A tales casos se suman otros similares ante la CIJ, incluso en la actualidad. Semejante sucesión de casos nos pone en contacto con lo más sombrío de la naturaleza humana; por lo que me he empeñado en examinarlos a partir de lo que considero que es un nuevo *jus gentium* en nuestros días: un Derecho internacional para la persona humana y en última instancia para la humanidad¹¹.

VI. LA TITULARIDAD INTERNACIONAL DE DERECHOS DE LA PERSONA HUMANA

En mi Voto Razonado en el caso de la *Comunidad Indígena Sawhoyamaxa* contra Paraguay (Sentencia de la CtIADH de 29.03.2006), observé que transcurridos siete años desde la Sentencia paradigmática de la CtIADH en el caso de los «Niños de la calle» (Villagrán Morales e Outros versus Guatemala, mérito, Sentencia de 19.11.1999),

LOS ABANDONADOS Y OLVIDADOS DEL MUNDO VUELVEN A LLEGAR A UN TRIBUNAL INTERNACIONAL DE DERECHOS HUMANOS EN BUSCA DE JUSTICIA, EN LOS CASOS DE LOS MIEMBROS DE LAS COMUNIDADES YAKYE AXA (SENTENCIA DE 17.06.2005) E SAWHOYAMAXA (LA PRESENTE SENTENCIA). EN EL *CAS D'ESPÈCE*, LOS ARRANCADOS FORZADAMENTE DE SUS HOGARES Y TIERRAS ANCESTRALES, MARGINADOS SOCIALMENTE Y EXCLUIDOS, TUVIERON A SU ALCANCE DE MODO EFECTIVO UNA JURISDICCIÓN INTERNACIONAL, ANTE LA CUAL FINALMENTE ENCONTRARON JUSTICIA (PARF. 37).

Procedí, por tanto, a recapitular, en los orígenes del Derecho de Gentes, las enseñanzas de los maestros de la Escuela Ibérica, particularmente las célebres *Relecciones Teológicas* (1538-1539) de Francisco de Vitoria y los *Tratados Doctrinales* (1552-1553) de Bartolomé de las Casas (parf. 62), con su fiel observancia del *principio de*

¹¹ Para ampliar este planteamiento propio cf. A.A. Cançado Trindade, *International Law for Humankind - Towards a New Jus Gentium*, 2a. ed. rev., The Hague, Nijhoff, 2013, pp. 1-726; A.A. Cançado Trindade, *Le Droit international pour la personne humaine*, Paris, Pédone, 2012, pp. 45-368.





TEM DOMÍNIO DE SEUS PRÓPRIOS ATOS E É TAMBÉM DONO DE ELEGER LIVREMENTE SEUS DESTINOS [...]. A FACULDADE RACIONAL É, POIS, A RAIZ E FUNDAMENTO FORMAL QUE OUTORGA AO HOMEM O SER CAPAZ DE DOMÍNIO E DE DIREITOS.¹²

¹² Cit. in *Obras de Francisco de Vitoria - Relecciones Teológicas* (ed. T. Urdanoz), Madrid, BAC, 1960, p. 521, e cf. p. 552.

Por sua vez, Bartolomé de las Casas denunciou, em seus *Tratados Doctrinales* do mesmo século XVI, a “crueldade e desumanidade” das conquistas no “Novo Mundo” (par. 65), transgredindo assim o direito natural e o das gentes (par. 66). Em seu entender, cada agente do poder público deveria possibilitar a cada criatura racional “alcançar o seu fim” (sobretudo o espiritual). Em sua *Brevísima Relación de la Destrucción de las Indias* (1552), ao expressar a sua indignação ante as destruições das populações, matanças, servidão e outras crueldades perpetradas contra os indígenas, B. de Las Casas também invocou expressamente a *recta ratio* e o direito natural (par. 66). Os discursos penetrantes de F. Vitoria e B. de las Casas no século XVI continuam a ressoar na consciência humana e a revestir-se de triste atualidade: na presente era dos tribunais internacionais, a existência de uma jurisdição internacional dos direitos humanos (como a da CtIADH) tem-se com efeito transformado na última esperança dos marginalizados e esquecidos nas jurisdições nacionais (par. 67).

72

Na adjudicação do caso da *Comunidade Moiwana versus Suriname* (mérito, Sentença da CtIADH de 15.06.2005) pude concentrar-me na titularidade internacional dos direitos da pessoa humana. Tratava-se do massacre, perpetrado pelo exército, em 1986, da grande maioria dos membros da Comunidade Moiwana (excetuados os poucos sobreviventes que escaparam, adentrando-se pela floresta amazónica). Em meu Voto Arrazoadado, recordei que:

MAIS DE DOIS SÉCULOS ANTES DE TER O SURINAME ALCANÇADO A CONDIÇÃO DE ESTADO, SEUS POVOS MAROON CELEBRARAM ACORDOS DE PAZ COM AS AUTORIDADES COLONIAIS, SUBSEQUENTEMENTE RENOVADOS, E OBTIVERAM ASSIM SUA LIBERTAÇÃO DA ESCRAVIDÃO. E OS MAROONS, - OS N´DJUKA EM PARTICULAR, - CONSIDERAVAM ESTES TRATADOS COMO AINDA VÁLIDOS E AUTÊNTICOS NAS RELAÇÕES COM O ESTADO SUCESSOR, O SURINAME. ISTO SIGNIFICA QUE AQUELES POVOS EXERCERAM SEUS ATRIBUTOS DE PESSOAS JURÍDICAS NO DIREITO INTERNACIONAL, BEM ANTES DE O

humanidad. Recordé (parf. 63) las palabras donde F. Vitoria, ponía el fundamento último del Derecho:

EN LA DIGNIDAD DE LA PERSONA HUMANA COMO SER RACIONAL. EL HOMBRE SE CONSTITUYE EN [...] SUJETO CAPAZ DE DERECHOS Y DEBERES POR SU RACIONALIDAD, YA QUE POR EL USO DE SU FACULTAD RACIONAL Y SU CONSIGUIENTE LIBERTAD TIENE DOMINIO DE SUS PROPIOS ACTOS Y ES TAMBIÉN DUEÑO DE ELEGIR LIBREMENTE SUS DESTINOS [...]. LA FACULTAD RACIONAL ES, PUES, LA RAÍZ Y EL FUNDAMENTO FORMAL QUE OTORGA AL HOMBRE EL SER CAPAZ DE DOMINIO Y DE DERECHOS¹².

¹² Cit. in *Obras de Francisco de Vitoria - Relecciones Teológicas* (ed. T. Urdanoz), Madrid, BAC, 1960, p. 521, e cf. p. 552.

Por su parte, Bartolomé de las Casas, también en el siglo XVI denunció en sus *Tratados Doctrinales*, la «crueldad e inhumanidad» de las conquistas en el «Nuevo Mundo» (parf. 65), con las que se conculcaba el derecho natural de las naciones (parf. 66). A su entender, cada agente del poder público debería posibilitar a la criatura racional «alcanzar su propio fin» (sobretudo el espiritual). *En su Brevíssima Relación de la Destrucción de las Indias* (1552), al expresar su indignación ante las destrucción de poblaciones, matanzas, reducción a servidumbre y otras crueldades perpetradas contra los indígenas, B. de Las Casas invocó también de modo expreso la *recta ratio* y el Derecho Natural (parf. 66). Los impactantes discursos de F. Vitoria y B. de las Casas en el siglo XVI continúan resonando en la conciencia humana revestidos de triste actualidad: en esta época de tribunales internacionales, la existencia de una jurisdicción internacional sobre los derechos humanos (como la de la CtIADH) se transforma de hecho en la última esperanza de los marginados y olvidados por las jurisdicciones nacionales (parf. 67).

En la vista del caso de la Comunidad Moiwana contra Surinam (mérito, Sentencia da CtIADH de 15.06.2005) me pude centrar en la titularidad internacional de los derechos de la persona humana. Se refería el caso a una masacre perpetrada por el ejército en 1986, contra la mayor parte de los miembros de la Comunidad Moiwana, de la que escaparon unos pocos supervivientes adentrándose en la selva amazónica. En mi Voto razonado, recordé que:

MÁS DE DOS SIGLOS ANTES DE HABER ALCANZADO SURINAM SU CONDICIÓN DE ESTADO, SUS PUEBLOS MAROON CELEBRARON ACUERDOS DE PAZ CON LAS AUTORIDADES COLONIALES, SUCESIVAMENTE RENOVADOS, LIBRÁNDOSE ASÍ DE LA

TERRITÓRIO EM QUE VIVIAM TER ALCANÇADO A CONDIÇÃO DE ESTADO. ISTO REFORÇA A TESE QUE SEMPRE SUSTENTEI, NO SENTIDO DE QUE OS ESTADOS NÃO SÃO, E JAMAIS FORAM, OS SUJEITOS ÚNICOS E EXCLUSIVOS DO DIREITO INTERNACIONAL.

ESTE ENFOQUE PURAMENTE INTER-ESTATAL FOI FORJADO PELO POSITIVISMO, A PARTIR DO REDUCIONISMO VATTELIANO EM MEADOS DO SÉCULO XVIII¹³, E TORNOU-SE *EN VOGUE* AO FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX, COM AS BEM CONHECIDAS CONSEQUÊNCIAS DESASTROSAS - AS SUCESSIVAS ATROCIDADES PERPETRADAS EM DISTINTAS REGIÕES DO MUNDO CONTRA OS SERES HUMANOS INDIVIDUALMENTE E COLETIVAMENTE - QUE MARCARAM A HISTÓRIA TRÁGICA E HORRENDA DO SÉCULO XX. NO ENTANTO, DESDE SUAS ORIGENS HISTÓRICAS NO SÉCULO XVI, O DIREITO DAS GENTES (DROIT DES GENS) ABARCAVA NÃO SÓ OS ESTADOS, MAS TAMBÉM OS POVOS, E A PESSOA HUMANA, INDIVIDUALMENTE E EM GRUPOS, E A HUMANIDADE COMO UM TODO (PARS. 6-7).

74

Recordei, ademais, o legado da Escola Ibérica, a partir da aula em Salamanca, *De Indis - Relectio Prior* (1538-1539), capítulos VI-VII, em que Francisco de Vitoria avançou seu entendimento no sentido de um *jus gentium* como um direito para todos, - indivíduos e povos assim como Estados, “toda fração da humanidade”. E resaltei a importância de “resgatar este enfoque universalista, no processo corrente de *humanização* do direito internacional e de construção do novo *jus gentium* do século XXI” (par. 8). O presente caso da *Comunidade Moirwana*, - prossegui, - proporcionava a ocasião para seguir avançando, ainda mais, a “visão universalista do direito das gentes”¹⁴ (par. 9). E acrescentei:

OS SERES HUMANOS, INDIVIDUALMENTE E COLETIVAMENTE, EMERGIRAM COMO SUJEITOS DO DIREITO INTERNACIONAL. OS DIREITOS PROTEGIDOS REVELAM UMA DIMENSÃO TANTO INDIVIDUAL COMO COLETIVA OU SOCIAL, MAS SÃO OS SERES HUMANOS, MEMBROS DE TAIS MINORIAS OU COLETIVIDADES, QUE, EM ÚLTIMA ANÁLISE, SÃO TITULARES DAQUELES DIREITOS. ESTA VISÃO FOI ADOTADA PELA CORTE INTERAMERICANA DE DIREITOS HUMANOS NA DECISÃO SEM PRECEDENTES (O PRIMEIRO PRONUNCIAMENTO DO GÊNERO DE UM TRIBUNAL INTERNACIONAL) NO CASO DA COMUNIDADE MAYAGNA (SUMO)

¹³ Encontrado na obra de E. de Vattel, *Le Droit des gens ou Principes de la loi naturelle appliquée à la conduite et aux affaires des nations et des souverains* (1758).

¹⁴ Propugnada, e.g., por Francisco de Vitoria (*Relecciones Teológicas* (1538-1539) e Francisco Suárez (*De Legibus ac Deo Legislatore*, 1612), - que exerceram influência sobre a obra do próprio H. Grotius, - em seu enfoque essencialmente universalista, como já havia eu ressaltado no meu anterior Voto Concordante no Parecer Consultivo n. 18 da CIADH sobre a *Condição Jurídica e Direitos dos Migrantes Indocumentados* (2003, pars. 4-12) (par. 62).

ESCLAVITUD. Y LOS MAROONS, EN PARTICULAR LOS N'DJUKA, CONSIDERABAN ESTOS TRATADOS TODAVÍA VÁLIDOS Y VIGENTES EN LAS RELACIONES CON EL ESTADO SUCESOR, SURINAM. ESTO SIGNIFICA QUE AQUELLOS PUEBLOS EJERCÍAN SUS ATRIBUCIONES COMO PERSONAS JURÍDICAS EN EL DERECHO INTERNACIONAL, INCLUSO ANTES DE QUE EL TERRITORIO EN QUE VIVÍAN TUVIERA LA CONDICIÓN DE ESTADO. ESTO REFUERZA LA TESIS QUE SIEMPRE SUSTENTÉ A CERCA DE QUE LOS ESTADOS NO SON Y JAMÁS FUERON, LOS SUJETOS ÚNICOS Y EXCLUSIVOS DEL DERECHO INTERNACIONAL.

ESTE ENFOQUE EXCLUSIVAMENTE INTERESTATAL FUE FORJADO POR EL POSITIVISMO, A PARTIR DEL REDUCCIONISMO VATTELIANO A MEDIADOS DEL SIGLO XVIII¹³ GENERALIZÁNDOSE A FINALES DEL SIGLO XIX Y COMIENZOS DEL XX, CON LAS BIEN CONOCIDAS CONSECUENCIAS DESASTROSAS (LAS SUCESIVAS ATROCIDADES PERPETRADAS EN DISTINTAS REGIONES DEL MUNDO CONTRA LOS SERES HUMANOS INDIVIDUAL Y COLECTIVAMENTE) QUE MARCARON LA TRÁGICA Y HORRENDA HISTORIA DEL SIGLO XX. EN CAMBIO, DESDE SUS ORÍGENES HISTÓRICOS EN EL SIGLO XVI, EL DERECHO DE GENTES (*DROIT DES GENS*) ABARCABA NO SÓLO A LOS ESTADOS, SINO TAMBIÉN A LOS PUEBLOS, A LA PERSONA HUMANA INDIVIDUAL Y EN GRUPOS Y A LA HUMANIDAD EN SU CONJUNTO (PARFS. 6-7).

Recordé, además, el legado de la Escuela Ibérica que, surgido del aula salmanticense, encontramos en *De Indis - Relectio Prior* (1538-1539), capítulos VI-VII, en donde Francisco de Vitoria expuso por primera vez su doctrina del *jus gentium* como un Derecho para todos, individuos y pueblos así como Estados, «toda fracción de la humanidad». Y resalté la importancia de «rescatar este enfoque universalista, en el proceso actual de humanización del Derecho Internacional y de construcción de un nuevo *jus gentium* para el siglo XXI» (parf. 8). En el caso presente de la Comunidad Moiwana, –proseguí–, se nos brinda una ocasión para seguir avanzando, todavía más, en la «visión universalista del Derecho de Gentes»¹⁴ (parf. 9). Y añadí:

LOS SERES HUMANOS, INDIVIDUAL Y COLECTIVAMENTE,
APARECIERON COMO SUJETOS DEL DERECHO INTERNACIONAL.
LOS DERECHOS PROTEGIDOS TIENEN UNA DIMENSIÓN
TANTO INDIVIDUAL COMO COLECTIVA O SOCIAL, PERO SON
LOS SERES HUMANOS, MIEMBROS DE TALES MINORÍAS O

¹³ Encontrado en la obra de E. de Vattel, *Le Droit des gens ou Principes de la loi naturelle appliquée à la conduite et aux affaires des nations et des souverains* (1758).

¹⁴ Sostenida, p.e., por Francisco de Vitoria (*Relecciones Teológicas, 1538-39*) y Francisco Suárez (*De Legibus ac Deo Legislatore, 1612*), que influyeron en la obra del propio H. Grotius, en su enfoque esencialmente universalista, como ya destaqué en mi anterior Voto Concordante en el Parecer Consultivo n. 18 de la CIADH sobre la Condición Jurídica y Derechos de los Migrantes Indocumentados (2003, parfs. 4-12) (parfs. 62).

AWAS TINGNI *VERSUS* NICARÁGUA (2001), QUE SALVAGUARDOU O DIREITO À PROPRIEDADE COMUNAL DE SUAS TERRAS (SOB O ARTIGO 21 DA CONVENÇÃO AMERICANA SOBRE DIREITOS HUMANOS) DOS MEMBROS DE TODA UMA COMUNIDADE INDÍGENA (PAR. 10).

No meu Voto Arrazoadado no mencionado caso da *Comunidade Moiwana*, abordei ainda a projeção do sofrimento humano no tempo (pars. 24 e 29-33), tal como o fiz igualmente nos meus Votos Arrazoados no caso dos *Meninos de Rua (Villagrán Morales e Outros versus Guatemala)*, reparações, Sentença de 26.05.2201) e no caso *Bámaca Velásquez versus Guatemala* (reparações, Sentença de 22.02.2002). Mais recentemente, em meu Voto Arrazoadado no caso *Servellón García e Outros versus Honduras* (Sentença de 21.09.2006), retomei este ponto, face à tragédia contemporânea dos atentados contra os direitos humanos em contexto de descomposição do tecido social, e alertei:

A VIOLÊNCIA GRATUITA E DESNECESSÁRIA POR PARTE DE ÓRGÃOS E AGENTES DO PODER ESTATAL, SOBRETUDO CONTRA OS SEGMENTOS MAIS VULNERÁVEIS DA POPULAÇÃO, E A EXCLUSÃO E PUNIÇÃO, ASSIM COMO O CONFINAMENTO, DOS ‘INDESEJÁVEIS’ COMO ‘RESPOSTAS’ ESTATAIS A UM ‘PROBLEMA SOCIAL’, TEM SIDO UMA CONSTANTE NA HISTÓRIA DO ESTADO MODERNO. NÃO TEM OCORRIDO SÓ NOS PAÍSES DA AMÉRICA LATINA, MAS TAMBÉM DA EUROPA E DE TODO O MUNDO. (...) O ASSASSINATO DE CRIANÇAS NAS RUAS DO MUNDO É, ADEMAIS DE UMA VIOLAÇÃO GRAVE DOS DIREITOS HUMANOS, UMA MANIFESTAÇÃO DA LOUCURA DOS ‘CIVILIZADOS’, A MAIS ENFÁTICA E ASSUSTADORA NEGAÇÃO DA RAZÃO (PAR. 24).

O caso *Servellón García e Outros*, - acrescentei, - era “um dos muitos casos congêneres que ocorrem diariamente em toda a América Latina e em todo o mundo. O Estado cria os ‘indesejáveis’, ao deixar de cumprir as funções sociais para as quais foi historicamente criado, e depois os marginaliza, exclui, confina, ou mata (ou deixa que os matem)” (par. 26). Ao menos, no presente caso, - concluí, - os esquecidos do mundo tiveram sua causa alçada ao conhecimento de um tribunal internacional de direitos humanos, a CtIADH, e

COLECTIVIDADES, QUIENES, EN ÚLTIMA INSTANCIA, SON LOS TITULARES E AQUELLOS DERECHOS. ESTE PUNTO DE VISTA FUE ADOPTADO POR LA CORTE INTERAMERICANA DE DERECHOS HUMANOS CON UNA DECISIÓN SIN PRECEDENTES (EL PRIMER PRONUNCIAMIENTO DE ESTE GÉNERO POR PARTE DE UN TRIBUNAL INTERNACIONAL) EN EL CASO DE LA COMUNIDAD MAYAGNA (SUMO) AWAS TINGNI CONTRA NICARAGUA (2001), POR EL QUE, ACOGIÉNDOSE AL ARTÍCULO 21 DE LA CONVENCIÓN AMERICANA SOBRE DERECHOS HUMANOS, SE SALVAGUARDÓ EL DERECHO DE LOS MIEMBROS DE TODA UNA COMUNIDAD INDÍGENA A LA PROPIEDAD COMUNAL DE SUS TIERRAS (PARF. 10).

En mi Voto Razonado en el caso mencionado de la *Comunidad Moiwana*, abordé además la prolongación en el tiempo del sufrimiento humano (pars. 24 e 29-33), tal como hice también en mis Votos Razonados en el caso de los «Niños de la calle» (*Villagrán Morales y Otros contra Guatemala*, reparaciones, Sentencia de 26.05.2201) y en el caso *Bámaca Velásquez contra Guatemala* (reparaciones, Sentencia de 22.02.2002). Más recientemente, en mi Voto Razonado en el caso *Servellón García y Otros contra Honduras* (Sentencia de 21.09.2006), retomé este punto, ante la tragedia contemporánea que suponen los atentados contra los derechos humanos en medio de la descomposición del tejido social, y alerté:

LA VIOLENCIA GRATUITA E INNECESARIA POR PARTE DE ORGANISMOS Y AGENTES DEL PODER ESTATAL, SOBRETUDO CONTRA LOS SEGMENTOS MÁS VULNERABLES DE LA POBLACIÓN, ASÍ COMO LA EXCLUSIÓN EL CASTIGO Y EL CONFINAMIENTO DE LOS «INDESEABLES» A MODO DE «RESPUESTAS» ESTATALES A UN «PROBLEMA SOCIAL», HA SIDO UNA CONSTANTE EN LA HISTORIA DEL ESTADO MODERNO. NO SÓLO SE HA PRODUCIDO EN NUESTROS PAÍSES DE AMÉRICA LATINA, SINO TAMBIÉN DE EUROPA Y DEL RESTO DEL MUNDO. (...) EL ASESINATO DE NIÑOS EN LAS CALLES DEL MUNDO CONSTITUYE, ADEMÁS DE UNA VIOLACIÓN GRAVE DE LOS DERECHOS HUMANOS, UNA MANIFESTACIÓN DE LA LOCURA DE LOS «CIVILIZADOS», LA MÁS EXPRESIVA Y TEMIBLE NEGACIÓN DE LA RAZÓN» (PARF. 24).

El caso *Servellón García e Outros*, abundé, era «uno de los muchos casos similares que se producen diariamente en toda América Latina

AS HUMILHAÇÕES E SOFRIMENTOS DE QUE PADECERAM FORAM JUDICIALMENTE RECONHECIDOS, COM SUAS CONSEQUÊNCIAS JURÍDICAS PARA OS RESPONSÁVEIS PELOS MESMOS. NA PRESENTE SENTENÇA, A CORTE ADVERTIU PARA A PERIGOSA ESTIGMATIZAÇÃO DE QUE CRIANÇAS E JOVENS POBRES ESTARIAM CONDICIONADOS À DELINQUÊNCIA, QUE CRIA UM 'CLIMA PROPÍCIO' PARA QUE AQUELES MENORES EM SITUAÇÃO DE RISCO SE ENCONTREM DIANTE DE UMA AMEAÇA LATENTE À SUA VIDA E INTEGRIDADE E LIBERDADE PESSOAIS (PAR. 113).

VII. A CENTRALIDADE DAS VÍTIMAS NO ORDENAMENTO JURÍDICO INTERNACIONAL

A partir desta ótica essencialmente humanista, um dos pontos que assinalo, em meus Votos recentes, que tenho emitido tanto aqui na CIJ como anteriormente na CtIADH, é o da *centralidade* das vítimas e das condições de vida da população no ordenamento jurídico internacional contemporâneo. No seio da CtIADH, fiz questão de ressaltar a centralidade das vítimas (ainda nas condições da mais completa vulnerabilidade), como sujeitos do Direito Internacional dos Direitos Humanos, e.g., em meu Voto Arrazoadado, entre outros, no mencionado caso da *Comunidade Indígena Sawhoyamaya versus Paraguai* (Sentença de 29.03.2006):

O PRESENTE CASO DA COMUNIDADE SAWHOYAMAXA REVELA A CENTRALIDADE, NÃO DA POSIÇÃO DO ESTADO QUE INVOCA CIRCUNSTÂNCIAS PRESUMIVELMENTE EXIMENTES DE SUA RESPONSABILIDADE, MAS SIM DAS VÍTIMAS, EM UMA SITUAÇÃO DE ALTA VULNERABILIDADE, E QUE, AINDA QUE SOBREVIVENDO EM CONDIÇÕES DE INDIGÊNCIA TOTAL, E VIRTUAL ABANDONO, NÃO OBSTANTE TÊM LOGRADO QUE SUA CAUSA FOSSE EXAMINADA POR UM TRIBUNAL INTERNACIONAL DE DIREITOS HUMANOS PARA A DETERMINAÇÃO DA RESPONSABILIDADE INTERNACIONAL DO ESTADO EM QUESTÃO. A CENTRALIDADE DAS VÍTIMAS, NAS CIRCUNSTÂNCIAS MAIS ADVERSAS, COMO SUJEITOS DO DIREITO INTERNACIONAL DOS DIREITOS HUMANOS, REALÇA SEU DIREITO AO DIREITO,

y en todo el mundo. Es el mismo Estado quien produce los “indeseables”, al incumplir las funciones sociales para las que fue históricamente creado, y después los margina, excluye, confina, mata o deja que los maten» (parf. 26). Al menos, en el presente caso, concluí, los olvidados del mundo vieron como su causa llegaba a conocimiento de un tribunal internacional de derechos humanos, la CtIADH, y

LAS HUMILLACIONES Y SUFRIMIENTOS QUE PADECIERON ERAN RECONOCIDOS JUDICIALMENTE, ASÍ COMO SUS CONSECUENCIAS JURÍDICAS PARA LOS RESPONSABLES DE LAS MISMAS. EN LA PRESENTE SENTENCIA, LA CORTE ADVIRTIÓ SOBRE LA PELIGROSA ESTIGMATIZACIÓN QUE SUPONE EL QUE NIÑOS Y JÓVENES POBRES ESTÉN CONDICIONADOS POR UNA DELINCUENCIA QUE CREA EL «CLIMA PROPICIO» PARA QUE LOS MENORES EN SITUACIÓN DE RIESGO VIVAN EN MEDIO DE UNA AMENAZA LATENTE A SU VIDA, INTEGRIDAD Y LIBERTAD PERSONAL (PARF. 113).

VII. LA CENTRALIDAD DE LAS VÍCTIMAS EN EL ORDENAMIENTO JURÍDICO INTERNACIONAL

79

Desde esta óptica esencialmente humanista, uno de los puntos que señalo en mis Votos recientes, emitidos tanto aquí en la CIJ como anteriormente en la CtIADH, es el de la *centralidad* de las víctimas y de las condiciones de vida de la población en el ordenamiento jurídico internacional contemporáneo. En el seno de la CtIADH, hice hincapié en resaltar la centralidad de las víctimas (que viven todavía en condiciones de la más completa vulnerabilidad), como sujetos del Derecho Internacional de los Derechos Humanos, por ejemplo, entre otros, en mi Voto Razonado en el mencionado caso de la *Comunidade Indígena Sawhoyamaya versus Paraguay* (Sentencia de 29.03.2006):

EL PRESENTE CASO DE LA COMUNIDADE SAWHOYAMAYA NO REVELA LA CENTRALIDAD DE LA POSICIÓN DEL ESTADO QUE INVOKA CIRCUNSTANCIAS PRESUMIBLEMENTE EXIMENTES DE SU RESPONSABILIDAD, SINO DE LAS VÍCTIMAS QUE, EN UNA SITUACIÓN DE ALTA VULNERABILIDAD E INCLUSO SOBREVIVIENDO EN CONDICIONES DE INDIGENCIA TOTAL Y VIRTUAL ABANDONO, HAN LOGRADO NO OBSTANTE QUE SU





SEU DIREITO À JUSTIÇA SOB A CONVENÇÃO AMERICANA [SOBRE DIREITOS HUMANOS], O QUAL ABARCA A PROTEÇÃO JUDICIAL (ARTIGO 25) CONJUNTAMENTE COM AS GARANTIAS JUDICIAIS (ARTIGO 8). TAL DIREITO ABARCA TODA A PROTEÇÃO JURISDICIONAL, ATÉ À FIEL EXECUÇÃO DA SENTENÇA INTERNACIONAL (O DIREITO DE ACESSO À JUSTIÇA INTERNACIONAL *LATO SENSU*), DEVIDAMENTE MOTIVADA, E FUNDAMENTADA NO DIREITO APLICÁVEL NO *CAS D'ESPÈCE*. O ARTIGO 25 DA CONVENÇÃO AMERICANA CONSTITUI EFETIVAMENTE UM PILAR DO ESTADO DE DIREITO EM UMA SOCIEDADE DEMOCRÁTICA, EM ESTREITA RELAÇÃO COM AS GARANTIAS DO DEVIDO PROCESSO LEGAL (ARTIGO 8), DANDO A DEVIDA EXPRESSÃO AOS PRINCÍPIOS GERAIS DO DIREITO UNIVERSALMENTE RECONHECIDOS, QUE PERTENCEM AO DOMÍNIO DO *JUS COGENS* INTERNACIONAL (PAR. 35).

Na última meia-década tenho retomado esta mesma linha de reflexão em outros casos recentes na Corte da Haia, a saber: a) em meu Voto Dissidente (par. 48) no caso *Bélgica versus Senegal* (no qual sustento a aplicação do princípio da jurisdição universal, com base na Convenção das Nações Unidas contra a Tortura); b) em meu extenso Voto Arrazoado no Parecer Consultivo sobre a *Declaração de Independência de Kosovo* (pars. 161-168); e c) em meu Voto Dissidente (pars. 1-214) no recente caso *Geórgia versus Federação Russa*, sobre os conflitos armados na Ossétia do Sul e em Abkhazia (no qual sustento a necessidade da interpretação da cláusula compromissória em questão, consoante o objeto e fim da Convenção das Nações Unidas sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial).

A *centralidade* das vítimas tem-se feito presente inclusive em casos de violação sistemática dos seus direitos fundamentais, em meio a circunstâncias particularmente *agravantes*, tal como ilustrado dramaticamente pela adjudicação, ao longo da década passada, do referido ciclo de casos de massacres. Nestes casos, as vítimas, circundadas da mais completa vulnerabilidade, por vezes inteiramente indefesas, lograram ter a sua causa alçada às instâncias internacionais, na busca da realização da justiça. No seio da CtIADH, a partir de 1998-1999, e na CIJ, a partir de 2009, tenho insistido, em sucessivos Votos (no exercício das funções tanto consultiva como

CAUSA SEA EXAMINADA POR UN TRIBUNAL INTERNACIONAL DE DERECHOS HUMANOS, A FIN DE DETERMINAR LA RESPONSABILIDAD INTERNACIONAL DEL ESTADO EN CUESTIÓN. LA CENTRALIDAD COMO SUJETOS DEL DERECHO INTERNACIONAL DE LOS DERECHOS HUMANOS, DE VÍCTIMAS QUE ESTÁN EN LAS MÁS ADVERSAS CIRCUNSTANCIAS, REFUERZA SU DERECHO AL DERECHO, SU DERECHO A LA JUSTICIA, EN VIRTUD DE LA CONVENCIÓN AMERICANA SOBRE DERECHOS HUMANOS, LO CUAL INCLUYE LA PROTECCIÓN JUDICIAL (ARTÍCULO 25) JUNTO CON LAS GARANTÍAS JUDICIALES (ARTÍCULO 8). TAL DERECHO SE EXTIENDE A LA TOTAL PROTECCIÓN JURISDICCIONAL, INCLUIDA LA EJECUCIÓN FIEL DE UNA SENTENCIA INTERNACIONAL (EL DERECHO DE ACCESO A LA JUSTICIA INTERNACIONAL *LATO SENSU*), DEBIDAMENTE MOTIVADA Y FUNDAMENTADA EN EL DERECHO APLICABLE AL CASO PARTICULAR (*CAS D'ESPÈCE*). EL ARTÍCULO 25 DE LA CONVENCIÓN AMERICANA CONSTITUYE EFECTIVAMENTE UN PILAR DEL ESTADO DE DERECHO PARA TODA SOCIEDAD DEMOCRÁTICA, POR SU ESTRECHA RELACIÓN CON LAS GARANTÍAS DEL CORRESPONDIENTE PROCESO LEGAL (ARTÍCULO 8) Y POR EXPRESAR DE MODO ADECUADO LOS PRINCIPIOS GENERALES DEL DERECHO UNIVERSALMENTE RECONOCIDOS, QUE PERTENECEN AL DOMINIO DEL *JUS COGENS* INTERNACIONAL (PAR. 35).

En los últimos cinco años he retomado esta misma línea de reflexión en varios casos recientes vistos por la Corte de La Haya, a saber: a) en mi Voto Disidente (parf. 48) en el caso de *Bélgica contra Senegal* (en el cual sostengo la aplicación del principio de jurisdicción universal, con base en la Convención de las Naciones Unidas contra la Tortura); b) en mi extenso Voto Razonado en el Parecer consultivo sobre la *Declaración de Independencia de Kosovo* (parfs. 161-168) y c) en mi Voto Disidente (parfs. 1-214) en el reciente caso *Georgia contra la Federación Rusa*, sobre los conflictos armados en Osetia del Sur y en Abjasia, en donde sostengo la necesidad de una interpretación de la cláusula compromisoria en cuestión, que concuerde con el objeto y el fin de la Convención de las Naciones Unidas sobre la Eliminación de todas las Formas de Discriminación Racial.

La centralidad de las víctimas ha estado presente incluso en los casos en donde la violación sistemática de sus derechos fundamentales se produjo en medio de circunstancias particularmente *aggravantes*, tal como queda dramáticamente reflejado en el examen, a lo largo de la década pasada, de los sucesivos casos de masacre. En tales

contenciosa, e em medidas provisórias de proteção) na relevância deste processo histórico da *humanização* do Direito Internacional.

VIII. CONCEPÇÃO HUMANISTA NA JURISPRUDÊNCIA INTERNACIONAL E SUA IRRADIAÇÃO

Em uma ampla dimensão, a concepção humanista do ordenamento jurídico internacional requer a promoção contínua da cultura dos direitos humanos no seio das sociedades nacionais, inclusive para superar as resistências e incompreensões nestas presentes e recorrentes, e buscar evitar os abusos do passado. Há, ademais, que buscar capacitar os círculos jurídicos nos mais diversos países, sobretudo face à pouca familiaridade com o Direito Internacional, demonstrada notoriamente por muitos Judiciários nacionais. Tenho sempre presentes as interações entre os ordenamentos jurídicos internacional e nacional no presente domínio de proteção da pessoa humana.

Não há que passar despercebido que, no recente caso *A.S. Diallo (Guiné versus R.D. Congo)*, Sentença de 30.11.2010, a CIJ, pela primeira vez em toda a sua história, estabeleceu violações de dois tratados de direitos humanos, o Pacto das Nações Unidas de Direitos Civis e Políticos, e a Carta Africana de Direitos Humanos e dos Povos, em decorrência das detenções arbitrárias de A.S. Diallo no Congo seguidas de sua expulsão do país. Tal como assinalo em meu Voto Arrazoadado (pars. 1-245) naquele caso, a Corte de Haia, movendo-se da dimensão *inter-estatal* à *intra-estatal*, igualmente pela primeira vez em toda a sua história, procedeu a um reconhecimento explícito da contribuição, à matéria em apreço, da jurisprudência de dois tribunais internacionais de direitos humanos, as Cortes Interamericana e Europeia de Direitos Humanos, além da prática da Comissão Africana de Direitos Humanos e dos Povos (precursora da recém-estabelecida Corte Africana de Direitos Humanos e dos Povos). Isto teria sido impensável há poucos anos atrás aqui na Corte de Haia.

No mesmo Voto Arrazoadado no caso *A.S. Diallo*, destaquei a relevância da nova posição assumida pela CIJ, e invoquei o princípio da humanidade (que a meu ver transcende o Direito Internacional Humanitário convencional e se estende ao próprio direito interna-

casos, víctimas en la más absoluta vulnerabilidad y en ocasiones completamente indefensas, lograron presentar su causa ante instancias internacionales en su empeño porque se hiciera justicia. En el seno de la CtIADH, a partir de 1998-1999, y en la CIJ, a partir de 2009, he insistido, con sucesivos Votos (tanto de carácter consultivo como contencioso, como a favor de medidas provisionales de protección) en la relevancia que tiene este proceso histórico de *humanización* del Derecho Internacional.

VIII. LA CONCEPCIÓN HUMANISTA EN LA JURISPRUDENCIA INTERNACIONAL Y SU DIFUSIÓN

En un sentido amplio, la concepción humanista del ordenamiento jurídico internacional requiere la promoción continua de la cultura de los derechos humanos dentro de las sociedades nacionales, incluso para superar resistencias y reiteradas incomprensiones presentes en ellas y procurar evitar los abusos del pasado. Además, hay que promover en los más diversos países la capacitación de los círculos jurídicos, sobretodo ante la escasa cercanía al Derecho Internacional notoriamente mostrada por muchos Poderes judiciales nacionales. Soy consciente de que los ordenamientos jurídicos internacional y nacional, interaccionan en este terreno de la proección de la persona humana.

No debe pasar desapercibido que, en el reciente fallo (*Guinea contra R.D. del Congo*, Sentencia de 30.11.2010), la CIJ, por primera vez en su historia, a propósito de las detenciones arbitrarias de A.S. Diallo en el Congo seguidas de su expulsión del país, reconoció violaciones de dos tratados de derechos humanos: el Pacto de las Naciones Unidas sobre Derechos Civiles y Políticos, y la Carta Africana de Derechos Humanos y de los Pueblos. Tal como señalé en mi Voto Razonado (parfs. 1-245) en aquel caso, la Corte de La Haya, cambiando el punto de vista *inter-estatal* por el *intra-estatal* e igualmente por vez primera en su historia, procedió a un reconocimiento explícito de la contribución, en esta materia, de la jurisprudencia de dos tribunales internacionales de derechos humanos, las Cortes Interamericana y Europea de Derechos Humanos, y también de lo practicado por la Comisión Africana de Derechos Humanos y de los Pueblos, (precursora de la recientemente establecida Corte Africana de Derechos Humanos y de los Pueblos), recientemente creada. Hace apenas pocos años atrás, esto hubiera sido impensable aquí, en la Corte de La Haya.

cional geral) assim como o princípio *pro persona humana*, no âmbito da jurisprudência - agora realmente em evolução - da CIJ, no combate à arbitrariedade. Ademais, endosseï as conclusões da CIJ e sua determinação adicional da violação do direito individual à informação sobre assistência consular (artigo 36(1)(b) da Convenção de Viena sobre Relações Consulares), mas o fiz com base no enfoque pioneiro e inovador avançado pela CtIADH no seu Parecer Consultivo n. 16 sobre o *Direito à Informação sobre Assistência Consular no Âmbito das Garantias do Devido Processo Legal* (1999), testemunhando o processo histórico em curso da humanização do direito consular em particular, e do Direito Internacional em geral.

Não há como fazer abstração dos seres humanos, destinatários últimos das normas do direito das gentes, titulares de direitos emanados diretamente do Direito Internacional. São efetivamente sujeitos do direito internacional, dotados de personalidade jurídica internacional, como hoje o reconhece inequivocamente a própria CIJ. Não há como eludir a posição dos indivíduos como sujeitos do Direito Internacional, nem sequer no contencioso inter-estatal clássico, próprio da Corte da Haia. Este desenvolvimento, ademais de alentador na busca *da realização da justiça* nos planos, a um tempo, nacional e internacional, parece-me, ademais, irreversível, dado o despertar da consciência humana para sua necessidade.

IX. RELAÇÃO DA PRESENTE TEMÁTICA COM O DIREITO INTERNACIONAL DOS DIREITOS HUMANOS

O “renascimento” contínuo do direito natural reforça a universalidade dos direitos humanos, porquanto inerentes a todos os seres humanos, - em contraposição às normas positivas, que carecem de universalidade, por variarem de um meio social a outro; daí se despreende a importância da personalidade jurídica do titular de direitos, inclusive como limite às manifestações arbitrárias do poder estatal. O legado humanista da Escola Ibérica da Paz, fundamentado nos direitos inerentes à pessoa humana, encontra-se subjacente à reconstrução do Direito Internacional, a partir do segundo meado do século XX, mediante o reconhecimento da importância dos seus princípios fundamentais, afigurando-se, ademais, como precursor da emergência e considerável evolução, nas últimas seis décadas e meia, do Direito Internacional dos Direitos Humanos.

En el mismo Voto Razonado en el caso *A.S. Diallo*, destacué la relevancia de la nueva posición asumida por la CIJ, e invoqué el principio de humanidad, que a mi entender trasciende el Derecho Internacional Humanitario convencional y se extiende al propio Derecho Internacional general, así como el principio *pro persona humana*, ya en el ámbito de la jurisprudencia, ahora ciertamente en evolución, de la CIJ y su lucha contra la arbitrariedad. Además, introduje las conclusiones de la CIJ y su disposición adicional sobre violación del derecho individual a la información en la asistencia consular (artículo 36(1)(b) de la Convención de Viena sobre Relaciones Consulares), pero lo hice en base al enfoque pionero e innovador adoptado por la CtIADH en su Parecer Consultivo n. 16 de la Convención de Viena relativo al *Derecho a la Información sobre Asistencia Consular, en el Ámbito de las Garantías del correcto Proceso Legal* (1999), donde se constata el proceso histórico de *humanización* del Derecho en curso, del Consular en particular y del Internacional en general.

No hay modo de hacer abstracción de los seres humanos, destinatarios últimos de las normas del Derecho de Gentes, titulares de derechos emanados directamente del Derecho Internacional. Son efectivamente sujetos de Derecho Internacional, dotados de personalidad jurídica internacional, tal como hoy reconoce inequívocamente la propia CIJ. No hay manera de eludir la posición de los individuos como sujetos del Derecho Internacional, ni siquiera en el contencioso interestatal clásico del que se ocupa la Corte de La Haya. Este desarrollo jurídico, además de alentador en la búsqueda de la *realización de la justicia*, a la vez en los planos nacional e internacional, estimo que es también irreversible, dado el despertar de la conciencia humana ante su necesidad.

IX. RELACIÓN DE ESTE TEMA CON EL DERECHO INTERNACIONAL DE LOS DERECHOS HUMANOS

El «renacimiento» continuo del Derecho Natural refuerza la universalidad de los derechos humanos, por cuanto éstos son inherentes a todos los seres humanos, en contraposición a las normas positivas que carecen de universalidad al ser distintas las de un medio social a las de otro; de ahí se desprende la importancia de la personalidad jurídica del titular de derechos, inclusive como medio para poner límite a las manifestaciones arbitrarias del poder estatal. El legado

O “eterno retorno” do jusnaturalismo vem contribuindo em muito para a afirmação e consolidação do primado, na ordem dos valores, das obrigações estatais em matéria de direitos humanos, *vis-à-vis* os seres humanos sob as jurisdições respectivas de cada Estado, assim como em relação à comunidade internacional como um todo. Esta última, testemunhando a moralização do próprio direito, assume a vindicação dos interesses comuns superiores. Resgatar, nesta segunda década do século XXI, o legado do *jus gentium* em evolução, - como me venho propondo fazer desde há vários anos¹⁵, - equivale a sustentar a concepção universalista do Direito Internacional, voltada ao mundo em que vivemos. É esta uma tarefa que me parece crucial nos nossos dias, num mundo dilacerado por conflitos e disparidades, de modo a tornar o Direito Internacional capaz de responder às necessidades e aspirações da humanidade na atualidade.

No meu Voto Concordante no histórico Parecer n. 18 (de 17.09.2003) da CtIADH, sobre a *Condição Jurídica e Direitos dos Migrantes Indocumentados*, destaquei a importância crescente da prevalência de determinados direitos, como o direito de acesso à justiça (no sentido *lato sensu* de direito à realização da justiça), o direito à vida privada e familiar (compreendendo a unidade familiar), o direito a não ser submetido a tratamentos cruéis, desumanos e degradantes, de modo a transcender a dimensão puramente estatal ou inter-estatal (a meu ver insatisfatória, e eivada de uma ideologia insustentável). O grande problema apresentado à CtIADH, objeto de seu paradigmático Parecer n. 18 de 2003, veio uma vez mais ilustrar a atualidade e a continuada necessidade do pensamento visionário dos mestres da Escola Ibérica da Paz, inclusive para encontrar soluções para dificuldades que afligem o quotidiano de milhões de seres humanos em nossos dias.

No capítulo dos *sujeitos* do Direito Internacional, a par dos Estados e organizações internacionais, figuram hoje também os indivíduos, a pessoa humana. Ora, se o Direito Internacional contemporâneo reconhece direitos aos indivíduos e grupos de particulares, - como o ilustram os múltiplos instrumentos internacionais de direitos humanos de nossos dias, - não há como negar-lhes *personalidade* jurídica internacional, sem a qual não poderia dar-se aquele reconhecimento. O próprio Direito Internacional, ao proclamar direitos inerentes a todo ser humano, - por definição *anteriores e superiores ao Estado*, - desautoriza o arcaico dogma positivista que pretendia autoritariamente reduzir tais direitos aos “concedidos” pelo Estado.

¹⁵ Cf., e.g., A.A. Cançado Trindade, *O Direito Internacional em um Mundo em Transformação*, Rio de Janeiro, Edit. Renovar, 2002, pp. 1040-1109.

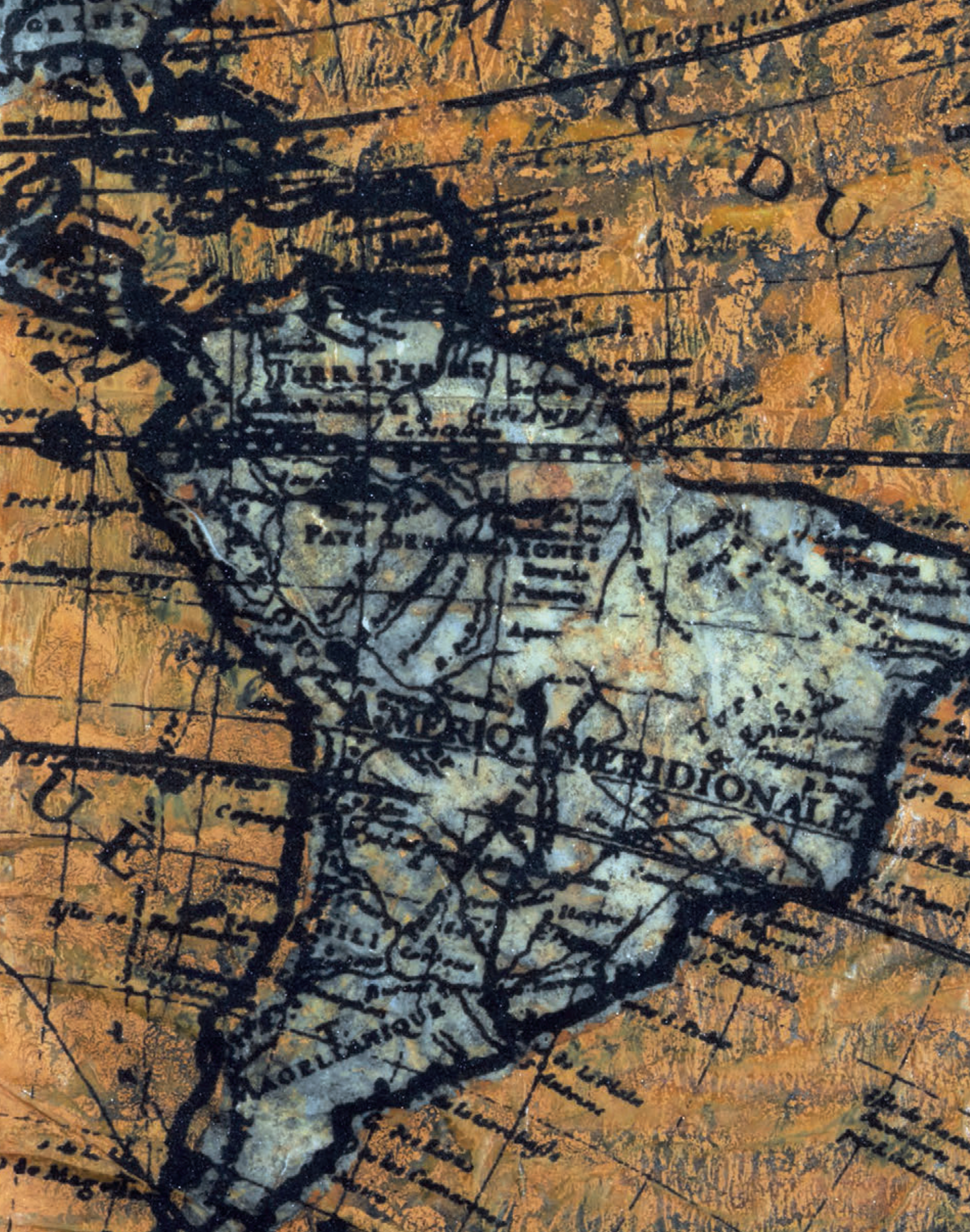
humanista de la Escuela Ibérica de la Paz, fundamentado en los derechos inherentes a la persona humana, subyace en la reconstrucción del Derecho internacional a partir de la segunda mitad del siglo XX, al ser reconocida la importancia de sus principios fundamentales y ser visto, además, como precursor del surgimiento e importante desarrollo que ha tenido en las últimas seis décadas y media el Derecho Internacional de los Derechos Humanos.

El «eterno retorno» del jusnaturalismo viene contribuyendo en mucho a la afirmación y consolidación del primado, en el orden de los valores, de las obligaciones estatales en materia de derechos humanos, equiparando (*vis-à-vis*) a los seres humanos en las respectivas jurisdicciones de cada Estado, así como en relación a la comunidad internacional como un todo. Esta última asume la vindicación de los intereses comunes superiores, evidenciando así la moralización del propio Derecho. Rescatar en esta segunda década del siglo XXI el legado de un *jus gentium* en evolución, tal como vengo proponiéndome desde hace varios años¹⁵, equivale a sustentar una concepción universalista del Derecho Internacional adecuada al mundo en que vivimos. Es ésta una tarea que me parece crucial en nuestros días, en un mundo desgarrado por conflictos y desencuentros, de manera que el Derecho Internacional vuelva a ser capaz de responder en la actualidad a las necesidades y aspiraciones de la humanidad.

En mi Voto Concordante en el ya histórico Parecer n.º. 18 (de 17.09.2003) de la CtIADH, sobre la *Condición Jurídica y Derechos de los Migrantes Indocumentados*, destacué la importancia creciente que tiene la prevalencia de determinados derechos, como el de acceso a la justicia (en el sentido *lato sensu* de derecho a la realización de la justicia), el derecho a la vida privada y familiar (incluyendo en ello a la unidad familiar), el derecho a no ser sometido a tratamientos crueles, inhumanos y degradantes, de modo que se trasciende la dimensión exclusivamente estatal o inter-estatal (a mi modo de ver insatisfactoria y transida de una ideología insostenible). El grave problema presentado ante la CtIADH, objeto de su paradigmático Parecer n. 18 de 2003, vino a ilustrar una vez más la actualidad y la continua necesidad del pensamiento visionario de los maestros de la Escuela Ibérica de la Paz, incluso para encontrar soluciones a las dificultades que afligen la vida cotidiana de millones de seres humanos en nuestros días.

En el capítulo de los *sujetos* del Derecho Internacional, a la par que los Estados y organizaciones internacionales, figuran hoy también los individuos, la persona. Ahora bien, si el Derecho Interna-

¹⁵ Cf., e.g., A.A. Cançado Trindade, *O Direito Internacional em um Mundo em Transformação*, Rio de Janeiro, Edit. Renovar, 2002, pp. 1040-1109.



Tropique du

D U

TERRA FERRE

PAYS DE LA LOUISE

AMERIQUE MERIDIONALE

AMERIQUE SEPTENTRIONALE

Whomam de Bebe a Sa
weq? Tadjin. Paves

WORD

O reconhecimento dos indivíduos como sujeitos tanto do direito interno como do Direito Internacional representa uma verdadeira *revolução jurídica*, para a qual temos o dever de contribuir. Esta revolução jurídica, que vem enfim dar um conteúdo ético às normas tanto do direito público interno como do Direito Internacional, culmina na atual consagração do acesso direto dos indivíduos aos tribunais internacionais (Cortes Europeia e Interamericana, seguidas mais recentemente da Corte Africana) de direitos humanos¹⁶.

A relação dos ensinamentos da Escola Ibérica da Paz com o que hoje conhecemos como o Direito Internacional dos Direitos Humanos manifesta-se nos nossos dias na própria conceituação do ser humano como sujeito do direito à reparação de danos por ele sofridos. O ponto veio recentemente à tona no contencioso não só diante dos referidos tribunais internacionais de direitos humanos, mas inclusive da própria CIJ. No já mencionado caso *A.S. Diallo*, dediquei atenção, - nos meus Votos Arrazoados nas Sentenças da CIJ tanto quanto ao mérito (2010) como às reparações (2012), - à necessidade de decidir a questão das reparações, em casos do género, a partir da perspectiva das próprias *vítimas*, os seres humanos (e não de seus Estados respectivos).

Assim, na Sentença de reparações da CIJ (de 19.06.2012) naquele caso, no meu Voto Arrazoado assinalo que o dever de reparação, a partir do princípio *neminem laedere*, “tem raízes históricas profundas”, remontando aos escritos dos “pais fundadores” do direito das gentes, em seus primórdios. O próprio Francisco de Vitoria, por exemplo, na sua segunda *Relectio - De Indis* (1538-1539), afirmava o dever de reparação de “todos os danos”, inclusive em meio a hostilidades armadas¹⁷ (par. 14). Tal dever de reparação se impunha em todos os tipos de disputas, - entre Estados, ou entre grupos, ou entre indivíduos; a reparação, assim entendida, correspondia a “uma necessidade” da comunidade internacional regida pelo novo direito das gentes (pars. 14-15). E acrescentei, no mesmo Voto Arrazoado no caso *A.S. Diallo*, que

OS ENSINAMENTOS DOS ‘PAIS FUNDADORES’ DO DIREITO DAS GENTES (...) JAMAIS SE DESVANECERAM. SUCESSIVAS VIOLAÇÕES GRAVES DOS DIREITOS DA PESSOA HUMANA (ALGUNS EM ESCALA MACIÇA) DESPERTARAM A CONSCIÊNCIA HUMANA PARA A NECESSIDADE DE RESTAURAR AO SER HUMANO A POSIÇÃO CENTRAL DA QUAL HAVIA SIDO INDEVIDAMENTE DESPOJADO PELO PENSAMENTO

¹⁶ O *jus standi* dos indivíduos já é uma realidade sob a Convenção Europeia de Direitos Humanos (emendada pelo Protocolo n. 11, em vigor desde fins de 1998); o *locus standi in judicio* em todas as etapas do procedimento perante a Corte Interamericana de Direitos Humanos é, do mesmo modo, uma realidade (com a entrada em vigor, em 2001, do quarto e atual Regulamento da Corte Interamericana, sob minha Presidência). Cf. A.A. Cañado Trindade, *El Acceso Directo del Individuo a los Tribunales Internacionales de Derechos Humanos*, Bilbao, Universidad de Deusto, 2001, pp. 9-104.

¹⁷ Cf. Francisco de Vitoria, “*Relección Segunda - De los Indios*” [1538-1539], in *Obras de Francisco de Vitoria - Relecciones Teológicas* (ed. T. Urdanoz), Madrid, BAC, 1955, p. 827, e cf. pp. 282-283; e cf. Association Internationale Vitória-Suarez, *Vitória et Suarez: Contribution des théologiens au Droit international moderne*, Paris, Pédone, 1939, pp. 73-74, e cf. pp. 169-170.

cional contemporáneo reconoce derechos a los individuos y grupos de particulares, como lo ilustran los múltiples instrumentos internacionales de derechos humanos de nuestros días, no hay modo de negarles a éstos una *personalidad* jurídica internacional, sin la cual sería imposible aquel reconocimiento. El propio Derecho Internacional, al proclamar los derechos inherentes a todo ser humano, por definición *anteriores y superiores al Estado*, desautoriza el arcaico dogma positivista que pretendía autoritariamente reducir tales derechos a los «concedidos» por el Estado.

El reconocimiento de los individuos como sujetos tanto del derecho público propio de cada Estado como de Derecho Internacional representa una verdadera *revolución jurídica*, a la cual tenemos el deber de contribuir. Esta revolución jurídica, que viene finalmente a dar un contenido ético a las normas tanto del Derecho Público interno como del Derecho Internacional, culmina en la actual consolidación del acceso directo de los individuos a los tribunales internacionales (Cortes Europea e Interamericana, seguidas más recientemente de la Corte Africana) de derechos humanos¹⁶.

La relación de las enseñanzas de la Escuela Ibérica da Paz con lo que hoy conocemos como Derecho Internacional de los Derechos Humanos queda de manifiesto en nuestros días con la propia concepción del ser humano como sujeto con derecho a la reparación de los daños sufridos por él. Este asunto ha sido objeto de litigio recientemente, no sólo ante los referidos tribunales internacionales de derechos humanos, sino incluso ante la propia CIJ. En el ya mencionado caso *A.S. Diallo*, en mis Votos Razonados en las Sentencias de la CIJ, llamé la atención tanto a propósito de los merecimientos (2010) como de las reparaciones (2012), sobre la necesidad de decidir la cuestión de las reparaciones en casos de género, desde la perspectiva de las propias *víctimas*, los seres humanos, y no de sus respectivos Estados.

Así, en la Sentencia de la CIJ sobre reparaciones (de 19.06.2012) en aquel caso, en mi Voto Razonado señalé que el deber de reparación, a partir del principio *neminem laedere*, «tiene raíces históricas profundas» que se remontan a los primeros escritos de los «padres fundadores» del Derecho de Gentes. El propio Francisco de Vitoria, por ejemplo, en su segunda *Relectio - De Indis* (1538-1539), establecía el deber de reparación de «todos los daños», inclusive en medio de hostilidades armadas¹⁷ (parf. 14). Tal deber de reparación se impone en todos los tipos de disputas, sean éstas entre Estados o entre grupos o entre individuos; la reparación así entendida respondía a «una necesidad» de la comunidad internacional regida por el

¹⁶ El *jus standi* de los individuos es ya una realidad al amparo de la Convención Europea de Derechos Humanos (enmendada por el Protocolo nº 11, en vigor desde finales de 1998); el *locus standi in iudicio* es igualmente una realidad en todas las fases del procedimiento ante la Corte Interamericana de Derechos Humanos, a partir de la entrada en vigor, en 2001 bajo mi Presidencia, del cuarto y actual Reglamento de la Corte Interamericana. Cf. A.A. Cañado Trindade, *El Acceso Directo del Individuo a los Tribunales Internacionales de Derechos Humanos*, Bilbao, Universidad de Deusto, 2001, pp. 9-104.

¹⁷ Cf. Francisco de Vitoria, "Relección Segunda - De los Indios" [1538-1539], in *Obras de Francisco de Vitoria - Relecciones Teológicas* (ed. T. Urdanoz), Madrid, BAC, 1955, p. 827, e cf. pp. 282-283; cf. También en *Association Internationale Vitoria-Suarez, Vitoria et Suarez: Contribution des théologiens au Droit international moderne*, Paris, Pédone, 1939, pp. 73-74, e cf. pp. 169-170.

EXCLUSIVAMENTE INTER-ESTATAL QUE VEIO A PREVALECER NO SÉCULO XIX. A RECONSTRUÇÃO [DO DIREITO INTERNACIONAL], EM BASES HUMANAS, DE MEADOS DO SÉCULO XX EM DIANTE, TOMOU, COMO FUNDAMENTO CONCEITUAL, OS CÂNONES DO SER HUMANO COMO SUJEITO DE DIREITOS (*TITULAIRE DE DROITS*), DA GARANTIA COLETIVA DA REALIZAÇÃO DESTES ÚLTIMOS, E DO CARÁTER OBJECTIVO DAS OBRIGAÇÕES DE PROTEÇÃO, E DA REALIZAÇÃO DE VALORES COMUNS SUPERIORES. O INDIVÍDUO PASSOU NOVAMENTE A SER VISTO COMO SUJEITO DO DIREITO À REPARAÇÃO PELOS DANOS SOFRIDOS (PAR. 21).

X.

A IMPORTÂNCIA DOS PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS

Encontram-se arraigadas na linha do pensamento jusnaturalista a importância atribuída aos princípios fundamentais, a ideia de uma justiça objetiva, e sua presença nas leis que passam, assim, a obrigar em consciência. Desprovidas de justiça, deixam as leis de obrigar em consciência, segundo F. Suárez. No entender de F. Vitoria, expoente do jusnaturalismo, não se dissociam o direito e a ética; Vitoria teve o mérito de insistir na importância da responsabilidade de cada um pelos demais, de modo a fomentar uma solidariedade universal, que propiciaria avanços na civilização, no âmbito do *jus gentium*. A sua concepção do direito das gentes foi desenvolvida a partir da renovação da escolástica, com atenção voltada aos princípios fundamentais, aos direitos e deveres de todos *inter se*.

A partir do *jus naturale*, tanto Vitoria como Suárez visualizaram, com raciocínios distintos, um direito das gentes universal. Enquanto a concepção de Vitoria do *jus gentium* realçava a importância dos princípios, entendidos estes como “princípios gerais de justiça”, Suárez desenvolveu “uma filosofia do direito aplicável a situações concretas”; a partir de enfoques distintos, alcançaram a meta comum de conceber um ordenamento jurídico universal (abarcando os indivíduos e os Estados), baseado na *recta ratio*, proibindo o que é mal, e buscando o *bem comum*. Para Vitoria e Suárez, não há como dissociar o jurídico do ético; o Estado nada mais é do que uma organização social de seres humanos, e toda *rule of law*, nacional ou internacional, cria obrigações legais, de conteúdo ético¹⁸. Estava

¹⁸ Por sua vez, Suárez, ainda que atento à equidade, abre um certo espaço à vontade individual, ao livre arbítrio; mas para ele não há uma associação de seres humanos (nos planos nacional e internacional) que não tenha uma base ética.

nuevo Derecho de Gentes (parfs. 14-15). Y añadí en el mismo Voto Razonado en el caso *A.S. Diallo* que:

LAS ENSEÑANZAS DE LOS «PADRES FUNDADORES» DEL DERECHO DE GENTES (...) JAMÁS DECAERÁN. SUCESIVAS VIOLACIONES GRAVES DE LOS DERECHOS DE LA PERSONA (ALGUNAS A ESCALA MASIVA) HAN DESPERTADO EN LA CONCIENCIA HUMANA LA NECESIDAD DE REPONER AL SER HUMANO EN LA POSICIÓN CENTRAL DE LA QUE HABÍA SIDO INDEBIDAMENTE DESALOJADO POR EL PENSAMIENTO EXCLUSIVAMENTE INTERESTATAL QUE LLEGÓ A PREVALECER EN EL SIGLO XIX. LA RECONSTRUCCIÓN DEL DERECHO INTERNACIONAL SOBRE BASES HUMANAS, A PARTIR DE MEDIADOS DEL SIGLO XX, HA TOMADO PARA SU FUNDAMENTO INTELECTUAL TRES CÁNONES: EL DEL SER HUMANO COMO SUJETO DE DERECHOS (*TITULAIRE DE DROITS*), EL DE LA GARANTÍA COLECTIVA A LA REALIZACIÓN DE TALES DERECHOS Y EL DEL CARÁCTER OBJETIVO QUE TIENEN LAS OBLIGACIONES DE PROTECCIÓN Y REALIZACIÓN DE VALORES COMUNES SUPERIORES. DE NUEVO EL INDIVIDUO HA SIDO VISTO COMO SUJETO DEL DERECHO A REPARACIÓN POR LOS DAÑOS SUFRIDOS (PARF. 21).

X.

LA IMPORTANCIA DE LOS PRINCIPIOS FUNDAMENTALES

Está muy arraigada en el pensamiento jusnaturalista la importancia que se concede a los principios fundamentales, a la idea de una justicia objetiva cuya presencia en las leyes hace que éstas obliguen en conciencia. Según F. Suárez las leyes desprovistas de justicia dejan de obligar en conciencia. Al entender de F. Vitoria, exponente destacado del jusnaturalismo, el Derecho y la Ética no son dissociables; Vitoria tuvo el mérito de insistir en la importancia de la responsabilidad de cada uno hacia los demás, de modo que se fomente una solidaridad universal propiciadora de avances en la civilización, en el terreno del *jus gentium*. Su concepción del Derecho de gentes se desarrolló a partir de la renovación que tuvo la Escolástica cuando volvió a prestar atención a los principios fundamentales, a los derechos y deberes de todos *inter se*.

A partir del *jus naturale*, tanto Vitoria como Suárez previeron, con argumentos distintos, un Derecho de Gentes universal. En la concepción que tenía Vitoria del *jus gentium* destaca la importancia de los

plantada a semente para a construção conceitual de uma comunidade internacional organizada.

No meu Voto Arrazoadado no recente Parecer Consultivo da CIJ (de 01.02.2012) sobre a *Revisão de uma Sentença (n. 2867) do Tribunal Administrativo da Organização Internacional do Trabalho (OIT)*, tive a ocasião de, uma vez mais, recordar que o direito das gentes, na visão de Vitoria e Suárez, revelava a unidade e a universalidade do género humano. Foi concebido como um ordenamento verdadeiramente universal, para a realização do bem comum, baseado na *recta ratio* (par. 62). A pessoa humana passou a ser vista como *sujeito* de direito, uma ideia básica que se projetou nos séculos seguintes¹⁹ (pars. 57-59). Os mesmos princípios de justiça, e normas deles emanadas, vieram a aplicar-se tanto aos Estados, como as povos e indivíduos que os formavam (par. 58). Ressaltei, então, em relação ao assunto *sub judice*, a relevância do princípio básico da *igualdade jurídica das partes (égalité des armes/equality of arms)*, ligado ao princípio geral da boa administração da justiça (*la bonne administration de la justice*), ainda mais na atualidade, em que se afirma nas Nações Unidas o *rule of law* nos planos tanto nacional como internacional, tornando imprescindível assegurar a fiel observância dos princípios gerais do direito em todas e quaisquer circunstâncias (par. 110).

¹⁹ A.A. Cançado Trindade, *The Access of Individuals to International Justice*, Oxford, Oxford University Press, 2011, pp. 1-212; A.A. Cançado Trindade, *Évolution du droit international au droit des gens – L'accès des individus à la justice internationale: Le regard d'un juge*, Paris, Pédone, 2008, pp. 7-184.

XI. O PRINCÍPIO FUNDAMENTAL DA IGUALDADE E NÃO-DISCRIMINAÇÃO

Há que ter em mente que a ideia da igualdade humana já estava presente nos primórdios do direito das gentes, bem antes de encontrar expressão nos instrumentos internacionais que conformam seu *corpus juris gentium*, tal como o conhecemos em nossos tempos. Assim, a ideia da *igualdade humana* era subjacente à concepção da *unidade do género humano* (presente, por exemplo, no pensamento de Francisco de Vitoria e de Bartolomé de Las Casas, pioneiros na postura contra a opressão). O princípio fundamental da igualdade e não-discriminação é um dos pilares básicos do *corpus juris* da proteção internacional dos direitos humanos. O referido princípio foi captado pela consciência humana ao longo da história, da época da Escola Ibérica da Paz aos nossos dias.

principios, entendidos éstos como «principios generales de justicia». Por su parte, Suárez desarrolló «una Filosofía del Derecho aplicable a situaciones concretas». A partir de enfoques distintos, alcanzaron ambos la meta común de concebir un ordenamiento jurídico universal basado en la *recta ratio*, aplicable a los individuos y a los Estados, que prohibiera lo que está mal y que buscara el *bien común*. Para Vitoria y Suárez, no hay modo de disociar lo jurídico de lo ético: el Estado tan sólo es una organización social de seres humanos y toda legislación, *rule of law*, nacional o internacional, ha de generar obligaciones legales con contenido ético¹⁸. Estaba sembrada la semilla de donde brotaría la articulación conceptual de una comunidad internacional organizada.

En mi Voto Razonado en el reciente Parecer Consultivo de la CIJ (de 01.02.2012) sobre la *Revisión de una Sentencia (n. 2867) del Tribunal Administrativo de la Organización Internacional Del Trabajo (OIT)*, tuve ocasión de recordar, una vez más, que el Derecho de Gentes, en la visión de Vitoria y Suárez, ponía de manifiesto la unidad y universalidad del género humano puesto que, basándose en la *recta ratio*, fue concebido como un ordenamiento verdaderamente universal en orden a la realización del bien común (parf. 62). La persona humana pasó a ser vista como *sujeto* de derecho, una idea cardinal que se proyectó en los siglos siguientes¹⁹ (parfs. 57-59). Los mismos principios de justicia y normas que emanaban de ellos, acabaron siendo aplicados tanto a los Estados, como a los pueblos e individuos que les formaban (parf. 58). Resalté, entonces en relación con el asunto *sub judice*, la relevancia del principio básico de *igualdad jurídica de las partes (égalité des armes/equality of arms)*, ligado al principio general de la buena administración de justicia (*la bonne administration de la justice*), mayor aún en el presente cuando, tanto en el ámbito nacional como internacional, se demanda de las Naciones Unidas una legislación (*rule of law*) imprescindible que asegure el fiel cumplimiento de los principios generales del Derecho en todas y cualesquiera circunstancias (parf. 110).

XI.

EL PRINCIPIO FUNDAMENTAL DE IGUALDAD Y NO DISCRIMINACIÓN

No se puede olvidar que la idea de igualdad humana estaba ya presente en los inicios del Derecho de Gentes, incluso antes de encontrar acomodo en los instrumentos internacionales que conforman

¹⁸ Por su parte, Suárez, cuidadoso también de la equidad, abre un cierto espacio a la voluntad individual, al libre arbitrio; más para ello no habrá ninguna asociación de seres humanos (en los planos nacional e internacional) que no tenga una base ética.

¹⁹ A.A. Cançado Trindade, *The Access of Individuals to International Justice*, Oxford, Oxford University Press, 2011, pp. 1-212; A.A. Cançado Trindade, *Évolution du droit international au droit des gens - L'accès des individus à la justice internationale: Le regard d'un juge*, Paris, Pédone, 2008, pp. 7-184.

Tanto F. Vitoria como F. Suárez propugnaram pela *igualdade* tanto entre as nações como entre os indivíduos. Para ambos, Vitoria e Suárez, a comunidade internacional era de fato uma comunidade de Estados iguais. O *principio da igualdad* era fundamental para ambos, Vitoria e Suárez (dentre outros da Escola Ibérica), - não havendo qualquer razão jurídica ou justificativa para a desigualdade entre os indivíduos ou entre os Estados²⁰. Ambos destacaram as relações entre a igualdade e a justiça, e seus ensinamentos - também neste particular - têm-se mostrado perenes, resistindo à erosão do tempo.

Não obstante, não deixa de ser paradoxal, se não trágico, constatar que os avanços, nos dois últimos séculos, no domínio do conhecimento científico e tecnológico tenham gerado desigualdades recorrentes entre os seres humanos, como evidenciado - em lugar da distribuição - na concentração de riqueza nas mãos de poucos, com uma conseqüente marginalização social de segmentos mais amplos da população. A insuficiente atenção dedicada pela doutrina jurídica até ao presente, ao princípio básico da igualdad e não-discriminação, encontra-se longe de guardar proporção com a fundamental importância de tal princípio, tanto na teoria como na prática do Direito.

Nas últimas décadas, a igualdade e a não-discriminação passaram a ser invocadas em relação a indivíduos e grupos de indivíduos, em situação de vulnerabilidade, nas mais variadas circunstâncias. As bases para atendê-los e protegê-los já se encontravam - desde meados do século XX - em instrumentos básicos como a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948²¹ e a Carta das Nações Unidas de 1945²². Com efeito, o direito das gentes, e, mais particularmente, o Direito Internacional dos Direitos Humanos, tem se confrontado com formas distintas e sucessivas de discriminação, e a proibição desta última continua a ter vigência nos nossos dias. O combate à discriminação parece, em última análise, tal como em Sísifo, um trabalho ou uma luta sem fim.

A gradual consolidação, nas últimas décadas do século XX, dos sistemas de proteção internacional dos direitos humanos, veio refletir a crescente conscientização do princípio, - pilar básico de todos estes sistemas de proteção, - do respeito da dignidade humana, contribuindo assim à prevalência do princípio da igualdad e não-discriminação. Determinadas expressões passaram a emergir sucessivamente, tais como, e.g., “igualdade perante a lei”, “igual proteção

²⁰ Cf., e.g., J. Brown Scott, *The Catholic Conception of International Law* [Francisco de Vitoria and Francisco Suárez], Clark/N.J., Lawbook Exchange Ed., 2008, pp. 25, 130, 137-142 e 239.

²¹ Cujo artigo 1 proclama: - “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos e, dotados como estão de razão e consciência, devem comportar-se fraternalmente uns com os outros”.

²² Que começa por afirmar a determinação dos “povos das Nações Unidas” de “reafirmar a fé nos direitos humanos fundamentais, na dignidade e no valor da pessoa humana, na igualdad dos direitos de homens e mulheres e das nações grandes e pequenas” (segundo parágrafo preambular).

su *corpus juris gentium*, tal como lo conocemos en nuestros días. Así, la idea de *igualdad humana* subyacía en el concepto de *unidad del género humano* (presente, por ejemplo, en el pensamiento de Francisco de Vitoria y de Bartolomé de Las Casas, pioneros ambos en la denuncia de la opresión). El principio fundamental de igualdad y no discriminación es uno de los pilares básicos del *corpus juris* sobre la protección internacional de los derechos humanos. El referido principio se ha ido asumiendo por la conciencia humana a lo largo de la historia, desde época de la Escuela Ibérica de la Paz hasta nuestros días.

Tanto F. Vitoria como F. Suárez propugnaron la *igualdad* entre las naciones y entre los individuos. Para ambos, Vitoria e Suárez, la comunidad internacional era de hecho una comunidad de Estados iguales. El *principio de igualdad* era fundamental para ambos, Vitoria y Suárez (entre otros de la Escuela Ibérica), pues no encontraban razón alguna jurídica o justificativa para la desigualdad entre los individuos o entre los Estados²⁰. Ambos destacaron la correlación que hay entre la igualdad y la justicia, habiéndose mostrado perennes sus enseñanzas, también en este particular, resistentes a la erosión del tiempo.

Sin embargo no deja de ser paradójico, incluso trágico, constatar que los avances habidos durante los dos últimos siglos en el terreno del conocimiento científico y tecnológico, hayan producido desigualdades recurrentes entre los seres humanos, como pone de manifiesto la concentración de la riqueza en manos de unos pocos y no su distribución, con la consiguiente marginación social de los sectores más numerosos de la población. La insuficiente atención que la doctrina jurídica ha dedicado hasta el presente al principio básico de la igualdad y no discriminación, está lejos de guardar proporción con la importancia fundamental de tal principio, tanto en la teoría como en la práctica del Derecho.

En las últimas décadas, la igualdad y no discriminación pasaron a ser invocadas en relación con individuos y grupos de individuos que, en las más variadas circunstancias, se encontraban en situación de vulnerabilidad. Ya desde mediados del siglo XX se podían encontrar las razones para atenderlos y protegerlos en instrumentos jurídicos básicos como la Declaración Universal de los Derechos Humanos de 1948²¹ y la Carta de las Naciones Unidas de 1945²². Y es que, en efecto, el Derecho de Gentes y más en concreto el Derecho Internacional de los Derechos Humanos, no deja de enfrentarse a formas

²⁰ Cf., e.g., J. Brown Scott, *The Catholic Conception of International Law* [Francisco de Vitoria and Francisco Suárez], Clark/N.J., Lawbook Exchange Ed., 2008, pp. 25, 130, 137-142 e 239.

²¹ Cuyo artículo 1 proclama: - "Todos los seres humanos nacen libres e iguales en dignidad y derechos y, dotados como están de razón y conciencia, deben comportarse fraternalmente unos con los otros".

²² Que comienza afirmando la determinación de lo "pueblos de las Naciones Unidas" a "reafirmar la fe en los derechos humanos fundamentales, en la dignidad y en el valor de la persona humana, en la igualdad de los derechos de hombres y mujeres así como de las naciones grandes y pequeñas" (segundo párrafo del preámbulo).

da lei”, e “não-discriminação por força de lei”, nesta sequência. Subjacentes a elas encontram-se valores humanos e a cristalização da expressão “igualdade perante a lei” deve-se à sua presença marcante no direito público interno comparado. Estas expressões vieram associar-se às obrigações correspondentes do Estado, consagradas em numerosos instrumentos internacionais de direitos humanos hoje existentes.

A partir de então, o princípio básico da igualdade e não-discriminação veio a ter uma incidência em setores distintos das relações humanas, e tem logrado avanços na eliminação da discriminação racial (final dos anos sessenta e década dos setenta), na promoção da igualdade entre os sexos (final dos anos setenta e década dos oitenta), na proteção das pessoas deslocadas (final dos anos oitenta e década dos noventa). Desde então (fins dos anos noventa) e até o presente (final de 2013), concentra-se nos desafios da condição das pessoas mais recentemente afetadas pelo empobrecimento, das vítimas de distúrbios e conflitos internos, e dos migrantes indocumentados.

No final das contas, o princípio básico da igualdade e não-discriminação encontra-se nos fundamentos do próprio Direito das Nações Unidas, assim como nos dos sistemas regionais de direitos humanos dotados de tribunais internacionais de direitos humanos. Estes últimos (Corte Europeia de Direitos Humanos, Corte Interamericana de Direitos Humanos, e Corte Africana de Direitos Humanos e dos Povos), estabelecidos por Convenções regionais de direitos humanos, operam em continentes distintos, no âmbito da universalidade dos direitos humanos.

XII. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cabe recordar e ter sempre em mente que, já nos séculos XVI e XVII, para os mestres da Escola Ibérica da Paz, o Estado não era um sujeito exclusivo do direito das gentes, o qual abarcava também os povos e os indivíduos, titulares de direitos próprios. Já naquela época, houve os que alertaram, com coragem, que o imperador não era o senhor do mundo (Francisco de Vitoria, Diego de Covarrubias y Leiva, Alonso de Veracruz, Luis de Molina). Os “pais fundadores” do direito das gentes tiveram em mente a humanidade como

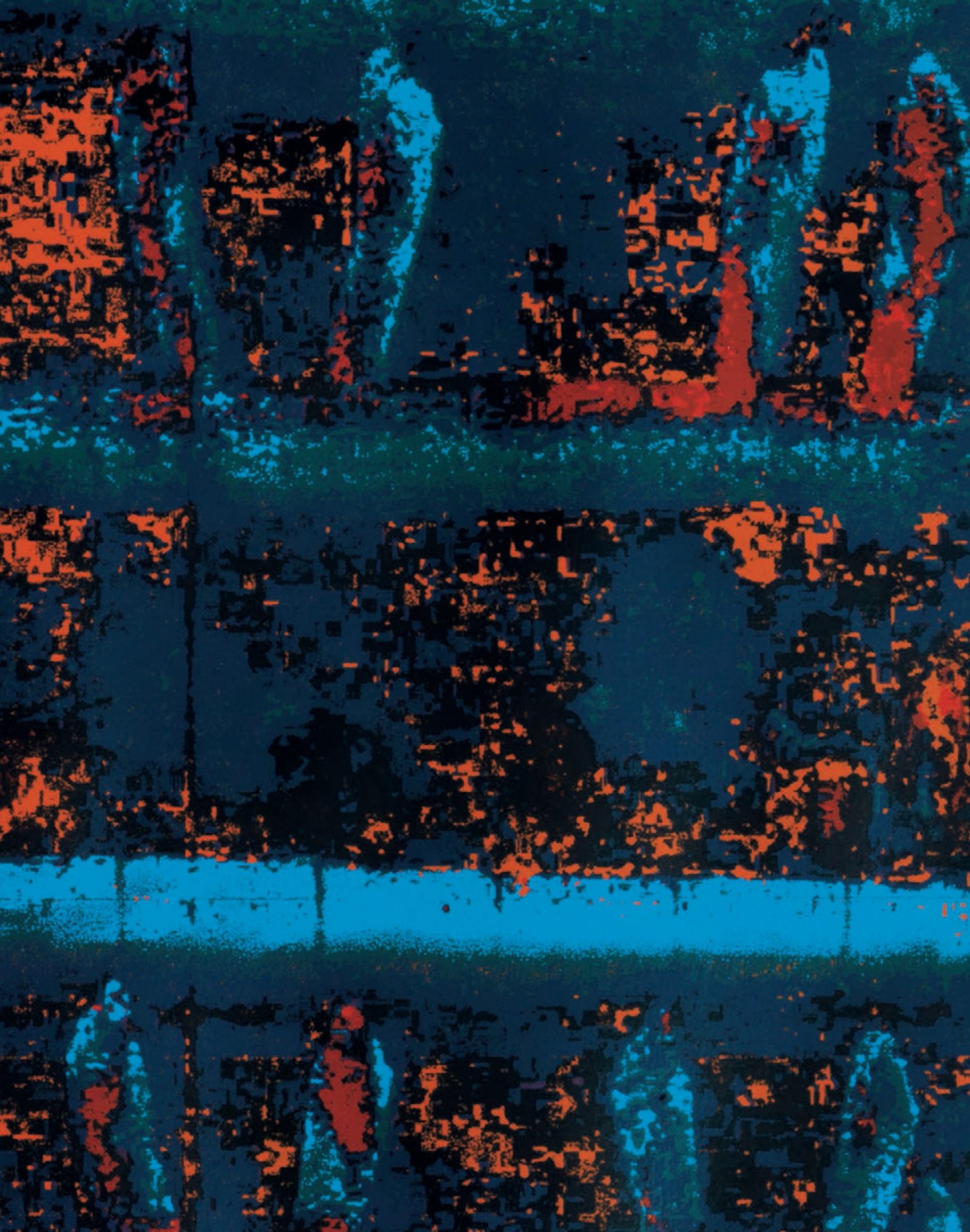
distintas y sucesivas de discriminación, de modo que la prohibición de esta última sigue siendo necesaria en nuestros días. El combate contra la discriminación se asemeja, en último término y tal como le ocurría a Sísifo, a un trabajo o a una lucha sin fin.

La gradual consolidación en las últimas décadas del siglo XX, de los sistemas de protección internacional de los derechos humanos, ha puesto de relieve la creciente concienciación sobre el principio de respeto a la dignidad humana, pilar básico de todos aquellos sistemas de protección, contribuyendo así a la prevalencia del principio de igualdad y no discriminación. Determinadas expresiones han aflorado sucesivamente tales como, p.e, «igualdad ante la Ley», «igual protección por la Ley», y «no discriminación por mor de Ley» y otras. Subyacentes en ellas rigen valores humanos, de modo que la cristalización de la expresión «igualdad ante la Ley» se debe a la decisiva impronta que ha dejado en el derecho público interno comparado. Tales expresiones han sido asociadas a las de las obligaciones que corresponden al Estado y consagradas por numerosos instrumentos internacionales de derechos humanos vigentes hoy en día.

A partir de todo ello, el principio básico de igualdad y no discriminación ha logrado influir en distintos aspectos de las relaciones humanas, pues se han conseguido avances en la eliminación de la discriminación racial (final de los años sesenta y década de los setenta), en la promoción de la igualdad entre los sexos (final de los años setenta y década de los ochenta), en la protección de las personas desplazadas (final de los años ochenta y década de los noventa). Desde entonces (fines de los años noventa) y hasta el presente (final de 2013), los desafíos se plantean ante la situación de las personas que recientemente han resultado más afectadas por el empobrecimiento, la de las víctimas de disturbios y conflictos internos, y la de los migrantes indocumentados.

A fin de cuentas, el principio básico de igualdad y no discriminación es uno de los fundamentos del propio Derecho de las Naciones Unidas, así como del de los sistemas regionales de derechos humanos dotados con tribunales internacionales de derechos humanos. Estos últimos (Corte Europea de Derechos Humanos, Corte Interamericana de Derechos Humanos y Corte Africana de Derechos Humanos y de los Pueblos), planteados por Convenciones regionales de derechos humanos, operan en continentes distintos, en el ámbito de universalidad que corresponde a los derechos humanos.





um todo. Estavam plantadas as sementes do que se prenunciava como um verdadeiro *direito comum da humanidade*, nesta evolução inicial do *jus gentium*, a partir do pensamento humanista da Escola Ibérica da Paz.

Com o advento do Renascimento a Universidade superou o conhecimento escolástico clássico, e com isto começou a florescer o pensamento humanista, que encontrou na Escola Ibérica da Paz os seus expoentes que fizeram emergir o novo *jus gentium*. A esse respeito, permito-me mencionar que, no caso emblemático da *Universidad de La Cantuta versus Peru*, decidido pela CtIADH (Sentença de 29.11.2006), ponderei, no meu Voto Arrazoadado, que, ao longo dos séculos, atribuiu-se à Universidade “o caráter de *alma mater* (*madre nutricia*, *alma* do latim *alere*, significando alimentar e fazer crescer), como gerador e promotor de ideias e conhecimento”, de modo a transformar assim o ser humano, e capacitá-lo a responder aos desafios do mundo em que vive (pars. 12 e 39). Tal como originalmente concebida, - concluí, - a *Universitas* veio prestar serviços à *humanitas*, como centro do cultivo e irradiação da cultura, da pesquisa e da livre circulação de ideias, do ensino e da transmissão da cultura, de tanta importância para a própria vida (pars. 41-42).

Nos séculos XVI e XVII, a Escola Ibérica da Paz - congregando as Universidades de Salamanca, Coimbra e Évora, e também as de Valladolid e Alcalá de Henares - deu testemunho eloquente da sabedoria perene do livre pensamento próprio do Renascimento, centralizado na pessoa humana, que marcou o florescer do *direito das gentes*. Ademais, mostrou-se aberta inclusive ao exame de consciência por parte de seus mestres, em plena época das conquistas no “Novo Mundo”. As referidas Universidades espanholas e portuguesas mostraram-se admiravelmente abertas ao livre pensamento e às ideias básicas e essenciais que busquei identificar neste Prefácio (*supra*). Seus mestres expressaram os sérios questionamentos acerca da legalidade, legitimidade e moralidade das conquistas no “Novo Mundo”, a partir de uma ótica essencialmente humanista. Surgia o direito das gentes, imbuído do espírito da justiça universal, e centralizado na pessoa humana.

Muito significativamente, houve mestres da Escola Ibérica (Francisco de Vitoria, Domingo de Soto, Melchor Cano, Martinho de Ledesma, Fernão Pérez, Luis de Molina, Pedro Simões, Bartolomé de Las Casas, Manuel da Nóbrega) que rechaçaram os sofismas de pretensas diferenças “civilizacionais” e/ou “culturais”, que

XII. CONSIDERACIONES FINALES

Es preciso recordar y tener presente siempre que, ya en los siglos XVI y XVII, para los maestros de la Escuela Ibérica de la Paz, el Estado no era un sujeto exclusivo del Derecho de Gentes, sino que abarcaba también a los pueblos y los individuos, titulares de derechos propios. Ya por entonces hubo quienes advirtieron con valentía, que el emperador no era el señor del mundo (Francisco de Vitoria, Diego de Covarrubias y Leiva, Alonso de Veracruz, Luis de Molina). Los «Padres fundadores» del Derecho de gentes concibieron la humanidad como un todo. De ese modo estaban sembradas las semillas de lo que, con la evolución del primer *jus gentium* que produjo el pensamiento humanista de la Escuela Ibérica de la Paz, se anunciaba ya como un verdadero derecho común para la humanidad.

Con la llegada del Renacimiento, se trascendió en la Universidad el conocimiento escolástico clásico con lo que comenzó a florecer un pensamiento humanista, cuyos exponentes en la Escuela Ibérica de la Paz hicieron emerger el nuevo *jus gentium*. A ese respecto, me permito mencionar que, en el caso emblemático de *La Universidad de La Cantuta contra Perú*, visto por la CtIADH (Sentencia de 29.11.2006), ponderé en mi Voto Razonado que, a lo largo de los siglos, se atribuyó a la Universidad «el carácter de *alma mater* («madre nutricia», *alma* del latín *alere*, que significa alimentar y hacer crecer), como generador y promotor de ideas y conocimiento», a fin de transformar de ese modo al ser humano y capacitarlo para responder a los desafíos del mundo en que vive (parfs. 12 e 39). Tal como originalmente fue concebida, concluí, la *Universitas* vino a prestar servicios a la *humanitas*, como centro de cultivo e irradiación de cultura, de investigación y de libre circulación de ideas, de enseñanza y de transmisión de la cultura, que tan importante es para la propia vida (parfs. 41-42).

En los siglos XVI y XVII, la Escuela Ibérica de la Paz, desde las Universidades de Salamanca, Coímbra y Évora o Valladolid y Alcalá de Henares, dio testimonio elocuente de la sabiduría perenne que atesoraba el pensamiento libre y centrado en la persona, propio del Renacimiento y que asimismo caracterizó el aflorar del *Derecho de Gentes*. Además, aquella Escuela acogió incluso en plena época de las conquistas en el «Nuevo Mundo», el examen de conciencia que hacían sus maestros. Las referidas Universidades españolas y portuguesas, de modo admirable, se abrieron al pensamiento libre y a las ideas básicas y esenciales que he tratado de identificar en este prefacio (*supra*). En

pretendiam o domínio com opressão, ou a guerra, ou a escravatura. Para eles, eram inaceitáveis títulos de conquista e ocupação em meio a crimes e “leis iníquas e vergonhosas” (José de Acosta). O missionário António Vieira predicou que não é a justiça que depende da paz, “senão a paz da justiça”. No pensamento dos mestres da Escola Ibérica da Paz, tornou-se possível vislumbrar o *jus gentium* provavelmente em sua acepção mais aperfeiçoada, destacando a importância da *solidariedade humana*.

Parece-me de todo apropriado resgatar, mediante a presente obra sobre a *Escola Ibérica da Paz*, os seus ensinamentos de um direito impessoal que é o mesmo para todos - não obstante as disparidades de poder, - e que situa a solidariedade humana acima da soberania, e que submete os diferendos ao juízo da *recta ratio*. O renascimento - que sustento firmemente - em nossos tempos desses ensinamentos clássicos, que ademais propugnam por uma ampla concepção da personalidade jurídica internacional (incluindo os seres humanos, e a humanidade como um todo), pode certamente ajudar-nos a enfrentar mais adequadamente os problemas com que se defronta o Direito Internacional contemporâneo, movendo-nos rumo a um novo *jus gentium* do século XXI, o Direito Internacional para a humanidade²³.

²³ Cf. nota (12), *supra*.

Todos os que lutamos pela construção de um direito internacional verdadeiramente *universal*, e pela salvaguarda, em quaisquer circunstâncias, dos direitos inerentes à pessoa humana, anteriores e superiores ao Estado, reverenciamos o legado dos ensinamentos dos mestres da Escola Ibérica da Paz. Tais ensinamentos têm se mostrado perenes, e revestem-se de grande importância na atualidade. Com efeito, mais do que uma época de transformações, vivemos atualmente uma *transformação de época*, mas as aspirações humanas - de um mundo mais justo e solidário - permanecem as mesmas ao longo dos séculos, desde os ensinamentos humanistas dos mestres daquela Escola aos nossos dias.

O mundo contemporâneo é certamente distinto do mundo dos “fundadores” do Direito das gentes; não obstante, é notável que a aspiração humana a uma unidade harmónica da humanidade, como já assinalado, permanece a mesma. A meu ver, o Direito Internacional simplesmente não pode fazer abstração desta aspiração, sendo hoje chamado a fornecer respostas a questões que Estado algum, isoladamente, pode tratar de modo adequado ou satisfatório, e que dizem respeito à humanidade como um todo.

ellas sus maestros cuestionaron seriamente la legalidad, legitimidad y moralidad de las conquistas en el «Nuevo Mundo» desde de una óptica esencialmente humanista. Surgía el Derecho de Gentes, imbuido de un espíritu de justicia universal cuyo centro era la persona humana.

De modo muy significativo, hubo maestros de la Escuela Ibérica (Francisco de Vitoria, Domingo de Soto, Melchor Cano, Martín de Ledesma, Fernando Pérez, Luis de Molina, Pedro Simões, Bartolomé de Las Casas, Manuel da Nóbrega) que rechazaron los sofismas sobre pretendidas diferencias «de civilización» y/o «culturales», que buscaban justificar el dominio de la opresión o la guerra o la esclavitud. Para ellos eran inaceptables los títulos de conquista y ocupación en medio de crímenes y «leyes inicuas y vergonzosas» (José de Acosta). El misionero António Vieira predicó que no es la justicia la que depende de la paz, «sino la paz de la justicia». El pensamiento de los maestros de la Escuela Ibérica de la Paz, hizo posible vislumbrar el *jus gentium* probablemente en su acepción más perfecta, la que insiste en la importancia de la *solidaridad humana*

Considero de todo punto apropiado rescatar, mediante la presente obra sobre la *Escuela Ibérica de la Paz*, las enseñanzas de ésta acerca de un derecho impersonal que es el mismo para todos, al margen de las rivalidades por el poder, que coloca a la solidaridad humana por encima de la soberanía y que somete las diferencias al juicio de la *recta ratio*. El renacimiento en nuestro tiempo de esas enseñanzas clásicas, como vengo preconizando sostenidamente, que conlleva además una concepción amplia de la personalidad jurídica internacional, en donde se incluye a los seres humanos y a la humanidad como un todo, puede ciertamente ayudarnos a afrontar mejor los problemas a los que se enfrenta el Derecho Internacional contemporáneo, arrumbándonos hacia un nuevo *jus gentium* del siglo XXI: el Derecho Internacional para la humanidad²³.

Todos los que luchamos por la construcción de un Derecho Internacional verdaderamente *universal* y por salvaguardar en toda circunstancia los derechos inherentes a la persona humana, anteriores y superiores al Estado, admiramos ese gran legado de enseñanzas de los maestros de la Escuela Ibérica de la Paz. Tales enseñanzas se han revelado permanentes y son de una gran importancia en la actualidad. En efecto: más que una época de cambios vivimos hoy un *cambio de época*, donde, sin embargo, permanecen inalteradas las aspiraciones humanas a un mundo más justo y solidario, como viene ocurriendo a lo largo de los siglos, desde las enseñanzas humanistas de los maestros de aquella Escuela hasta nuestros días.

²³ Cf. nota (12), *supra*.

Num mundo como o nosso, hoje marcado por uma profunda crise de valores, torna-se imperativo recorrer ao pensamento dos “fundadores” da disciplina. Em um mundo como este em que vivemos, em que os apologistas do uso da força buscam inventar “doutrinas” espúrias, inteiramente esquecidos do sofrimento das gerações passadas e dos avanços dificilmente alcançados pelo Direito Internacional, - parece de todo necessário resgatar os ensinamentos imperecíveis dos clássicos da Escola Ibérica da Paz (*supra*), apontando, em convergência, a um Direito Internacional necessário (e não simplesmente voluntário), a uma justiça *objetiva*, que dá expressão a valores universais. No final de nosso percurso, constatamos que a solidariedade humana está efetivamente acima da soberania, e a consciência humana certamente acima da vontade.

Haia, 18 de novembro de 2013.

ANTÔNIO AUGUSTO CANÇADO TRINDADE

..

Juiz da Corte Internacional de Justiça (Haia);
Ex-Presidente da Corte Interamericana de Direitos Humanos;
Professor Emérito de Direito Internacional da Universidade de Brasília.

El mundo contemporáneo es ciertamente distinto del mundo de los «fundadores» del Derecho de Gentes; no obstante, es significativo que la aspiración humana a una unidad armónica de la humanidad, como ya he señalado, perviva inalterada. A mi modo de ver, sencillamente, el Derecho Internacional no puede abstraerse hoy de esa aspiración, pues se le están reclamando respuestas a cuestiones que plantean el respeto a la humanidad como un todo, a las que ningún Estado, aisladamente, puede responder de modo adecuado o satisfactorio.

En un mundo como el nuestro, marcado por una profunda crisis de valores, es un imperativo recurrir al pensamiento de los «fundadores» de la disciplina. En un mundo como éste que vivimos, donde los apologistas del uso de la fuerza buscan inventar «doctrinas» espurias, olvidándose completamente del sufrimiento de las generaciones pasadas y de los avances que con tantas dificultades ha alcanzado el Derecho Internacional, es de todo punto necesario rescatar las enseñanzas imperecederas de los clásicos de la Escuela Ibérica da Paz (*supra*), apostando, de acuerdo con ellas, por un Derecho Internacional *necesario* (y no simplemente voluntario), por una justicia *objetiva* que exprese valores universales. Concluamos pues este camino, dejando constancia de que la solidaridad humana está por encima de la soberanía... de que la conciencia, sin duda, prima sobre la voluntad.

La Haya, 18 de noviembre de 2013.

ANTÔNIO AUGUSTO CANÇADO TRINDADE

..

Juez del Tribunal Internacional de Justicia de La Haya;
Ex-Presidente de la Corte Interamericana de Derechos Humanos;
Profesor Emérito de Derecho Internacional de la Universidad de Brasilia.

INTRODUÇÃO

INTRODUCCIÓN

I. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

A obra que agora se apresenta foi inicialmente pensada para servir de catálogo à exposição de painéis temáticos sobre a vertente portuguesa da Escola Ibérica da Paz, patenteando um conjunto muito significativo de textos inéditos sobre a consciência crítica dos professores das Universidades de Coimbra e Évora, a respeito da conquista e colonização da América, ao longo dos séculos XVI e XVII.

Os textos expostos resultaram da seleção elaborada a partir do trabalho de transcrição paleográfica e tradução dos mais significativos manuscritos latinos dos professores das Universidades portuguesas do renascimento sobre a legitimidade da guerra, partindo de princípios teológicos e ético-jurídicos que acabaram por transformá-los numa apologia da paz e dos direitos da pessoa humana.

A versão completa da tradução destes manuscritos latinos, até agora inéditos, bem como das demais traduções a que nos entregámos de obras sobre o mesmo tema, que permanecem em primeira edição latina do século XVI, será objeto de publicação numa segunda fase. Todavia, num primeiro momento, pareceu-nos pertinente fazer uma seleção das “pérolas” dos escritos em questão, de modo a realçar a sua relevância.

Acresce que este trabalho, incluído num projeto do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, com a colaboração de investigadores do Centro de Estudos Clássicos da mesma Universidade, contou desde o início com a preciosa colaboração dos alunos e docentes dos cursos de Pintura e de Design e Comunicação da Faculdade de Belas Artes (FBAUL), que sob orientação do Prof. José Quaresma transformaram estes textos em fonte de inspiração da arte que lhes coube.

Rapidamente nos demos conta, porém, de que a seleção dos textos que inicialmente pretendíamos expor ganharia em ser integrada no seu contexto peninsular e hispânico, evidenciando um pensamento solidário e uma unidade de Escola, que articulava, no Renascimento e de forma muito ativa, as Universidades de Salamanca, Alcalá, Valladolid, Coimbra e Évora, em termos ainda não suficientemente estudados, pese embora o amplo conhecimento já existente, sobretudo em Espanha, dos textos de Francisco de Vitoria e dos seus discípulos da Escola de Salamanca.

É por esta razão que existe um profundo paralelismo entre os textos dos autores aqui expostos, pois, como era comum entre os

I. CONSIDERACIONES PRELIMINARES

El libro que aquí se presenta ha sido inicialmente concebido para servir como texto en el catálogo de la Exposición de carteles temáticos sobre la aportación portuguesa a la *Escuela Ibérica de la Paz*. Como tal, la obra muestra un conjunto muy significativo de textos inéditos sobre la conciencia crítica que los profesores de las Universidades de Coímbra y Évora tuvieron en relación con la conquista y colonización de América, durante los siglos XVI y XVII.

Esos textos han sido seleccionados a partir de la transcripción paleográfica y traducción de los manuscritos latinos más significativos sobre la legitimidad de la guerra, redactados por profesores de las universidades portuguesas del Renacimiento, pues su fundamentación en principios teológicos y ético-jurídicos hace de aquéllos toda una apología de la paz y los derechos de la persona humana.

La versión completa de tales manuscritos latinos todavía inéditos, así como las traducciones de obras sobre el mismo tema que no han vuelto a ser impresas desde su primera edición latina del siglo XVI y en las que estamos trabajando, será publicada en una segunda fase. No obstante, como primer paso, nos pareció pertinente elaborar una selección con las *perlas* de los mencionados escritos, evidenciando su relevancia.

Este trabajo, integrado en un proyecto del Centro de Filosofía de la Universidad de Lisboa en colaboración con investigadores del Centro de Estudios Clásicos de la misma Universidad, contó desde su inicio con la estimable colaboración de la Facultad de Bellas Artes de esa Universidad (FBAUL), en donde el Prof. José Cuaresma movilizó a sus alumnos de Pintura y de Diseño y Comunicación para que ilustraran artísticamente sus páginas.

Sin embargo pronto se hizo evidente que la selección de los textos que inicialmente nos proponíamos mostrar, mejoraría si se la integraba en su contexto peninsular e hispánico, poniendo de relieve el pensamiento solidario y la unidad de Escuela que vinculaba, en el Renacimiento y de manera muy activa, a las Universidades de Salamanca, Alcalá, Valladolid, Coímbra y Évora, asunto todavía no suficientemente estudiado, a pesar del amplio conocimiento que se posee, sobre todo en España, de los textos de Francisco de Vitoria y de sus discípulos de la Escuela de Salamanca.

Tal es la causa del profundo paralelismo que existe entre los textos de los autores que se muestran en este libro, pues, como tenían



escolásticos, estamos perante uma filosofia de cooperação entre os filósofos que, partindo de um património comum de verdades, delineado, neste caso, por São Tomás de Aquino, procuraram comentá-lo, depurá-lo e enriquecê-lo, também pelo confronto com a riqueza da experiência e da vida dos homens e dos povos, entretanto proporcionado pela aventura do Novo Mundo.

Neste enquadramento, a questão da originalidade não se apresentava com a força com que a vemos colocar-se nos nossos dias, prevalecendo antes a noção de escola e de conseqüente partilha, tanto mais que a maioria das obras em análise constituem sínteses criteriosas das aulas ministradas pelos docentes nas suas Universidades, ou então *relectiones*, quer dizer *repetições* de um tema lecionado durante um curso.

Como escreveu Luciano Pereña:

SE NA BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA DE COIMBRA É POSSÍVEL ENCONTRAR HOJE, UMA DAS COLEÇÕES MAIS RICAS DOS MESTRES SALMANTINOS, TAMBÉM ENTRE OS FUNDOS ESPANHÓIS, PROCEDENTES DOS COLÉGIOS MAIORES DE SALAMANCA, PODEMOS ENCONTRAR AS MAIS IMPORTANTES LEITURAS DE COIMBRA. ESTA COMUNICAÇÃO CONSTANTE DE IDEIAS CONTRIBUIU PARA O PROGRESSO DA ESCOLA E PARA A CONSOLIDAÇÃO DA SUA UNIDADE DOUTRINAL.¹

Por isso, o presente livro transita por uma fronteira que, neste âmbito temático, nunca existiu, para ser acolhido pela Real Sociedad Menéndez Pelayo (RSMP), que assumiu o encargo da tradução espanhola, como também de apresentar este projeto às equipas reitorais da Universidade da Cantábria (UC) e da Universidade Internacional Menéndez Pelayo. Foi assim que as autoridades académicas da UC e la propia Real Sociedad Menéndez Pelayo se encarregaram da obtenção dos fundos necessários para a edição deste livro, colocando-o à disposição do público não apenas de Portugal e Espanha, como também das Américas de Língua Portuguesa e Espanhola. Por seu turno, a UIMP e a RSMP patrocinaram um conjunto de seminários e atividades de extensão cultural no *Campus de Excelencia Cantabria Campus Internacional*, ao qual se associaram outras universidades e entidades culturais europeias e ibero-americanas, que em muito contribuirão para a qualidade e difusão

¹ Pereña, Luciano, «La Escuela de Salamanca y la Duda Indiana», in *La Ética en la Conquista de América*, CHP, vol. XXV, Madrid., 1984, p. 313.

por costumbre los escolásticos, estamos ante una Filosofía de cooperación entre filósofos que, partiendo de un patrimonio común de doctrina diseñado en este caso por Santo Tomás de Aquino, procuraban comentarlo, depurarlo y enriquecerlo, incluso contrastándolo con la riqueza en experiencias y en vida de los hombres y los pueblos que, por entonces, proporcionaba la aventura del Nuevo Mundo.

En semejante escenario, la preocupación por la originalidad no despertaba el mismo interés que hoy, prevaleciendo la noción de *Escuela en donde se comparte*; tan es así que la mayoría de las obras sobre las que se ha investigado, son resúmenes cualificados de clases impartidas por docentes en sus universidades, de modo que el término *relecciones* alude a las *repeticiones* de temas explicados durante un curso, presentadas al final del periodo lectivo ante el claustro universitario.

Como escribió Luciano Pereña:

SI EN LA BIBLIOTECA UNIVERSITARIA DE COÍMBRA ES POSIBLE ENCONTRAR HOY UNA DE LAS COLECCIONES MÁS RICAS DE LOS MAESTROS SALMANTINOS, TAMBIÉN ENTRE LOS FONDOS ESPAÑOLES, PROCEDENTES DE COLEGIOS MAYORES DE SALAMANCA, SE DESCUBREN LAS LECTURAS MÁS IMPORTANTES DE COÍMBRA. ESTA COMUNICACIÓN CONSTANTE DE IDEAS CONTRIBUYÓ AL PROGRESO DE LA ESCUELA Y A ESTRECHAR MÁS SU UNIDAD DOCTRINAL¹.

Por esto mismo el presente libro transita por una frontera que, finalmente y en este terreno concreto nunca existió, para ser acogido por la Real Sociedad Menéndez Pelayo (RSMP), que se encargó no sólo de procurar la traducción española sino también de presentar el proyecto a los equipos rectorales de la Universidad de Cantabria (UC) y de la Universidad Internacional Menéndez Pelayo (UIMP). En este contexto las autoridades académicas de la Universidad de Cantabria y la propia Real Sociedad Meéndez Pelayo se encargaron con eficacia de obtener los apoyos financieros necesarios para la edición del libro con textos e imágenes, y ponerlo a disposición del público no sólo en Portugal y España, sino también en las Américas de Lenguas Portuguesa y Española. Por su parte la UIMP y la RSMP han patrocinado un conjunto de seminarios y actividades de extensión cultural en el *Campus de Excelencia Cantabria Campus internacional*, al que se han sumado diversas universidades y entidades

¹ Pereña, Luciano "La Escuela de Salamanca y la Duda Indiana", en *La Ética en la Conquista de América*, Corpus Hispanorum de Pace, vol. XXV, Madrid, 1984, p. 313.

do projeto. Estamos, portanto, perante um trabalho de natureza e projeção ibero-americana, e através destas páginas confrontamo-nos com o testemunho eloquente de que, pese embora a crueza dos factos, os impérios português e espanhol foram os primeiros da história da humanidade a questionarem-se seriamente e em termos sistemáticos sobre a legitimidade jurídica e a moralidade das suas conquistas, honrando as suas universidades e a missão de baluartes do pensamento crítico que por definição sempre lhes coube.

O intenso debate que provocaram nasceu da consciência crítica que se manifestava nas universidades espanholas e portuguesas, na sequência dos trágicos acontecimentos ocorridos em terras americanas, a que os portugueses juntavam a sua experiência em África e na Ásia, sobretudo no que concerne ao tráfico negreiro, bem como ao comércio de escravos japoneses e chineses.

Por isso, importa situar na Península Ibérica o nascimento de um dos pilares da modernidade europeia, mostrando como entre nós se lançaram as bases do conceito de comunidade internacional, assente numa conceção objetiva da justiça, sem cedência a relativismos de ocasião, ou a interesses vitais da razão de Estado, de que se alimentaria mais tarde o positivismo jurídico, bem como o afã das correntes do *realismo* jurídico contemporâneo.

À razão de Estado sobrepujaram sempre os mestres peninsulares a *razão da Humanidade*² e a dignidade da pessoa humana, de que emergiam normas imperativas de Direito.

Como escreveu José da Silva Dias:

O DIREITO NATURAL MODERNO TEVE O SEU BERÇO NA PENÍNSULA IBÉRICA. E TEVE-O EXATAMENTE NO QUADRO DA PROBLEMÁTICA ÉTICO-POLÍTICA GERADA PELAS DESCOBERTAS. MUITO ANTES DE APROFUNDADO E DESENVOLVIDO PELOS JURISTAS PROTESTANTES DO SÉCULO XVII, JÁ CONHECERA UM MOMENTO HISTÓRICO FUNDAMENTAL DE PESQUISA E APLICAÇÃO NO PENSAMENTO DOS TEÓRICOS HISPÂNICOS. A LUTA QUE ESTES TRAVARAM POR UM SISTEMA DE DIREITO NATURAL VÁLIDO PARA TODOS OS TEMPOS E LUGARES É, PROPRIAMENTE FALANDO, A LUTA PELA INVENÇÃO DE UM SISTEMA DE CONVIVÊNCIA HUMANA, INDEPENDENTE DOS COSTUMES OU CRENÇAS RELIGIOSAS PARTICULARES DOS GRUPOS.³

² Cf. Cançado Trindade, Antônio Augusto, *A Humanização do Direito Internacional*, Belo Horizonte, 2006, p. VI.

³ Dias, José Sebastião da Silva. *Os Descobrimientos e a Problemática Cultural do Século XVI*, Lisboa, 1982, p. 172. Vid. Díaz, J. S. da Silva, *Influencia de los descubrimientos en la vida cultural de S. XVI en "La revolución de la experiencia"*. F.C.E., México 1986, pp. 78-102.

culturales de Europa e Iberoamérica, que sin duda van a contribuir en mucho a la calidad y difusión de este Proyecto.

Estamos, por tanto, ante un trabajo de naturaleza y proyección iberoamericana en cuyas páginas constatamos la elocuente evidencia de que fueron los imperios portugués y español los que, por primera vez en la historia humana, se cuestionaron la moralidad y legitimidad de su expansión y del arcaico y cruel derecho de conquista al que, *de facto*, se estaban acogiendo, dignificando sus universidades y su permanente condición de baluartes del pensamiento crítico.

El intenso debate al que ese cuestionamiento dio lugar fue producto de la conciencia crítica que suscitaban en las universidades españolas y portuguesas los relatos de los trágicos acontecimientos que tenían lugar en las tierras americanas o los que provenían de la experiencia de los portugueses en Asia y África en relación con el tráfico negrero y el comercio de esclavos japoneses y chinos.

En este contexto, es preciso reconocer que fue en la Península Ibérica donde se formularon por vez primera las bases del concepto actual de *comunidad internacional*, una de las expresiones más hermosas de la modernidad europea. En universidades españolas y portuguesas se concibió y promovió un Derecho internacional basado en el Derecho Natural y en la concepción objetiva de la justicia. Esta doctrina jurídica no se plegaba a relativismos ocasionales ni a los intereses vitales de la Razón de Estado, al contrario de lo que ocurriría más adelante con el positivismo jurídico y las diversas corrientes del realismo jurídico contemporáneo.

A la Razón de Estado los maestros peninsulares antepondrán siempre la *Razón de la Humanidad*² y la dignidad de la persona humana, que es de donde proceden los mandatos imperativos del Derecho.

Como escribió José da Silva Dias:

EL DERECHO NATURAL MODERNO TIENE SU CUNA EN LA PENÍNSULA IBÉRICA. Y LA TIENE EXACTAMENTE CON OCASIÓN DE LA PROBLEMÁTICA ÉTICO-POLÍTICA GENERADA POR LOS DESCUBRIMIENTOS. MUCHO ANTES DE QUE PROFUNDIZARAN EN ÉL Y LO DESARROLLARAN LOS JURISTAS PROTESTANTES DEL SIGLO XVII, YA HABÍA CONOCIDO UN MOMENTO HISTÓRICO FUNDAMENTAL DE INVESTIGACIÓN Y APLICACIÓN, EN EL PENSAMIENTO DE LOS TEÓRICOS HISPÁNICOS. LA LUCHA QUE ESTOS SOSTUVIERON EN FAVOR DE UN SISTEMA DE DERECHO

² Cançado Trindade, Antônio Augusto, *A Humanização do Direito Internacional*, Belo Horizonte, 2006, p. VI.

II.

A LIMITAÇÃO DO PODER DO PAPA

Os autores desta Escola ibérica e hispânica, espanhóis e portugueses, eram todos homens de igreja, frades e clérigos, dominicanos uns, jesuítas outros, confessores régios, quase todos catedráticos de Teologia nas Universidades de Coimbra, Évora, Salamanca, Valladolid e Alcalá de Henares, teólogos reais no Concílio de Trento, abades de mosteiros e missionários, crentes sinceros a quem repugnava a ideia de que o Deus da paz deliberasse que os cristãos levassem a guerra àqueles que O não adoravam, derramando o sangue dos Seus filhos, ocupando territórios alheios, expropriando os bens das comunidades indígenas e esmagando as suas soberanias, ainda que embrionárias, em territórios que nunca haviam pertencido aos cristãos, mediante práticas de crueldade a que se não tinham atrevido ainda os piores tiranos.

Tais procedimentos eram por eles encarados como antievangélicos e vincadamente contrários ao direito divino, natural e humano, afrontando a paternidade divina, à luz da qual todos os homens foram criados livres por Deus, à sua imagem e semelhança. Assim se fundava, na mais nobre raiz, a igualdade e irmandade natural entre os homens, no quadro do antigo preceito paulino de que *não há diferença entre judeu e grego* (Rom 10, 12), alargado agora à pluralidade dos homens e dos povos recém-descobertos.

Em causa estavam, como dissemos, os princípios teológicos, filosóficos e jurídicos que deveriam orientar a convivência e relação entre povos de coordenadas culturais e civilizacionais diferentes, sobretudo os europeus, os americanos e os africanos, sem esquecer a rica experiência portuguesa no Oriente. Neste sentido, os mestres de Salamanca, Coimbra e Évora fundamentaram em termos muito claros as teses sobre a soberania inicial do povo, considerando o poder político como constitutivo da natureza humana, no quadro do jusnaturalismo escolástico.

Assim se fundamentava a necessidade de respeitar a legitimidade das soberanias indígenas, mostrando que o poder político entre os príncipes pagãos, *em si mesmo*, não era de menor nem de distinta natureza do que o poder dos príncipes cristãos, e que as considerações teóricas acerca da fundamentação do poder civil na razão natural e na natureza social do homem eram válidas para o conjunto da humanidade, independentemente das diversidades culturais e religio-

NATURAL VÁLIDO PARA TODOS LOS TIEMPOS Y LUGARES ES, PROPIAMENTE HABLANDO, UNA LUCHA POR LA INSTAURACIÓN DE UN SISTEMA DE CONVIVENCIA HUMANA INDEPENDIENTE DE LAS COSTUMBRES O CREENCIAS RELIGIOSAS PARTICULARES DE CADA GRUPO³.

II.

LA LIMITACIÓN DEL PODER DEL PAPA

Los autores que se inscriben en esta Escuela ibérica o hispánica, españoles y portugueses, eran todos hombres de iglesia, frailes y clérigos, dominicos unos jesuitas otros, confesores de reyes, casi todos catedráticos de Teología en las Universidades de Coímbra, Évora, Salamanca y Alcalá de Henares, teólogos enviados por los reyes al Concilio de Trento, abades de monasterios y misioneros, creyentes sinceros a quienes repugnaba la idea de que el Dios de la paz hubiera decidido que los cristianos llevaran la guerra a cuantos no le adoraban, derramando la sangre de sus hijos, ocupando territorios ajenos, expropiando los bienes de las comunidades indígenas y aplastando sus instituciones soberanas, aunque embrionarias, en territorios que nunca antes habían pertenecido a los cristianos y usando de una crueldad a la que hasta entonces no se habían atrevido los peores tiranos.

Para aquellos maestros tales procedimientos eran antievangélicos, decididamente contrarios a todo derecho, divino, natural y humano y opuestos a una paternidad divina en virtud de la cual todos los hombres habían sido creados libres por Dios, a su imagen y semejanza. De esta raíz tan noble procedía la igualdad y la hermandad natural entre los hombres, expresada en el antiguo precepto paulino de que *no hay distinción entre judío y griego* (Rom. 10,12) y extendido ahora a la pluralidad de hombres y pueblos recién descubiertos.

De ese modo se estaban formulando los principios teológicos, filosóficos y jurídicos que deberían orientar la convivencia y relación entre pueblos de coordenadas culturales y civilizaciones diferentes, en especial entre los europeos, americanos y africanos, sin olvidar aquellos de los que daba cuenta la rica experiencia portuguesa en Oriente. En este sentido los maestros de Salamanca, Coímbra y Évora fundamentaron con toda claridad las tesis sobre la soberanía primigenia del pueblo considerando, dentro de los esquemas del

³ Dias, José Sebastião da Silva. *Os Descobrimentos e a Problemática Cultural do Século XVI*, Presença, Lisboa, 1982, p. 172.
Vid. Díaz, J. S. da Silva, *Influencia de los descubrimientos en la vida cultural de S. XVI en «La revolución de la experiencia»*. F.C.E., México 1986, pp. 78-102.

sas. Neste contexto, a legitimidade do poder civil dos cristãos sobre os infiéis deveria ser considerada no mesmo plano da legitimidade do poder civil dos infiéis sobre os cristãos, porque para reinar não se impunha a conversão ao cristianismo, bastava ser homem, ainda que, como dizia Francisco Suárez, *se não possua uma alma recta*⁴.

O poder civil fazia parte da natureza das comunidades humanas, não dependia da fé nem da caridade, assim como não podia considerar-se, à partida, dependente de uma ordem jurídica de natureza imperial, porque, como sublinhava Martín de Azpilcueta em Coimbra, em 1548, *a lei imperial não suprime as providências naturais*⁵. Neste contexto, importava fundamentar tanto a tese de que o Papa não possuía autoridade temporal ou espiritual sobre os povos estranhos ao mundo cristão (possuindo apenas poder espiritual entre os cristãos, bem como poder indireto sobre os assuntos temporais, em ordem ao fim espiritual), como a de que os imperadores romano-germânicos ou os reis peninsulares não podiam considerar-se senhores do mundo, devendo entender-se tal título apenas como hipérbole, ou, na pior das hipóteses, como manifestação de arrogância, como dizia Luis de Molina, nas suas aulas em Évora, de que aqui damos nota.

Nem o Papa poderia considerar-se *dominus orbis in temporalibus et spiritualibus*, nem a autoridade imperial se estendia a todos os povos do mundo, tanto do ponto de vista do direito divino, como do direito natural e do direito humano, situando-se no contexto deste último a questão fundamental da guerra justa e, conseqüentemente, da escravatura, que tinha no direito bélico o seu principal título legítimo, acrescido pela venda voluntária em necessidade *extrema*, trocando o valor da liberdade pelo maior valor da vida. Na verdade, para os nossos autores, todos os homens foram criados livres por Deus, mas essa liberdade poderia ser perdida em caso de aplicação do direito da guerra; da condenação por crimes à luz do direito interno e da venda voluntária da liberdade em situação de extrema necessidade, quer dizer, em caso de miséria extrema que pusesse em causa a preservação da vida⁶. Alguns autores, como era o caso de Luis de Molina, referiam ainda um quarto título, herdado do direito romano, à luz do qual o filho de mãe escrava permanecia escravo, no quadro do princípio de que *o parto segue o ventre*⁷.

O império universal seria considerado ou como um desígnio humana e moralmente impossível, como em Suárez, ou como uma expectativa jurídica com opção preferente, no sentido em que, tendo

⁴ Suárez, Francisco, *Defensio Fidei Catholicae...*, III, IV, Coimbricae, 1616, IV,5.

⁵ Azpilcueta, Martín de, *Relectio C. Nouit de iudiciis*, Coimbricae, 1548, pp. 51-53.

⁶ Este tema da venda da liberdade em estado de necessidade extrema é amplamente abordado no capítulo III deste volume, no ponto dedicado a Manuel da Nóbrega, a propósito da sua polémica com Quirício Caxa.

⁷ Molina, Luis de, *De iustitia et iure*, Cuenca, 1593, tomo I, liv. I, disp. XXXII

jusnaturalismo escolástico, que el poder político es algo constitutivo de la naturaleza humana.

Así, se argumentaba la necesidad de respetar la legitimidad de los poderes soberanos indígenas, mostrando que el poder político entre los príncipes paganos, en sí mismo, no era menos importante ni de distinta naturaleza que el de los príncipes cristianos y que las consideraciones teóricas sobre el fundamento del poder civil en la razón natural y en la naturaleza social del hombre, eran válidas para el conjunto de la humanidad, independientemente de las diversas culturas y religiones. En este contexto, debería tenerse en cuenta que la legitimidad del poder civil de los cristianos sobre los infieles es la misma que la del poder civil de los infieles sobre los cristianos, porque para reinar no se imponía la conversión al cristianismo, bastaba con ser hombre, aunque, como decía Francisco Suárez, «no posea un alma recta»⁴.

Y era visto así porque se entendía que la legitimidad del poder civil, inherente a las comunidades humanas, no proviene de la fe ni de la caridad ni, por principio, puede hacérsela depender de un orden jurídico de naturaleza imperial, puesto que, como decía Martín de Azpilicueta en Coímbra, en 1548, *la ley imperial no suprime las prolos dones naturales*⁵. En este contexto, tan importante era argumentar la tesis de que el Papa no poseía autoridad temporal o espiritual sobre los pueblos ajenos al mundo cristiano (tan solo poseía poder espiritual entre los cristianos, o a lo sumo un poder indirecto sobre los asuntos temporales en orden a un fin espiritual), como la tesis de que los Emperadores romano-germánicos o los Reyes peninsulares no podían considerarse *señores del mundo*, debiendo entenderse tal título tan sólo como una hipérbole o en el peor de los casos como una expresión de arrogancia, según escribía Luis de Molina en sus lecciones de Évora, tal como se muestra en las páginas de este libro.

Ni el Papa podía considerarse *dominus orbis in temporalibus et spiritualibus*, ni la autoridad imperial se extendía a todos los pueblos del mundo, y ello tanto desde el punto de vista del Derecho Divino, como del Derecho Natural y del Derecho Humano. En este último se incluía la cuestión fundamental de la guerra justa y por tanto la de la esclavitud, que encontraba en el derecho a la guerra su principal título de legitimidad y al que se sumaba el de *venta voluntaria por necesidad extrema*, con el cual se justificaba la permuta del valor de la libertad por el valor mayor de la vida.

En realidad, para los maestros peninsulares, todos los hombres fueron creados libres por Dios, pero esa libertad podía perderse en

⁴ Suárez, Francisco, *Defensio Fidei Catholicae...*, III, IV, Conimbricæ, 1616, IV, 5.

⁵ Azpilicueta, Martín de, *Relectio C. Nouit de iudiciis*, Coinimbricæ, 1548, pp. 51-53.

em conta as doações papais, apenas os reis de Portugal e Espanha poderiam desenvolver o trato comercial e mover guerra justa nas Índias Ocidentais e Orientais, respetivamente, configurando uma opção preferencial do Papa, nos termos sublinhados por Manuel Soares, no seu ainda manuscrito *De Legibus* (Coimbra, 1575):

O PAPA PODE, SEM INJUSTIÇA CONTRA ALGUÉM, RECOMENDAR A SEU TALANTE, AOS PRÍNCIPES QUE LHE APROUVER, A FUNÇÃO DA PREGAÇÃO EVANGÉLICA ENTRE AQUELES BÁRBAROS, E POR ESTE MOTIVO, SEMPRE QUE SE FIZER MISTER, PROIBIR AOS PRÍNCIPES CRISTÃOS O CITADO TRATO COMERCIAL.⁸

⁸ Soares, Manuel, *De legibus*, (1575) ms 2780 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, fol. 313v.

Por outro lado, em virtude das mesmas doações papais, em caso de pacto translativo do poder, apenas os reis peninsulares poderiam receber, entre os demais príncipes cristãos –a que se estendia esse poder indireto do Papa sobre assuntos temporais–, o poder civil que fosse transferido ou concedido livremente pelos povos das duas Índias, em virtude da mesma opção preferencial do Sumo Pontífice.

Para os autores da Escola Ibérica da Paz, o Papa não podia, fora do redil da Igreja, conceder o direito de conquistar primeiro para evangelizar depois, não podia desrespeitar o legítimo direito ao domínio de jurisdição e propriedade dos povos indígenas da América, porque Cristo não lhe concedera a espada temporal nem, por consequência, o Seu poder temporal *direto*; não podia conceder aos reis hispânicos, o direito de castigar a idolatria e as demais ofensas a Deus, cometidas por esses povos, porque não tinha poder espiritual sobre eles, pois Cristo não concedera a Pedro e aos seus sucessores poder espiritual sobre os povos do mundo inteiro, mas apenas sobre os já batizados; não podia reivindicar para si o direito de recorrer ao braço armado dos príncipes cristãos para castigar crimes contra a natureza, como o incesto e a homossexualidade, porque entre os povos cristãos tais práticas também eram conhecidas e os franceses não podiam, por isso, castigar ou atacar os italianos em punição de tais crimes, pois isso subverteria totalmente a ordem internacional. Em suma, fora das fronteiras da Cristandade, o Papa apenas podia conceder o que Cristo ordenou aos Apóstolos: *Ide e pregai o Evangelho a toda a criatura* (Mc 16, 15), quer dizer, o direito e dever de pregar em todo o mundo, pacificamente, bem como os meios temporais necessários a tal fim espiritual, que nes-

caso de aplicación del derecho de la guerra, de condena por crímenes a la luz del derecho interno, y de venta voluntaria de la libertad en situación de extrema necesidad, esto es, en caso de miseria extrema que pusiese en peligro la preservación de la vida⁶.

Algunos autores, como era el caso de Luis de Molina, mencionaban también un cuarto título, heredado del derecho romano, según el cual, y de acuerdo con el principio de que «*el parto sigue al vientre*»⁷, el hijo de madre esclava permanecía esclavo.

El imperio universal sería considerado o bien un designio humana y moralmente imposible, como en el caso de Suárez, o bien una expectativa jurídica con opción preferente, en el sentido siguiente: Invocando concesiones papales, tan sólo los reyes de Portugal y España de entre todos los príncipes cristianos a los que se extendía el poder indirecto del Papa en asuntos temporales, podrían promover la guerra justa en las Indias orientales y occidentales, respectivamente, configurando una opción preferente del Papa, en los términos subrayados por Manuel Soares, en su manuscrito *De Legibus* (Coímbra, 1575):

EL PAPA PUEDE, SIN INJUSTICIA CONTRA NINGUNO,
RECOMENDAR A SU VOLUNTAD, A LOS PRÍNCIPES QUE LE
PLAZCA, LA FUNCIÓN DE LA PRÉDICA EVANGÉLICA ENTRE
AQUELLOS BÁRBAROS, Y POR ESTE MOTIVO, SIEMPRE QUE
FUERA MENESTER, PROHIBIRÁ A LOS PRÍNCIPES CRISTIANOS
EL CITADO TRATO COMERCIAL⁸.

Por otro lado, en virtud de las mismas concesiones papales y de la misma opción preferente del Sumo Pontífice, en caso de un pacto para la transmisión del poder, sólo los reyes peninsulares, de entre los príncipes cristianos, podrían recibir el poder civil que fuera transferido o concedido libremente a príncipes cristianos por los pueblos de ambas Indias.

En otras palabras, para los autores de la Escuela Ibérica de la Paz, el Papa no podía, fuera del redil de la Iglesia, conceder el derecho de conquistar primero para evangelizar después, no podía vulnerar el legítimo derecho al dominio de jurisdicción y propiedad de los pueblos indígenas de América, pues Cristo no le había otorgado la *espada temporal* ni, en consecuencia, le había concedido su poder temporal directo; no podía conceder a los reyes hispánicos el derecho de castigar la idolatría y las demás ofensas a Dios cometidas por esos pueblos, porque no tenía poder espiritual sobre ellos, puesto que Cristo no otorgó a Pedro y a sus sucesores poder espiritual sobre los

⁶ Este tema de la venta de la libertad en caso de extrema necesidad es ampliamente abordado en el capítulo III de este volumen, dentro el apartado dedicado a Manuel da Nóbrega a propósito de su polémica con Quirício Caxa.

⁷ Molina, Luis de, *De iustitia et iure*, Cuenca, 1593, tomo I, livo I, disp. XXXII.

⁸ Soares, Manuel, *De legibus*, (1575) ms de la Biblioteca Geral de la Universidade de Coímbra, fol. 313.

te caso entravam na alçada do seu poder indireto sobre as coisas temporais.

Então, em virtude da autoridade apostólica, o Papa podia proibir aos demais príncipes cristãos o direito ao comércio nas terras e mares do Novo Mundo, na medida em que tal atividade, sendo temporal, tinha em vista, direta e principalmente, um fim espiritual, sendo certo que quem dava a obrigação de realizar uma obra, dava também os meios necessários à sua concretização. Porém, era importante levar em conta uma prevenção essencial: se este direito à pregação universal, concedido diretamente por Cristo à Sua Igreja, fosse obstruído pela força, poderia o Papa pedir o auxílio do braço armado dos príncipes cristãos, com o fim de remover a força com a força. Todavia, embora tal fosse lícito, poderia não ser conveniente, sendo previsível que criasse mais obstáculos futuros do que benefícios presentes, pelo ódio que em regra nascia do emprego da força, ainda que lícita. Suárez, por sua vez, tinha estabelecido uma limitação a tal direito: se fosse toda a república ou comunidade a obstruí-lo, a guerra seria ilegítima; ao contrário, se fosse apenas parte da comunidade ou república a impedi-lo, seria legítimo presumirmos que a outra parte estaria recetiva a ouvir a palavra de Deus, tornando-se, então, legítima a guerra.

126

Chamamos a propósito a atenção do leitor para um texto aqui transcrito de Frei António de São Domingos, professor da Universidade de Coimbra, cuja obra permanece inédita, e que, tanto quanto nos é dado saber, é dos primeiros, que, mesmo contra o fundador da Escola, Francisco de Vitoria e os seus discípulos de Salamanca, põe em causa este título legítimo de guerra, com um argumento assinalável.

De facto, este direito concedido por Cristo aos Apóstolos não era um direito completamente natural, no sentido em que não radicava em absoluto na razão natural comum a todos os homens. Francisco Suárez, aliás, explicitara-o bem, em texto escrito durante a sua permanência no Colégio Romano, ao considerar que *este direito não é completamente natural, de certa forma é sobrenatural, e basta que assumamos a revelação e a doutrina que acolhemos, para podermos justificar de maneira suficiente o nosso direito, demonstrando também que é consentâneo à razão, assim como necessário à salvação da alma. Isto nenhuma outra seita nos pode demonstrar e é algo que para nós é evidente.*⁹

Para nós poderia ser evidente, mas não o era necessariamente para os gentios. De facto, Frei António de São Domingos põe di-

⁹ Suárez, Francisco, *De mediis quibus infideles possint licite ab hominibus ad fidem adducit*, Roma, Universidade Gregoriana, ms. 452, ff. 365-370, quaestio 4^a.

pueblos de todo el mundo, sino tan sólo sobre los bautizados; tampoco podía reclamar para sí el derecho a recurrir al brazo armado de los príncipes cristianos con el fin de castigar crímenes contra la naturaleza, como el incesto o la bigamia, porque tales prácticas también eran conocidas entre los pueblos cristianos y no por ello los franceses podían castigar o atacar a los italianos persiguiendo tales crímenes, ya que semejante proceder subvertiría totalmente el orden internacional. En suma, fuera de las fronteras de la Cristiandad, el Papa sólo podía conceder lo que Cristo ordenó a sus discípulos: *Id y predicad la Buena Nueva a toda la creación* (Mc 16, 15), es decir el derecho y el deber de predicar en todo el mundo pacíficamente, así como los medios temporales necesarios para tal fin espiritual, que en este caso correspondían a su poder indirecto sobre los asuntos temporales.

Por tanto, en virtud de la autoridad apostólica, el Papa podía negar a los demás príncipes cristianos el derecho a comerciar en las tierras y mares del Nuevo Mundo y de las Indias Orientales, en la medida en que tal actividad, siendo temporal, implicaba un fin espiritual para cuyo logro era un medio indispensable pues, ciertamente, quien impone la obligación de realizar una obra, debe proporcionar también los medios necesarios para su implementación.

Sin embargo, en este asunto era importante tener en cuenta una precaución esencial: si ese derecho a la predicación universal, concedido directamente por Cristo a su Iglesia, fuese obstruido por la fuerza, podría el Papa solicitar el auxilio del brazo armado de los príncipes cristianos, con el fin de impedir la fuerza con la fuerza. Aunque podría no ser conveniente pues, incluso siendo ello lícito, es previsible que produzca más obstáculos en el futuro que beneficios en el presente y ello debido al odio que, por regla general, suscita el empleo de la fuerza, aunque ésta sea legítima. Suárez, a su vez, había establecido una limitación a dicho derecho: si fuese toda la república o comunidad la que lo impidiera, la guerra sería ilegítima; por el contrario, si solo se tratase de una parte de la república o comunidad la que lo impidiera, sería legítimo presumir que la otra parte se mostraba receptiva a oír la palabra de Dios, lo que legitimaría la guerra.

Llamamos la atención del lector, de un modo especial, sobre un texto transcrito en este libro, de Frei António de São Domingos profesor en la Universidad de Coímbra, cuya obra permanece inédita y que, por lo que sabemos, es uno de los primeros donde se pone en cuestión ese derecho legítimo a la guerra, con un argumento nada desdeñable que contradice incluso al fundador de la Escuela, Francisco de Vitoria y sus discípulos de Salamanca.

retamente em causa esse direito da Igreja, também defendido por Suárez em Coimbra, porque não era possível provar aos gentios, em termos estritamente racionais, que possuíamos tal direito, e como era com base na razão natural que primeiro comunicávamos com esses povos, não podíamos mover-lhes guerra com base em argumentos que, sendo *consentâneos à razão*, como dizia Suárez, não eram completamente naturais. Ou seja, os gentios tinham direito a não se deixarem convencer pelos nossos argumentos, estabelecendo-se assim o direito da guerra em plano estritamente racional.

III.

OS DEFENSORES DA TEOCRACIA

Esta limitação do poder papal, conduzida por jesuítas e dominicanos das Universidades de Salamanca, Alcalá, Évora e Coimbra, exercia-se em plano de vincada adversidade, pois contra eles se levantava a tradição decretalista da teocracia. Era o caso, muito citado pelos autores desta Escola, do Bispo de Silves do século XIV, Álvaro Pais, natural da Galiza, que apoiado no cardeal ostiense, Henrique de Susa¹⁰, sustentava a tese de que o Papa era *dominus orbis* no temporal e no espiritual, na qual viria a basear-se uma ética colonial de conquista e subjugação dos gentios da América.

Álvaro Pais, tal como a maioria dos teocratas dos séculos XIV e XV, tinham a seu favor a interpretação mais literal¹¹ da Extravagante do Papa Bonifácio VIII, escrita em 1302, intitulada *Unam sanctam*. Nos termos desta Extravagante podia ler-se que *quem nega que em poder de Pedro se encontra a espada temporal, não toma em atenção as palavras do Senhor, quando disse: «Embainha a espada»* e, mais adiante, sublinhava Bonifácio VIII que *Em poder da Igreja encontram-se tanto a espada espiritual como a temporal*. Então, para Álvaro Pais, *o Papa tem jurisdição universal em todo o mundo, não só nas coisas espirituais, mas também nas temporais [...] porque assim como há um só Cristo, sacerdote e rei, senhor de todas as coisas, assim também há um só vigário-geral seu na terra e em tudo [...]. O Papa é vigário não de um puro homem mas de Deus [...]; logo, também pertencem ao Papa a terra e a sua plenitude porque Cristo concedeu os direitos dos dois poderes a S. Pedro*¹². A enquadrar esta plenitude do poder papal estava a tese de que o poder político provém de Deus através do Papa, pelo que o poder do imperador e dos demais príncipes seculares era-lhes concedido diretamente pelo Pontífice Romano e não pelo povo, ao

¹⁰ Enricus de Segusio (Hostiensis), *In tertium Decretalium librum commentaria*, cap. 8, n. 14-16.

¹¹ Refiro a interpretação mais literal, pois os adversários da teocracia interpretavam a mesma Extravagante de maneira diferente. Sirva de exemplo a belíssima *Relectio*, pronunciada por Martín de Azpícueta em 1548, perante a Assembleia da Universidade de Coimbra, no final do ano lectivo, em que refere que o Papa Bonifácio VIII queria apenas dizer que “o poder laico deve submeter-se ao espiritual quando o interesse das coisas sobrenaturais assim o exigir”, in *Relectio c. nouit de iudiciis*, Conimbricæ, 1548, anot. 3, 54.

¹² Pais, Álvaro *De Status et Planctu Ecclesiae*, vol. I, INIC, Lisboa, 1983, pp.347-45.

En realidad, el derecho concedido por Cristo a los Apóstoles no es un derecho completamente natural, en el sentido de que, bajo ningún concepto, radica en la razón natural común a todos los hombres. Francisco Suárez, en concreto, lo deja bien claro en un texto elaborado durante su permanencia en el Colegio Romano, donde se considera que *ese derecho no es completamente natural, sino que en cierto modo es sobrenatural y basta que asumamos la revelación y la doctrina que profesamos, para quedar suficientemente convencidos de nuestro derecho, demostrando además que es conforme a la razón así como necesario para la salvación del alma. Esto, que es algo evidente para nosotros, ninguna secta nos lo podrá demostrar*⁹.

Sin embargo, yendo más lejos, Frei António de São Domingos, cuestiona directamente ese derecho de la Iglesia, también defendido por Suárez en Coímbra, porque no era posible demostrar a los pueblos gentiles, en términos estrictamente racionales, que los cristianos poseían tal derecho y, dado en mantener como está: un principio habían entrado en contacto con esos pueblos amparándose en el derecho natural, no podían luego llevarles a la guerra amparándose en argumentos que, siendo *conformes a la razón* como decía Suárez, no fueran *completamente* naturales. Dicho de otro modo: los gentiles tenían derecho a no dejarse convencer por los argumentos de los cristianos, planteándose de ese modo el derecho a la guerra como un asunto estrictamente racional.

III.

LOS DEFENSORES DE LA TEOCRACIA

Esta limitación del poder papal, difundida por jesuitas y dominicos desde las Universidades de Salamanca, Alcalá, Évora y Coímbra, se abría paso en medio de muchas controversias, pues frente a ella se alzaba la tradición decretalista de la teocracia. Tal era el caso, frecuentemente citado por los autores de esta escuela, del Obispo de Silves en el siglo XIV, Álvaro Pais, natural de Galicia, quien apoyándose en el Cardenal Enrique de Susa (el Ostiense)¹⁰, sostenía la tesis de que el Papa era *Dominus orbis* tanto en lo temporal como en lo espiritual, y en la cual vendría a sustentarse toda una ética colonial de conquista y subyugación de los paganos y gentiles en América.

Álvaro Pais, al igual que la mayor parte de los teócratas de los siglos XIV y XV, tenía a su favor la interpretación más literal¹¹ de la Extravagante del Papa Bonifacio VIII, escrita en 1302, titulada *Unam Sanc-*

⁹ Francisco Suárez, *De mediis quibus infideles possint licite ab hominibus ad fidem adducit*, Roma, Universidad Gregoriana, ms. 452, ff. 365-370, quaestio 4^a.

¹⁰ Enricus de Segusio (Hostiensis), *In tertium Decretalium librum commentaria*, cap. 8, n. 14-16.

¹¹ Se alude a la interpretación más literal, porque los contrarios a la teocracia interpretaban la misma Extravagante de manera diferente. Sirva de ejemplo la hermosísima *relectio* pronunciada por Martín de Azpilicueta en 1548 ante el Claustro de la Universidad de Coímbra en la clausura del curso académico, en donde dice que el Papa Bonifacio VIII tan sólo quería expresar que "el poder laico debe someterse al espiritual cuando el interés de las cosas sobrenaturales así lo exija." *in Relectio c. nouit de iudiciis*, Coímbra, 1548, anot. 3, 54.

contrário do que defendiam Vitoria, Suárez, Molina e os demais autores da Escola Ibérica da Paz.

Já quanto a Henrique de Susa, cardeal ostiense, em quem o autor galego se apoiava, sustentava que, com a vinda de Cristo, o poder civil dos infiéis, gentios ou pagãos, foi-lhes retirado e transferido para a o seu vigário e cabeça da Igreja¹³, razão por que o domínio de jurisdição e propriedade entre os infiéis era de todo ilegítimo.

Sublinhe-se, no entanto, que um dos momentos culminantes destas conceções teocráticas, no final da idade média, foi a obra de Egídio Romano, intitulada *De ecclesiastica sive de summi pontificis potestate*¹⁴, escrita no início do século XIV, onde defende que foi o poder espiritual que instituiu o poder temporal, razão por que só os reinos que reconhecem o Papa como instituidor são legítimos.

Para Egídio, a verdadeira justiça, fundamento do poder político, só existe naquela república cujo fundador e governador é Cristo, mas nada está sob o governo de Cristo se não estiver sob o Sumo Pontífice que é vigário de Cristo. Logo, os povos que não reconhecem a autoridade do Sumo Pontífice não são legítimos possuidores dos seus bens nem os seus reis legítimos governantes. Só pelo batismo o homem pode possuir legítimo domínio e por isso os infiéis não são legítimos possuidores.

Foi com base em conceções desta natureza, relativas ao senhorio universal do Papa, que se criou uma linha de atuação e expansão imperial, fundada nas concessões do Papa Alexandre VI (1493) aos reis de Portugal e Espanha –depois precisadas, por pressão do rei de Portugal D. João II, no Tratado de Tordesilhas (1494)– cujo melhor exemplo é seguramente o *Requerimiento*, no qual se formalizaram as conclusões da Junta de Valladolid (1513), mandada reunir pelo rei de Espanha, Fernando de Aragão, e que constituiu, para o caso espanhol, o manifesto da Coroa que os conquistadores deveriam ler aos índios antes da abertura das hostilidades, vindo a transformar-se na fórmula final da nova ideia de justiça colonial¹⁵.

Entre os termos do *Requerimiento* constava a obrigação dos povos americanos reconhecerem o senhorio universal do Papa, ou seja, nas palavras de L. Pereña: *O Requerimiento proclamava o senhorio universal do Papa, a doação pontifícia das Índias aos reis de Espanha e o mandato que lhes foi imposto para evangelizar e predicar a fé cristã aos habitantes das terras descobertas e a descobrir. Em virtude destes títulos – senhorio universal do Papa, delegação política, única e exclusiva, em favor da monarquia espanhola e direito a evangelizar e predicar a fé*

¹³ Enricus de Segusio (Hostiensis), op. cit. cap. 8, n. 14-16.

¹⁴ Existe desta obra uma excelente tradução em língua portuguesa: Egídio Romano, *Sobre o Poder Eclesiástico*, trad. L.A. De Boni, Petropolis, 1989. Vid. Roche Armas, P. *Iglesia en el "De ecclesiastica potestate" de Egidio Romano*. *Anales del Seminario de Historia de la Filosofía*, Madrid, UCM. vol. 24 (2004) pp. 141-153.

¹⁵ Pereña, Luciano, *La Idea de Justicia en la Conquista de América*, Madrid, 1992, p. 35

tam. En esa Extravagante podía leerse textualmente que *quien niega que en poder de San Pedro se halla la espada temporal, no presta atención a las palabras del Señor cuando dice: envaina la espada* y más adelante subrayaba Bonifacio VIII que *en poder de la Iglesia se halla tanto la espada espiritual como la temporal*. Por tanto para Álvaro Pais *el Papa tiene jurisdicción universal en todo el mundo, no sólo en las cosas espirituales sino también en las temporales... porque así como hay un sólo Cristo, Sacerdote y Rey, Señor de todas las cosas, así también hay un sólo Vicario general suyo en la tierra y en el mundo todo... El Papa es Vicario no de un hombre sin más, sino de Dios... luego también pertenecen al Papa la tierra y su plenitud porque Cristo concedió a San Pedro el derecho a los dos poderes*¹².

Esta universalidad del poder papal se acogía a la tesis de que el poder político proviene de Dios a través del Papa, por lo que el poder del Emperador y de los demás príncipes seculares les era concedido directamente por el Romano Pontífice y no por el pueblo, al contrario de lo que sostenían Vitoria, Suárez, Molina y los demás autores de la Escuela Ibérica de la Paz. Enrique de Susa (el Cardenal Ostiense), en el cual se apoyaba el autor gallego, ya defendía que, con la venida de Cristo, les fue retirado el poder civil a los infieles, gentiles y paganos para transferirlo a su Vicario y Cabeza de la Iglesia¹³, razón por la cual el dominio de jurisdicción y propiedad entre los infieles era del todo ilegítimo.

Cabe señalar, sin embargo, que el punto culminante de estas concepciones teocráticas en las postrimerías de la Edad Media, fue la obra de Egidio Romano titulada *De ecclesiastica sive de summi pontificis potestate*¹⁴, escrita a principios del siglo XIV, donde se defiende que fue el poder espiritual el que instituyó el poder temporal, razón por la cual sólo son legítimos aquellos reinos donde se reconoce al Papa como instaurador del poder. Para Egidio, la verdadera justicia, fundamento del poder político, sólo existe en aquella república cuyo fundador y gobernador es Cristo, por tanto, nada está sobre el gobierno de Cristo si no lo está sobre el Sumo Pontífice que es Vicario de Cristo. Luego los pueblos que no reconocen la autoridad del Sumo Pontífice no son legítimos poseedores de sus bienes ni sus reyes son gobernantes legítimos. Sólo mediante el bautismo puede el hombre poseer legítimo dominio y por eso los infieles no son legítimos poseedores.

Basándose en concepciones de este tipo, difundidas también en la época medieval por Tiago de Viterbo, Enrique de Cremona y Agostinho Triunfo, fue como se estableció una línea de actuación y expansión imperial cuyo mejor ejemplo es seguramente el *Requerimiento*, en el cual se formalizan las conclusiones de la Junta de

¹² Álvaro Pais, *De Status et Planctu Ecclesiae*, vol. I, INIC, Lisboa, 1983, pp.347-45.

¹³ Enricus de Segusio (Hostiensis), op. cit. cap. 8, n. 14-16.

¹⁴ Existe una excelente traducción de esta obra en Lengua Portuguesa: Egidio Romano, *Sobre o Poder Eclesiástico*, trad. L.A. De Boni, Petropolis, 1989. Vid. Roche Armas, P. *Iglesia en el "De ecclesiastica potestate" de Egidio Romano*. Anales del Seminario de Historia de la Filosofía, Madrid, UCM. vol. 24 (2004) pp. 141-153.

*católica – o imperador deveria ser reconhecido como soberano sobre os reis e caciques das Índias*¹⁶.

¹⁶ *Ibidem.* pp. 35 e 36

No caso estritamente português não seria de mais citar aqui as concessões do papa Nicolau V, ao rei de Portugal D. Afonso V, em 1454, quarenta anos antes de Tordesilhas, nas quais determinava que só os portugueses podiam navegar para as terras descobertas pelo Infante D. Henrique, confirmando ao rei de Portugal *o direito de invadir e conquistar quaisquer terras de sarracenos e pagãos, apropriando-se delas para si e seus sucessores, aplicando-as em utilidade própria, podendo reduzir os infiéis a perpétua servidão, sem que a ninguém, mesmo cristãos, seja lícito intrometer-se, sem vénia do Rei de Portugal, nos seus descobrimentos e conquistas*.¹⁷

¹⁷ Visconde de Santarém, *Quadro Elementar das Relações Políticas e Diplomáticas de Portugal...*, vol. X, Lisboa, 1866, p. 53.

A reinterpretação em novos moldes destas concessões ou doações papais será uma das preocupações mais relevantes da Escola Ibérica da Paz, de modo a expressar a tese de que o Papa não era senhor do mundo, nem no temporal nem no espiritual, possuindo embora poder sobre as coisas temporais quando estivesse, direta e principalmente, em causa um fim espiritual. Os pontos deste livro mais explícitos a este respeito são os que dedicamos a Serafim de Freitas e a Juan de la Peña, com destaque para este último.

IV. A ORIGEM POPULAR DO PODER E A FUNDAMENTAÇÃO DA COMUNIDADE INTERNACIONAL

Quanto ao poder e autoridade do imperador ou dos imperadores romano-germanos, era também fortemente limitado de modo corajoso e desassombrado, com base nas teses sobre a origem democrática do poder civil ou “temporal”, como na altura se designava.

Vejam-se a este respeito os notáveis textos aqui publicados de Francisco Suárez, e sobretudo os textos de Martín de Azpilcueta, ambos professores de Coimbra depois de o terem sido em Salamanca.

Do ponto de vista da sua natureza, o poder civil não foi concedido direta e imediatamente por Deus aos príncipes, mas sim pelos homens associados em comunidade. Deus é a origem do poder enquanto autor da natureza social do homem, pois quem dá a essência de uma coisa dá também aquilo que dela se segue, e como o exercício do poder civil se segue necessariamente à constituição e

Valladolid (1513), reunida por el Rey de España, Fernando de Aragón; tal *Requerimiento* estableció, para el caso español, *el manifiesto de la Corona que los «conquistadores»* deberían leer a los indios antes de la apertura de hostilidades y que vino a transformarse en la fórmula de la nueva idea de justicia colonial¹⁵. Entre las disposiciones del *Requerimiento* estaba la obligación de que los pueblos americanos reconociesen el *señorío universal del Papa*, o según explica L. Pereña: *El Requerimiento proclamaba el señorío universal del papa, la donación pontificia de las Indias a los Reyes de España y el mandato que les fue impuesto para evangelizar y predicar la fe cristiana a los habitantes de las tierras descubiertas y por descubrir. Y en virtud de estos títulos –señorío universal del Papa, delegación política, única y exclusiva, a favor de la monarquía española y derecho a evangelizar y predicar la fe católica– el emperador debía ser reconocido como soberano sobre los reyes y caciques de las Indias*¹⁶.

En el caso estrictamente portugués no estaría de más citar aquí las concesiones del papa Nicolás V al rey de Portugal don Alfonso V, en 1454, cuarenta años antes de Tordesillas, en las que determinaba que solo los portugueses podían navegar hacia las tierras descubiertas por el infante don Enrique, confirmando al rey de Portugal *el derecho a invadir y conquistar cualquier tierra de sarracenos y paganos, apropiándose de ellas para sí y sus sucesores, valiéndose de ellas a su favor, pudiendo reducir a los infieles a perpetua servidumbre, sin que a nadie, ni aun siendo cristiano, le sea lícito entrometerse, sin la venia del rey de Portugal, en sus descubrimientos y conquistas*¹⁷.

La reinterpretación conforme a nuevos modelos de estas concesiones o donaciones papales será una de las preocupaciones más relevantes de la Escuela Ibérica de la Paz, con el objeto de expresar la tesis de que el Papa no era el señor del mundo, ni en lo temporal ni en lo espiritual, aunque poseyera poder sobre los asuntos temporales cuando se trataba, directa e principalmente, de un fin espiritual. A este respecto los puntos más explícitos del libro son los que dedicamos a Serafim de Freitas y, especialmente, a Juan de la Peña.

IV.

EL ORIGEN POPULAR DEL PODER Y LA FUNDAMENTACIÓN DE LA COMUNIDAD INTERNACIONAL

Al igual que hicieron con el poder y autoridad del Papa, los del Emperador o Emperadores romano-germánicos fueron también

¹⁵ Luciano Pereña, *La Idea de Justicia en la Conquista de América*, Madrid, 1992, p. 35.

¹⁶ *Ibidem.* pp. 35 e 36.

¹⁷ Visconde de Santarém, *Quadro Elementar das Relações Políticas e Diplomáticas de Portugal...*, vol. X, Lisboa, 1866, p. 53.

conservação da sociedade, Deus é, nesse sentido, a Causa Primeira e Universal do poder civil em todos os reinos e principados da terra, mas não é a causa próxima do poder dos reis!

Quem transmite ou concede diretamente o poder civil aos reis é o povo, no sentido de comunidade. Logo, o poder civil é constitutivo de todas as comunidades humanas espalhadas pelo orbe, radica na sociabilidade natural que Deus deu a todos os homens e, portanto, na razão natural. Neste contexto, a democracia era a mais natural forma de governo (embora não a mais perfeita), no sentido em que não precisava de ser positivamente instituída, podendo embora os povos optar por outras formas legítimas de governo, como a monarquia ou a aristocracia, bem como por formas mistas que delas derivassem.

Então, nenhum rei, príncipe ou imperador tinha, no período em questão, o direito de se considerar empossado de autoridade universal sobre os homens, invocando o direito divino, natural e humano.

Não podia ser invocado o direito divino, porque em nenhum lugar se lia que Deus tivesse dado tal poder universal a quem quer que fosse; não o direito natural, porque o poder civil radicava, a igual título, na natureza das várias comunidades que se constituíram sobre a terra; não o direito humano, porque nunca ninguém conquistou o mundo inteiro em guerra justa, nem foi livre e democraticamente eleito pelos povos da terra, nem sequer pela sua maior parte. Valham para tanto as palavras de António Vieira proferidas em São Paulo, em 1694:

IMPORTA IGUALMENTE PARA A SOBERANIA E LIBERDADE TANTO A COROA DE PENAS COMO A DE OURO, E TANTO O ARCO COMO O CETRO¹⁸

embora – dado não estarmos em contexto multiculturalista –, o poder dos príncipes cristãos fosse mais perfeito, porque a graça, não contrariando a natureza, aperfeiçoa-a.

António Vieira era, ao contrário de Francisco Suárez, partidário convicto da monarquia universal, mas não deixou por isso de a sujeitar aos títulos legítimos de aquisição do poder, fazendo-a depender de uma eleição universal por parte dos reis e príncipes da terra, que receberam dos povos o direito da paz e da guerra, porquanto a monarquia universal era, afinal, a celebração da paz na terra, fundada na justiça.

¹⁸ Vieira, António, *Voto sobre as Dúvidas dos Moradores de S. Paulo*, 1694.

severamente limitados, de manera valiente y arriesgada, por los autores de la Escuela Ibérica de la Paz. También en este caso lo hicieron en virtud de las tesis sobre el origen democrático del poder civil o *temporal*, como entonces se decía. Adviértase a este respecto la relevancia de los textos de Francisco de Suárez recogidos en este libro y más aún la que tienen los de Martín de Azpilicueta, ambos profesores en Salamanca y Coímbra. Desde el punto de vista de su naturaleza, el poder civil no fue concedido directa e inmediatamente por Dios a los príncipes, sino por los hombres asociados en comunidad. Dios es el origen del poder en cuanto autor de la naturaleza social del hombre, pues quien da la esencia de una cosa da también aquello que de ella se sigue, y como el ejercicio del poder civil se sigue necesariamente de la constitución y conservación de la sociedad, Dios es, en este sentido, la causa primera y universal del poder civil en todos los reinos y principados de la tierra, pero no es su causa próxima. Quien trasmite o concede directamente el poder civil a los príncipes es el pueblo, en cuanto comunidad; en consecuencia el poder civil es un constitutivo de todas las comunidades humanas repartidas por el orbe, radica en la sociabilidad natural que Dios otorgó a todos los hombres y, por tanto, en la razón natural. En este contexto la democracia sería la forma más natural de gobierno, puesto que no necesitaría ser instituida positivamente, pudiendo sin embargo los pueblos optar por otras formas legítimas de gobierno, tales como la monarquía o la aristocracia, o bien por formas mixtas que puedan derivarse de ellas.

Por tanto, ningún rey, príncipe o emperador tiene derecho a considerarse investido de autoridad universal sobre los hombres, invocando para ello el Derecho Divino, el Natural y el Humano: no puede ser invocado el Derecho Divino, porque en ningún lugar se lee que Dios haya concedido tal poder universal a nadie, quienquiera que éste sea; tampoco puede invocarse el Derecho Natural, porque el poder civil radica, con igual título, en la naturaleza de las diversas comunidades que se han constituido sobre la tierra; igualmente no es posible invocar el Derecho Humano, porque nunca nadie conquistó el mundo entero mediante guerra justa, ni fue libre y democráticamente elegido por los pueblos de la tierra, ni tan siquiera por su mayor parte.

Valgan al respecto las palabras que Antonio Vieira pronunció en 1694 en São Paulo:

TAN IMPORTANTE ES PARA LA SOBERANÍA Y LA LIBERTAD, LA
CORONA DE PLUMAS COMO LA DE ORO, EL ARCO COMO EL CETRO¹⁸

¹⁸ Vieira, António, *Voto sobre as Dúvidas dos Moradores de S. Paulo*, 1694.

Não podiam por isso os reis de Espanha ou de Portugal invocar a autoridade do Papa para ocuparem pela força o Novo Mundo, porque, como vimos, o Papa não podia dar o que não era dele; nem podiam invocar autoridade própria, pois também a não tinham, em função do fundamento jusnaturalista do poder civil, razão por que, como dizia Francisco de Vitoria, a conquista da America foi, inicialmente, ética e juridicamente injusta, destruindo, ponto por ponto, as várias alíneas do *Requerimiento*.

Em qualquer lugar da terra onde existissem soberanias indígenas legitimamente constituídas, com base no direito natural, promulgado por Deus para todos os homens em condições de igualdade e universalidade, só mediante consentimento livre e responsável dos homens ou em resultado de guerra justa poderia admitir-se a *translatio imperii*. Se não, não!

Por sua vez, a condição da justiça da guerra fora também drasticamente limitada aos casos de agressão ou ofensa grave, e não tendo os povos da América agredido os cristãos antes destes desembarcarem nas suas terras, e não os tendo ofendido com gravidade na mesma circunstância, dificilmente poderia invocar-se esse título, pois, mesmo nos casos em que os cristãos tivessem sido agredidos em território americano, era razoável supor que tal ficara a dever-se a uma reação legítima, em função do medo que o aparato bélico dos cristãos motivava nesses ou quaisquer outros povos. Mesmo quando se invocava o direito natural que os cristãos tinham para exercerem atividade comercial nos territórios dos povos americanos, teria que levar-se em conta a condição essencial desse direito: não poderia ser exercido em manifesto prejuízo dos nacionais e deveria ser desenvolvido na base da amizade natural entre os homens, aqui padronizada pelo *jus amicitiae* e pelo *jus communicationis*, por não ser lobo o homem para o homem.

V.

A PUNIÇÃO DOS CRIMES CONTRA O GÉNERO HUMANO E O PRINCÍPIO DE INTERVENÇÃO HUMANITÁRIA

Mas havia uma linha vermelha, como em todo o quadro jurídico, que definia um limite inultrapassável: não eram toleráveis crimes contra a humanidade, aqui designados por crimes contra o “género humano”.

ahora bien, en un contexto que no era multiculturalista en el sentido actual, el poder de los príncipes cristianos se tendrá por más perfecto, porque la Gracia divina, al no contrariar la naturaleza, la perfecciona.

Antonio Vieira era, a diferencia de Francisco Suárez, un partidario convencido de la Monarquía Universal, mas no por eso dejó de vincular ésta a la legitimidad de los títulos en la adquisición del poder, por lo que hacía depender tal monarquía de una elección universal por parte de los príncipes de la tierra que hubieran recibido de los pueblos el derecho a hacer la paz y la guerra, puesto que la Monarquía Universal habría de ser, finalmente, la celebración en la tierra de la paz fundada en la justicia.

Por eso mismo los reyes de España y Portugal no pueden invocar la autoridad del Papa para ocupar por la fuerza el Nuevo Mundo, puesto que según se ha visto no le es posible al Papa dar lo que no es suyo, ni pueden esos reyes invocar autoridad propia, pues el fundamento jusnaturalista del poder civil tampoco se lo concede; razón por la cual, como afirma Vitoria rebatiendo punto por punto las diversas argumentaciones del *Requerimiento*, la conquista de América fue, en su inicio, ética y jurídicamente injusta. En cualquier lugar de la tierra en donde existan soberanías indígenas legítimamente constituidas, con base en el derecho natural promulgado por Dios para todos los hombres en condiciones de igualdad y universalidad, sólo mediante el consentimiento libre y responsable de los hombres, o como resultado de guerra justa, se podría admitir la *translatio imperii*, ¡si no, no!

Por su parte, la condición de justicia en la guerra fue también drásticamente limitada a los casos de agresión u ofensa grave, pues no habiendo agredido los pueblos de América a los cristianos antes de que estos desembarcaran en sus tierras y no habiendo sido ofendidos gravemente en esa misma circunstancia, difícilmente se podría invocar aquel título, pues incluso en los casos en que hubiesen sido agredidos los cristianos en territorio americano, era razonable suponer que ello se debiera a una reacción legítima ante el miedo que el aparato bélico de los cristianos suscita en aquellos o en cualesquiera otros pueblos. Incluso cuando se invoca el derecho natural que los cristianos tienen a ejercer actividad comercial en los territorios de los pueblos americanos, habría de tenerse en cuenta la condición esencial de tal derecho: que no puede ejercerse en perjuicio manifiesto de los nacionales y debe desarrollarse en virtud de la amistad natural entre los hombres, patrocinada aquí por el *ius*





Com efeito, qualquer povo, cristão, pagão ou gentio, mesmo que não nos ofendesse ou agredisse diretamente nas nossas terras ou nas nossas pessoas, cometia uma agressão insuportável contra nós e contra o conjunto do género humano se violasse o direito à vida e à integridade física de pessoas inocentes, fossem quem fossem, estivessem onde estivessem e tivessem o soberano que tivessem, pois então não seria já soberano, mas tirano, e à luz do direito de resistência¹⁹ ativa podia e devia ser destituído.

Nestes casos, o sangue dos inocentes era um grito universal de socorro que deveria ser ouvido e impedido pela guerra, caso não existissem mais alternativas, em nome da dignidade do género humano e com a legitimidade conferida pela autoridade universal do orbe, o *totus orbis* vitoriano, herdado da tradição ciceroniana, transformando cada ser humano em sujeito de direito das gentes, semente do direito internacional.

Esse era, diziam os mestres peninsulares desta Escola da Paz, o único crime contra a lei natural que deveria ser punido pelos cristãos por meio da guerra no Novo Mundo ou em qualquer outra parte da terra, em referência direta ao sacrifício de seres humanos aos ídolos ou à morte de inocentes para serem comidos em práticas de canibalismo. Estas práticas agrediam o género humano como um todo e, como tal, tínhamos o dever de as impedir, mas tendo o cuidado de sublinhar que a vitória obtida nesta guerra não daria aos vencedores o direito de ocuparem os territórios destes povos, reduzindo-os à escravatura e apoderando-se dos seus bens.

Por outro lado, entendia-se também que a noção de proporcionalidade dos meios deveria ser respeitada, por não ser aceitável combater o terror com o terror, causando maiores danos, de modo a impedir o que hoje chamaríamos *terrorismo de Estado*.

Não havia, na esfera internacional, uma plenitude sem limites da soberania dos Estados, ao contrário do que defenderam, no século XVIII e seguinte, os herdeiros de Vattel, como também não podia considerar-se que, na mesma ordem internacional, a única regra a ter em conta fosse a da sobrevivência. A ordem jurídica internacional não procedia em exclusivo dos Estados e não estava encerrada nas suas leis, pois, como defendeu Martinho de Ledesma, professor em Coimbra, no ano de 1560, se a guerra fosse conveniente para um Estado, mas prejudicial à Humanidade, ela seria, por isso, manifestamente injusta²⁰, princípio a que Hugo Grocio deu, depois, continuidade e amplitude, ao sobrepor a Humanidade aos Estados.

¹⁹ Cf. Calafate, Pedro, *Da Origem Popular do Poder ao Direito de Resistência. Doutrinas Políticas no século XVII em Portugal*, Lisboa, 2012.

²⁰ Ledesma, Martim de, *Secvnda Quartae*, Conimbricae, 1560, fól. 316r-v. Este mesmo princípio fora já enunciado por Vitoria nas suas lições de Salamanca.

amicitiae y por el *ius communicationis*, ya que el hombre no es un lobo para el hombre.

V. EL CASTIGO DE CRÍMENES CONTRA EL GÉNERO HUMANO Y EL PRINCIPIO DE INTERVENCIÓN HUMANITARIA

Sin embargo, como en todo cuadro jurídico, había una línea roja que establecía un límite infranqueable: no eran tolerables los crímenes contra la humanidad, denominados en este caso *crímenes contra el género humano*.

En consecuencia, cualquier pueblo, cristiano o gentil, incluso si no ofendiera o agrediera directamente a los cristianos en sus tierras o en sus personas, cometería una agresión inaceptable contra éstos si violara el derecho a la vida y a la integridad física de los inocentes, fueren los que fueren, estuvieren donde estuvieren y tuvieran el soberano que tuvieran, pues en tal caso éste ya no sería soberano sino tirano por lo que, en virtud del derecho de resistencia activa¹⁹, podía e incluso debía ser destituido. En tales casos la sangre de los inocentes constituye un grito universal de socorro que debe ser escuchado e impedido, incluso por la guerra si no hubieren otras alternativas, en nombre de la dignidad del género humano y con la legitimidad conferida por la autoridad del orbe, el *totus orbis* de Vitoria, que convierte a cada ser humano en sujeto del Derecho de Gentes, germen del Derecho Internacional

Ése era, para los maestros ibéricos de esta Escuela de Paz, el único crimen contra la ley natural que los cristianos deberían castigar por medio de la guerra en el Nuevo Mundo o en cualquier otra parte, en clara alusión al sacrificio de seres humanos ante los ídolos o a la muerte de inocentes para ser comidos en prácticas de canibalismo. Tales prácticas agreden al género humano en su conjunto y por lo mismo se tiene el deber de impedir las, aunque teniendo cuidado en advertir que la victoria obtenida en esa guerra no daría a los cristianos el derecho a ocupar los territorios de aquellos pueblos reduciéndolos a la esclavitud.

Por otro lado se asumía también que el criterio de proporcionalidad en los medios debería ser respetado, a fin de impedir lo que hoy llamaríamos *terrorismo de Estado*, pues no es aceptable combatir el terror con el terror, causando mayores daños que los que se pretenden evitar.

¹⁹ Cf. Calafate, Pedro, *Da Origem Popular do Poder ao Direito de Resistência. Doutrinas Políticas no século XVII em Portugal*, Lisboa, 2012.

Assim se lançaram as bases de um princípio de garantia internacional de proteção dos direitos naturais e da dignidade da pessoa humana, postulando que há no mundo dos homens, das sociedades e na vida interna dos Estados um mínimo ético inultrapassável, cujo desrespeito justificava o direito de intervenção humanitária, pela via das armas, embora depois de admoestação e como último recurso, porque o ser humano possuía um estatuto supranacional, que fazia dele o primeiro fundamento da comunidade internacional.

O direito das gentes, não era o movimento espontâneo das instituições, não se limitando os homens a entender o direito *tal como é*, na base de simples juízos constatativos, a moderna *law as it is*, de que tanto gostam de falar os voluntaristas, à luz das novas fórmulas do positivismo jurídico, afirmando uma intolerável sujeição ao Poder²¹.

Acima do Poder estavam os princípios, a *recta ratio*, a “razão da Humanidade”, a conceção objetiva da justiça, não dando guarida à comodidade das posições relativistas, que se refugiaram na diversidade das culturas e na aceitação voluntária de certas práticas que ofendem a consciência jurídica universal. Por isso, como diziam os mestres de Salamanca, Coimbra e Évora, mesmo que os índios consentissem nessas práticas, os cristãos não o podiam permitir, pois configuravam uma agressão ao género humano e uma quebra dos princípios mais básicos da Paz²².

Afinal, como lembrou recentemente Gabriela Mezzanotti, o instituto da intervenção humanitária, tal como o entendemos no mundo de hoje, constitui a aplicação contemporânea de um paradigma antigo, que se sobrepôs à situação internacional vigente, ao longo dos séculos XVII e pelo menos até à Segunda Guerra Mundial, marcada pela consideração dos Estados como principais atores na ordem internacional. Neste *jus ad bellum* contemporâneo, perante as violações ocorridas internamente à soberania dos Estados, em casos de limpezas étnicas, genocídios e outros crimes hediondos que julgávamos já impossíveis, verificou-se *a ascensão do princípio que legitima o uso da força armada para fins de salvaguarda dos direitos humanos de povos oprimidos nos seus próprios Estados*²³.

Pois será esse o princípio que aqui veremos largamente enunciado pelos filósofos hispânicos do renascimento, nomeadamente por Fernando Pérez, em texto magnífico aqui reproduzido, cuja atualidade dá razão às considerações do Prof. Antônio Cançado Trindade, ao sublinhar a importância do eterno retorno do Direito Natural,

²¹ Cf. Villey, Michel, *O Direito e os Direitos Humanos*, trad. Maria Galvão, São Paulo, 2007, p. 3.

²² Cf. Pereña, Luciano, «La Intervención de España en América», in Juan de la Peña, *De Bello contra Insulanos*, Corpus Hispanorum de Pace, vol. IX, Madrid, 1982, p. 74-75.

²³ Mezzanotti, Gabriela, *Direito, Guerra e Terror*, São Paulo, 2007, p. 89.

No había en la esfera internacional una plenitud sin límites de la soberanía de los Estados, al contrario de lo que defendieron en el siglo XVIII y el siguiente los herederos de Vattel. Tampoco podía considerarse que, en el mismo orden internacional, la única regla que se tuviese en cuenta fuese la de la supervivencia. El orden jurídico internacional no procedía exclusivamente de los Estados y no estaba encerrado en sus leyes, pues como en el año 1560 defendía Martín de Ledesma, profesor en Coímbra, si la guerra fuese conveniente para un Estado, pero perjudicial para la Humanidad, sería, por ello, manifiestamente injusta²⁰; principio al que, más tarde, Hugo Grócio daría continuidad y amplitud al anteponer la Humanidad a los Estados.

Así se pusieron las bases de un principio de garantía internacional de protección de los derechos naturales y de la dignidad de la persona humana, que postulaba que, en el mundo de los hombres, de las sociedades y en la vida interna de los Estados, hay un mínimo ético infranqueable, cuya violación justificaba el derecho de intervención humanitaria por la vía de las armas, si bien tras amonestación y como último recurso, porque el ser humano poseía un estatuto supranacional que le convertía en el primer fundamento de la comunidad internacional.

El *jus gentium* no era el movimiento espontáneo de las instituciones, ya que los hombres no se limitaban a entender el derecho *tal como es*, sobre la base de simples juicios constatativos, la moderna *law as it is*, tan del gusto de los voluntaristas, a la luz de las nuevas fórmulas del positivismo jurídico, afirmando una intolerable sujeción al Poder²¹.

Por encima del Poder estaban los principios, la *recta razón*, la «razón de la Humanidad», la concepción objetiva de la justicia, que no daba cobijo a la comodidad de las posiciones relativistas, actualmente refugiadas en la diversidad de las culturas y en la aceptación voluntaria de ciertas prácticas que ofenden la conciencia jurídica universal. Por ello, como decían los maestros de Salamanca, Coímbra y Évora, aunque los indios consintiesen esas prácticas, los españoles no las podían permitir, ya que suponían una agresión al género humano y una quiebra de los principios más básicos de la Paz²². A fin de cuentas, como ha recordado recientemente Gabriela Mezzanotti, la figura de la intervención humanitaria, tal como la entendemos hoy, constituye la aplicación contemporánea de un paradigma antiguo, que se introdujo en el panorama internacional vigente durante el siglo XVII y por lo menos hasta la Segunda Guerra Mundial, marcada por la consideración de los Estados como

²⁰ Ledesma, Martín de, *Secvnda Quartae, Conimbricae*, 1560, fol. 316r-v.

²¹ Cf. Villey, Michel, *O Direito e os Direitos Humanos*, trad. Maria Galvão, São Paulo, 2007, p. 3. Vid. Villey, M., *Crítica de los derechos del hombre*, Anales de la Cátedra, Francisco Suárez nº15, Madrid, 1972.

²² Cf. Pereña, Luciano, «La Intervención de España en América», in Juan de la Peña, *De Bello contra Insulanos*, Corpus Hispanorum de Pace, vol. IX, Madrid, 1982, p. 74-75.

bem como a atualidade da posição principista dos “pais fundadores” do moderno direito das gentes, pensando em Vitoria e em Suárez:

O ORDENAMENTO INTERNACIONAL TRADICIONAL, MARCADO PELO PREDOMÍNIO DAS SOBERANIAS ESTATAIS E EXCLUSÃO DOS INDIVÍDUOS, NÃO FOI CAPAZ DE EVITAR [...] AS VIOLAÇÕES MACIÇAS DOS DIREITOS HUMANOS E AS SUCESSIVAS ATROCIDADES DO NOSSO SÉCULO, INCLUSIVE AS CONTEMPORÂNEAS [...]. TAIS ATROCIDADES TÊM DESPERTADO A CONSCIÊNCIA JURÍDICA UNIVERSAL PARA A NECESSIDADE DE RECONCEITUALIZAR AS PRÓPRIAS BASES DO ORDENAMENTO INTERNACIONAL²⁴.

VI. PESSOA E COMUNIDADE

Mas as postulações dos professores de Salamanca, Évora e Coimbra não deixaram também de fornecer, para os nossos dias, bases conceptuais relevantes para a superação da consideração dos direitos da pessoa humana em perspectiva estritamente individualista, à qual nos habituámos a partir do enfoque exclusivo na tradição liberal, esquecendo as aportações escolásticas de matriz hispânica, pois os mestres peninsulares se referiam sempre ao facto de os povos americanos serem verdadeiros senhores dos seus bens e das suas terras e, como em muitos casos, o domínio era exercido, a partir de uma dimensão comunitária, esse reconhecimento surgia como consequência direta.

Então, o que estava em causa, para os mestres peninsulares, eram não apenas os direitos da pessoa humana individualmente considerada, mas também na sua dimensão comunitária, de que emergiam naturalmente direitos coletivos, como era o caso do direito ao domínio das suas terras e dos seus recursos naturais.

Em última instância, entre os filósofos da Escola Ibérica da Paz, existiu sempre o imperativo de considerar a pessoa humana e a comunidade em que se integrava, entendendo que o fim do Estado não era, como em Locke²⁵, o da garantia da propriedade individual, mas sim, como em São Tomás, o da garantia do bem comum, pois que a posse individual não poderia exceder-se em detrimento do bem comum. Aliás, para os escolásticos, a propriedade individual, não sendo contrária ao direito natural, não radicava originaria e

²⁴ Cançado Trindade, Antônio Augusto, «A Emancipação do Ser Humano como Sujeito do Direito Internacional e os Limites da Razão de Estado», in *A Humanização do Direito Internacional*, Belo Horizonte, 2007, p. 111.

²⁵ Locke, John, *Segundo Tratado do Governo. Ensaio sobre a Verdadeira Origem, Alcance e Finalidade do Governo Civil*, F.C. Gulbenkian, Lisboa, 2007, p. 144. Ed. Espanhola: *Segundo Tratado sobre el Gobierno Civil: un ensayo acerca del verdadero origen, alcance y fin del gobierno civil*. Ed. Tecnos, Madrid, 2006.

actores principales del orden internacional. En este *jus ad bellum* contemporáneo, ante las violaciones acaecidas internamente a la soberanía de los Estados, en casos de limpiezas étnicas, genocidios y otros crímenes infames que se tenían por imposibles, se verificó *la ascensión del principio que legitima el uso de la fuerza armada para fines de salvaguarda de los derechos humanos de los pueblos oprimidos en sus propios Estados*²³.

Ese será, pues, el principio que veremos aquí largamente enunciado por los filósofos hispánicos del Renacimiento, especialmente por Fernando Pérez, en un magnífico texto que reproducimos y cuya actualidad confirma las consideraciones del Profesor António Cançado Trindade, cuando subraya la importancia del eterno retorno del Derecho Natural, así como la actualidad de la posición *principista* de los «padres fundadores» del moderno derecho de las gentes, recordando a Vitoria y a Suárez:

EL ORDENAMIENTO INTERNACIONAL TRADICIONAL, MARCADO POR EL PREDOMINIO DE LAS SOBERANÍAS ESTATALES Y LA EXCLUSIÓN DE LOS INDIVIDUOS, NO FUE CAPAZ DE EVITAR [...] LAS VIOLACIONES MASIVAS DE LOS DERECHOS HUMANOS Y LAS SUCESIVAS ATROCIDADES DE NUESTRO SIGLO, INCLUIDAS LAS CONTEMPORÁNEAS [...]. TALES ATROCIDADES HAN DESPERTADO LA CONCIENCIA JURÍDICA UNIVERSAL A LA NECESIDAD DE RECONCEPTUALIZAR LAS PROPIAS BASES DEL ORDENAMIENTO INTERNACIONAL²⁴.

VI. PERSONA Y COMUNIDAD

Pero los postulados de los profesores de Salamanca, Évora y Coímbra tampoco han dejado de proporcionar, en nuestros días, bases conceptuales relevantes para la superación de la consideración de los derechos de la persona humana desde una perspectiva estrictamente individualista, a la que el enfoque exclusivo en la tradición liberal nos ha acostumbrado, llevándonos a olvidar las contribuciones escolásticas de matriz hispánica, pues los maestros peninsulares se referían siempre al hecho de que los pueblos americanos eran los auténticos señores de sus bienes y de sus tierras, y, como en muchos casos el dominio se ejercía, a partir de una dimensión comunitaria, ese reconocimiento surgía como consecuencia directa.

²³ Mezzanotti, Gabriela, *Direito, Guerra e Terror*, São Paulo, 2007, p. 89.

²⁴ Cançado Trindade, Antônio Augusto, «A Emancipação do Ser Humano como Sujeito do Direito Internacional e os Limites da Razão de Estado», in *A Humanização do Direito Internacional*, Belo Horizonte, 2007, p. 111.

imediatamente nesse direito, porque no princípio da criação todas as coisas eram comuns.

Em causa estará o homem individualmente considerado, mas também o homem associado em comunidade, expressão mais genuína da sua própria natureza, da qual emerge o domínio de jurisdição e posse, pois a sociedade não era formada com base no medo que cada homem pudesse ter do seu semelhante, nem resultava da degeneração das suas qualidades naturais, antes pelo contrário, a sociedade era expressão da realização da natureza original do ser humano, em contexto bem distante do individualismo triunfante.

Se bem virmos, no século XX, a *Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas Pertencentes a Minorias Nacionais ou Étnicas, Religiosas e Linguísticas*, a chamada “*Declaração das Minorias*”, não abrangeu estes direitos comunitários²⁶, que só vieram a ser reconhecidos pela Convenção nº169 da OIT (1989), bem como pela *Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas* (2007). Sucede, porém, como lembra Sílvia Loureiro²⁷, que aquela Convenção da OIT foi apenas ratificada por 20 dos 183 membros desta organização, ao passo que a *Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas* enferma da fragilidade intrínseca de ser apenas uma Declaração, cujo efeito vinculativo não deixa, por isso, de ser objeto de permanente discussão.

Lembra a mesma autora, que conosco integra a equipa de investigação deste projeto, que os graves obstáculos ao cumprimento das normas internacionais que reconhecem esses direitos comunitários e coletivos derivam, em boa parte, de *mecanismos de implementação fortemente influenciados pela tradição liberal, como é o caso do sistema de petições, de viés marcadamente individualista*²⁸. Por isso, no caso latino-americano, ganhou especial relevo a jurisprudência da Corte Interamericana de Direitos Humanos para o reconhecimento cabal dos povos como “sujeitos coletivos” do Direito Internacional, sem menosprezo, naturalmente, pelos direitos individuais dos seus membros, como referiu o Juiz Cançado Trindade, seu anterior Presidente, no Prefácio a este livro.

VII.

A OBEDIÊNCIA A ORDENS SUPERIORES NÃO ISENTA DE CULPA OS SOLDADOS

Na mesma categoria de crimes contra o género humano estavam as ações dos soldados na guerra injusta, mesmo quando em obediência

²⁶ Cf. Montanari Junior, Isaias, *Demarcação de Terras Indígenas e Cooperação Internacional*, Curitiba, 2013, p. 30.

²⁷ Loureiro, Sílvia, «Com que Direito? As Contribuições da Escola Peninsular da Paz para a Fundamentação do Direito Internacional dos Povos Indígenas», in *Revista Brasileira de Direitos Humanos*, nº4, Janeiro/Março 2013, Porto Alegre, p. 42

²⁸ Loureiro, Sílvia, Op. cit., p. 42

Por tanto, lo que estaba en cuestión para los maestros peninsulares, no solo eran los derechos humanos individualmente considerada, sino también su dimensión comunitaria, de la que emergían naturalmente derechos colectivos, como era el caso del derecho, al dominio de sus tierras y sus recursos naturales.

En última instancia, entre los filósofos de la Escuela Ibérica de la Paz, rigió el criterio de unir la persona a la comunidad donde se integraba, entendiendo que el fin del Estado no era, como en Locke²⁵, el de la garantía de la propiedad individual, sino, como en Santo Tomás, el de la garantía del bien común, puesto que la posesión individual no podía prevalecer en detrimento del bien común. Es más, para los escolásticos, la propiedad individual, sin ser contraria al derecho natural, no radicaba originaria e inmediatamente en ese derecho, porque en el principio de la creación todas las cosas eran comunes.

Se trataba, pues, del hombre individualmente considerado, pero también del hombre asociado en comunidad, expresión más genuina de su propia naturaleza, de la cual se deriva el dominio de jurisdicción y posesión, pues la sociedad no estaba formada sobre la base del miedo que cada hombre pudiese tener a su semejante, ni era el resultado de la degeneración de sus cualidades naturales; muy al contrario la sociedad expresaría la realización de la naturaleza originaria del hombre, en un contexto muy alejado del individualismo triunfante a partir de las concepciones mecanicistas del Estado.

Bien mirado, en el siglo XX, la *Declaración de las Naciones Unidas sobre los Derechos de las Personas Pertenecientes a Minorías Nacionales o Étnicas, Religiosas y Lingüísticas*, la llamada «Declaración de las Minorías», no abarca estos derechos comunitarios²⁶, que solo fueron reconocidos por la Convención nº19 de la OIT (1989), así como por la *Declaración de las Naciones Unidas sobre los Derechos de los Pueblos Indígenas* (2007). Sucede, sin embargo, como recuerda Sílvia Loureiro²⁷, que si aquella convención de la OIT fue ratificada por apenas 20 de los 183 miembros de esta organización, la *Declaración de las Naciones Unidas sobre los Derechos de los Pueblos Indígenas* adolece de la fragilidad intrínseca de no ser más que una declaración, cuyo efecto vinculante no deja, precisamente por ello, de ser objeto de permanente discusión.

La misma autora, parte integrante como nosotros del equipo de investigación de este proyecto, recuerda que los graves obstáculos al cumplimiento de las normas internacionales que reconocen esos derechos comunitarios y colectivos derivan, en buena medida, de

²⁵ Locke, John, *Segundo Tratado do Governo. Ensaio sobre a Verdadeira Origem, Alcance e Finalidade do Governo Civil*, ed. portuguesa, F.C. Gulbenkian, Lisboa, 2007, p. 144. Ed. Española: *Segundo Tratado sobre el Gobierno Civil: un ensayo acerca del verdadero origen, alcance y fin del gobierno civil*. Ed. Tecnos, Madrid, 2006.

²⁶ Cf. Montanari Junior, Isaías, *Demarcação de Terras Indígenas e Cooperação Internacional*, Curitiba, 2013, p. 30.

²⁷ Loureiro, Sílvia, “Com que Direito? As Contribuições da Escola Peninsular da Paz para a Fundamentação do Direito Internacional dos Povos Indígenas”, in *Revista Brasileira de Direitos Humanos*, nº4, Janeiro/Março 2013, Porto Alegre, p. 42.

estrita a ordens superiores. Ou seja, a invocação de ordens superiores não escusava um soldado por atos não cobertos pelo direito bélico, cabendo-lhe, em caso de dúvida manifesta sobre a justiça da guerra, examinar as suas causas. Então, caso concluísse tratar-se de guerra injusta, o soldado, mesmo o de mais baixa condição, era obrigado, no foro externo e no foro interno da consciência, a recusar-se a combater ou a acompanhar o seu rei, porque um soldado não tinha o estatuto de um carrasco, a quem cumpria executar a sentença de um juiz legítimo sobre um réu.

O alcance deste preceito, exigindo de cada soldado a desobediência aos superiores por imperativos de consciência, revela-se uma das mais vincadas contribuições da Escola Ibérica da Paz para a afirmação da dignidade da pessoa humana, mesmo nas situações mais extremas e difíceis da guerra e da rígida subordinação hierárquica. Não havia, pois, escusa para a barbárie, tida por ofensa à dignidade *do próximo*. Nestes casos valia a afirmação do apóstolo Pedro: *Importa mais obedecer a Deus do que aos homens* (At 5,29).

A “banalidade do mal” e a conseqüente indistinção entre o bem e o mal - sublinhada por Hannah Arendt²⁹ em 1963 a propósito do julgamento Eichmann – fora já veementemente recusada pelos filósofos hispânicos do renascimento, como de forma tão eloquente aqui se pode ler em textos de Francisco de Vitoria, Pedro Simões, António de São Domingos ou Fernando Pérez, sublinhando todos que o soldado não podia assumir-se como um ser indiferente aos critérios mais elementares da justiça da guerra. Logo, a ignorância grosseira não isentava de culpa, ainda que sob a capa do cumprimento de ordens.

Não era apenas o texto dos *Atos dos Apóstolos* acima citado a ecoar neste contexto de humanização das ações do soldado, mas também o princípio estabelecido por Francisco de Vitoria, à luz do qual “*Não é lobo o homem para o homem, senão homem*”³⁰, ao contrário do que posteriormente declararia o fundador do Estado Leviatã.

²⁹ Arendt, Hannah, *Eichmann in Jerusalem* (1963).

³⁰ Vitoria, Francisco de, *Relectio de Indis, Salmanticae*, 1537, I, 3, 23.

VIII. A RECUSA DA CONQUISTA PARA A CIVILIZAÇÃO E DA ESCRAVATURA NATURAL

Continuando a percorrer os tópicos essenciais desta Escola que aqui se patentearão, tampouco poderia invocar-se o argumento da

*mecanismos de implementación fuertemente influenciados por la tradición liberal, como es el caso del sistema de peticiones, de sesgo marcadamente individualista*²⁸. Por ello, en el caso latinoamericano, cobró especial relevancia la jurisprudencia de la Corte Interamericana de Derechos Humanos para el pleno reconocimiento de los pueblos como «sujetos colectivos» del Derecho Internacional, sin menosprecio, naturalmente, de los derechos individuales de sus miembros, como explica el juez Cançado Trindade, su anterior presidente, en el Prefacio de este libro.

²⁸ Loureiro, Sílvia, Op. cit., p. 42

VII. LA OBEDIENCIA A ÓRDENES SUPERIORES NO EXIME DE CULPA A LOS SOLDADOS

En la misma categoría de crímenes contra la humanidad se incluían las actividades de los soldados en una guerra injusta, incluso cuando obedecen estrictamente órdenes superiores: Es decir, la invocación de tales órdenes no constituye eximente para el soldado que perpetre actos no permitidos por el derecho bélico, por lo que, en caso de duda sobre la justicia de una guerra, corresponde investigar sus causas. Si de ello se concluyera que se trata de una guerra injusta, cualquier soldado, incluso el de rango más bajo, estaría obligado, tanto en el fuero externo como en el interno de su conciencia, a rechazar el combatir o acompañar a su rey, porque un soldado no tiene el estatuto de un verdugo obligado a obedecer, sin mayor análisis personal en caso de duda, la sentencia de un juez legítimo.

El alcance de este precepto que exige a cada soldado la desobediencia a los superiores por imperativo de conciencia, pone de manifiesto una de las más importantes contribuciones de la Escuela Ibérica de la Paz a la afirmación de la dignidad de la persona humana, incluso en las situaciones más extremas y difíciles de la guerra y de su rígida subordinación jerárquica. No hay pues excusa para la barbarie, a la que se tiene por ofensa a la dignidad del *prójimo*. A casos como éste se refería la afirmación del Apóstol Pedro: *Hay que obedecer a Dios antes que a los hombres* (Hech. 5, 29).

La «banalidad del mal» y la consecuente indiferenciación entre el bien y el mal —subrayada por Hannah Arendt²⁹ en 1963 a propósito del juicio Eichmann— ya había sido vehementemente rechazada por los filósofos hispánicos del renacimiento, como de forma tan elocuente se puede constatar aquí a través de los textos de Francisco

²⁹ Arendt, Hannah, *Eichmann in Jerusalem* (1963).

conquista para a civilização, por serem os europeus mais sábios do que os chamados bárbaros da América, pois essa qualificação de rudeza ou incultura não era absolutamente verdadeira, houvesse em vista as civilizações existentes no México e no Peru, como sublinhava o professor da Universidade do México, Alonso de Veracruz, em 1554, em texto que adiante se pode ler; e quando o fosse, não era aceitável dizer-se que a rudeza ou incultura impediam em absoluto o exercício do domínio de jurisdição e propriedade, pois era direito trazido à natureza comum dos seres humanos através da escrita de Deus, como tão eloquentemente mostrou o professor da Universidade de Évora Pedro Simões, em texto datado de 1575 que aqui se publica.

Por isso, era preciso afrontar a tese aristotélica sobre a escravatura natural³¹. Ao contrário do que dissera Aristóteles no livro I da *Política*, não havia escravatura natural, dado que todos os homens foram criados livres por Deus; nem os bárbaros ou gentios podiam ser combatidos em virtude da sua rudeza, como decorria dos textos do Estagirita.

O momento mais alto da recusa deste argumento, delineado por um jesuíta de formação escolástica e, portanto, aristotélica, foi escrito por José de Acosta, em texto que pela sua valia aqui antecipamos:

AQUILO QUE SE ALEGA, COM BASE EM ARISTÓTELES, SOBRE A GUERRA JUSTA CONTRA OS BÁRBAROS QUE SE RECUSAM A ACEITAR O DOMÍNIO, É ALGO BEM DIFÍCIL DE ENTENDER, E DESPERTA NÃO PEQUENAS SUSPEITAS DE QUE ESSA TESE NÃO RESULTE DE RAZÕES FILOSÓFICAS MAS SIM DA OPINIÃO POPULAR [...]. E SE ALEXANDRE MAGNO (COMO DIZEM ALGUNS, ATRAÍDO PELA AMBIÇÃO DO PODER) QUIS LEVAR AS BANDEIRAS MACEDÓNICAS POR TODO O UNIVERSO, NÃO DEVEMOS PREOCUPAR-NOS DEMASIADO COM O QUE ARISTÓTELES ESCREVEU MAIS POR MOTIVOS DE ADULAÇÃO DO QUE DE FILOSOFIA.³²

Neste âmbito, perante as diferenças de desenvolvimento cultural, na marcha unilinear do tempo, apenas se deparava a estes professores e missionários, como hipótese viável, a educação e a elevação do vulgo à altura do homem, que naquela época era padronizado pelo humanismo e pelos valores cristãos.

³¹«Portanto, todos os seres que se diferenciam dos demais tanto quanto a alma do corpo e o homem do animal [...] são escravos por natureza, para os quais é preferível estarem submetidos a esta classe de mando. Pois é escravo por natureza aquele que pode ser de outro e o que participa da razão mais para percebê-la do que para a possuir.» Aristóteles, *Política*, I, 8-9.

³²José de Acosta, *De Procuranda Indorum Salute*, Salmanticae, 1588, V, 1-2.

de Vitoria, Pedro Simões, António de São Domingos o Fernando Pérez, todos los cuales insistían en que el soldado no podía considerarse como un ser indiferente a los criterios más elementales de la justicia de la guerra. Por consiguiente, la burda ignorancia no eximía de culpa, ni aun bajo el manto del cumplimiento de órdenes.

No solo era el libro de los *Hechos de los Apóstoles* anteriormente citado el que, en este contexto de humanización, se hacía eco de las acciones del soldado, sino también el principio establecido por Francisco de Vitoria en función del cual «No es lobo el hombre para el hombre, sino hombre»³⁰, al contrario de lo que posteriormente declararían el fundador del Estado Leviatán.

³⁰ Vitoria, Francisco de, *Relectio de Indis*, Salmanticae, 1537, I, 3, 23.

VIII. LA RECUSA DE LA CONQUISTA PARA LA CIVILIZACIÓN Y DE LA ESCLAVITUD NATURAL

Tampoco podría invocarse el argumento de que se conquista para llevar la civilización, por considerarse los europeos más sabios que los llamados bárbaros de América, pues esa atribución de rudeza o incultura no era en absoluto cierta, a la vista de las civilizaciones existentes en México y en el Perú, como advertía el profesor de la Universidad de México Alonso de Veracruz en 1554; y aunque lo hubiera sido, no era aceptable decir que la rudeza o la incultura impedían en absoluto el ejercicio del dominio de jurisdicción y propiedad, pues éste es un derecho inscrito en la naturaleza común de los seres humanos por la Sagrada Escritura, como demostró de modo harto elocuente el profesor de la Universidad de Évora Pedro Simões en un texto de 1575 que se incluye en este libro.

Por todo ello se hacía necesario rebatir la tesis aristotélica de la esclavitud natural³¹. Al contrario de lo que dice Aristóteles en su libro *La Política*, no hay esclavitud natural, dado que todos los hombres fueron creados libres por Dios, ni los bárbaros pueden ser combatidos en virtud de su rudeza, como se sostenía en los textos del Estagirita. La expresión más ácida en el rechazo de ese argumento, se debe a José de Acosta, un jesuita de formación escolástica y por tanto aristotélica, y aparece en un texto que por su valor merece ser reproducido aquí:

AQUELLO QUE SE ALEGA, CON BASE EN ARISTÓTELES, SOBRE
LA GUERRA JUSTA CONTRA LOS BÁRBAROS QUE RECHAZAN

³¹ Así, pues, todos los seres que se diferencian de los demás tanto como el alma del cuerpo y como el hombre del animal [...] son esclavos por naturaleza, para los cuales es mejor estar sometido a esta clase de mando. Pues es esclavo por naturaleza el que puede ser de otro y el que participa de la razón tanto como para percibirla, pero no para poseerla". Aristóteles, *Política*, I, 8-9.

Então, as naus que saíam da Hispânia, em tempos próximos e rotas distintas, definidas em Tordesilhas (1494), deviam levar Cristo ao coração de todos os homens, convidando-os a que ouvissem a Sua voz, como se lia em Mateus: *Ide, pois, ensinai todas as nações* (Mt 28, 1,20); porém, acima de tudo, importava respeitar a vontade do Divino Legislador: *Farás o que é justo de maneira justa* (Dt 16,20), não sendo legítimo fazer o mal para obter o bem. E caso nos não quisessem receber, não havia motivo para os subjugar, pois Cristo ensinara aos Apóstolos que *Se não vos quiserem receber, ao sair de suas casas, sacudi o pó dos pés* (Mt 10), ecoando então as palavras sempre citadas de São Paulo, em todos os textos e postilas destes mestres peninsulares: *Porventura compete-me a mim julgar os que estão de fora?* (1 Cor 5).

Não estávamos, portanto, num contexto de puro relativismo, mas de prévia opção pela verdade e conseqüente formulação de uma hierarquia de valores, mas por isso mesmo se dignifica e valoriza o esforço destes homens para viverem a sua verdade sem procurarem vergar os outros, desrespeitando a liberdade e dignidade que essencialmente definia cada homem, queridas e conferidas por Deus, no momento da criação. Era essa a primeira condição da justiça e da paz que sobre ela se ergueria.

Vale então a pena terminar estas breves linhas introdutórias com a pergunta colocada aos seus alunos pelo catedrático Domingo de Soto, na Universidade de Salamanca em 1535, perante os relatos de ocupação do Novo Mundo pela força das armas:

COM QUE DIREITO RETEMOS O IMPÉRIO ULTRAMARINO
RECENTEMENTE DESCOBERTO? NA VERDADE, NÃO SEI.³³

No entanto, apesar da dúvida e da consciência crítica tão eloquentemente manifestadas, estes autores não advogaram a retirada e o abandono das terras americanas. Por um lado, sustentaram alguns que, à luz das doutrinas políticas e jurídicas vigentes, um tirano por usurpação, ou seja, aquele que ocupa o poder mediante um ato ilegítimo, pode ver o seu poder e autoridade legitimados por posterior aceitação e *consenso da comunidade*; por outro lado, e foi talvez este o argumento de maior peso, a retirada significaria literalmente o abandono de milhares de indígenas, entretanto convertidos ao cristianismo, que seriam chacinados caso fossem deixados à sua sorte; finalmente, ainda, ecoavam as teses de Francisco de Vitoria

³³ Soto, Domingo de, *Relectio Sapientissimi Magistri Fratris Dominici de Soto...de Dominio*, Salmanticae, 1535, 34,5.

ACEPTAR EL «DOMINIO», ES ALGO BIEN DIFÍCIL DE ENTENDER, Y DESPIERTA NO PEQUEÑAS SOSPECHAS DE QUE TAL TESIS NO RESPONDE A RAZONES FILOSÓFICAS SINO DE CREENCIA POPULAR... Y SI ALEJANDRO MAGNO DECIDIÓ LLEVAR LAS BANDERAS MACEDÓNICAS POR TODO EL UNIVERSO, MOVIDO POR LA AMBICIÓN DE PODER SEGÚN DICEN ALGUNOS, NO DEBERÍAMOS HACER DEMASIADO CASO A AQUELLO QUE ARISTÓTELES ESCRIBIÓ MOVIDO MÁS POR LA ADULACIÓN QUE POR LA FILOSOFÍA³².

³² José de Acosta, *De Procuranda Indorum Salute*, Salmanticae, 1528, V, 1-2.

La fuerza y el significado humano de esta afirmación no precisan mayor comentario.

En este escenario de diferencias en el desarrollo cultural, las que han separado siempre el discurrir lineal del tiempo del conocimiento dialéctico de la verdad, a los profesores y misioneros de la Escuela Ibérica de la Paz tan sólo les era posible, como hipótesis viable, procurar la educación del vulgo y su elevación moral a una altura digna del hombre, cuya matriz en aquella época estaba en el humanismo cristiano. Por tanto, las naos que zarpaban de Hispania, en tiempos y con derrotas distintas, debían llevar a Cristo al corazón de todos los hombres, invitándolos a que escuchasen su voz, tal como se lee en San Mateo (Mt 28, 19-20), puesto que, por encima de todo era preciso respetar la voluntad del Divino Legistador: *justicia sólo justicia has de buscar* (Dt. 16, 20), no siendo legítimo hacer el mal para obtener el bien. En caso de que los infieles no quisieran recibir a los cristianos, no había motivos para subyugarlos, pues Cristo había enseñado a los Apóstoles que *si no se os recibe ni se escuchan vuestras palabras, salid de la casa o dela ciudad aquella sacudiendo el polvo de vuestros pies* (Mt.10,19). Así pues, todos los textos y apostillas de estos maestros peninsulares se harán eco de las palabras continuamente citadas de San Pablo: *Pues ¿por qué voy yo a juzgar a los que e están fuera?* (1Cor. 5, 12).

Es evidente, pues, que no nos encontramos ante un contexto de mero relativismo, sino de opción primera por la verdad y la consiguiente formulación de una jerarquía de valores; justamente eso es lo que confiere dignidad y valor al esfuerzo de aquellos hombres por vivir sin someter a los demás, respetando la libertad y dignidad que definen de modo esencial a cada hombre, por haberlo querido Dios así y conferido desde el momento mismo de la creación. Tal es la primera condición para la justicia y la paz que a partir de ahí han de edificarse.

– posteriormente postas em causa pelos defensores do *mare clausum* como Serafim de Freitas –, sobre o direito natural ao comércio, desde que não prejudicando os nacionais dessas terras, razão por que importava, tanto no primeiro como no terceiro casos, pôr em marcha um esforço hercúleo para adequar o ser que a história lhes mostrava, *ao dever ser* que a consciência lhes impunha.

Lisboa/Santander, 25 de Novembro de 2013

PEDRO CALAFATE

Universidade de Lisboa/Centro de Filosofia da UL / Associação de Hispanismo Filosófico

RAMON EMÍLIO MANDADO

Universidad Complutense de Madrid / Real Sociedad Menéndez Pelayo /

Asociación de Hispanismo Filosófico

Así pues, valga concluir estas breves líneas introductorias con la pregunta formulada por Domingo de Soto a sus alumnos de la Universidad de Salamanca en 1535, a la vista de los relatos que llegaban sobre la ocupación del Nuevo Mundo por la fuerza de las armas:

POR LO TANTO ¿CON QUÉ DERECHO RETENEMOS EL IMPERIO
ULTRAMARINO RECIENTEMENTE DESCUBIERTO? EN VERDAD,
NO LO SÉ³³.

³³ Soto, Domingo de, *Relectio de dominio*, Salmanticae, 1535, p. 34.

Sin embargo, a pesar de la duda y de la conciencia crítica tan elocuentemente manifestadas, estos autores no abogaron por la retirada y el abandono de las tierras americanas. Por un lado, algunos sostenían que, a la luz de las doctrinas políticas y jurídicas vigentes, un tirano por usurpación, es decir, aquel que ocupa el poder mediante un acto ilegítimo, puede ver su poder y su autoridad legitimados por la posterior aceptación y consenso de la comunidad; por otro lado, y tal vez fue este el argumento de mayor peso, la retirada significaría literalmente el abandono de millares de indígenas que, tras haberse convertido al cristianismo, acabarían siendo masacrados, de ser dejados a su suerte. Además, y por último, circulaban las tesis de Francisco de Vitoria –posteriormente cuestionadas por los defensores del *mare clausum*, como Serafim de Freitas– sobre el derecho natural al comercio, el *jus commercii*, siempre que los intereses de los hombres de esas tierras no se viesan perjudicados; razón por la que, tanto en el primer como en el tercer caso, se hacía importante poner en marcha un esfuerzo hercúleo para adecuar el *ser* que la historia les mostraba al *deber ser* que la conciencia les imponía.

Lisboa/Santander, 25 de noviembre de 2013

PEDRO CALAFATE

Universidade de Lisboa / Centro de Filosofia da UL / Asociación de Hispanismo Filosófico

RAMÓN EMILIO MANDADO

Universidad Complutense de Madrid / Real Sociedad Menéndez Pelayo /

Asociación de Hispanismo Filosófico

Mestres que ensinaram em Universidades espanholas e americanas

C

Maestros que enseñaron en universidades españolas y americanas



FRANCISCO DE VITORIA 160
DOMINGO DE SOTO 180
DIEGO DE COVARRUBIAS Y
LEYVA 190 MELCHOR CANO
198 ALONSO DE VERACRUZ
208 JUAN DE LA PENÑA 216
SERAFIM DE FREITAS 224

1526 – 1546

Universidade de Salamanca

FRANCISCO

..

Francisco Vitoria nasceu em Burgos, no ano de 1492 e professou em 1506, como frade dominicano. Recebeu o Doutorado em Teologia pela Universidade de Paris em 1522. Em 1526 foi nomeado para a cadeira de Prima de Teologia, na Universidade de Salamanca, após ter ensinado Teologia na Universidade de Paris e no Colégio de San Gregório de Valladolid. Faleceu em Salamanca no ano de 1546 e hoje é reverenciado como um dos pais fundadores do Direito Internacional Moderno pelo conjunto de suas Relectiones sobre o poder civil, os índios e a guerra.

1526 – 1546
Universidad de Salamanca

DE VITORIA

..

Francisco de Vitoria nació en Burgos en el año 1492 y profesó como fraile dominico en 1506. Se doctoró en Teología por la Universidad de París en 1522. Tras haber enseñado previamente Teología en esta misma Universidad y en el Colegio de San Gregorio de Valladolid, fue nombrado, en 1526, Catedrático de Prima Teología de la Universidad de Salamanca. Falleció en esta ciudad en 1546 y hoy es reconocido, por el conjunto de sus Relecciones sobre el poder civil, los indios y la guerra, como uno de los padres fundadores del Derecho Internacional Moderno.

FRANCISCO DE VITORIA

Frontispício / Frontispicio

RELECTIONES THEOLOGICÆ

R. P. Fr. FRANCISCI VICTORIÆ,
Ordinis Prædicatorum, Sacræ Theologiæ
Professoris Eximii, atque in Salmanticensi
Academia quondam Cathedræ primariæ
Moderatoris, Prælectorisque
incomparabilis.

A PRODIGIOSIS, INNUMERABILIBUSQUE VITIIS, QUIBUS
aliæ editiones plenæ erant, summa cura repurgatæ.

Opus omni eruditione, & pietate refertum, omnibus tam sere
consultis, quàm Theologis imprimis utile.

RELECTIONUM SERIEM SEQUENS PAGELLA INDICABIT,

Accessit copiosissimus materiarum Index.

Matriti.



BIBLIOTHECA
COLLEGII
SALMANTICENSIS

Anno 1765.

CON LICENCIA: En la Oficina de Manuel Martin, y à su costa,
calle de la Cruz, donde se hallará.

1 O DIREITO DAS GENTES COMO LEI PROMULGADA PARA TODO O ORBE

- 1.1 «O orbe inteiro, que de certo modo constitui uma única República, tem poder para promulgar leis justas e convenientes para todos, como são as leis do direito das gentes. Segue-se que pecam mortalmente os que violarem o direito das gentes, seja na paz seja na guerra [...]. Não é lícito a um reino particular não querer ater-se ao direito das gentes, pois foi promulgado pela autoridade de *todo o orbe*.»¹
- 1.2 «Por princípio, todos os povos, tanto os índios como os espanhóis têm direito a defender-se, pela força das armas, da agressão injusta de infieis ou cristãos ao seu próprio país, e têm o direito de recorrer à guerra para dissuadir os agressores a que não voltem a pôr em perigo a integridade e a segurança nacionais.»²
- 1.3 «O título de descobrimento, em si mesmo, não nos dá mais direitos sobre os índios do que a eles sobre nós, caso tivessem sido eles a descobrir-nos.»³

¹ Vitoria, Francisco de, *Relectio de potestate civili*, Salmanticae, 1527-28, 21, ed. de Jesús Cordero Pando, Salamanca, 2009. Tradução de Pedro Calafate.

² Vitoria, Francisco de, *Relectio de Indis*, Salmanticae, 1537-38, II, 3-4, ed. *Corpus Hispanorum de Pace*, dir. Luciano Pereña, vol. V., Madrid, 1967. Tradução do latim de Pedro Calafate.

³ *Idem*, I 2, 10-11.

2 A NATUREZA SOCIAL DO HOMEM: «O HOMEM NÃO É LOBO DO HOMEM»

«Vai contra o Direito Natural que um homem aborreça sem razão outro homem, pois não é lobo o homem para o homem, senão homem!»⁴

⁴ *Idem*, I, 3, 23

3 A AUTORIDADE DO ORBE EM DEFESA DOS INOCENTES: A PROTEÇÃO INTERNACIONAL DOS DIREITOS DA PESSOA HUMANA

«Os príncipes cristãos, mesmo sem autorização do Papa, podem proibir aos índios tão nefastos costumes e ritos [sacrifícios humanos], pois têm direito a defender os inocentes [...]. Qualquer homem pode defendê-los de semelhante tirania e opressão, e por maioria de razão os príncipes. [...]; e caso se neguem, existe causa para lhes declarar guerra e empregar contra eles os direitos da guerra. É este o único caso em que os bárbaros podem ser castigados por crimes contra a natureza.»⁵

⁵ *Idem*, I, 3, 14-15.

4 «COM QUE DIREITO?»: A DÚVIDA SOBRE A LEGITIMIDADE DO DOMÍNIO ESPANHOL SOBRE AS ÍNDIAS OCIDENTAIS

«Concluimos com clareza que quando a expedição real se dirigiu às terras dos bárbaros, nenhum direito levava para ocupar as suas províncias.»⁶

⁶ *Idem*, I, 2, 9.

1 EL DERECHO DE GENTES COMO LEY PROMULGADA PARA TODO EL ORBE

- 1.1 «El orbe entero, que en cierto modo constituye una única República, tiene el poder de promulgar leyes justas y convenientes para todos, cuales son las del Derecho de Gentes. De donde se sigue que pecan mortalmente aquellos que violan el Derecho de gentes, ya sea en la paz o en la guerra [...]. No le es lícito a un reino particular no querer atenerse al Derecho de Gentes, ya que ha sido promulgado por la autoridad del *orbe entero*»¹.
- 1.2 «Por principio, todos los pueblos, tanto los indios como los españoles tienen derecho a defenderse con la fuerza de las armas de la agresión injusta de infieles o de cristianos a su propio país, y tienen derecho a recurrir a la guerra para disuadir a los agresores de que vuelvan a poner en peligro la integridad y la seguridad nacionales»².
- 1.3 «[El título de descubrimiento] en sí mismo y aisladamente no justifica la posesión de aquellos bárbaros, ni más ni menos que si ellos nos hubieren descubierto a nosotros»³.

¹ Vitoria, Francisco de, *Relectio de potestate civili*, Salmanticae, 1527-28, 21, traducción del Latín de Jesús Cordero Pando (2008). *Corpus Hispanorum de Pace*, vol. XV segunda serie. Madrid, CSIC.

² Vitoria, Francisco de, *Relectio de Indis*, Salmanticae, 1537-38, II, 3-4, traducción del Latín de Luciano Pereña y J.M. Pérez Prendes (1967) *Corpus Hispanorum de Pace*, vol. V.

³ *Idem*, I, 3, 2-3.

2 LA NATURALEZA SOCIAL DEL HOMBRE: EL HOMBRE NO ES UN LOBO PARA EL HOMBRE

«Va contra el Derecho Natural que un hombre aborrezca sin razón a otro hombre. Pues no es el hombre un lobo para el hombre [...] sino hombre!»⁴.

⁴ *Idem*, I, 3, 14-15.

3 LA AUTORIDAD DEL ORBE EN DEFENSA DE LOS INOCENTES: LA PROTECCIÓN INTERNACIONAL DE DERECHOS DE LA PERSONA HUMANA

«Aún sin la autorización del Pontífice, los príncipes españoles pueden prohibir a los bárbaros tan nefastas costumbres y ritos, porque tienen derecho a defender a los inocentes [...] cualquiera podrá defenderlos de semejante tiranía y opresión; y este derecho es todavía mayor en los príncipes [...] si se niegan, existe ya una causa para *hacerles la guerra* y emplear contra ellos todos los derechos de guerra [...] En este sentido, y en cuanto a esto solamente [...] los bárbaros pueden ser castigados por los pecados contra la naturaleza»⁵.

⁵ *Idem*, I, 2, 9.

4 «¿CON QUÉ DERECHO?»: LA DUDA SOBRE LA LEGITIMIDAD DEL DOMINIO ESPAÑOL SOBRE LAS INDIAS OCCIDENTALES

«Claramente, pues, se ve por todo lo dicho que cuando la expedición real se dirigió a las tierras de los bárbaros ningún derecho llevaba consigo para ocupar sus provincias»⁶.

⁶ *Idem*, I, 2, 2-3.

Não é lícito despojar os bens dos sarracenos, dos judeus e dos demais infiéis pelo simples facto de não serem cristãos; fazê-lo é furto ou rapina, nos mesmos termos em que o seria se eles despojassem os cristãos.

..

No es lícito despojar de las cosas, que poseen, a los sarracenos ni a los judíos ni a los demás infieles por el solo hecho de no ser cristianos; y el hacerlo es hurto o rapiña, lo mismo que si se hiciera a los cristianos.



Mário Bernardo · *Crucifixo* · Serigrafia · 65 x 50 cm · 2013

5 A LEGITIMIDADE DAS SOBERANIAS INDÍGENAS

- 5.1 «Ainda que o imperador fosse senhor do mundo, nem por isso poderia ocupar as províncias dos bárbaros e estabelecer novos príncipes, depondo os antigos e cobrando impostos.»⁷
- 5.2 «Os príncipes cristãos, a respeito dos bárbaros, não têm mais poder com a autoridade do Papa do que sem ela.»⁸

⁷ *Idem*, I, 2, 2-3.

⁸ *Idem*, II, 5-6.

6 O MEDO E A IGNORÂNCIA ANULAM O JURAMENTO DE FIDELIDADE

«Quando os espanhóis chegam às Índias dão a entender aos bárbaros que são enviados pelo rei de Espanha para o seu próprio bem e exortam-nos a que o recebam e aceitem como senhor; e eles respondem que estão de acordo [...]. Mas esse título não é idóneo. Primeiro, porque é evidente que não deveria intervir medo e ignorância que viciam toda e qualquer eleição, e é isso precisamente o que mais se verifica naquelas eleições [...]. Por outro lado, tendo eles os seus próprios governantes e príncipes, não pode o povo, sem causa razoável, aceitar novos chefes em prejuízo dos anteriores, nem podem os chefes índios eleger novo príncipe sem o consentimento do seu povo.»⁹

⁹ *Idem*, I, 2, 23.

7 A INFIDELIDADE NÃO É IMPEDIMENTO PARA TER VERDADEIRO DOMÍNIO

- 7.1 «Os infiéis podem ter domínio sobre os cristãos, pois, nos termos do direito natural, não perdem os infiéis o seu domínio por causa da infidelidade e os cristãos estão obrigados a obedecer-lhes.»¹⁰
- 7.2 «A infidelidade não é impedimento para ter verdadeiro domínio [...]. *A fé não anula o direito natural nem o direito humano.* Ora, o domínio ou é de direito natural ou de direito humano. Logo, não se perde o domínio por falta de fé [...]. Não é lícito desapropriar dos seus bens os sarracenos, os judeus ou os demais infiéis pelo simples facto de não serem cristãos; fazê-lo é furto ou rapina, nos mesmos termos em que o seria se expropriássemos os cristãos.»¹¹
- 7.3 «Temos por certa a conclusão de que, antes da chegada dos espanhóis, eram os índios verdadeiros senhores, publica e privadamente.»¹²

¹⁰ *Idem*, III, art.II.

¹¹ *Idem*, I, 1, 4.

¹² *Idem*, I, 1, 16.

8 NÃO É ACEITÁVEL A GUERRA PARA A EVANGELIZAÇÃO

- 8.1 «Se os índios não quiserem reconhecer nenhum domínio ao Papa, não podem os cristãos, por essa causa, fazer-lhes guerra, nem apoderar-se dos seus bens e territórios.»¹³
- 8.2 «A guerra não é um argumento em favor da verdade do cristianismo, logo, pelas armas os índios não podem ser induzidos a crer, senão a fingir que crêem e que abraçam a fé cristã, o que é monstruoso e sacrílego.»¹⁴

¹³ *Idem*, I, 2, 9..

¹⁴ *Idem*, I, 2, 20.

5 LA LEGITIMIDAD DE LAS SOBERANÍAS INDÍGENAS

5.1 «Aún suponiendo que el Emperador fuese señor del mundo, no por esto podría ocupar las provincias de los bárbaros y establecer nuevos príncipes quitando a los antiguos y cobrar impuestos»⁷.

⁷ *Idem*, I, 2, 2-3.

5.2 «Los príncipes cristianos sobre estos infieles no tienen más poder con la autoridad del Papa que sin ella»⁸.

⁸ *Idem*, II, 5-6.

6 EL MIEDO Y LA IGNORANCIA ANULAN EL JURAMENTO DE FIDELIDAD

«Cuando llegan los españoles a las Indias dan a entender a los bárbaros cómo son enviados por el rey de España para su propio bien, y les exhortan a que lo reciban y acepten como a rey y señor; y ellos responden que están de acuerdo... pero tampoco ese título es idóneo. Primero, porque es evidente que no debería intervenir el miedo y la ignorancia que vician toda elección. Pero esto es precisamente lo que más interviene en aquellas elecciones y aceptaciones [...] por otra parte, teniendo ellos... sus propios gobernantes y príncipes, no puede el pueblo sin causa razonable aceptar nuevos jefes en perjuicio de los anteriores. Ni por el contrario tampoco pueden sus mismos jefes elegir nuevo príncipe sin consentimiento del pueblo»⁹.

⁹ *Idem*, I, 2, 23.

7 LA INFIDELIDAD NO ES IMPEDIMENTO PARA POSEER VERDADERO DOMINIO

7.1 «Los infieles pueden tener tal clase de dominio sobre los cristianos, es decir ateniéndonos al derecho natural no pierde el infiel su dominio por causa de su infidelidad y los cristianos están obligados a obedecerles»¹⁰.

¹⁰ *Idem*, III, art. II y III, art. III

7.2 «La infidelidad no es impedimento para ser verdadero propietario [...] *la fe no quita el derecho natural ni el humano*. Ahora bien, el dominio es de derecho natural o de derecho humano. Luego no se pierde el dominio por falta de fe... no es lícito despojar de las cosas, que poseen, a los sarracenos ni a los judíos ni a los demás infieles por el solo hecho de no ser cristianos; y el hacerlo es hurto o rapiña, lo mismo que si se hiciera a los cristianos»¹¹.

¹¹ *Idem*, I, 1, 4.

7.3 «Resulta pues esta conclusión cierta: que antes de la llegada de los españoles, eran ellos verdaderos señores, pública y privadamente»¹².

¹² *Idem*, I, 1, 16.

8 NO ES ACEPTABLE LA GUERRA PARA LA EVANGELIZACIÓN

8.1 «Aunque los bárbaros no quisieren reconocer ningún dominio al Papa, no se puede por ello hacerles la guerra ni apoderarse de sus bienes y territorios»¹³.

¹³ *Idem*, I, 2, 9.

8.2 «La guerra no es un argumento en favor de la verdad de la fe cristiana; luego por las armas los bárbaros no pueden ser inducidos a

[O título de descobrimento] em si mesmo e isoladamente não nos dá mais direitos sobre os índios do que a eles sobre nós, caso tivessem sido eles a descobrir-nos.

..

[El título de descubrimiento] en sí mismo y aisladamente no justifica la posesión de aquellos bárbaros, ni más ni menos que si ellos nos hubieran descubierto a nosotros.

FRANCISCO DE VITORIA

De Indis I, 2, 10-11



9 A INVOCAÇÃO DO CUMPRIMENTO DE ORDENS SUPERIORES NÃO ESCUSA OS SOLDADOS DA CULPA POR CRIMES CONTRA O GÉNERO HUMANO

«Se ao súbdito consta a injustiça da guerra, não lhe é lícito lutar, nem mesmo por mandato do príncipe. É evidente: em nenhum caso e em virtude de nenhuma autoridade é lícito dar morte a um inocente [...], logo, tampouco podem ser escusados os soldados que combatem com má-fé. Tal como não é lícito matar os seus concidadãos por mandato do príncipe, tampouco é lícito matar os estrangeiros.»¹⁵

10 O *JUS PRAEDICANDI*

10.1 «Se os índios permitirem aos espanhóis pregar o Evangelho livremente e sem obstáculos, queiram ou não receber a fé, não é lícito por este motivo declarar-lhes guerra nem ocupar os seus territórios.»¹⁶

10.2 «Se os índios impedirem pela força a livre pregação do Evangelho [...], podem os cristãos declarar-lhes guerra. [...]. Mas nem tudo o que é lícito é conveniente, pois pode ocorrer que tais guerras, extermínios e saques sejam ainda maior obstáculo à conversão dos índios [...]. *Temo que tenhamos ido além do que o direito e a moral permitiam.*»¹⁷

11 OS CRIMES CONTRA A LEI NATURAL NÃO CONSTITUEM TÍTULO LEGÍTIMO DE CONQUISTA OU OCUPAÇÃO

«Os príncipes cristãos, nem mesmo com a autoridade do Papa, podem impedir pela força que os índios cometam pecados contra a lei natural, nem castigá-los por isso [...]. Prova-se esta conclusão porque *não têm* maior poder os fiéis sobre os infiéis do que os infiéis sobre os cristãos. Se não concluía-se que o rei dos franceses poderia declarar guerra aos italianos porque estes cometem crimes contra a natureza.»¹⁸

12 AS DIFERENÇAS CIVILIZACIONAIS NÃO ANULAM O ARGUMENTO DA RACIONALIDADE NOS GENTIOS

[Não é legítimo subjugar os índios com o argumento de que são amentes], porque na realidade não são idiotas, senão que fazem uso da razão. É evidente que têm certa ordem nas suas coisas; que têm cidades devidamente regidas, matrimónios bem definidos, magistrados, senhores, leis, professores, indústrias, comércio, tudo isto exigindo o uso da razão. Além do mais, têm também uma forma de religião e não erram nas coisas que são evidentes a outros. [...]. Pelo que creio que o facto de que nos

¹⁵ Vitoria, Francisco de, *Relectio de iure belli*, Salmanticae, 1538-39, IV, 1, 6-7, ed. *Corpus Hispanorum de Pace*, dir. Luciano Pereña, vol. VI, Madrid, 1981. Tradução do latim de Pedro Calafate e M. Sena Monteiro.

¹⁶ *Idem*, I, 3, 9-11.

¹⁷ *Idem*, I, 3, 11-12.

¹⁸ *Idem*, II, 7-8.

creer, sino fingir que creen y que abrazan la fe cristiana, lo cual es monstruoso y sacrílego»¹⁴.

¹⁴ *Idem*, I, 2, 20.

9 ALEGAR CUMPLIMIENTO DE ÓRDENES SUPERIORES NO EXIME A LOS SOLDADOS DE LA CULPA POR CRÍMENES CONTRA EL GÉNERO HUMANO

«Si al súbdito le consta de la injusticia de la guerra, no le es lícito luchar *ni aún por mandato del príncipe*. Es evidente: en ningún caso y en virtud de ninguna autoridad es lícito dar muerte a un inocente [...], luego tampoco pueden ser excusados los soldados que pelean de mala fe. Asimismo no es lícito matar a los propios ciudadanos por mandato del príncipe. Luego tampoco a los extranjeros»¹⁵.

¹⁵ Vitoria, Francisco de, *Relectio de iure belli*, Salmanticae, 1538-39, IV, 1, 6-7. Trad. Y estudio preliminar de L. Pereña, V. Abril, C. Baciero, A. García y F. Maseda (1981). *Corpus Hispanorum de Pace*, vol. VI. Madrid. CSIC.

10 EL *JUS PRAEDICANDI*

10.1 «Si los bárbaros permiten a los españoles predicar el Evangelio libremente y sin poner obstáculos, tanto si reciben como si no reciben la fe, ya no es lícito por este motivo declararles la guerra

ni tampoco ocupar sus territorios»¹⁶.

10.2 «Si los bárbaros impiden a los españoles anunciar libremente el Evangelio [...] los cristianos [...] tienen, pues, justa causa para declarar la guerra... mas puede ocurrir que tales guerras, exterminios y saqueos impidieran más bien la conversión de los bárbaros [...] *pero me temo no se haya ido más allá de lo que el derecho y la moral permitían*»¹⁷.

¹⁶ *Relectio de Indis Op. cit.*, I, 3, 9-11.

¹⁷ *Idem*, I, 3, 11-12.

11 LOS CRÍMENES CONTRA LA LEY NATURAL NO CONSTITUYEN TÍTULO LEGÍTIMO DE CONQUISTA U OCUPACIÓN

«Los príncipes cristianos, ni aún con la con la autoridad del Papa pueden apartar por la fuerza a los bárbaros de los pecados contra la ley natural, ni castigarlos por esta causa ello [...] Se prueba la conclusión porque *no tienen mayor* potestad los fieles sobre los infieles que los infieles sobre los cristianos. Al menos se seguiría que el rey de los franceses podría hacer la guerra a los italianos, porque cometen pecados contra la naturaleza»¹⁸.

¹⁸ *Idem*, I, 2, 22 y II, 7-8.

12 LAS DIFERENCIAS DE CIVILIZACIÓN NO ANULAN EL ARGUMENTO DE RACIONALIDAD EN LOS GENTILES

[No es legítimo subyugar a los indios con el argumento de que son dementes], porque en realidad no son idiotas, sino que tienen a su modo, uso de razón. Es evidente que tienen cierto orden en sus cosas: que tienen ciudades debidamente regidas, matrimonios bien definidos. Magistrados, señores, leyes, profesores, industrias, comercio: todo lo cual requiere el uso de razón. Además, tienen también una

Depois de Noé o mundo foi dividido em vários reinos e territórios, tanto por mandato de Noé [...] como, mais provavelmente, mediante ocupação de diversos territórios, por consentimento mútuo, de várias famílias, como se diz no *Génesis*. E pelo mesmo *Génesis* sabemos que os descendentes de Noé fundaram diversas nações e povos, tendo nalgumas regiões alcançado o domínio por tirania. Noutros casos, reuniram-se em comunidade e de comum acordo constituíram um Estado, estabelecendo sobre ele um príncipe soberano.

..

Después de Noé el mundo fue dividido en varios reinos y territorios, ya sea por mandato del mismo Noé [...] ya sea (y esto es lo más probable) que por consentimiento mutuo diversas familias ocuparon diversos territorios, como se dice en el *Génesis*. Y por el mismo *Génesis* sabemos que por los descendientes de Noé se formaron diversas naciones y pueblos, ya sea que en algunas regiones alcanzaron el señorío por tiranía, ya sea que reuniéndose varios en un lugar de común acuerdo se constituyeran en Estado estableciendo sobre él un príncipe soberano.

FRANCISCO DE VITORIA

De Indis I 2, 2



pareçam tão idiotas e embotados provém, em sua maior parte, da sua má e bárbara educação, pois também entre nós vemos que muitos homens do campo bem pouco se diferenciam dos brutos animais.»¹⁹

¹⁹ *Idem*, I,1, 15-16.

13 **JUS COMMUNICATIONIS ET PEREGRINANDI**

«No princípio do mundo, quando todas as coisas eram comuns, era lícito a qualquer um dirigir-se às regiões que entendesse e por elas peregrinar. E não consta que tal direito tenha sido anulado pela posterior divisão das coisas, pois nunca foi intenção das gentes impedir, por semelhante divisão, a comunicação e o trato entre os homens [...]. O mesmo se conclui do texto de S. Mateus <em que Cristo disse> Fui peregrino e não me acolhestes (Mt 25, 43). Logo, dado que acolher os hóspedes parece ser de direito natural, aquela sentença de Cristo aplica-se a todos.»²⁰

²⁰ *Idem*, I, 3, I.

14 **JUS COMMERCII**

14.1 «É lícito aos espanhóis estabelecerem relações comerciais com os bárbaros, desde que tal comércio não seja feito em prejuízo da pátria dos mesmos bárbaros [...], pois parece ser também de direito das gentes que os estrangeiros possam ter relações comerciais, desde que sem prejuízo para os nacionais.»²¹

²¹ *Idem*, I, 3, 2-3.

14.2 «Os príncipes <dos gentios> são obrigados, por direito natural, a amar os espanhóis. Logo, não lhes será lícito impedi-los de procurar o seu bem-estar.»²²

²² *Idem*, I, 3, 2-3.

15 **PODE HAVER GUERRA JUSTA DE AMBAS AS PARTES**

«Ainda que os espanhóis pretendam dissipar o temor <dos gentios> e assegurar-lhes que possuem intenções pacíficas, podem aqueles, com certo fundamento, ficar temerosos, vendo homens de estranho porte, armados e muito mais poderosos do que eles. Portanto, se movidos por este temor se unirem para expulsar ou matar os espanhóis, é certamente lícito que estes se defendam, mas sem se excederem e guardando a moderação de uma justa defesa, sem que possam usar os demais direitos da guerra, como seja, depois de obtida a vitória e com ela a segurança, matá-los, saqueá-los e ocupar as suas cidades [...]. E não há inconveniente de que esta seja considerada guerra justa pelas duas partes, pois que de uma parte está o direito e da outra a ignorância invencível [...]. E importa ter sempre isto em conta, pois são distintos os direitos da guerra contra homens realmente culpados e perversos ou contra inocentes e ignorantes.»²³

²³ *Idem*, I, 3, 5-7.

forma de religión, y no yerran tampoco en las cosas que son evidentes a otros [...] por lo que creo que el hecho de que nos parezcan tan idiotas y romos proviene en su mayor parte de su mala y bárbara educación, pues también entre nosotros vemos que muchos hombres del campo bien poco se diferencian de los brutos animales»¹⁹.

¹⁹ *Idem*, I, 1, 15-16.

13 **JUS COMMUNICATIONIS ET PEREGRINANDI**

«Al principio del mundo (cuando todas las cosas eran comunes), era lícito a cualquiera dirigirse y recorrer las regiones que quisiera. Y no parece que haya sido esto anulado por la división de las tierras, pues nunca fue intención de las gentes impedir por semejante repartición la comunicación y el trato entre los hombres [...] lo mismo prueba aquel texto de San Mateo: *Era peregrino y no me acogisteis* (Mt 25, 43). Por consiguiente como el recibir a los huéspedes parece ser de derecho natural, aquella sentencia de Cristo se aplicará a todos»²⁰.

²⁰ *Idem*, I, 3, I.

14 **JUS COMMERCII**

14.1 «Es lícito a los españoles comerciar con los bárbaros, sin perjuicio de su patria [...] porque parece también de derecho de gentes, que los extranjeros puedan comerciar, sin detrimento de los nacionales»²¹.

²¹ *Idem*, I, 3, 2-3.

14.2 «Los príncipes “de los bárbaros” por derecho natural están obligados a amar a los españoles. No les será lícito, si puede hacerse sin daño propio, prohibirles sin causa alguna que procuren su bienestar»²².

²² *Idem*, I, 3, 2-3.

15 **PUEDE HACERSE GUERRA JUSTA POR AMBAS PARTES**

«Aún cuando quieran los españoles disipar su temor y dar seguridades de sus intenciones pacíficas, pueden aquéllos con cierto fundamento andar temerosos viendo hombres de porte extraño, armados y mucho más poderosos que ellos. Y, por tanto, si movidos por este temor se uniesen para expulsar o matar a los españoles, es ciertamente lícito a éstos defenderse, por sin excederse y guardando la moderación de una justa defensa, y sin que puedan usar de los demás derechos de la guerra, como sería, obtenida la victoria y con ella la seguridad, poder matarlos, saquearlos y ocupar sus ciudades [...] y no hay inconveniente en que ésta sea guerra justa por las dos partes, puesto que de una parte está el derecho y de la otra la ignorancia invencible... Esto hay que tenerlo muy en cuenta. Pues son distintos los derechos de guerra frente a hombres realmente culpables y perversos, y los derechos contra inocentes e ignorantes»²³.

²³ *Idem*, I, 3, 5-7.

16 A JUSTIÇA NO IMPÉRIO DOS CRISTÃOS SOBRE OS GENTIOS

16.1 «Por mais legítima que seja a soberania que um príncipe cristão obtenha sobre os gentios, não pode sobrecarregá-los mais do que aos seus súbditos cristãos, impondo-lhes mais tributos, tirando-lhes a liberdade ou quaisquer outras opressões.»²⁴

²⁴ *Idem*, II, 11-14.

16.2 «O príncipe que obtenha poder <legítimo> sobre os gentios está obrigado a promulgar leis convenientes à república desses gentios, inclusive no temporal, de modo que se conservem e aumentem os seus bens materiais e não sejam espoliados das suas riquezas nem do seu ouro.»²⁵

²⁵ *Idem*, II, 14-16.

16.3 «Não basta que o príncipe promulgue boas leis aos índios, pois está obrigado a nomear ministros que as façam observar. E enquanto o não fizer não está o rei imune à culpa, ou pelo menos não o estão aqueles que o aconselham a governar o país.»²⁶

²⁶ *Idem*, II, 14-16.

16 LA JUSTICIA EN EL IMPERIO DE LOS CRISTIANOS SOBRE LOS PAGANOS

16.1 «Por muy legítima que sea la soberanía que obtenga un príncipe cristiano sobre los paganos, no puede gravarles más que a sus súbditos cristianos, imponiéndoles mayores tributos, quitándoles la libertad, o con cualesquiera otras opresiones»²⁴.

²⁴ *Idem*, II, 11-14.

16.2 «Aquel príncipe que obtenga potestad sobre ellos estará obligado a promulgar leyes convenientes a su república, incluso en lo temporal, de modo que se conserven y aumenten sus bienes materiales y no sean expoliados de sus riquezas ni de su oro»²⁵.

²⁵ *Idem*, II, 14-16.

16.3 «No basta que el príncipe dé buenas leyes a los bárbaros, sino que está obligado a poner ministros a fin de que las hagan observar. Y hasta que no se llegue a esto el rey no está inmune de culpa, o al menos no lo están aquellos a cuyo consejo se gobierna el país»²⁶.

²⁶ *Idem*, II, 14-16.

1520 – 1524

Universidade de Alcalá de Henares

1532 – 1560

Universidade de Salamanca

DOMINGO

..

Domingo de Soto nasceu em Segóvia, no ano de 1494 (ou 1495) e faleceu em Salamanca, no ano de 1560. Regeu uma cátedra de Artes no Colégio de San Ildefonso, em Alcalá, de 1520 a 1524, após seu regresso de Paris. Professou em 1525, no convento dos dominicanos de San Pablo de Burgos. Foi colega de Francisco Vitoria na Universidade de Salamanca, de quem já havia ouvido algumas aulas em Paris. Assumiu a cátedra salmantina de Véspera de Teologia em 1532. Em 1545 foi enviado como teólogo real ao Concílio de Trento,

em face do impedimento físico de Francisco de Vitoria, que já estava bastante enfermo. Domingo de Soto foi confessor do imperador Carlos V, em 1548, cargo ao qual renunciou após dezoito meses. Em 1550-1551 interveio na famosa disputa entre Bartolomeu de Las Casas e Juan Guínés de Sepúlveda, como membro das Juntas de Valladolid. Em 1552, assume a cátedra de Prima de Teologia, na Universidade de Salamanca, sucedendo a Melchor Cano, o qual, por sua vez, havia sucedido a Francisco de Vitoria.

1520 – 1524

Universidad de Alcalá de Henares

1532 – 1560

Universidad de Salamanca

DE SOTO

..

Domingo de Soto nació en Segovia en 1494 o 1495 y falleció en Salamanca en 1560. Estudió en París y a su regreso, entre 1520 y 1524, regentó una Cátedra de Artes en el Colegio de San Ildefonso de Alcalá y profesó en el convento dominico de San Pablo en Burgos. En 1532 asumió la cátedra de Vísperas de Teología en la Universidad de Salamanca, donde tuvo por compañero a Francisco de Vitoria de quien ya había escuchado algunas clases en París. En 1545 y ante la imposibilidad física de Francisco de Vitoria que se encontraba ya bastante

enfermo, fue enviado como teólogo real al Concilio de Trento. En 1548 Domingo de Soto es nombrado confesor del Emperador Carlos V, cargo al que renuncia al cabo de dieciocho meses. En los años 1550-1551 intervino en la famosa disputa entre Bartolomé de las Casas y Juan Ginés de Sepúlveda, en su calidad de miembro de las Juntas de Valladolid. Finalmente en 1552, asume la Cátedra de Prima Teología en la Universidad de Salamanca, sucediendo en ello a Melchor Cano quien, a su vez, había sucedido a Francisco de Vitoria.

DOMINGO DE SOTO

Frontispicio / Frontispicio

FRATRIS DOMINICI
Soto Segobienſis, Theologi, ordinis Prædi-
catorum, Cæſaræ Maieſtati à ſacris confeſſionibus,
Salmantini Profeſſoris, De Juſtitia &
Iure Libri decem.

*Nunc primum ab ipſo Authore innumeris in locis emendati atq; multo auctiores redditi. Quibus
inſuper libro Septimo in Sextum tranſuſo Octauus de Iuramento
& adiuratione, plane nouus additus eſt.*



Cum Priuilegio.

SALMANTICÆ,
Excudebat Andreas à Portonarijs. S. C. M. Typographus.

M. D. L. V I.

Esta saſſado a tres Maravedis el pliego.

Francisco Soto

1 «COM QUE DIREITO?»: A DÚVIDA SOBRE A LEGITIMIDADE DO DOMÍNIO ESPANHOL SOBRE AS ÍNDIAS OCIDENTAIS

«Portanto, com que direito retemos o império ultramarino recentemente descoberto? Na verdade não sei [...], pois não vejo donde nos venha tal direito.»²⁷

²⁷ Soto, Domingo de, *Relectio de dominio*, Salmanticae, 1535, 34, 2-3, ed. Jaime Brufau Prats, Domingo de Soto, *Relecciones y Opusculos*, vol. I. Salamanca, 1995. Excertos traduzidos do castelhano por Pedro Calafate.

2 A PRESENÇA DE DEUS NO CORAÇÃO DOS CRISTÃOS (A “CARIDADE”) NÃO CONFERE NENHUM PODER AOS CRISTÃOS SOBRE OS OUTROS POVOS

«Deus, efetivamente, faz com que o Sol irradie a luz tanto para os bons como para os maus e envia a chuva para os justos e para os injustos; portanto, por maior que seja o estado de caridade em que alguém se encontre, não adquire por isso nenhum direito novo sobre as coisas [...]. Porque se o título de caridade autorizasse alguém a apoderar-se das coisas alheias, poria estorvos à paz e ao bem-estar da sociedade.»²⁸

²⁸ Soto, Domingo de, *De iustitia et iure*, Salmanticae, 1556, lib. IV, q. II. Excertos traduzidos do latim por M Sena Monteiro.

3 AS DIFERENÇAS CULTURAIS NÃO JUSTIFICAM O DOMÍNIO

«Respondo “agora” aos que, com base no argumento aristotélico da escravatura natural, dizem que os cristãos podem, em virtude da menoridade intelectual de outros povos, invadir com as armas os seus territórios e Estados. A esses digo que por esta razão não adquirimos nenhum direito sobre eles, nem os podemos submeter pela força, pois a sua inferior condição não os priva da liberdade [...], e como a liberdade é o fundamento do domínio, conservam todo o direito sobre os seus bens. Porque Aristóteles colocava esta servidão não só entre uma nação e outra, mas também entre pessoas da mesma cidade e de uma mesma família, e há entre os cristãos de uma mesma cidade “servos por natureza” que, sem embargo, não podem por isso ser despojados dos seus bens, ainda que se recusem obedecer aos que são intelectualmente mais capazes. E quanto ao que diz Aristóteles no liv. I da *Política*, cap. 3, ou seja, que da mesma maneira que podem vender-se os animais podemos empreender uma guerra contra aqueles homens que nasceram para servir, há de entender-se que podemos repelir pela força e submeter à ordem aqueles que, como as feras, andam errantes sem respeito algum pelas leis do pacto, invadindo o que é alheio por onde quer que passem.»²⁹

²⁹ *Idem*, lib. IV, q. II

4 O IMPÉRIO SUPÕE UM CONTRATO LIVRE ENTRE OS POVOS

«Para que uma sociedade institua um rei ou um imperador a quem transmita a sua autoridade, requer-se que se reúna em assembleia, ou que pelo menos a maior parte dela consinta em tal eleição.

1 «¿CON QUÉ DERECHO?»: LA DUDA ACERCA DE LA LEGITIMIDAD DEL DOMINIO ESPAÑOL SOBRE LAS INDIAS OCCIDENTALES

«Por tanto ¿con qué derecho retenemos el imperio ultramarino que ahora se descubre? En verdad, yo no lo sé»²⁷.

2 LA PRESENCIA DE DIOS EN EL CORAZÓN DE LOS CRISTIANOS (LA CARIDAD) NO CONFIERE PODER ALGUNO A LOS CRISTIANOS SOBRE LOS DEMÁS PUEBLOS

«Dios, efectivamente, hace salir el sol para los buenos y para los malos y envía la lluvia para los justos y para los injustos; y por tanto por mucha que sea la caridad que uno tenga, no adquiere ningún derecho nuevo sobre las cosas [...] porque si por título de caridad autoriza a cualquiera para apoderarse de las cosas ajenas, pondría estorbos a la paz y también al bienestar de la sociedad»²⁸.

3 LAS DIFERENCIAS CULTURALES NO JUSTIFICAN EL DOMINIO

«Y con esto se responde satisfactoriamente a aquellos que preguntan si los cristianos en virtud del derecho de dominio natural podemos invadir con las armas los países infieles, los cuales a causa de la rudeza de sus costumbres parecen ser naturalmente *siervos*. Por esta sola razón no adquirimos derecho alguno sobre ellos, para someterlos por la fuerza, puesto que su inferior condición no les priva de libertad [...] y como la libertad es el fundamento del dominio, conservan todo el derecho de sus bienes. Porque Aristóteles no sólo colocaba esta servidumbre entre una nación y otra, sino también entre personas de una misma ciudad y de una misma familia. Hay, efectivamente, entre los cristianos de una misma ciudad siervos por naturaleza, que sin embargo no por esto pueden ser despojados de sus bienes, aunque rehúsen obedecer a los que son naturalmente superiores. Y lo que Aristóteles dijo en el mismo libro I de los Políticos cap. 3, o sea, que de la misma manera que pueden venderse las bestias, podemos emprender la guerra contra aquellos hombres que han nacido para servir, ha de entenderse que podemos repeler por la fuerza y someter al orden a aquellos que, como las fieras, andan errantes sin tener respeto alguno a las leyes del pacto, sino que invaden lo ajeno por donde quiera que pasan»²⁹.

4 EL IMPERIO REQUIERE UN CONTRATO LIBRE ENTRE LOS PUEBLOS

«Para que una sociedad elija un rey o un emperador a quien transmitirle su autoridad, es preciso que se reúna en asamblea o que por lo menos la mayor parte de ella consienta en tal elección. Pues bien, nunca en el mundo se celebró tal asamblea, ni tan siquiera se

²⁷ Soto, Domingo de, *Relectio de dominio*, Salmanticae, 1535, 34. Traducción de Jaime Brufau Prats, *Relecciones y opúsculos*. Salamanca. Ed. San Esteban, 1995.

²⁸ Soto, Domingo de, *De iustitia et iure*, Salmanticae, 1556, lib. IV, q. II, art. I Traducción de Marcelino González Ordóñez *De iustitia et iure* Instituto de Estudios Políticos. Madrid, 1968.

²⁹ *Idem*, q. II, art. II.

Portanto, com que direito retemos o império ultramarino recentemente descoberto? Na verdade não sei [...], pois não vejo donde nos venha tal direito.

..

Por tanto ¿con qué derecho retenemos el imperio ultramarino que ahora se descubre? En verdad, yo no lo sé [...] no veo de dónde nos viene tal derecho.

DOMINGO DE SOTO

Relectio de Dominio, 34, 2-3



Elsa Bruxelles · *Invasão* · Acrílico sobre papel · 70 x 50 cm · 2013

Pois bem, nunca no mundo se celebrou tal assembleia, nem tão pouco se reuniu uma décima parte dele, se com os olhos da razão percorrermos as regiões antípodas e as demais nações [...]. E como os reis recebem a autoridade dos respetivos reinos, não há razão para que todos eles dependam de um rei único em todo o mundo [...]. O máximo que sobre isto podemos dizer é que há um imperador felicíssimo e invictíssimo entre os cristãos; mas que este seja dono do mundo, nem a razão nem o direito o consentem, pois a parte que deu o seu assentimento era muito reduzida em comparação com a grandeza dos povos do mundo. Portanto, contra o que postula o direito natural, não pode esta pequena parte impor um imperador sobre as regiões antípodas e sobre outras regiões do orbe. E no que se refere ao Papa, não sendo rei temporal por disposição de Cristo, a não ser no que se refere ao necessário para o fim espiritual, em nenhuma parte se lê que desse maior extensão a tal império.»³⁰

³⁰ *Idem*, Lib. IV, q. II.

5 «NÃO HÁ DIFERENÇA ENTRE JUDEU E GREGO», NEM «ENTRE ESCRAVO E LIVRE»

«Cristo não nasceu para castigar os pecados, mas para conceder o perdão [...] e fica claro que, entre os que habitam a totalidade do orbe, a ninguém excluiu, ainda que idólatra, porque, como diz São Paulo, *não há diferença entre judeu e grego*, nem em Cristo há escravo nem livre, senão que oferece o perdão dos pecados a todos os que se arrependem, por desmedida que seja a sua mácula [...]. E ainda que nos víssemos constituídos em juízes do orbe, não deveríamos castigar pecado algum dos inféis, senão predicar-lhes o perdão de todos eles e, em segundo lugar, nunca nos seria concedido tal poder, pois não faz sentido um poder que nunca poderia exercer-se.»³¹

6 NÃO PODEMOS JULGAR «OS QUE ESTÃO DE FORA»

- 6.1 «Antes do nascimento de Cristo, os romanos não podiam castigar por força das armas semelhantes pecados na república dos lacedemónios, nos mesmos termos em que o não podiam fazer os lacedemónios em Roma. Portanto, por direito natural ou das gentes, não o podemos fazer. Certamente, como ficou patente, a lei Evangélica só nos faz juízes dos que estão dentro da Igreja.»³²
- 6.2 «Por lei da natureza existem diversas repúblicas e, o que é mais, príncipes e magistrados das mesmas. Antes de se fazerem cristãos, é, pois, a eles que compete a missão de castigar todos estes pecados que se cometem contra a razão humana. E se o não fizerem, não poderão alegar ignorância que os escuse do castigo de Deus. Porque ele mesmo julgará, como diz S. Paulo, *os que estão de fora* (I Cor 5).»³³

³¹ Soto, Domingo de, *Relectio an liceat civitates infidelium seu gentilium expugnare ob idololatriam*, Salamanca, 1555 (?), f. 420r, in Domingo de Soto, *Relecciones y Opusculos*, vol. I, ed. e trad. Jaime Brufau Prats, Salamanca, 1995. Excertos traduzidos do castelhano por Pedro Calafate.

³² *Idem* f. 421v.

³³ *Idem* f. 421v.

reunió en una décima parte, si con los ojos de la razón recorremos las regiones antípodas y las demás naciones... Y como los reyes reciben la autoridad de sus respectivos reinos, no hay razón para que todos ellos dependan de un único rey en todo el mundo... lo máximo que sobre esto podemos decir es que hay un emperador felicísimo e invictísimo entre los cristianos, pero ni la razón ni el derecho consienten en que éste sea dueño del mundo, pues la parte que ha dado su consentimiento es muy reducida en comparación con la amplitud de los pueblos del mundo. Por tanto no puede esta pequeña parte, contra lo que pide el Derecho Natural, imponer un emperador a las regiones antípodas y a las otras regiones del orbe. Y en lo que se refiere al Papa, que no es rey temporal por disposición de Cristo, en ninguna parte se lee que haya de darse mayor extensión a tal imperio, a no ser en lo que se refiere a cuanto es necesario para el fin espiritual»³⁰.

³⁰ *Idem*, ib. IV, q. II.

5 «NO HAY DIFERENCIA ENTRE JUDÍO Y GRIEGO», NI «ENTRE ESCLAVO Y LIBRE»

«Cuando nació [Cristo] no vino para castigar los pecados, sino para conceder el perdón... Queda claro que de los que habitan en todo el orbe no excluye a nadie aunque sea idólatra, porque, como dice Pablo, no hay distinción entre judío y griego, ni en Cristo hay esclavo ni libre, sino que ofrece sin excepción el perdón de los pecados a todos los que se arrepientan, por muy desmedida que fuera su mancha [...] aunque nos viéramos constituidos como jueces del orbe, no debiéramos castigar pecado alguno de los infieles, sino predicarles el perdón de todos ellos; y, en segundo término, que nunca se nos concedería tal potestad, pues no tiene sentido una potestad que nunca debe ejercerse»³¹.

189

6 NO PODEMOS JUZGAR «A LOS QUE ESTÁN FUERA»

- 6.1** «Antes del nacimiento de Cristo los romanos no podían castigar por la fuerza de las armas semejantes pecados en la república de los lacedemonios mejor que los lacedemonios en Roma. Por tanto, por derecho natural o de gentes no lo podemos hacer, Ciertamente, como ha quedado patente, la ley evangélica sólo nos hace jueces de los que están dentro de la Iglesia»³².
- 6.2** «Por Ley de la naturaleza [...] existen diversas repúblicas y, lo que es más, príncipes y magistrados de las mismas. Antes de que se hagan cristianos es, pues, a ellos a quienes incumbe la misión de castigar todos estos pecados que se cometen contra la razón humana. Y si no lo hicieren, no podrán excusarse alegando ignorancia para quedar libres de las penas infligidas por Dios. Porque él mismo juzgará, como dice Pablo antes citado, a aquellos que *están fuera* (I Cor. 5)»³³.

³¹ Soto, Domingo de, *Relectio an liceat ciuitates infidelium seu gentilium expugnare ob idololatriam*, Salamanca, 1555 (?), f. 420r Traducción de Jaime Brufau Prats (1995). Op. cit.

³² *Idem*, f. 421v.

³³ *Idem*, f. 423v.

1540 – 1548

Universidade de Salamanca

DIEGO

..

Diego de Covarrubias y Leyva nasceu em Toledo, em 1512 e morreu em Madrid em 1577. Estudou Direito em Salamanca, onde foi discípulo de Martín de Azpilcueta, Francisco de Vitoria e Domingo de Soto, recebendo o título de Doutor em 1538. Em 1540 ganhou a disputa pela Cátedra de Cânones, onde permaneceu até 1548. Em 1547 participou da revisão das obras de

Juan Ginés de Sepúlveda, juntamente com outros catedráticos salmantinos. De catedrático de Salamanca passou a exercer altos cargos no Estado: Ouvidor na Chancelaria de Granada, Bispo de Ciudad Rodrigo, Bispo de Segóvia, teólogo tridentino e Presidente do Conselho de Castela, a segunda figura mais importante na hierarquia do Estado Espanhol.

1540 – 1548

Universidad de Salamanca

DE COVARRUBIAS Y LEYVA

..

Diego de Covarrubias y Leyva nació en Toledo en 1512 y murió en Madrid en 1577. Estudió Derecho en Salamanca donde fue discípulo de Martín de Azpilicueta, Francisco de Vitoria y Domingo de Soto, obteniendo el título de Doctor en 1538. En 1540 ganó por oposición la Cátedra de Cánones de la misma universidad en donde permaneció hasta 1548. El año 1547 forma parte de la

comisión de catedráticos salmanticenses encargada de revisar las obras de Juan Ginés de Sepúlveda. Posteriormente desempeñará altos cargos en el Reino: Oidor de la Real Cancillería de Granada, Obispo de Ciudad Rodrigo y de Segovia, teólogo en el Concilio de Trento y Presidente del Consejo de Castilla, la segunda jerarquía más importante en la Corona española.

1 A SOBERANIA INICIAL DO POVO E A CONDIÇÃO DO IMPÉRIO

«Ao contrário do que sucede com o poder espiritual, o poder temporal supremo pertence e é constitutivo da comunidade, por conseguinte, será supremo senhor temporal, superior a todos no mundo inteiro, aquele que for eleito e constituído como tal pela República de todo o orbe.»³⁴

2 O IMPERADOR NÃO É SENHOR DO MUNDO

- 2.1 «O imperador, legitimamente eleito e coroado pelo Sumo Pontífice, não é dono do mundo, nem a respeito da jurisdição nem da propriedade nem da proteção, sendo senhor apenas daquela porção do mundo que esteve submetida ao império romano [...]. Se o imperador fosse senhor do mundo, essa jurisdição ser-lhe-ia outorgada ou pela natureza, ou pela lei divina ou humana, ou pelo Sumo Pontífice, vigário de Cristo. Mas por nenhuma destas vias se prova que o imperador seja senhor do mundo.»³⁵
- 2.2 «Há príncipes no mundo que não estão submetidos a nenhum imperador ou César, por poderoso que seja, e justissimamente são livres e imunes à sua jurisdição. Logo, a natureza e o direito natural não concedem ao imperador a jurisdição sobre todo o orbe, nem seria conveniente, pois se um só fosse detentor do governo do mundo inteiro, seria difícilima a administração da coisa pública.»³⁶

³⁴ Diego de Covarrubias y Leyva, *Relectio In Regulam Peccatum, in Omnium Operum*, Salmanticae, 1577. vol. II, Parágrafo IX. Ed. espanhola: Diego de Covarrubias Y Leiva *Textos Jurídico-Políticos*, selección y Prólogo de M. Fraga Iribarne, trad. Atilano Seco, Instituto de Estudios Políticos, Madrid, 1957, p. 62. Excertos traduzidos do castelhano por Pedro Calafate.

³⁵ Diego de Covarrubias y Leyva, *Textos Jurídico-Políticos*, Op. cit., p. 40.

³⁶ *Idem*, p. 45.

3 O PAPA NÃO É SENHOR DO MUNDO NEM NO TEMPORAL NEM NO ESPIRITUAL

«Relativamente aos que ainda não aceitaram a fé católica pela via do batismo, o Sumo Pontífice apenas tem o direito de lhes anunciar a lei evangélica, mas de modo algum possui jurisdição espiritual ou temporal sobre eles, a não ser na medida em que seja necessária para que não façam injúria à religião cristã, pois, como diz S. Paulo, *não nos compete julgar os que estão de fora* (1 Cor, 5). O Sumo Pontífice não pode comunicar ao imperador um poder que não possui, principalmente não sendo conclusão segura que o Papa tenha, em hábito ou em ato, poder temporal distinto do espiritual.»³⁷

³⁷ *Idem*, p. 66.

4 AS DIFERENÇAS RELIGIOSAS NÃO JUSTIFICAM A GUERRA

- 4.1 «Não pode declarar-se guerra aos infiéis pelo simples facto de o serem, nem sequer contando com a autoridade do Papa ou do imperador.»³⁸
- 4.2 «Os infiéis estão obrigados pela lei natural a adorar um só Deus, pois devem dar a Deus um culto que corresponde ao conhecimento que dele têm pela luz natural. Em se tratando da veneração

³⁸ *Idem*, p. 85.

1 LA SOBERANÍA PRIMERA DEL PUEBLO ES CONDICIÓN PARA EL IMPERIO

«Al contrario de lo que sucede con la potestad espiritual, la temporal total y suprema pertenece a la misma comunidad y reside en ella, y, por consiguiente, será supremo señor temporal superior a todos en todo el orbe aquel que sea elegido y constituido como tal por la república de todo el orbe»³⁴.

2 EL EMPERADOR NO ES EL SEÑOR DEL MUNDO

- 2.1 «El emperador, legítimamente elegido y coronado por el Sumo Pontífice, no es dueño de todo el orbe, ni en cuanto a la jurisdicción, ni en cuanto al dominio, ni en cuanto a la protección, sino tan sólo de aquella porción que estuvo sometida al imperio romano [...]. Si el emperador tiene jurisdicción le es otorgada, o por la naturaleza misma, o por ley divina o humana, o por el Sumo Pontífice, Vicario de Cristo. Es así que por ninguno de estos caminos le puede venir al emperador jurisdicción sobre todo el orbe»³⁵.
- 2.2 «Príncipes, sin embargo, hay en el mundo que no están sometidos a ningún emperador o César por grande que sea y justísimamente son libres e inmunes de su jurisdicción. Luego la naturaleza y el derecho natural no conceden al emperador la jurisdicción de todo el orbe, cosa que no sería conveniente, pues si uno sólo tuviese el gobierno de todo el mundo sería difícilísima la administración de la cosa pública»³⁶.

3 EL PAPA NO ES EL SEÑOR DEL MUNDO NI EN LO TEMPORAL NI EN LO ESPIRITUAL

«En cuanto a aquellos que todavía no aceptaron por el bautismo la fe católica, tiene el Sumo Pontífice derecho a anunciarles la ley evangélica, pero de ninguna manera jurisdicción ni temporal ni espiritual, sino en aquel grado en que sea necesaria para que los infieles no hagan injuria a la religión cristiana, pues dice San Pablo *con los que están fuera nada tenemos que ver* (1Cor 5). Luego el Sumo Pontífice no puede comunicar al Emperador una potestad que él no tiene, principalmente no siendo cosa segura que el Sumo Pontífice tenga ni en hábito ni en acto potestad temporal como distinta de la espiritual»³⁷.

4 LAS DIFERENCIAS RELIGIOSAS NO JUSTIFICAN LA GUERRA

- 4.1 «No puede declararse guerra a los infieles por el mero hecho de serlo, ni siquiera contando con la autoridad del Emperador o del Papa»³⁸.

³⁴ Diego de Covarrubias y Leyva, *Relectio In Regulam Peccatum*, in *Omnium Operum*, Salmanticae, 1577. vol. II, Parágrafo IX. Ed. española: Diego de Covarrubias Y Leiva *Textos Jurídico-Políticos*, selección y Prólogo de M. Fraga Iribarne, trad. Atilano Seco, Instituto de Estudios Políticos, Madrid, 1957, p. 62.

³⁵ *Idem*, p. 40.

³⁶ *Idem*, p. 45.

³⁷ *Idem*, p. 66.

³⁸ *Idem*, p. 85.

Não pode declarar-se guerra aos infieis pelo simples facto de o serem, nem sequer contando com a autoridade do Imperador ou do Papa.

..

No puede declararse guerra a los infieles por el mero hecho de serlo, ni siquiera contando con la autoridad del Emperador o del Papa.

DIEGO DE COVARRUBIAS Y LEYVA

Textos Juridicos y Politicos, p. 85



Filipa Camacho · *Parasitação III* · Pastel de óleo, ecoline, viochene, grafite e marcador preto sobre papel canson basic / Pastel al óleo, ecoline, viochene, grafito y marcador negro sobre papel canson basic · 70 x 50 cm · 2013

de Deus, cada um deve agir de acordo com o que lhe foi dado conhecer pela luz da razão natural [...]. Mas este pecado não justifica a guerra contra os infiéis, de nada valendo afirmar que tal guerra é punitiva, pois o imperador não tem autoridade para a declarar, dado que esses não estão submetidos ao seu poder no que se refere à jurisdição temporal [...]. Também não a pode declarar o Sumo Pontífice, pois não tem sobre eles jurisdição temporal nem espiritual.»³⁹

³⁹ *Idem*, p. 94.

4.2 «Los infieles están obligados por la ley natural a adorar a un solo Dios, pues deben darle a Dios un culto como corresponde al conocimiento que de Él tienen por la luz natural, porque, tratándose de la veneración de Dios, cada uno debe obrar y llevar a la práctica lo que ha conocido por la luz de la razón natural [...]. Pero, sin embargo, este pecado no justifica la guerra contra los infieles, no valiendo nada afirmar que tal guerra es punitiva, pues por lo mismo no la puede hacer el César contra los infieles porque no están sometidos a su poder por lo que se refiere a la jurisdicción temporal [...]. No la puede tampoco hacer el Sumo Pontífice que no tiene sobre ellos jurisdicción temporal ni tampoco espiritual»³⁹.

³⁹ *Idem*, p. 94.

1543 – 1546

Universidade de Alcalá de Henares

1546 – 1552

Universidade de Salamanca

MELCHOR

..

Melchor Cano nasceu em Tarancón, no ano de 1509 e faleceu em Toledo, no ano de 1560. Foi ordenado sacerdote no convento dominicano de San Estebán, em Salamanca, no ano de 1524. De 1527 a 1531 estudou Artes e Teologia na Universidade de Salamanca, onde foi discípulo de Francisco de Vitoria. Assumiu a Cátedra de Prima de Teologia na

Universidade de Alcalá, em 1543. Em 1546 sucedeu a Francisco de Vitoria na Cátedra de Prima de Teologia na Universidade de Salamanca. Participou dos debates empreendidos entre Bartolomé de Las Casas e Juan Ginés de Sepúlveda nas Juntas de Valladolid, entre os anos de 1550-1551. Em 1551 foi enviado como teólogo real ao Concílio de Trento.

1543 – 1546

Universidad de Alcalá de Henares

1546 – 1552

Universidad de Salamanca

CANO

..

Melchor Cano nació en Tarancón en 1509 y falleció en Toledo en 1560. Fue ordenado sacerdote en el convento dominico de San Estaban de Salamanca en 1524. Entre 1527 y 1531 estudia Artes y Teología en la Universidad salmantina donde es discípulo de Francisco de Vitoria. En 1543 asumió la Cátedra de Prima Teología en la

Universidad de Alcalá pero debe regresar a Salamanca en 1546 para suceder a Vitoria en la misma cátedra. Entre 1550 y 1551 intervino en los debates que Bartolomé de las Casas y Juan Ginés de Sepúlveda sostuvieron en las Juntas de Valladolid. Concluidos éstos fue enviado por la Corona en calidad de teólogo al Concilio de Trento.

1 OS HOMENS SÃO LIVRES E IGUAIS POR NATUREZA

«Atendendo ao direito natural, não existe nenhuma distinção entre os homens, pois todos nasceram iguais e ninguém é príncipe por natureza, porque os príncipes foram constituídos pelos homens, logo, também ninguém é súbdito por natureza.»⁴⁰

2 A MELHOR ORGANIZAÇÃO POLÍTICA NÃO CONFERE A UMA REPÚBLICA AUTORIDADE PARA OPRIMIR AS DEMAIS

«Nenhuma tese seria mais apta para semear a discórdia entre os povos do orbe do que a que sustenta que a pessoa privada mais sábia pode oprimir as que lhe são inferiores em sabedoria, pois qualquer um se julgaria mais sábio que os outros. Daqui concluir-se-ia que se algum superior legítimo fosse considerado menos sábio, poderia qualquer um livrar-se dele, à luz do direito natural, o que seria manifestamente injusto [...]. Daqui conclui-se ainda que [...] se uma república fosse mais sábia e mais bem organizada politicamente do que outra, não teria por isso autoridade sobre esta, sobretudo porque nenhuma república é obrigada a seguir o ótimo. Basta que escolha o bom.»⁴¹

⁴⁰ Melchor Cano, *De dominio indorum*, ms da Biblioteca Vaticana, Vat. Lat. 4648, ff. 28-40. Transcrição do manuscrito latino in *Corpus Hispanorum de Pace*, vol. IX, dir. Luciano Pereña, pp. 555-581. Sobre o passo citado: Op. cit. p. 560. Excertos traduzidos do latim por Marina C. Castanho e Pedro Calafate.

⁴¹ *Idem*, p. 561.

3 O ARGUMENTO BASEADO NA MAIOR UTILIDADE DOS BÁRBAROS NÃO CONFERE AUTORIDADE PARA OS SUBJUGAR

«Os bárbaros não podem ser oprimidos pela força com base no argumento de que tal opressão é dirigida à utilidade dos mesmos, ainda que alguns juristas o sustentem, com base em argumentos fúteis. Com efeito, procurar a utilidade dos outros faz parte da caridade e não da justiça [...]. Mas a caridade não tem força coativa, como é evidente acerca do preceito da esmola ou da correção fraterna [...]. Com o argumento da utilidade poderíamos intervir pela força apenas se eles fossem oprimidos pela tirania e nos chamassem para intervir; de outro modo não.»⁴²

⁴² *Idem*, p. 561.

4 À EXCEPÇÃO DOS CRIMES CONTRA O GÉNERO HUMANO, OS ESTADOS NÃO PODEM DIGLADIAR-SE POR CAUSA DE CRIMES CONTRA A NATUREZA

«Se <o rei de Espanha> não pode mover a guerra aos gauleses com base no argumento de que não conservam a lei natural, então, também não pode mover a guerra contra os bárbaros, pois estes pecam menos que aqueles. Não existiria outra via mais apta para guerras e tumultos do que esta.»⁴³

⁴³ *Idem*, p. 563.

1 LOS HOMBRES SON LIBRES E IGUALES POR NATURALEZA

«Si nos atenemos al derecho natural, no existe ninguna distinción entre los hombres, pues todos nacieron iguales y ninguno es príncipe por naturaleza, porque los príncipes fueron constituidos por los hombres, luego, del mismo modo, nadie es súbdito por naturaleza»⁴⁰.

2 LA MEJOR ORGANIZACIÓN POLÍTICA NO CONFIERE A UNA REPÚBLICA AUTORIDAD PARA OPRIMIR A LAS DEMÁS

«Ninguna tesis sería más apta para sembrar la discordia entre los pueblos del orbe que aquella que sostiene que una persona particular más sabia puede oprimir a sus inferiores en sabiduría, pues cualquiera se podría tener por mas sabio que los demás. De ello se seguiría que, a la luz del derecho natural, si algún superior legítimo fuera considerado menos sabio, cualquiera podría librarse de él, lo que sería manifiestamente injusto [...]. De aquí se concluye además que [...] si una república fuese más sabia y estuviese mejor organizada políticamente que otra, no por eso tendrá autoridad sobre ésta, sobre todo porque ninguna república está obligada a regirse por lo óptimo. Basta que escoja lo bueno»⁴¹.

3 EL ARGUMENTO BASADO EN LA MAYOR UTILIDAD DE LOS BÁRBAROS NO CONFIERE AUTORIDAD PARA SUBYUGARLOS

«Los bárbaros no pueden ser oprimidos por la fuerza, con el argumento de que tal opresión está ejercida en beneficio de ellos mismos, tal como algunos juristas sostienen basándose en argumentos falaces. En efecto, procurar la utilidad de los otros es algo que corresponde a la caridad y no a la justicia [...] mas la caridad no se ejerce con fuerza coactiva, como se ve en el precepto de aviso o corrección fraterna [...]. Con el argumento de utilidad tan solo podríamos intervenir por la fuerza si ellos estuviesen oprimidos por la tiranía o nos llamaran para intervenir. De otro modo, no»⁴².

4 A EXCEPCIÓN DE LOS CRÍMENES CONTRA EL GÉNERO HUMANO, LOS ESTADOS NO PUEDEN LUCHAR POR CAUSA DE CRÍMENES CONTRA LA NATURALEZA

«Si el Rey de España no puede llevar la guerra a los franceses con el argumento de que no respetan la ley natural, entonces tampoco puede llevarla contra los bárbaros, porque estos pecan menos aún que aquéllos. No habría otro camino más fácil que este para guerras y tumultos»⁴³.

⁴⁰ Melchor Cano, *De dominio indorum*, ms da Biblioteca Vaticana, Vat. Lat. 4648, ff. 28-40. Transcrição do manuscrito latino publicada in *Corpus Hispanorum de Pace*, vol. IX, dir. Luciano Pereña, pp. 555-581 trad. R.E. Mandado.

⁴¹ *Idem*, p. 561.

⁴² *Idem*, *ibidem*.

⁴³ *Idem*, p. 563.

[...] se uma república fosse mais sábia e mais bem organizada politicamente do que outra, não teria por isso autoridade sobre esta, sobretudo porque nenhuma república é obrigada a seguir o ótimo. Basta que escolha o bom.

..

[...] Si una república fuese más sabia y estuviese mejor organizada políticamente que otra, no por eso tendrá autoridad sobre ésta, sobre todo porque ninguna república está obligada a regirse por lo óptimo. Basta que escoja lo bueno.



Filipa Camacho · *Parasitação VI* · Pastel de óleo, ecoline, viochene, grafite e marcador preto sobre papel canson basic / Pastel al óleo, ecoline, viochene, grafito y marcador negro sobre papel canson basic · 70 x 50 cm · 2013

5 TANTO OS FIÉIS COMO OS INFIÉIS PODEM SER COMBATIDOS POR CRIMES CONTRA O GÉNERO HUMANO

«<Essa guerra é legítima> não para que invadamos, mas para que defendamos [...]. Mas se este crime puder evitar-se por meio de palavras, não estamos autorizados a utilizar a força ou a coação [...]. Em segundo lugar conclui-se que se não existir outro título legítimo “de guerra”, não pode o invasor reter os que combate mais tempo do que o necessário para esta defesa. Isto é evidente, pois se pudermos defender um inocente causando um pequeno dano, é injusto inferir um dano maior.»⁴⁴

⁴⁴ *Idem*, p. 563.

6 O PAPA NÃO TEM PODER TEMPORAL SOBRE OS ÍNDIOS

«É evidente, pois apenas tem poder temporal no que diz respeito ao espiritual. Mas não tem poder espiritual sobre os índios, segundo diz o Apóstolo: «*Como posso julgar os que estão de fora* (I Cor 5,12). Os de dentro julgais vós, os de fora o Senhor os julgará.»⁴⁵

⁴⁵ *Idem*, p. 573.

7 *JUS COMMUNICATIONIS*

«O primeiro título “legítimo de presença dos espanhóis na América” funda-se no direito natural de sociedade e de comunicação. De facto, foi dado pelo direito das gentes a qualquer “homem” a possibilidade de viajar para onde quiser, desde que sem injúria ao próximo [...] e o oposto seria desumano. Por isso, se existirem alguns que proibam viajar e atuem com crueldade, incorrem em crime de injúria. Mas se porventura os índios nos fizerem alguma vez esta injúria, tal se deve, por um lado, ao facto de serem pusilânimes, e por outro ao facto de os espanhóis não aparecerem como viajantes, mas como invasores. A não ser que se designe Alexandre Magno como viajante.»⁴⁶

⁴⁶ *Idem*, p. 579.

8 *JUS PRAEDICANDI*

«O segundo título “legítimo de presença dos espanhóis na América” é o da pregação do Evangelho. Responde-se: se toda a comunidade impedisse a pregação do Evangelho, não teríamos nenhum título para a atacar [...]. Mas é verosímil que alguns do povo queiram ouvir e sejam impedidos pelos tiranos. Neste caso é lícito mover a guerra, não por causa do Evangelho, mas em defesa dos inocentes. Mas sendo isto lícito, pode não ser conveniente a utilização da força, pois disse Cristo: *Envio-vos como cordeiros para o meio dos lobos* (Lc 10, 3) e não como lobos para o meio dos cordeiros.»⁴⁷

⁴⁷ *Idem*, p. 580.

5 TANTO LOS FIELES COMO LOS INFIELES PUEDEN SER COMBATIDOS POR CRÍMENES CONTRA EL GÉNERO HUMANO

«Esa guerra es legítima no para que invadamos, sino para que defendamos [...] mas si este crimen se pudiere evitar parlamentando, no estamos autorizados a utilizar la fuerza o la coacción [...]. En segundo lugar se concluye que si no existe otro título legítimo de guerra, el invasor no puede retener a quienes combate más tiempo del necesario para esta defensa. Esto es evidente, pues si podemos defender a un inocente causando un daño pequeño, es injusto inferir un daño mayor»⁴⁴.

⁴⁴ *Idem*, p. 563.

6 EL PAPA NO TIENE PODER TEMPORAL SOBRE LOS INDIOS

«Es evidente, pues tan sólo tiene poder temporal en lo que incumbe al espiritual. Pero no tiene poder espiritual sobre los Indios, según dice el Apóstol: “¿cómo puedo juzgar a los que están fuera? (I Cor 5-12). A los de dentro juzgadlos vosotros, a los de fuera el Señor los juzgará”»⁴⁵.

⁴⁵ *Idem*, p. 573.

7 *JUS COMMUNICATIONIS*

«El primer título legítimo para la presencia de los españoles en América se funda en el derecho natural a la sociedad y a la comunicación. De hecho, la posibilidad de viajar a donde se quiera es reconocida a cualquier hombre por el derecho de gentes, siempre que se ejercite sin agraviar al prójimo... y sería inhumano lo contrario. Por eso si existieran algunos que prohibiesen viajar y lo hicieran con crueldad, incurrirían en crimen de agravio. Y si por ventura alguna vez los indios nos hicieran tal agravio, se debería, por un lado, al hecho de estar indefensos y ser pusilánimes y por otro a que los españoles no se han presentado ante ellos como viajeros sino como invasores. A no ser que se tenga a Alejandro Magno por un viajero»⁴⁶.

⁴⁶ *Idem*, p. 579.

8 *JUS PRAEDICANDI*

«El segundo título legítimo para la presencia de los españoles en América es el de la predicación del Evangelio. A esto se responde que, si toda la gente se opusiera a la predicación del Evangelio, no tendríamos ningún título legítimo para atacarlos... pero lo más verosímil es que algunos del pueblo sí quieran abrirse a ello y que esto les sea impedido por los tiranos. En tal caso es lícito hacer la guerra, pero no por causa del Evangelio, sino en defensa de los inocentes. Ahora bien, aún siendo esto lícito, puede que la utilización de la fuerza no sea conveniente, pues el mismo Cristo ha dejado dicho: *Os envió como corderos en medio de lobos* (Lc,10,3) y no como lobos en medio de corderos»⁴⁷.

⁴⁷ *Idem*, p. 580.

**9 AS DIFERENÇAS CULTURAIS E CIVILIZACIONAIS EXIGEM
CUIDADOS ACRESCIDOS NO GOVERNO DOS POVOS,
PARA ALÉM DA LETRA DA LEI**

«Enfim, quer tenhamos o verdadeiro título <de guerra e ocupação>, quer não, devemos ter cuidado sobretudo para que o nome do Senhor não seja blasfemado por causa das nossas ações [...]; por este motivo, ainda que tenhamos todos os títulos ao mesmo tempo, não pode o nosso governo gerar neles [nos índios] o sentimento de revolta.»⁴⁸

⁴⁸ *Idem*, p. 581.

9 LAS DIFERENCIAS CULTURALES Y DE CIVILIZACIÓN EXIGEN UN CELO ESPECIAL EN EL GOBIERNO DE LOS PUEBLOS, PARA ENTENDER BIEN LA LETRA DE LA LEY

«En fin, aunque tengamos título legítimo de guerra y ocupación, que no lo tenemos, deberíamos cuidar, sobre todo, que el nombre del Señor no sea objeto de blasfemia por causa de nuestros actos [...]; por el mismo motivo, aunque tuviéramos todos los títulos al mismo tiempo, nuestro gobierno no puede provocar en ellos [en los indios] un resentimiento tal que les induzca a revuelta»⁴⁸.

⁴⁸ *Idem*, p. 581.

1522 – 1535

Universidade de Salamanca

1553 – 1561

Universidade do México

ALONSO

..

Alonso de Veracruz nasceu em Caspueñas, no ano de 1507 e faleceu na Cidade do México, no ano de 1584.

Como discípulo de Francisco de Vitoria, foi professor na Universidade de Salamanca, entre os anos de 1532 e 1535. Chegou ao México em 1536, onde ingressou na ordem agostiniana, professando no ano seguinte. Posteriormente, de 1553 a 1561 foi catedrático na recém fundada Universidade do México.

1522 – 1535

Universidad de Salamanca

1553 – 1561

Universidad de México

DE VERA CRUZ

..

Alonso de Veracruz nació en Caspueñas, en 1507 y falleció en la Ciudad de México en 1584. Discípulo aventajado de Francisco de Vitoria, llegó a ser profesor en la Universidad de Salamanca entre los años de 1532 y 1535. Pasó a México en 1536 donde ingresó en la Orden Agustina, profesando al año siguiente. Entre 1553 y 1561 fue catedrático en la Universidad de México, recién fundada.

1 O IMPERADOR NÃO É SENHOR DO MUNDO

«Foi opinião de muitos juristas que o imperador é senhor de todo o mundo; de modo que todas as nações e províncias e todos os reinos estão sob o seu império, de facto ou de direito. Mas segue-se da nossa análise que o imperador não goza de justo domínio sobre outras províncias, se não constar que lhe estão submetidas de direito ou de facto [...]. Conclui-se, portanto, que este Novo Mundo nunca esteve submetido ao império romano, nem de facto nem de direito, segundo consta, nem esses infiéis eram hostis aos cristãos, conclui-se, digo, que o imperador não pode licitamente, por autoridade própria, subtrair-lhes as suas terras e pastos e dá-los a outros, contra a vontade dos legítimos donos, razão por que pecaria o imperador, bem como quem possuísse em virtude de tal concessão.»⁴⁹

2 O JUS PRAEDICANDI E AS CONDIÇÕES DO IMPÉRIO DOS CRISTÃOS SOBRE OS PAGÃOS

- 2.1 «Ainda que fosse lícito o envio <aos territórios dos gentios> de pregadores e soldados defensores, não seria lícito tal envio com o fim de ocupar terras e privá-los da sua justa possessão e domínio. Prova-se: a implementação da fé e a possibilidade de que ouçam os pregadores são a única razão da autoridade e poder do Pontífice. Se isto puder ser feito sem privar os infiéis do seu domínio e sem privá-los das suas terras e campos, não seria de modo algum lícito tal envio.»⁵⁰
- 2.2 «Caso alguém tenha recebido a fé e existisse certeza moral de que a sua conservação não seria possível sem soldados que defendam os encarregados de predicar e implementar a fé, poderiam enviar-se tais soldados que defendessem os predicadores [...]. O poder tem por fim a construção, e a construção comporta a conservação da fé, tanto quanto a sua implementação.»⁵¹
- 2.3 «Se os infiéis forem hostis aos cristãos e os agredirem, podem ser licitamente castigados, tenham ou não estado submetidos noutra tempo, e podemos tomar vingança deles, incluindo, se for necessário, até à privação da jurisdição e propriedade, legítimas noutras circunstâncias.»⁵²

3 A INFIDELIDADE NÃO É IMPEDIMENTO PARA TER VERDADEIRO DOMÍNIO

«Pelo simples facto de os povos destas ilhas recém descobertas estarem fora da fé, não pode ser justa a guerra por parte dos reis católicos nem por parte do imperador ou de alguém com poder inferior, mesmo por mandato do Sumo Pontífice, porque o próprio Sumo Pontífice carece de tal poder para os reduzir e submeter em razão da infidelidade. Razão disto: porque eles eram donos legítimos

⁴⁹ Alonzo de Vera Cruz, *De Iusto bello contra Indos*, (1553-54?), Quaestio II, Secunda Conclusio, ed. *Corpus Hispanorum de Pace*, segunda serie, vol. IV, ed. C. Baciero, L. Maciero, F. Maseda e L. Pereña, Madrid, 1997. Excertos traduzidos do latim por Pedro Calafate e M. Sena Monteiro.

⁵⁰ *Idem*, Quaestio IV, Undecima Conclusio.

⁵¹ *Idem*, Quaestio IV, Duodecima Conclusio.

⁵² *Idem*, Quaestio V, Tertia Conclusio.

1 EL EMPERADOR NO ES EL SEÑOR DEL MUNDO

«Ha sido opinión de muchos juristas que el Emperador es señor de todo el mundo; de suerte que todas las naciones y provincias y todos los reinos están bajo su imperio de hecho o de derecho [...]. Síguese de este análisis que el Emperador no goza de justo dominio sobre otras provincias, si no consta que le están sometidas de derecho o de hecho [...]. Síguese de ello que como este Nuevo Mundo nunca estuvo sometido al imperio romano ni de derecho ni de hecho, según consta, ni estos infieles eran hostiles a los cristianos, síguese, digo, que el Emperador no puede lícitamente por su propia autoridad, por ser Emperador, sustraerles sus tierras o pastos y darlos a otros contra la voluntad de ellos mismos, y en consecuencia pecaría el propio Emperador, y quien poseyese en virtud de tal concesión»⁴⁹.

2 EL JUS PRAEDICANDI Y LAS CONDICIONES PARA EL IMPERIO DE LOS CRISTIANOS SOBRE LOS PAGANOS

- 2.1 «Aunque fuese lícito tal envío “a las tierras de los indios” de predicadores y de soldados defensores, no sería lícito el envío para ocupar tierras y privarlos de su justa posesión y dominio. Prueba: La implementación de la fe y la posibilidad de que escuchen a los predicadores son la única razón de la autoridad y poder del Pontífice. Ahora bien, si esto se puede hacer sin privar a los infieles de su dominio y sin privarlos de sus tierras y campos. Síguese, por tanto, que en modo alguno es lícito tal envío»⁵⁰.
- 2.2 «En caso de que se haya recibido la fe, y existiese certeza moral de que su mantenimiento no sería posible sin soldados que defiendan a los encargados de predicar e implantar la fe, pueden enviarse tales soldados que defiendan a los tales predicadores de la fe [...]. El poder tiene como fin la construcción. Ahora bien, la construcción comporta la conservación de la fe, tanto como su primera implantación»⁵¹.
- 2.3 «Si los infieles son hostiles a los cristianos y los agravian, pueden ser lícitamente castigados, hayan o no estado sometidos en otro tiempo, y se puede tomar venganza de ellos, incluso, si fuere necesario, hasta la privación de su jurisdicción y de su dominio, legítimo en otras circunstancias»⁵².

3 LA INFIDELIDAD NO ES IMPEDIMENTO PARA TENER VERDADERO DOMINIO

«Por el solo hecho de que eran infieles los recién descubiertos, éstos de las islas, no pudo ser justa la guerra por parte de los Reyes Católicos, ni por parte del Emperador o de alguien con poder inferior, aunque fuese por mandato del Sumo Pontífice, porque

⁴⁹ Alonso de Veracruz, *De iusto bello contra indos* (1554-54?) Quaestio II, Secunda Conclusio, ed. *Corpus Hispanorum de Pace*, segunda serie, vol. IV, ed. C. Baciero, L. Maciero, F. Maseda e L. Pereña, Madrid, 1997.

⁵⁰ *Idem*, Quaestio IV, Undecima Conclusio.

⁵¹ *Idem*, Quaestio IV, Duodecima Conclusio.

⁵² *Idem*, Quaestio V, Tertia Conclusio.

Conclui-se, portanto, que este Novo Mundo nunca esteve submetido ao império romano, nem de facto nem de direito, segundo consta, nem esses infiéis eram hostis aos cristãos, conclui-se, digo, que o imperador não pode licitamente, por autoridade própria, subtrair-lhes as suas terras e pastos e dá-los a outros, contra a vontade dos legítimos donos, razão por que pecaria o imperador, bem como quem possuísse em virtude de tal concessão.

..

Síguese de ello que como este Nuevo Mundo nunca estuvo sometido al imperio romano ni de derecho ni de hecho, según consta, ni estos infieles eran hostiles a los cristianos, síguese, digo, que el Emperador no puede licitamente por su propia autoridad, por ser Emperador, sustraerles sus tierras o pastos y darlos a otros contra la voluntad de ellos mismos, y en consecuencia pecaría el propio Emperador, y quien posee en virtud de tal concesión.

ALONSO DE VERACRUZ

De Iusto bello contra Indos, (1553-54?), Quaestio II, Secunda Conclusio



Filipa Camacho · *Parasitação V* · Pastel de óleo, ecoline, viochene, grafite e marcador preto sobre papel canson basic / Pastel al óleo, ecoline, viochene, grafito y marcador negro sobre papel canson basic · 70 x 50 cm · 2013

e gozavam de jurisdição e posse verdadeiras, e a infidelidade não os convertia em possuidores injustos.

Segue-se, em segundo lugar, que se foi esta a causa para os submeter, está obrigado o imperador a restituir todos os bens que tenham sido retirados a esses povos que viviam pacificamente. E do mesmo modo estão também obrigados a restituir todos os capitães e soldados que colaboraram em semelhantes danos e espoliações. E estão todos obrigados solidariamente, segundo a terminologia usual em matéria de furtos [...]. Não os isenta da obrigação de restituição a possível ignorância no momento, ainda que talvez ela os pudesse escusar no decurso da guerra.»⁵³

⁵³ *Idem*, Quaestio V, Secunda Conclusio.

4 A LEGITIMIDADE DAS SOBERANIAS INDÍGENAS E O BRILHO DE SUAS CIVILIZAÇÕES

«Os habitantes deste Novo Mundo não só não são crianças ou amentes, mas são, a seu modo, bem dotados, e ao menos alguns deles, a seu modo, muito bem dotados. Isto é evidente: antes da chegada dos espanhóis, como acabamos de constatar com os nossos olhos, havia entre eles autoridades, governos e ordenanças sumamente apropriados, e tinham comunidade política e regime não só monárquico, mas também aristocrático; e entre eles existiam leis e castigavam os malfeitores, assim como premiavam os beneméritos da república [...]. Segue-se que aqueles, quem quer que sejam, que os consideram indignos do domínio ou do reino ou de outras esferas em que eram verdadeiros donos, alegam um título injusto.»⁵⁴

⁵⁴ *Idem*, Quaestio V, Septima Conclusio.

el propio Sumo Pontífice carece de tal poder de reducirlos y someterlos por ser infieles. Razón de esto: porque ellos precisamente eran dueños legítimos y gozaban de jurisdicción y posesión verdaderas, y la sola infidelidad no los convertía en poseedores injustos [...]. Síguese, en segundo lugar, que si tal fuese la causa para reducirlos, está obligado el Emperador a la restitución de todos aquellos bienes en que han sufrido perjuicio los infieles que vivían pacíficamente. Y parejamente lo están todos los capitanes y soldados que colaboraron a semejantes daños y expolios. Y están todos obligados solidariamente según la terminología usual en materia de hurtos [...]. Tampoco los excusa de restitución la posible ignorancia del momento, aunque quizá pudo excusarlos en la época de la guerra»⁵³.

⁵³ *Idem, Quaestio V, Secunda Conclusio.*

4 LA LEGITIMIDAD DE LAS SOBERANÍAS INDÍGENAS Y EL ESPLENDOR DE SUS CIVILIZACIONES

«Los habitantes de este Mundo no sólo no son niños o locos, sino que en su tanto están bien dotados y al menos algunos de ellos, en su tanto, muy bien dotados. Esto es evidente: antes de la llegada de los españoles, y lo acabamos de ver con nuestros ojos, hay entre ellos autoridades, gobiernos y ordenanzas sumamente apropiadas, y tenían comunidad política y régimen a más del monárquico, el aristocrático; y entre ellos existían leyes, y castigaban a los malhechores, así como premiaban a los beneméritos de la república [...]. Síguese del análisis que aquéllos, quienes fueren, que los consideran indignos del dominio o del reino o de otras esferas en que eran verdaderos dueños, alegan un título injusto»⁵⁴.

⁵⁴ *Idem, Quaestio V, Septima Conclusio.*

1561 – 1565

Universidade de Salamanca

JUAN

..

Juan de la Peña nasceu por volta de 1513 em Valdearenas de Guadalajara e faleceu em Salamanca no ano de 1565. Após ter ingressado na Congregação reformada dos beneditinos, abandonou-a para integrar a Ordem de São Domingos em São Pedro Mártir de Toledo. Em 1540 prestou juramento aos Estatutos de São Gregório de Valladolid, onde teve como mestres Bartolomé de Carranza e Melchor Cano. Conviveu de perto com Bartolomé de Las Casas e participou intensamente dos debates da Junta de Valladolid, em que se confrontaram as teses de Las Casas e Sepúlveda, sob o exame atento

de importantes figuras como Domingo de Soto e Melchor Cano. Iniciou a sua trajetória académica em 1551, no Colégio de São Gregório em Valladolid. Recebeu, em 1559, o grau de bacharel em Teologia pela Universidade de Valladolid, o qual foi revalidado pela Universidade de Salamanca no mesmo ano.

Em 1560, pela Universidade de Sigüenza, recebeu os graus de licenciado e doutor em Teologia. Tomou posse na Cátedra de Prima de Teologia na Universidade de Salamanca em 1559, e em 1561 foi nomeado para a Cátedra de Véspera da mesma Universidade.

1561 – 1565
Universidad de Salamanca

DE LA PEÑA

..

Juan de la Peña nació en 1513 en Valdearenas de Guadalajara y falleció en Salamanca en 1565. Tras haber ingresado en la Congregación reformada de los Benedictinos la abandonó para integrarse en el convento dominicano de San Pedro Mártir de Toledo. En 1540 juró los Estatutos del Colegio de San Gregorio de Valladolid, donde tuvo como maestros a Bartolomé de Carranza y Melchor Cano. Colaboró en calidad de perito con Bartolomé de Las Casas participando intensamente en los debates de la Junta de Valladolid, y donde se presentaron a la consideración de figuras importantes como

Domingo de Soto y Melchor Cano, las tesis contrarias de Las Casas y Sepúlveda. Su trayectoria académica se inicia en 1551, en el Colegio de San Gregorio en Valladolid. En 1559 recibe el grado de Bachiller en Teología por la Universidad de Valladolid, que le es revalidado en ese mismo año por la de Salamanca. En 1560 obtiene los grados de Licenciado y Doctor en Teología por la Universidad de Sigüenza. En 1559 tomó posesión de la Cátedra de Prima de Teología en la Universidad de Salamanca y en 1561 fue elegido para la de Vísperas en esa misma Universidad.

1 A GUERRA DOS CONQUISTADORES ESPANHÓIS CONTRA OS ÍNDIOS FOI INJUSTA

«O Papa não pode forçar estes infieis a cumprir a lei natural nem privá-los do seu domínio, a não ser de uma maneira indireta, quando previamente nos tenham inferido alguma injúria. Contra esta conclusão há alguns argumentos que provam que o Papa tem este poder. O primeiro argumento funda-se nas palavras de Cristo: *Ainda tenho outras ovelhas que não são deste redil e também tenho de as conduzir* (Jo 10,16) [...]. Além do mais disse a São Pedro: *Apascenta as minhas ovelhas* (Jo 21,17). Logo, o Papa tem poder para reger a todos [...]. Segundo argumento: todas as ovelhas estão submetidas ao Pontífice Romano, segundo o texto de São João. Logo, o Papa tem autoridade para castigá-los e privá-los dos seus domínios, nos mesmos termos em que pode o príncipe castigá-los pelas suas culpas e delitos.

Por causa deste argumento pensam alguns que foi justa a guerra que se fez contra os índios. Mas não há dúvida de que esses doutores estão equivocados. [...] Pois disse Cristo: *Tenho outras ovelhas que não são do meu redil ... E ouvirão a minha voz* (Jo 10, 16). Não disse *ouvirão a guerra, as armas e os instrumentos bélicos*, mas sim *a minha voz.*»⁵⁵

2 O *JUS PRAEDICANDI* E A DOAÇÃO DO PAPA ALEXANDRE VI: NATUREZA E LIMITES

«Esses doutores argumentam contra a minha tese [da liberdade e soberania natural dos índios], afirmando que pode o Papa obrigar estes infieis a respeitar a lei natural, pois que o Papa Alexandre VI concedeu em bula apostólica aos reis de Espanha, Fernando e Isabel e aos seus sucessores, o domínio sobre as Índias descobertas e sobre as que se descobrissem. Logo, o Papa tem poder sobre estes infieis [...].

- I Mas pelo que eu disse, o Papa tem poder para predicar o Evangelho a toda a criatura e também tem poder de coação sobre os que impedirem a pregação. Em consequência, o que o Papa concedeu aos reis de Espanha, com autoridade apostólica, e a única coisa que lhes poderia ter concedido, foi que enviassem predicadores àqueles infieis.
- II Em segundo lugar pôde ainda conceder aos reis de Espanha o direito de se oporem aos infieis que impeçam a pregação, para desse modo defenderem tanto a pregação quanto os pregadores.
- III A terceira permissão que o Papa pôde conceder foi que apenas o rei de Espanha pudesse enviar expedições rumo às Índias Ocidentais com o fim de predicar

⁵⁵ Juan de La Peña, *De Bello contra Insulanos*, I, II, 5, ed. *Corpus Hispanorum de Pace*, dir. Luciano Pereña, vol. IX, Madrid, 1982. Excertos traduzidos do latim por Pedro Calafate e M. Sena Monteiro.

1 LA GUERRA DE LOS CONQUISTADORES ESPAÑOLES CONTRA LOS INDIOS FUE INJUSTA

«El Papa no puede forzar a estos infieles a cumplir la ley natural ni privarlos de su dominio a no ser de una manera indirecta cuando los infieles previamente nos hayan inferido alguna injuria. Contra esta conclusión hay algunos argumentos que prueban que el Papa tiene esta potestad. El primer argumento está sacado de aquellas palabras de Cristo: *Tengo otras ovejas que no son de este redil y es preciso que yo las traiga* (Jn, 10, 16) [...]. Además dijo a San Pedro: *Apacienta mis ovejas* (Jn, 21, 17). Tiene, pues, el Papa potestad para apacientar a todos [...]. Segundo argumento: Todas las ovejas están sometidas al Romano Pontífice según el texto de Juan. Luego tiene el Papa autoridad para castigarlos y privarlos de sus dominios, como puede el príncipe castigarlos por sus culpas y delitos.

Por causa de este argumento piensan algunos que fue justa la guerra que se hizo contra los indios. Pero se equivocan, sin duda, esos doctores [...]. Pues dice Cristo: *Tengo otras ovejas que no son de este redil y oirán mi voz* (Jn 10, 16). No dijo *oirán la guerra, las armas y los artefactos bélicos, sino mi voz*»⁵⁵.

⁵⁵ Juan de la Peña, *De bello contra insulanos*, ed. Corpus Hispanorum de Pace, dir. Luciano Pereña, vol. IX, Madrid, 1982, I, II, 5; I, II, 5.6.

2 EL JUS PRAEDICANDI Y LA CONCESIÓN DEL PAPA ALEJANDRO VI: NATURALEZA Y LÍMITES

«Esos doctores arguyen contra nuestra tesis que puede el Papa obligar a estos infieles a guardar la ley natural, ya que el Papa Alejandro VI concedió en bula apostólica a los Reyes Fernando e Isabel y a sus sucesores el dominio de las Indias descubiertas y que se descubrieren. Luego, el Papa tiene potestad sobre estos infieles [...].

- I El Papa tiene potestad para predicar el Evangelio a toda criatura y también tiene poder de coacción sobre los que impiden la predicación de ese Evangelio. En consecuencia, habrá que concluir que lo que el Papa concedió a los reyes de España con autoridad apostólica es que enviaran predicadores a predicar el Evangelio a aquellos infieles.
- II Lo segundo que pudo conceder es que si algunos infieles ponían obstáculos a los predicadores, los Reyes de España forzaran a los infieles a no impedir la predicación y que pudieran defender a los predicadores.
- III Lo tercero que pudo conceder el Papa fue que sólo el Rey de España pudiera mandar expediciones con rumbo a las islas occidentales con el fin de predicar el Evangelio y que ningún otro príncipe pudiera hacerlo sin autorización del Rey de España, a la manera que sólo el Rey de Portugal puede mandar expediciones a las islas orientales.

A Igreja tem poder para batizar os infiéis que o aceitem livremente, mas não para os obrigar sob coação [...]. De modo algum pode demonstrar-se que o poder da Igreja e do Papa se estende ou pode estender-se a julgar aqueles que nunca abraçaram a fé. Logo, um poder assim não existe nem na Igreja nem no Papa.

..

La Iglesia tiene poder para llevar a cabo el bautismo de los infieles que lo acepten libremente pero no de los que vayan coaccionados [...]. De ninguna manera se demuestra que el poder de la Iglesia y del Papa se extienda o pueda extenderse a juzgar a infieles que nunca han abrazado la fe. Luego un poder así no existe en la Iglesia ni en el Papa.

JUAN DE LA PEÑA

De Libertate Indorum contra Sepulvedam, III 6.7 / III 9.11



Rita Castro · *Inter Coetera* · Ponta seca / Punta seca · 42 x 31 cm · 2013

o Evangelho, e que nenhum outro príncipe pudesse fazê-lo sem autorização do rei de Espanha, nos mesmos termos em que só o rei de Portugal pode mandar expedições às Índias Orientais.

- IV Em quarto lugar, que é legítimo o poder do rei de Espanha sobre os infiéis que aceitem livremente reconhecê-lo como rei.
- V Em quinto lugar concedeu aos reis de Espanha que se durante a predicação do Evangelho surgir alguma causa de guerra justa e o rei de Espanha sair vencedor, só ele e nenhum outro príncipe será senhor da terra submetida e vencida [...].
- VI Em sexto lugar concedeu que o rei de Espanha receba sob tutela os índios que se converterem mediante a predicação, a fim de os proteger de outros príncipes cristãos e ainda, se for necessário, para os libertar da escravatura e tirania de outros príncipes pagãos [...].
- VII Em sétimo e último lugar, o que o Papa pôde conceder aos reis de Espanha, e quiçá assim o concedeu, como diz o Bispo de Chiapas Bartolomé de Las Casas, foi que assim como criou um único imperador na nossa Cristandade da Europa, Ásia e África, que está sobre os príncipes cristãos e é defensor único da igreja naquilo que diz respeito a Deus, da mesma maneira concedeu aos reis de Espanha direito de império e poder supremo sobre os príncipes cristãos e pagãos naquele Novo Mundo das Índias ocidentais.»⁵⁶

3 A LIMITAÇÃO DOS DIREITOS DA COROA ESPANHOLA NA AMÉRICA

«Se os reis daqueles índios quiserem converter-se à nossa fé, de modo algum podem ser privados do domínio sobre as suas coisas e sobre os seus reinos. Mas se tais príncipes infiéis não quiserem converter-se, poderão, no máximo, ser privados do domínio que tiverem sobre os cristãos. Mas isto deve fazer-se *servatis servandis*, desde que fique claro que estão a ser nocivos aos cristãos que são seus súbditos e que sejam previamente advertidos sobre as consequências. Para além do mais, isto deverá fazer-se evitando o escândalo – o que certamente é muito difícil de evitar – e sem que dessa privação se siga, para a nossa fé, maior dano que benefício.»⁵⁷

⁵⁶ *Idem*, I, II, 8. Note-se que o autor não defende uma tese teocrática, na medida em que apenas pretende dizer que o Papa pode nomear um imperador para defesa da Igreja e das coisas de Deus, mas não para exercer *diretamente* o poder laico ou civil, uma vez que não pode dar o que não tem.

⁵⁷ *Idem*, I, II, 9.

- IV Lo cuarto que el Papa pudo conceder es que aceptaran al príncipe de España como rey, si algunos de aquellos indios se le quisieran someter libremente.
- V Lo quinto que pudo conceder el Papa a los Reyes de España es que, si en la predicación del Evangelio surgiera alguna causa de guerra justa y venciera el Rey de España, que precisamente sólo el Rey de España y ningún otro príncipe sea rey de la tierra sometida y vencida [...].
- VI Lo sexto que pudo conceder el Papa es que en el caso de que algunos indios se hubieran convertido mediante la predicación, el Rey de España los reciba bajo su tutela para protegerlos contra otros príncipes cristianos y, aun si fuera necesario, para que el Rey de España los libre de la esclavitud y de la tiranía de otros príncipes paganos [...].
- VII Lo séptimo y último que el Papa pudo conceder a los Reyes e España –y quizás así lo concedió como declara Bartolomé de Las Casas, Obispo de Chiapas– es que así como el Papa creó un único emperador en esta nuestra cristiandad de Europa, Asia y África, el cual manda sobre todos los príncipes cristianos y es el único defensor de la Iglesia en esos asuntos que pertenecen a Dios, de esa misma manera concedió el Papa a los Reyes de España el derecho de imperio y el poder de soberanía sobre todos los príncipes cristianos y paganos en aquel nuevo mundo de las Indias Occidentales»⁵⁶.

⁵⁶ *Idem*, I, II, 8.

3 LA LIMITACIÓN DE DERECHOS DE LA CORONA ESPAÑOLA EN AMÉRICA

«Si los reyes de aquellos indios quisieran convertirse a nuestra fe, de ninguna manera pueden ser privados del dominio de sus cosas y del poder sobre sus reinos. Pero si tales príncipes infieles, como los indios, no quisieran convertirse, a lo sumo pueden ser privados del dominio que tienen sobre otros cristianos. Pero esto debe hacerse *servatis servandis*, es decir, que ellos precisamente sean nocivos a los fieles que sean súbditos suyos y sean previamente advertidos de sus consecuencias. Ha de hacerse además evitando el escándalo –que por cierto y con gran dificultad se podrá evitar– sin que se siga a nuestra fe un daño mayor que el beneficio que se va a seguir de esta enajenación»⁵⁷.

⁵⁷ *Idem*, I, II, 9.

1605 – 1626

Universidade de Valladolid

SERAFIM

..

Serafim de Freitas nasceu em Lisboa em 1570. Estudou Humanidades no colégio jesuíta de Santo Antão. Em 1589 matriculou-se na Faculdade de Cânones da Universidade de Coimbra, onde se graduou como bacharel no ano de 1592. Obteve a respetiva formatura em 1594, acabando por receber o grau de Doutor no ano de 1598. Em 1600 fixou residência em Valladolid, tendo logrado obter a cátedra de Véspera na Faculdade de Cânones da Universidade

de Valladolid em 1605, na sequência do reconhecimento, pelas respetivas autoridades académicas, do grau de Doutor obtido na Universidade de Coimbra. Em 1608 (?) ingressou no convento de Nossa Senhora da Mercê, em Valladolid, onde continuou a sua actividade de professor e advogado. Foi Mestre Supranumerário em Sagrada Teologia da sua Ordem (1615). Em 1626 obteve a jubilação que lhe foi concedida pelo Claustro Universitário de Valladolid.

1605 – 1626
Universidad de Valladolid

DE FREITAS

..

Serafim de Freitas nació en Lisboa en 1570 (?). Estudió Humanidades en el colegio jesuita de San Antón. En 1589 se matricula en la Facultad de Cánones de la Universidad de Coímbra, donde se gradúa como bachiller en 1592 y como licenciado en 1594, culminando su carrera con el grado de Doctor en 1598. En 1600 fija su residencia en Valladolid, donde regentará la cátedra de Vísperas en la Facultad de Cánones desde 1605, tras serle

reconocido por las autoridades académicas de la Universidad el grado de doctor que había obtenido en Coímbra. En 1608 (?) ingresó en el convento de Nuestra Señora de La Merced de Valladolid, sin que ello le impidiera continuar con sus actividades como profesor y abogado. Fue Maestro Supernumerario de Sagrada Teología de su Orden (1615). En 1626 el Claustro Universitario de Valladolid le concede la jubilación.

SERAFIM DE FREITAS
Frontispício / Frontispicio

DE
IVSTO IMPERIO
LVSITANORVM
ASIATICO

*Auctore Doctore Fr. Seraphino de Freitas Lusitano in Pinciana
Academia Vespertina in sacris Canonibus Cathedra an-
tecessore è Mercenarijs minimo.*

Ad Philippum III. potentissimum Hispaniarum, & Indiarum Monarcham

*Non quercus te Sola decet, nec laurea Phœbi:
Fiat ☉ ex edera ciuica nostra tibi.*



Cum Priuilegijs Castellæ, ☉ Lusitanæ.

Vallisoleti : Ex Officina Hieronymi Morillo, Almæ Vniuersita-
tis Typographi. Anno M,DC,XXV.

1 O IMPERADOR NÃO É SENHOR DO MUNDO

«Nenhum imperador, nem de facto nem de direito, tem domínio e jurisdição em todo o mundo.»⁵⁸

⁵⁸ Serafim de Freitas, *De Iusto Imperio Lusitanorum Asiatico*, Vallisoleti, 1625, X, 17, excertos traduzidos do latim por M. Sena Monteiro e Pedro Calafate.

2 O PAPA NÃO É SENHOR DO MUNDO

«O Pontífice Romano, vigário de Cristo e sucessor de Pedro, não tem *diretamente*, poder civil ou temporal sobre todo o mundo [...]. O Pontífice Romano, como tal, não é senhor do mar oceano, e mesmo que fosse, não podia conceder aos reis da Hispânia, nem as ilhas nem as terras das Índias [...]. Não é verdadeira a opinião que concede ao Pontífice o poder dos dois gládios.»⁵⁹

⁵⁹ *Idem*, XII,1 / XII,4 / XII,7.

3 O NOVO MUNDO NÃO PODE SER DADO EM FEUDO PELO PAPA

«Visto então que, como provámos, o Sumo Pontífice não detém esse dito poder diretamente em todo o mundo, donde se segue que também não o tenha nas Índias, não estava em seu poder concedê-las como um feudo, na medida em que, segundo os feudistas, para isso ser possível é necessário um domínio direto. Por isso, não pode ser tida por bárbara a resposta que o bárbaro Atabaliba, rei do Império Peruano, deu ao dominicano Frei Vincente de Valverde, quando ao primeiro encontro este último o ameaçou de que haveria de perecer a ferro e fogo caso não se desse como tributário ao rei de Espanha, que tinha obtido essa concessão do Papa. A isto respondeu Atabaliba que não desejava reconhecer como seu superior alguém de quem nunca ouvira falar, e muito menos obedecer a esse Papa que dava aos outros aquilo que não lhe pertencia.»⁶⁰

⁶⁰ *Idem*, XII, 5.

4 NÃO É ACEITÁVEL CONQUISTAR PRIMEIRO PARA EVANGELIZAR DEPOIS

«O Pontífice Romano não poderia ter concedido as ilhas dos bárbaros aos reis da Hispânia para o efeito de posteriormente serem convertidos, como quis Sepúlveda [...], quer porque o Pontífice não tem poder sobre os infieis, quer porque estes não podem ser espoliados dos seus bens e domínios por estarem fora da fé ou por outros pecados, mesmo tratando-se de pecados contra a natureza [...]. Com efeito, a guerra não é um meio adequado, mas antes um impedimento à propagação da fé [...]. Infere-se apenas que o Pontífice Romano podia, por força do seu múnus apostólico, conceder aos reis hispanos a navegação para as Índias, com o fim de divulgarem a fé nessas províncias, e excluir disso os outros reis e príncipes cristãos.»⁶¹

⁶¹ *Idem*, XII, 8-9.

1 EL EMPERADOR NO ES EL SEÑOR DEL MUNDO

«Ningún emperador, ni de hecho ni por derecho, tiene dominio y jurisdicción en todo el mundo»⁵⁸.

⁵⁸ Serafim de Freitas, *De Iusto Imperio Lusitanorum Asiatico*, Vallisoleti, 1625, X, 17. Traducción castellana de R.E. Mandado.

2 EL PAPA NO ES EL SEÑOR DEL MUNDO

«El Romano Pontífice, Vicario de Cristo y sucesor de Pedro, no tiene directamente, poder civil o temporal sobre todo el mundo. [...]. El Romano Pontífice, como tal, no es señor de la mar oceánica, y aunque lo fuera, no podría conceder a los Reyes de España ni las islas ni la tierra firme de las Indias [...]. No se ajusta a la verdad la opinión que concede al Pontífice el poder de las dos espadas»⁵⁹.

⁵⁹ *Idem*, XII,1 / XII,4 / XII,7.

3 EL NUEVO MUNDO NO PUEDE SER CONCEDIDO EN FEUDO POR EL PAPA

«Por tanto, visto que, como hemos probado, el Sumo Pontífice no posee directamente dicho poder en todo el mundo, se sigue que tampoco lo tiene en las Indias, que no está en su mano concederlas en feudo, puesto que, según los juristas, para que ello sea posible es necesario un dominio previo “sobre las tierras en cuestión”. Por eso no puede ser tenida por bárbara la respuesta que el bárbaro Atabaliba, Rey del Imperio Peruano, dio al dominico Fray Vicente de Valverde cuando, en su primer encuentro, este último lo amenazó con perecer a hierro y fuego si no se declaraba súbdito del Rey de España, el cual había obtenido esa concesión del Papa. A lo que respondió Atabaliba que no deseaba reconocer como superior suyo a alguien del que nunca había *oído* hablar, y menos aún obedecer a ese Papa que concedía a otros lo que no le pertenecía»⁶⁰.

229

⁶⁰ *Idem*, XII,5.

4 NO ES ACEPTABLE CONQUISTAR PRIMERO PARA EVANGELIZAR DESPUÉS

«El Romano Pontífice no podía conceder las islas de los bárbaros a los Reyes de España con el objeto de que posteriormente éstos fueran convertidos, como quiso Sepúlveda [...] ya sea porque el Pontífice no tiene poder sobre los infieles, ya porque éstos no pueden ser expoliados de sus bienes y dominios al estar fuera de la fe o por otros pecados, incluso si fueren pecados contra la naturaleza [...] En efecto, la guerra no es un medio adecuado, sino más bien un impedimento, para la propagación de la fe... se deduce, tan sólo, que el Romano Pontífice podía conceder a los reyes hispánicos, en virtud de su ministerio apostólico, la navegación a la Indias, con objeto de propagar la fe en esas provincias excluyendo de ello a los otros reyes y príncipes cristianos»⁶¹.

⁶¹ *Idem*, XII, 8-9.





Inês Valla · O *Batismo* · Linogravura sobre papel / Linograbado sobre papel · 100 x 80 cm · 2013

5 A IGREJA SÓ TEM AUTORIDADE SOBRE OS QUE RECEBERAM O BATISMO

«A Igreja somente tem jurisdição sobre os pastores e sobre os fiéis o que levou o Apóstolo a dizer retamente: *Pertence-me porventura julgar os que estão de fora?* (1 Cor 5, 12).»⁶²

⁶² *Idem*, IX, 3.

6 O PODER CIVIL NÃO DEPENDE DA FÉ

«O poder temporal não depende de tal modo do poder espiritual que cessando este cesse também aquele, como se vê nos infiéis, nos quais existe verdadeiro poder temporal [...]. Daqui se desfarão as cavilações de Barclay, quando, acerca do poder do Pontífice Romano, inferia que desse poder resultava que os reis recebiam do Pontífice os reinos a título precário e podiam ser removidos por ele *ad libitum*, ilação esta que, por imprópria de um jurisperito, nem merece resposta.»⁶³

⁶³ *Idem*, VI, 37.

7 O JUS PRAEDICANDI E A DOAÇÃO DO PAPA ALEXANDRE VI: NATUREZA E LIMITES

7.1 «No entanto, competindo ao Supremo Hierarca da Igreja o direito e a obrigação de enviar missionários para as regiões dos infiéis, e devendo as missões para os índios transportar-se em navios, e carecendo para isso de dinheiro, homens e armas, o que não pode de modo algum sustentar-se sem comércio e lucros dele resultantes, como meios para aquele fim sobrenatural, isto é, o de conseguir a conversão dos infiéis [...], claramente se vê que foi lícito ao Sumo Pontífice conceder somente aos legados por si escolhidos o direito de navegação e comércio, proibindo-o aos demais, para que não perturbassem e impedissem esta conversão e os meios a ela conducentes [...]. Daqui resulta que o rei de Portugal, se não enviar aos infiéis pregadores e ministros do Evangelho, não pode proibir às outras nações cristãs o comércio com eles [...]. É esta só a razão suficiente por que se acha interdito às outras nações esse direito, aliás comum a todas, nos termos do direito das gentes.»⁶⁴

⁶⁴ *Idem*, VII, 8-9.

7.2 «O Papa pode, por si ou por meio dos príncipes cristãos, compelir uma república ou um príncipe pagão, mesmo que para isso seja necessária a guerra, a não impedir a livre pregação do Evangelho e a deixar os seus súbditos receber de livre vontade a lei de Cristo pelo batismo [...]. É neste sentido que se deve entender e explicar a Bula de Alexandre VI que doou aos reis de Castela as Índias e as Ilhas Ocidentais [...], e em atenção ao mesmo fim compete aos portugueses, por concessão pontifícia, o direito de fazer a guerra aos índios orientais.»⁶⁵

⁶⁵ *Idem*, IX, 7-8.

5 LA IGLESIA SÓLO TIENE AUTORIDAD SOBRE LOS QUE HAN RECIBIDO EL BAUTISMO

«La Iglesia solamente tiene jurisdicción sobre los pastores y sobre los fieles, por lo que acertadamente dijo el Apóstol *¿pues, por qué voy yo a juzgar a los que están fuera?* (1 Cor 5, 12)»⁶².

⁶² *Idem*, IX, 3.

6 EL PODER CIVIL NO DEPENDE DE LA FE

«El poder temporal no depende del poder espiritual hasta el punto de que, cesando éste cese también aquél, como se ve por los infieles, en los cuales existe verdadero poder temporal... en esto desvariaron las cavilaciones de Barclay acerca del poder temporal del Romano Pontífice, cuando infería que, en virtud de ese poder, acababan recibiendo los reyes del Pontífice los reinos a título provisional, del que podían ser privados *ad libitum* por aquél, deducción tan impropia de un jurisconsulto que ni siquiera merece respuesta»⁶³.

⁶³ *Idem*, VI, 37.

7 EL *JUS PRAEDICANDI* Y LA CONCESIÓN DEL PAPA ALEJANDRO VI: NATURALEZA Y LÍMITES

- 7.1 «Por tanto, al corresponderle al máximo jerarca de la Iglesia el derecho y la obligación de enviar misioneros a las regiones de infieles y siendo preciso transportar en navíos las legaciones para los indios, aún careciendo para ello de dinero, hombres y armas, que no pueden costearse en modo alguno si no es mediante el comercio y sus beneficios, como medios para conseguir aquel fin sobrenatural que es la conversión de los infieles [...], se advierte claramente que al Sumo Pontífice le fue lícito conceder el derecho de navegación y comercio tan sólo a los legados por él escogidos, prohibiéndoselo a los demás para que no estorbaran e impidieran tal conversión y los medios conducentes a ella [...], de donde se deduce que, si el Rey de Portugal no envía predicadores y ministros del Evangelio a los infieles, tampoco podrá prohibir a las demás naciones cristianas el comercio con ellos [...]. Esta razón sola basta para que se haya prohibido a las otras naciones ese derecho, por lo demás común a todas, según el derecho de gentes»⁶⁴.

- 7.2 «El Papa, por si mismo o por medio de los príncipes cristianos, puede conminar a una república o a un príncipe pagano a que no impida la libre predicación del Evangelio y a dejar que sus súbditos acepten voluntariamente la ley de Cristo por el bautismo, aunque para ello sea preciso ir a la guerra. Para ello debe hacerse entender y explicar la Bula de Alejandro VI que concedió a los Reyes de Castilla las Indias y las Islas Occidentales [...] y con el mismo objeto, por concesión pontificia, tienen los portugueses el derecho de hacer la guerra a los indios orientales»⁶⁵.

⁶⁴ *Idem*, VII, 8-9.

⁶⁵ *Idem*, IX, 7-8.

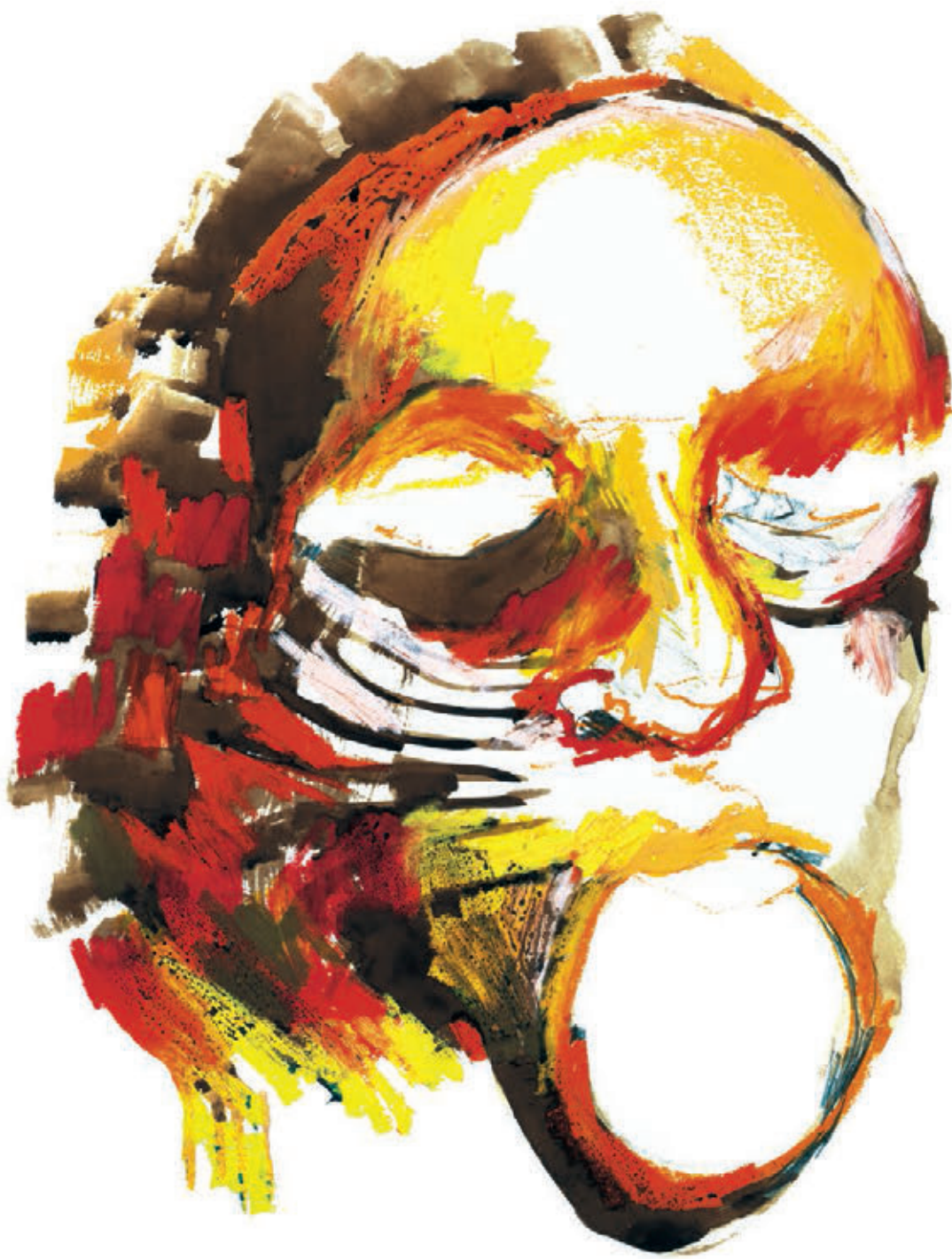
A Igreja somente tem jurisdição sobre os pastores e sobre os fiéis o que levou o Apóstolo a dizer retamente: “Pertence-me porventura julgar os que estão de fora? (1 Cor 5, 12)”.

..

La Iglesia solamente tiene jurisdicción sobre los pastores y sobre los fieles, por lo que acertadamente dijo el Apóstol «¿pues, porqué voy yo a juzgar a los que están fuera?».

SERAFIM DE FREITAS

De iusto imperio..., IX, 3



Filipa Camacho · *Parasitação IV* · Pastel de óleo, ecoline, viochene, grafite e marcador preto sobre papel canson basic / Pastel al óleo, ecoline, viochene, grafito y marcador negro sobre papel canson basic · 70 x 50 cm · 2013

8 DEPOIS DE BATIZADOS OS PAGÃOS CONSERVAM O DOMÍNIO DE JURISDIÇÃO E PROPRIEDADE

8.1 «E vem a propósito esclarecer que o pagão, seja rei seja um simples particular, não perde o seu reino ou os seus bens com o ingresso na fé de Cristo, antes se torna ovelha do seu redil.»⁶⁶

⁶⁶ *Idem*, VI, 89.

8.2 «Os infiéis não devem ser coagidos pela força das armas à aceitação da fé católica [...]. Por mais digna e suficientemente que seja pregada a fé aos bárbaros, não é lícito, caso a não queiram receber, combatê-los e tirar-lhes os bens [...]. Por conseguinte, a pretexto de religião, nunca submetemos qualquer rei, nem oprimimos pelas armas qualquer povo.»⁶⁷

⁶⁷ *Idem*, IX, 5-6, 9.

8 LOS PAGANOS CONSERVAN EL DERECHO DE JURISDICCIÓN Y PROPIEDAD DESPUÉS DE SER BAUTIZADOS

8.1 «Lo cual procede para dejar claro que el pagano, sea rey o sea un simple particular, no pierde su reino o sus bienes por incorporarse a la fe de Cristo, sino que se convierte en oveja de su redil»⁶⁶.

⁶⁶ *Idem*, VI, 89.

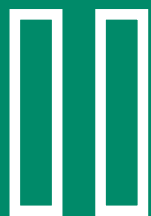
8.2 «Los infieles no deben ser coaccionados con la fuerza de las armas para que acepten la fe católica [...] por más digna y suficientemente que les haya sido predicada la fe a los bárbaros, en caso de que no quieran recibirla, no es lícito agredirlos ni quitarles sus bienes [...]. Por consiguiente, con el pretexto de la religión, nunca sometemos a ningún rey, ni oprimimos por las armas a ningún pueblo»⁶⁷.

⁶⁷ *Idem*, IX, 5-6, 9.

Mestres que ensinaram nas universidades portuguesas

C

Maestros que enseñaron en las universidades portuguesas



MARTÍN DE AZPILCUETA
242 MARTÍN DE LEDESMA
252 FERNANDO PÉREZ 264
LUIS DE MOLINA 276 PEDRO
SIMÕES 294 ANTÓNIO DE
SÃO DOMINGOS 310 FERNÃO
REBELO 324 FRANCISCO
SUÁREZ 336

1538 – 1552

Universidade de Coimbra

MARTÍN

..

Martín de Azpilcueta nasceu no povoado de Barázoain, no Reino de Navarra, em 1492, e faleceu em Roma, no ano de 1586. Ficou conhecido como “Doutor Navarro” atendendo à sua naturalidade. Estudou Filosofia e Teologia na Universidade de Alcalá (1503-1510) e continuou seus estudos jurídicos em Toulouse, onde se sagrou sacerdote. Iniciou em França (em Toulouse e Cahors) a sua trajetória universitária, tendo chegado à Universidade

de Salamanca em 1524. Nesta Universidade foi contemporâneo de Francisco de Vitoria e Diego de Covarrubias, alcançando a Cátedra de Direito em 1532. Em 1537 passa à Cátedra de Prima.. Em 1538, Carlos V, a pedido de João III de Portugal, envia o “Doutor Navarro” à então renascente Universidade de Coimbra, para ocupar a Cátedra de Prima de Direito Canónico, aí permanecendo até ao final da sua carreira académica, em 1552.

1538 – 1552
Universidad de Coímbra

DE AZPILCUETA

..

Martín de Azpilcueta nació en 1492 en la localidad de Barázoain, en el Reino de Navarra y falleció en Roma en 1586. Por su procedencia fue conocido como el «Doctor Navarro». Estudió Filosofía y Teología en la Universidad de Alcalá (1503-1510) prosiguiendo con estudios jurídicos en Toulouse, donde fue ordenado sacerdote. Su docencia universitaria comenzó en Francia (en Toulouse y Cahors) desde donde se trasladó a la Universidad de Salamanca en 1524, para desempeñar primero la Cátedra de Derecho (1532) y la de Prima

después (1537). Según Luciano Pereña, Martín de Azpilcueta junto con Francisco de Vitoria y Diego de Covarrubias con quienes compartió la actividad universitaria salmanticense de aquellos años, es una figura clave en la doctrina hispánica de la paz. En 1538, Carlos V, a petición de Juan III de Portugal, envió al «Doctor Navarro» a la por entonces renaciente Universidad de Coímbra, para desempeñar la Cátedra de Prima de Derecho Canónico, en donde permaneció hasta el final de su carrera académica en 1552.

~~7795~~

RELECTIO
C. NOVIT DE IVDICIIS
NON MINVS SVBLIMIS

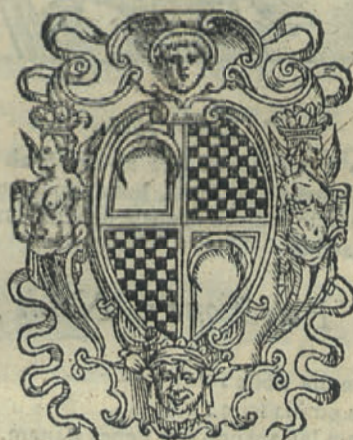
Quam celebris, pronunciata An. M D XLVIII. Coram
frequentissimo, eruditissimo, ac maxime Illustri
Auditorio in Inclyta Lusitanæ Conymbrica.

PER MARTINVM AB AZPILCVETA DOCTOREM
Nauarrum, tunc eius in Sacra facultate Canonum primariæ functionis
gymnastam, decennio uero ante eodem munere in præclarissima Sal-
mantica functum, & ante annos circiter XX. iam iubi-
latum seu rube donatum.

Nunc autem hoc Anno M D LXXV. maxima de causa in Vrbe residen-
tem, & in Sacra Pænitentiaræ Prætorio Doctoris
Decretorum officio fungentem.

Premisso in Rubricam eiusdem tituli Commentario utili, quotidiano & reso-
lutorio, additis item sub hoc signo * quibusdam, quæ in hac secunda
æditione occurrerunt, præfati authoris ætati apta.

In quibus contenta uersa pagella docet.



NIL

VLTRA



CVM LICENTIA SVPERIORVM.

ROMÆ, M D LXXV.

Apud Iosephum de Angelis.

*Insignis forma, doctrina insignior unus.
At superat summi cultus utrumque Dei!*

Doct̃or Martinus ab Azpilcueta Nauarrus.



Res
3095

In Rubrica.

Epilogus siue resolutio breuis eorum quæ ab alijs & ab Authore alias fu-
sus sunt disputata, sumendo uerbum, Iudicium, pro Iudiciali processu.
Multa quotidiana de Iudicio sumpto proprie pro iudicandi actu, de quibus
nil ante hac in ea tactum.

In Relectione c. Nouit.

- 1 Notabile Deum omnia nosse.
- 2 Creaturam nullam omnia scire.
- 3 Potestatem summam laicam non esse penes Papam.
- 4 Diffinitio correptionis, & eam iure diuino præceptam.
- 5 Certo ordine ad denunciationem Euangelicam deueniendum, & de-
nunciationis diffinitio exacta.
- 6 Potestatem ecclesiasticam extendi ad cognoscendum de omni peccato
mortali cuiuslibet Christiani etiam laici &c.

1 A LEGITIMIDADE DAS SOBERANIAS INDÍGENAS

«Erra Álvaro Pais, pois ampliando o poder papal, diz que os idólatras e pagãos jamais tiveram jurisdição alguma e, por isso, todos os seus reinos pertencem à Igreja cristã e, por consequência, ao Papa, que se encontra à frente da mesma. Este erro foi a causa de que, na nossa época, muitos povos do Novo Mundo tivessem sido despojados dos seus domínios.

Esta conclusão parece perigosa, em primeiro lugar, porque não se prova por nenhum direito. Em segundo lugar, porque dela e dos seus fundamentos se infere que pelo pecado mortal se perde, pelo próprio direito, a soberania [...]. Todavia, pelo menos, o domínio natural das coisas e o civil conservam-se em poder dos infieis, pagãos e idólatras [...], e não pesa em sentido contrário o que se lê no ostiense que defende que todos os direitos e juntamente a soberania dos reinos foram transferidos para Cristo já desde o momento da sua conceção ou nascimento, e que Ele os confiou ao seu vigário Pedro [...], porque Cristo foi Senhor de todos os reinos do mundo de maneira tal que todavia a ninguém arrancou aquilo que anteriormente lhe pertencera.»⁶⁸

⁶⁸ Azpilcueta, Martín de, *Relectio C. Nouit de iudiciis*, Coimimbricae, 1548, pp. 51-53, excertos traduzidos do latim por António Guimarães Pinto.

2 A LEI IMPERIAL NÃO SUPRIME AS PROVIDÊNCIAS NATURAIS

«Quando os povos não têm a luz e o apoio de um imperador, é mister que sejam para si a sua própria luz, e quem não tem guia e chefe, é o seu próprio chefe e guia. E assim, embora algum povo não tenha chefe nem rei mediante providência humana, contudo recebeu da *natureza naturante*, que é Deus, o poder de se dirigir, governar e iluminar [...], e se se encontrassem alguns homens associados em comunidade, estes teriam do próprio Deus, de modo imediato, o poder de se governarem a si mesmos e de fazerem as coisas sem as quais não poderiam viver em sociedade [...], *pois a lei imperial não pode suprimir as providências naturais*. Não vai em sentido contrário o facto de que muitos povos parecem carecer completamente de jurisdição. Na verdade, não carecem completamente de jurisdição mas do seu uso.»⁶⁹

⁶⁹ *Idem*, p. 74.

3 OS POVOS SÃO LIVRES DE ESCOLHER COMO E POR QUEM QUEREM SER GOVERNADOS: O IMPÉRIO NÃO É DE DIREITO DIVINO

«Não foi estabelecido por Cristo algum poder temporal laico que abarcasse todas as coisas[...]. Em nenhuma ocasião Deus ordenou regularmente que se obedecesse a um só, a muitos, a estes ou àqueles, relativamente ao poder laico [...]. Nada especialmente foi estipulado relativamente à sua criação ou entrega do mesmo a alguém, pelo menos no princípio da criação sua e do género

1 LA LEGITIMIDAD DE LAS SOBERANÍAS INDÍGENAS

«Se equivoca Álvaro Pais, puesto que, ampliando el poder papal, dice que jamás han tenido los idólatras y paganos jurisdicción alguna y que, por ello, todos sus reinos pertenecen a la Iglesia cristiana y, consiguientemente, al Papa, que está a la cabeza de ella. Este error ha sido la causa de que, en nuestra época, muchos pueblos del Nuevo Mundo fueran desposeídos de sus dominios. Esta conclusión parece peligrosa, en primer lugar, porque no queda probada por ningún derecho. En segundo lugar, porque de ella y de sus fundamentos se infiere que a causa del pecado mortal se pierde, por el propio derecho, la soberanía [...]. Sin embargo, por lo menos el dominio natural de las cosas y el civil siguen en poder de los infieles, paganos e idólatras [...], y no pesa en sentido contrario lo que se lee en el Hostiense, quien defiende que todos los derechos y juntamente la soberanía de los reinos se trasladaron a Cristo ya desde el momento de su concepción o nacimiento, y que Él se los confió a su vicario Pedro [...], porque Cristo fue Señor de todos los reinos del mundo de una manera tal que sin embargo no arrancó a nadie lo que antes le había pertenecido»⁶⁸.

⁶⁸ Azpilcueta, Martín de, *Relectio C. Nouit de iudiciis*, Coinimbricæ, 1548, pp. 51-53. Traducción de José Luis Pérez.

2 LA LEY IMPERIAL NO SUPRIME LOS DONES NATURALES

«Cuando los pueblos no tienen la luz y el apoyo de un emperador, es menester que sean para sí mismos su propia luz, y el que no tiene guía ni jefe es su propio jefe y guía. Y de este modo, aunque algún pueblo no tenga jefe ni rey mediante providencia humana, recibió sin embargo de la *naturaleza naturante*, que es Dios, el poder de dirigirse, gobernar e iluminar [...], y si algunos hombres estuvieran asociados en comunidad tendrían de Dios mismo, de manera inmediata, el poder de gobernarse a sí mismos y hacer las cosas sin las que no podrían vivir en sociedad [...], *puesto que la ley imperial no puede suprimir los dones naturales*. No va en dirección opuesta al hecho de que muchos parecen estar totalmente faltos de jurisdicción. En realidad, no están totalmente faltos de jurisdicción, sino más bien de su uso»⁶⁹.

⁶⁹ *Idem*, p. 74.

3 LOS PUEBLOS SON LIBRES DE ESCOGER CÓMO Y POR QUIÉN DESEAN SER GOBERNADOS: EL IMPERIO NO ES POR DERECHO DIVINO

«No fue establecido por Cristo ningún poder temporal laico que abarcara todas las cosas [...]. En ninguna ocasión ordenó Dios regularmente que se obedeciera a uno solo, a muchos, a estos o a aquellos, con respecto al poder laico [...]. No se estipuló nada en especial respecto a su creación o entrega a alguien, al menos en el comienzo de su creación y del género humano [...]. Una cosa

**São da mesma natureza e espécie
o poder com que os reis reinam
e o poder com que a si mesmas
se governam as cidades livres.**

..

**Son de la misma naturaleza y especie
el poder con que reinan los reyes y
el poder con que se gobiernan a sí
mismas las ciudades libres.**

MARTÍN DE AZPILCUETA

Relectio c. Nouit de iudiciis, Op.cit., p. 98



Filipa Camacho · *Parasitação I* · Pastel de óleo, ecoline, viochene, grafite e marcador preto sobre papel canson basic / Pastel al óleo, ecoline, viochene, grafito y marcador negro sobre papel canson basic · 70 x 50 cm · 2013

humano [...]. Uma coisa é o poder régio ser imediatamente criado por Deus, e outra ser transmitido a este ou àquele homem. Não prova em sentido contrário a seguinte passagem *Por mim reinam os reis* (Pr 8,15) e aquela *Todo o poder vem de Deus* (Rm 13, 1), porquanto, no máximo, apenas provam que o poder régio foi criado imediatamente por Deus, não porém que foi imediatamente dado por Ele a este ou àquele homem.»⁷⁰

⁷⁰ *Idem*, pp. 75 e 87.

4 O IMPÉRIO UNIVERSAL É UMA EXPECTATIVA JURÍDICA E DEPENDE DE UM PACTO IMPROVÁVEL

«Erra a opinião corrente [...], na medida em que pensa que por direito divino é necessário que exista uma única soberania laica sobre o mundo inteiro, da mesma maneira que existe uma única soberania eclesiástica. Porque em primeiro lugar tal não se prova por nenhum direito ddivino sobrenaturalmente dado ou revelado [...]. Em segundo lugar tal não pode concluir-se por nenhuma razão natural [...]. Igualmente erra um grande número que pensa que o imperador dos romanos é senhor e rei do mundo e da terra porque o imperador Antonino dissera: *Eu sou senhor do mundo* [...], pois não é de presumir que o imperador Antonino de tal modo carecesse de senso que com aquelas palavras significasse a sua convicção de que era senhor da terra inteira, que, nem mesmo dividida ao meio, jamais se submeteu nem a ele nem a nenhum dos seus predecessores.

Conquanto que seja verdade que se todas as cidades da terra e os governantes delas, aos quais interessasse, acordassem em que um só fosse eleito governante, rei ou imperador de todos, seria verdadeiro governante, rei ou imperador aquele a quem a maior parte escolhesse [...], *porque é da mesma natureza e espécie* o poder com que os reis reinam e o poder com que a si mesmas se governam as cidades livres.»⁷¹

⁷¹ *Idem*, p. 98.

es que el poder regio sea inmediatamente creado por Dios, y otra cosa distinta es que sea transmitido a este o a aquel hombre. No prueba en sentido contrario el siguiente pasaje *Por mí reinan los reyes* (Pr 8, 15) y este otro *Todo el poder procede de Dios* (Rm 13, 1), dado que, como mucho, tan solo prueban que el poder regio fue creado inmediatamente por Dios, pero no que fue inmediatamente dado por Él a este o a aquel hombre»⁷⁰.

⁷⁰ *Idem*, pp. 75 y 87.

4 EL IMPERIO ES UNA EXPECTATIVA JURÍDICA Y DEPENDE DE UN PACTO IMPROBABLE

«Se equivoca la opinión común [...], al pensar que es necesario que exista por Derecho Divino una sola soberanía laica sobre el mundo entero, de la misma manera que existe una única soberanía eclesiástica. Puesto que, en primer lugar, tal no queda probado por ningún Derecho Divino sobrenaturalmente dado o revelado [...]. En segundo lugar, tal no puede concluirse de ninguna razón natural [...]. Se equivoca asimismo un gran número que piensa que el emperador de los Romanos es señor y rey del mundo y de la tierra porque el emperador Antonino había dicho: *Yo soy el señor del mundo* [...], dado que no es de suponer que el emperador Antonino estuviera de tal modo privado de juicio que con dichas palabras quisiera hacer saber su convicción de ser señor de toda la tierra, la cual, ni siquiera dividida por la mitad, jamás se sometió a él ni a ninguno de sus antecesores.

Si bien sea cierto que, en caso de que todas las ciudades de la tierra y sus gobernantes, a quienes interesara, estuvieran de acuerdo que uno solo fuera elegido gobernante, rey o emperador de todos, sería verdadero gobernante, rey o emperador el que fuera elegido por la mayor parte [...] *dado que son de la misma naturaleza y especie el poder con que reinan los reyes y el poder con que se gobiernan a sí mismas las ciudades libres*»⁷¹.

⁷¹ *Idem*, p. 98.

1540 – 1562

Universidade de Coimbra

MARTÍN

..

Martín de Ledesma professou no convento de San Esteban, em Salamanca, em 1525. Depois de ter ensinado no Colégio de San Gregório de Valladolid, veio para a Universidade de Coimbra, onde foi professor entre 1540 e 1562, nas Cadeiras de Escritura e de Véspera.

1540 – 1562
Universidad de Coímbra

DE LEDESMA

..

Martín de Ledesma profesó en el convento de San Esteban, en Salamanca, en 1525. Tras haber enseñado en el Colegio de San Gregorio de Valladolid, se trasladó a la Universidad de Coímbra, donde fue profesor entre 1540 y 1562 en las Cátedras de Escritura y Vísperas.

MARTÍN DE LEDESMA

Fólio / Folio

ILLVSTRISSIMO DOMINO, AC REVERENDIS.
 præful domino Iuliano Albensi, Episcopo Portalegrensi: su
 us frater Martinus Ledesmius salutem pluri.

Nescio præful clarissime, quàm sit liber hici impar, ut tua dominationi nuncupetur, aut ad te mittatur: verum tamen cum barbarum litterarum sis amantissimus, & cum mecum soleas, quæ tua humanitas est, hoc ipsum exposulare, cur ea quæ in gymnasio publice dictabam, quæq; auditores tumultuarie & confuse membranis excipiunt, non aliquando exacta & polita, prælo committeremine, ut sit, ex varia auditorum scriptura, nos etiam varij & inconstantes in vera Theologia videamur: sic occasionem errandi lectoribus præbeamus, animo subijctis Dom. tuæ lucubrationes & chartas posteriores exhibere, ex quibus qualia nos cætera præstare possumus, facile coniciamus: Atq; adeo, aut rigorem tu invidiam mittas, si indigna iudicaveris hæc, ut in lucem prodeant: aut si diversa forte steterit sententia, timorem ego temperem obsequendi: verior namq; ne hoc me quoq; nomine traducere pergas, quem sane & impetio & expensis, ut hoc opus tentare possem, moysi: tuum certe studium fuit, tuaq; profusus auctoritas. Ad eorum Dom. tuæ animo sedis, cum literarum omnium, tum maxime sacrarum studia fovere & locupletare. Quis enim nescit quanta diligentia inquiras pro' os, atq; sacerdotes doctos, quibus sacerdotia & animarum curas, quæ ad tuam spectant ditionem committas, eosq; residere facias: Stipendiaq; illis etiam si opus sit ex tibi necessarijs, augeas? Vnde quantulumcunq; nos accessionem ad prædicta studia facere possumus, non neglexeris. Enim vero dum fidem hac ratione religionisq; præfules, nihil aliud agis, quam quod tibi & tuis gentile est ac domesticum institutum. Ob hoc namq; apud nostrates clarissimus haberi, quod præ te semper tuleris, fidei Christianæq; religionis, honorem & cultum summâ observatione deferre. Hac ratione quàm sis de Christiana republica bene meritus, constat cunctis, qui te noverunt: nam multo labere, assiduo studio, variâ circa pia & pauperes exercitatione, pluribus experimentis, altissima prudentia, præsentissimo consilio, hæc omnia per totam vitam pertractasti & absolvisi, curaq; præcipua semper in te sita fuit, ut veritatem, pietatem, fidem, religionem, moribus & literis, omnia aut: oritate & studio asserere, extollere, & ampliare. Cum igitur ego, cuius officio publico interest gratias referre, vnde aut quod referam, nil gratis vel tibi iucundius rependere possum, quàm literaria hæc munuscula: quæ quantulumcunq; sint, acceptare, ut reor, non dedignaberis: quandoquidem non minus regia est, exigua libenter accipere, quàm ampla magnifice tribuere. Deum omnipotentem ego totis viribus præcor, ut Nestores annos vitæ tuæ apponat, vili placere, & cuncto populo Christiano exemplo religionis, & vitæ inculpatæ esse ac prodesse possis.

Vale præful illustrissime.

Ad lectorem.

Quid te divexant tam multa volumina lector:
 Si sapi, ex vno hoc discere cuncta potes.
 Si placitq; Deo tu, Pontificumquæ teneris:
 Hoc potes ex vno discere cuncta simul.
 Hoc potes ex vno pectus ditare, crumenamq;
 Expenis modicis emaciare minus.
 Quin etiam dulcis captas compendia vitæ:
 Quam multa ut blattæ charta comesse solet.
 Thesaurum huc tibi Martinus Ledesmius offert:
 Multorum lucris editus ille pijs.
 Atq; suas longo quæsitâ tempore merces
 Dat cunctis hora posse tenere breui.
 Ergo age, nec nummo, neq; honesto parce labori:
 Exiguam impendes: grandia lucra feres.

1 A «RAZÃO DA HUMANIDADE»⁷² PREVALECE SOBRE A RAZÃO DE ESTADO

«Sendo uma república parte de todo o orbe e, maximamente, sendo uma província dos cristãos parte de toda a República cristã, se a guerra for útil a uma república ou reino em detrimento e com prejuízo de todo o orbe ou da Cristandade, eu considero que por isso mesmo ela é injusta.»⁷³

2 OS GENTIOS E PAGÃOS TÊM, POR DIREITO NATURAL, VERDADEIRO DOMÍNIO SOBRE AS SUAS TERRAS E BENS

«Os pagãos e os gentios têm verdadeiro domínio sobre as suas terras, desde que as não tenham usurpado de forma violenta aos cristãos ou a outros seus verdadeiros senhores, e esse domínio é tão verdadeiro como aquele que os cristãos têm sobre os seus bens. [...] Portanto, os pagãos e os gentios não podem ser privados do seu domínio com o intuito da fé, isto é, com vista a que venham a ser tornados cristãos, porque, como já tinham o domínio das coisas e Deus não os priva desse domínio, não podem ser privados dele, a não ser por vontade própria ou por lei humana. Mas por nenhum destes modos os pagãos perdem o domínio das suas coisas, porque eles mesmos não querem abdicar por iniciativa própria do domínio dessas coisas e porque não querem obedecer aos príncipes dos cristãos, uma vez que possuem os seus verdadeiros príncipes e nunca quiseram submeter-se aos príncipes cristãos. E os príncipes cristãos não podem ter domínio sobre esses pagãos, a não ser que eles queiram submeter-se, o que nunca quiseram nem fizeram. [...] Além disso, se os bárbaros perdessem o domínio das coisas pela razão de não serem cristãos, a divisão e apropriação das coisas seria de direito divino, o que é falso. [...] Por conseguinte, os bárbaros não podem ser privados do domínio das suas coisas apenas por causa da fé.»⁷⁴

3 O ARGUMENTO DE INFERIORIDADE CIVILIZACIONAL NÃO JUSTIFICA A GUERRA NEM A ESCRAVATURA

«Ainda que algumas nações sejam rudes e imbecis, não é lícito fazer-lhes guerra ou ocupar as suas terras. A razão está em que aquela servidão [que resulta de, por serem limitadas, só poderem executar atividades subordinadas] não lhes tira a liberdade, como acontece àqueles que se vendem, ou são cativos de guerra, ou são reduzidos à servidão racionalmente segundo as leis. Mas contra isto poderá invocar-se aquilo que Aristóteles diz na *Política I*, cap. 3, a saber, que, tal como podemos vender os animais, assim podemos fazer guerra contra aqueles homens que nasceram para obedecer. Mas, a esta objeção, eu respondo que isso que Aristóteles diz deve ser entendido somente a respeito daqueles que vivem à maneira das

⁷² A expressão «razão da Humanidade» em contraponto à «razão de Estado», no contexto da proteção internacional dos direitos humanos, é usada pelo Prof. Antônio Augusto Cançado Trindade, na sua obra *A Humanização do Direito Internacional*, Belo Horizonte, 2006, p. 127.

⁷³ Ledesma, Martín de, *Secvnda Qvarta*, Conimbricac, 1560, excertos traduzidos do latim por Leonel Ribeiro dos Santos. Sobre o passo selecionado: *Idem*, fol. 316r-v.

⁷⁴ *Idem*, fol. 223r-v.

1 LA RAZÓN DE LA HUMANIDAD⁷² PREVALECE SOBRE LA RAZÓN DE ESTADO

«Siendo una república parte de todo el orbe y, máximamente, siendo una provincia de los cristianos parte de toda la República Cristiana, en caso de que la guerra resulte útil a una república o reino con perjuicio para todo el orbe o la Cristiandad, yo considero por eso mismo que es injusta»⁷³.

2 LOS GENTILES Y PAGANOS TIENEN, POR DERECHO NATURAL, LEGÍTIMO DOMINIO SOBRE SUS TIERRAS Y BIENES

«Los paganos y los gentiles tienen verdadero dominio sobre sus tierras, siempre y cuando no las hayan usurpado de manera violenta a los cristianos o a otros verdaderos señores de las mismas, y dicho dominio es tan verdadero como el de los cristianos sobre sus bienes. [...] Por lo tanto, los paganos y los gentiles no pueden verse privados de su dominio con la intención de la fe, es decir, con vistas a que se les convierta en cristianos, puesto que al tener ya antes el dominio de las cosas y no privarles Dios de dicho dominio, no pueden verse privados de éste, salvo por voluntad propia o por ley humana. Pero de ninguna de estas maneras pierden los paganos el dominio de sus cosas, ya que ellos mismos no quieren abdicar por iniciativa propia del dominio de esas cosas, y porque no quieren obedecer a los príncipes de los cristianos, al tener sus propios príncipes y porque jamás quisieron sujetarse a los príncipes cristianos. Y los príncipes cristianos no pueden tener dominio sobre esos paganos, salvo cuando estos quieran sujetarse, algo que jamás quisieron o hicieron. [...] A más de esto, en caso de que los bárbaros perdieran el dominio de las cosas por la razón de no ser cristianos, la división y apropiación de las cosas sería de Derecho Divino, lo que resulta falso. [...] Consiguientemente, los bárbaros no pueden verse privados del dominio de sus cosas a causa únicamente de su fe»⁷⁴.

3 EL ARGUMENTO DE CIVILIZACIÓN INFERIOR NO JUSTIFICA LA GUERRA NI LA ESCLAVITUD

«Aunque algunas naciones sean rudas e imbéciles, no es lícito hacerles guerra u ocupar sus tierras. La razón de esto estriba en que esa servidumbre [que resulta de que, al ser limitadas, sólo pueden ejecutar actividades subordinadas] no les quita la libertad, tal y como sucede con quienes se venden o son cautivos de guerra, o son reducidos a la servidumbre racionalmente, de conformidad con las leyes. Pero cabe invocar en contra de esto lo que dice Aristóteles en *Política* I, cap. 3, a saber, que de la misma manera que vendemos los animales, podemos asimismo hacer la guerra contra esos hombres que han nacido para obedecer. Pero a esta objeción

⁷² La expresión «Razón de la Humanidad» como contrapunto de la «Razón de Estado», en el contexto de la protección internacional de los derechos humanos, se debe al Prof. Antônio Augusto Cançado Trindade, quien la utiliza en su obra *A Humanização do Direito Internacional*, Belo Horizonte, 2006, p. 127.

⁷³ Ledesma, Martim de, *Secvnda Quartae*, Conimbricæ, 1560, fol. 316r-v. Traducción de José Luis Pérez.

⁷⁴ *Idem*, fol. 223r-v.

Sendo uma república parte de todo o orbe e, maximamente, sendo uma província dos cristãos parte de toda a República cristã, se a guerra for útil a uma república ou reino em detrimento e com prejuízo de todo o orbe ou da Cristandade, eu considero que por isso mesmo ela é injusta.

..

Siendo una república parte de todo el orbe y, máximo, siendo una provincia de los cristianos parte de toda la República cristiana, en caso de que la guerra resulte útil a una república o reino con perjuicio para todo el orbe o la Cristiandad, yo considero por eso mismo que es injusta.

MARTÍN DE LEDESMA

Secunda Quartae, fol. 316 v



feras, não respeitando nenhuns pactos entre os povos. [...] Esses tais podem ser submetidos pela força e coagidos a obedecer a alguma ordem, não, porém, todos os homens que são rudes e agrestes.»⁷⁵

⁷⁵ *Idem*, fol. 225v.

4 É CONDENÁVEL E ILEGÍTIMA A ESCRAVIDÃO, A PRETEXTO DE QUERER TORNAR CRISTÃOS OS ESCRAVOS

«Segundo o direito antigo, era costume os pais venderem os seus filhos, quando a isso obrigados pela miséria e necessidade. [...] E embora entre os cristãos estas leis já não estejam em uso, há contudo alguns que dizem que entre os etíopes ainda vigora este costume, e que os lusitanos navegam para o mercado deles. E se acontece que os etíopes vêm livremente, não é ilícito comprá-los e retê-los; contudo, se é verdade o que muitos dizem, a saber, que os lusitanos, por meio de fraude e engano, os seduzem, os capturam em alguns locais e os obrigam a ir para o porto, e assim, sem eles saberem o que deles se vem a fazer, a nós os trazem e vendem; se isso é verdade, aqueles que os capturam e os que, sabendo ou suspeitando disso, os compram dos caçadores ou os retêm, esses estão num estado condenável até que os devolvam, mesmo que nunca recuperem o preço que por eles pagaram. Isto prova-se porque aquele que possui uma coisa alheia comprada seja porque valor for, ou que a adquiriu de outro a justo título, quando souber que era alheia, tem o dever de devolvê-la ao primeiro verdadeiro senhor, mesmo com dispêndio de preço. Por conseguinte, também um homem nascido livre, que tenha sido capturado por injustiça, deve ser restituído à sua liberdade.

E não vale dizer que é lícito capturar etíopes e reduzi-los à servidão, para que sejam ensinados na fé, porque a fé deve ser ensinada e persuadida na máxima liberdade e, por isso, Deus não aceita um tal modo de transmitir a fé.»⁷⁶

⁷⁶ *Idem*, fol. 225v.

5 O PAPA NÃO É SENHOR DO MUNDO NAS COISAS TEMPORAIS E O PODER CIVIL NÃO DEPENDE DELE

«Nesta matéria acerca do poder espiritual e eclesiástico, há uma outra grave questão, qual é a de saber se este poder espiritual está acima do poder laico e civil [...] e se o poder civil está sujeito ao poder espiritual [...] e se o Papa é superior a todos os príncipes e poderes temporais. [...] Alguns, com efeito, esforçam-se por atribuir tanto favor ao Papa que julgam que os reis e outros príncipes não são senão vigários ou legados do Romano Pontífice e ministros do poder papal, e que todo o poder temporal deriva do Romano Pontífice. Outros, pelo contrário, de tal modo eximem os príncipes do poder eclesiástico, que nada deixam a este poder, mas submetem e reduzem todas as causas, mesmo as espirituais, ao juízo civil.

yo contesto que lo que dice Aristóteles ha de entenderse solamente respecto a quienes viven como fieras, al no respetar ningún pacto entre los pueblos. [...] Esos tales pueden someterse por la fuerza y coaccionados a obedecer a alguna orden, pero no todos los hombres rudos y agrestes»⁷⁵.

⁷⁵ *Idem*, fol. 225v.

4 ES CONDENABLE E ILEGÍTIMO ESCLAVIZAR CON EL PRETEXTO DE QUERER CONVERTIR EN CRISTIANOS A LOS ESCLAVOS

«Según el derecho antiguo, era costumbre que los padres vendieran a sus hijos, cuando la miseria y la necesidad les obligaban a hacerlo. [...] Y pese a que estas leyes ya no estén en uso entre los cristianos, hay sin embargo quienes dicen que entre los etíopes aún está vigente esta costumbre, y que los lusitanos navegan hasta sus mercados. Y si sucede que los etíopes llegan libremente, no es ilícito comprarlos o retenerlos; pero si es verdad lo que dice mucha gente, a saber, que los lusitanos, valiéndose del fraude y del engaño, los seducen, los capturan en algunos lugares y obligan a ir al puerto, y de este modo, sin que sepan qué se va a hacer con ellos, nos los traen y los venden; si esto es verdad, quienes los capturan y quienes, sabiéndolo o sospechándolo, los compran a los cazadores o los retienen, esos se encuentran en un estado condenable hasta que los devuelvan, incluso si no logran recuperar el dinero que gastaron con ellos. Esto queda probado porque quien posee una cosa ajena comprada, independientemente del coste, o la adquirió a justo título de otra persona, cuando percibe que esa cosa es ajena, tiene la obligación de devolverla a su primer verdadero dueño, incluso con desembolso de precio. Consiguientemente, también un hombre nacido libre que haya sido capturado por injusticia ha de ser restituido a su libertad. Y no vale decir que es lícito capturar etíopes y reducirlos a la servidumbre para que sean enseñados en la fe, puesto que la fe ha de enseñarse y hacerse creer en máxima libertad y, por eso, Dios no acepta tal manera de transmitir la fe»⁷⁶.

⁷⁶ *Idem*, fol. 225v.

261

5 EL PAPA NO ES EL SEÑOR DEL MUNDO EN CUANTO A LAS COSAS TEMPORALES Y EL PODER CIVIL NO DEPENDE DE ÉL

«Hay en esta materia acerca del poder espiritual y eclesiástico otra grave cuestión que es la de saber si este poder espiritual está por encima del poder laico y civil [...] y si el poder civil está sujeto al poder espiritual [...] y si el Papa es superior a todos los príncipes y poderes temporales. [...] De hecho, hay algunos que se esfuerzan en otorgar tanto favor al Papa que creen que los reyes y otros príncipes no son sino vicarios o legados del Romano Pontífice y ministros del poder papal, y que todo el poder temporal procede del Romano Pontífice. Otros, en cambio, eximen a los príncipes del poder eclesiástico de tal manera que nada dejan a este poder, pero

Eu, porém, entre uns e outros, temperando um poder pelo outro, respondo à questão proposta com algumas proposições, sendo a primeira que o Papa não é senhor do orbe nas coisas temporais. [...] O poder temporal não depende do Sumo Pontífice. [...] O poder civil não está sujeito ao poder temporal do Sumo Pontífice [...] enquanto a um senhor temporal e com uma finalidade laica. No Sumo Pontífice de si não existe nenhum poder que seja meramente temporal.»⁷⁷

⁷⁷ *Idem*, fol. 301v-302v.

6 O PODER CIVIL DOS INFIÉIS E PAGÃOS É LEGÍTIMO, POR DIREITO DIVINO E NATURAL, E OS CRISTÃOS NÃO TÊM O DIREITO DE LHO USURPAR

«É fácil entender qual seja a causa eficiente deste poder [civil e público], pois mostrámos que o poder público é fundado no direito natural e o direito natural só conhece um autor que é Deus, pelo que é manifesto que o poder público vem de Deus e não é de criação humana nem está contido em algum outro direito positivo [...]; pelo que, se as repúblicas e os Estados são constituídos somente por direito natural ou divino, também os poderes, sem os quais as repúblicas não poderiam manter-se, são igualmente sancionados por direito divino. [...] Alguém poderia ter dúvidas a respeito dos poderes pelos quais são governadas as repúblicas dos infiéis, a saber, se entre os pagãos há príncipes e outros magistrados legítimos [...], como se a impiedade impedisse o legítimo principado ou poder. [...] Ao que respondo: não deve duvidar-se de que entre os pagãos há príncipes e senhores legítimos, e que os príncipes cristãos ou a Igreja não têm legitimidade para os privar desse principado e poder, invocando a razão de que eles são infiéis, a não ser que lhes tenha sido feita injustiça. [...] O poder público é a faculdade e autoridade ou direito de governar a república civil. E, como mostrei [...] os poderes públicos são-no por Deus e por isso são justos e legítimos.»⁷⁸

⁷⁸ *Idem*, fol.314v, fol.315v-316r.

someten y reducen todas las causas, incluso las espirituales, al juicio civil. Yo, sin embargo, entre unos y otros, acomodando un poder al otro, contesto a la cuestión propuesta con algunas proposiciones, la primera de las cuales que el Papa no es señor del orbe en las cosas temporales. [...] El poder temporal no depende del Sumo Pontífice. [...] El poder civil no está sujeto al poder temporal del Sumo Pontífice [...] respecto a un señor temporal y con una finalidad laica. No hay por sí en el Sumo Pontífice ningún poder que sea meramente temporal»⁷⁷.

⁷⁷ *Idem*, fol. 301v-302v.

6 EL PODER CIVIL DE LOS INFIELES Y PAGANOS ES LEGÍTIMO, POR DERECHO DIVINO Y NATURAL, Y LOS CRISTIANOS NO TIENEN DERECHO A USURPÁRSELO

«Resulta fácil entender cuál es la causa eficiente de este poder [civil y público], dado que hemos demostrado que el poder público se funda en el derecho natural y que el derecho natural sólo tiene un autor, que es Dios, de manera que resulta manifiesto que el poder público procede de Dios y no es una creación humana ni se encuentra contenido en ningún otro derecho positivo [...]; de suerte que si las repúblicas y los Estados sólo se constituyen por derecho natural o divino, son sancionados asimismo por derecho divino los poderes sin los cuales aquéllos no podrían mantenerse. [...] Alguno podría tener dudas sobre los poderes por los cuales se gobiernan las repúblicas de los infieles, a saber, si hay príncipes y otros magistrados legítimos entre los paganos [...], como si la impiedad impidiera el legítimo principado o poder. [...] A eso yo contesto: no cabe dudar que hay príncipes y señores legítimos entre los paganos, y que los príncipes cristianos o la Iglesia no tienen legitimidad para privarles de ese principado y poder invocando el motivo de que son infieles, a no ser que hayan sido objeto de injusticia. [...] El poder público es la facultad y autoridad o derecho de gobernar la república civil. Y, tal como mostré [...] los poderes públicos lo son por Dios, y por eso son justos y legítimos»⁷⁸.

⁷⁸ *Idem*, fol.314v, fol.315v-316r.

1559 – 1572

Universidade de Évora

1572 – 1595

Colégio de Jesus de Coimbra

FERNANDO

..

Fernando Pérez nasceu em Córdoba em 1530, tendo chegado a Évora em 1559, cidade onde fez o noviciado. Foi professor da cadeira de Véspera (1559-1567) e de Prima (1567-1572), tendo sido vice-reitor da Universidade de Évora no ano de 1567. Deixou a Universidade de Évora em 1572 para ensinar Teologia no Colégio de Jesus de Coimbra, onde permaneceu até 1595.

1559 – 1572

Universidad de Évora

1572 – 1595

Colegio de Jesús de Coímbra

PÉREZ

..

Fernando Pérez nació en Córdoba en 1530 y llega a Évora en 1559 para hacer el noviciado. Fue profesor en la cátedra de Vísperas (1559-1567) y de Prima (1567-1572) y llegó a ser Vice-rector de la Universidad de Évora en 1567, de donde partió en 1572 para enseñar Teología en el Colegio de Jesús de Coímbra, permaneciendo en él hasta 1595.

FERNANDO PÉREZ

Manuscrito

m. an. 1588.

In materiam de Bello a Pace
Doctore R. Ferdin. Perez

De hac ma theol. in 4. d. 15. D. Anton. 3. p. H. c. 2.
Alex. Alex. 3. q. 47. membro 3. & D. Thom. hae
Jurisperiti super Gratia. 23 q. Victor. in relectionido
de iudis insularis & de iure Belli, Cabrey 2. de iusta har.
punit cap. 14. Anton. Cordub. l. 1. quodh. q. 39. & 57. (suer.
2. p. relect. reg. peccatum S. 9. plurimos alios et referens.

Quidnam bellum sit, cum sit explicatu tam perutile quam
et difficile, necio quare mei theol. ferme intactum reliquer
int. Patet aut bellum a praelio hoc e certamine, & Bel
ligerantium congressu dirae, sicut recte annotavit Mai.
in 4. d. 15. q. 20. referens firum dicentem Romanos nul
lo quidem bello, in multis praelijs superatos fuisse.

De belli ior noine, & etimolo. utrum sc. bellum dicatur
quod res bella sit. i. bonum & illibere medium ad iniuriam
tribuendum, & finem pacis consequendum? an post quod
antiphrasim ita appetit qd. scum multa paenala mala
& incommoda afferat ite. agant latini

Se aut ipsa quavis bellum sicut & Bellare pro praelio
actu bellandi sequeuter usurpete in ut sumi a theol.
in praesentia bellum ita mihi describendum ut. sc. est dis
sidium illud quod cum summa principibus auctorit.
hobles ad vim armor. induit. Indicit inquam. i. pu
plicat. sicut n. de ratione legis est promulgatio, neq. antea
lex esse dicitur quae vim aut. roem legis habeat, quam sit slem
niter. publicata, ita neq. bellum est, neq. iuro. aut roem iudi
belli

1 O MEDO E A IGNORÂNCIA ANULAM O JURAMENTO DE FIDELIDADE DOS POVOS AMERICANOS

«Não constitui título legítimo de aquisição de domínio o ato de subjugar os índios por, persuadidos pelos espanhóis, responderem que lhes apraz serem súbditos do rei de Espanha: parece que respondem assim por medo, por a medrosa multidão ver à sua volta homens armados, por serem ignorantes e não saberem o que fazem e talvez nem o que os espanhóis querem deles. Todavia, se sem ignorância e medo, se fizer escolha de um príncipe cristão, com consentimento do príncipe infiel (se o tiverem), a escolha não é inválida ou ilícita. Se o príncipe infiel discordar, essa eleição só pode ser válida se ele for tirano, pois neste caso a república pode repudiá-lo.»⁷⁹

2 A AUTORIDADE DO ORBE EM DEFESA DOS INOCENTES: A PROTEÇÃO INTERNACIONAL DOS DIREITOS DA PESSOA HUMANA

«É contra o direito natural matar inocentes, quer indígenas quer estrangeiros, ou para comê-los ou para sacrificá-los aos ídolos. Pelo que, se se objetar que todos estes bárbaros consentem voluntária e livremente naquele ritual, e não se pratica injustiça contra quem anui, responde-se [...] que eles não têm por si direito para poderem entregar--se a si ou os seus à morte. *Em segundo lugar, responde-se que eles praticam uma gravíssima injustiça, pelo que podem ser vencidos por nós, que fazemos parte do género humano, na sua condição de injustíssimos agressores do género humano.*»⁸⁰

3 A INVOCAÇÃO DO CUMPRIMENTO DE ORDENS SUPERIORES NÃO ESCUSA OS SOLDADOS DA ACUSAÇÃO DE CRIME CONTRA O GÉNERO HUMANO

- 3.1** «Podem ser tão claros os indícios da injustiça de uma guerra que, de acordo com a usança humana, se segue que deve presumir-se a certeza da injustiça da guerra, e que no foro exterior os soldados, mesmo os de mais baixa graduação, não devem ser escusados, como tão-pouco no foro íntimo ou sacramental, se a ignorância da injustiça, depois de conhecida toda a situação, tiver sido totalmente grosseira.»⁸¹
- 3.2** «Todos, quer súbditos quer não súbditos, por maior diligência que primeiro se faça e boa-fé com que começarem a combater, são obrigados a desistir da guerra logo que tiverem a certeza de que a guerra é injusta.»⁸²

⁷⁹ Pérez, Fernando, *De bello*, ms. 3299 da BNP, Conimbricæ, 1588, ff. 217v-247v, transcrição paleográfica de Filipa Roldão. Excertos traduzidos do latim por António Guimarães Pinto. Sobre o passo selecionado: *Idem*, f. 231v.

⁸⁰ *Idem*, f. 228.

⁸¹ *Idem*, f. 236.

⁸² *Idem*, f. 237v.

1 EL MIEDO Y LA IGNORANCIA ANULAN EL JURAMENTO DE FIDELIDAD DE LOS PUEBLOS AMERICANOS

«No constituye título legítimo de adquisición de dominio el acto de subyugar los indios que, persuadidos por los españoles, contestan que les complace ser súbditos del rey de España: según parece, contestan de esta manera porque tienen miedo, porque la miedosa muchedumbre ve a hombres armados a su alrededor, porque son ignorantes y no saben lo que hacen y quizás tampoco lo que quieren de ellos los españoles. Todavía, en caso de elegirse, sin ignorancia ni miedo, un príncipe cristiano, con consentimiento del príncipe infiel (si es que tienen uno), la elección no es inválida o ilícita. En caso de que el príncipe infiel discrepe, dicha elección será válida únicamente si se trata de un tirano, puesto que en este caso la república puede repudiarlo»⁷⁹.

⁷⁹ Pérez, Fernando, *De bello*, ms. 3299 da BNP, Conimbricæ, 1588, ff. 217v-247v / f. 231v. Traducción de José Luis Pérez.

2 LA AUTORIDAD DEL ORBE EN DEFENSA DE LOS INOCENTES: LA PROTECCIÓN INTERNACIONAL DE LOS DERECHOS DE LA PERSONA HUMANA

«Es contra el derecho natural matar inocentes, ya sea indígenas o extranjeros, o para comerlos o sacrificarlos a los ídolos. De suerte que, si se objeta que todos estos bárbaros consienten voluntaria y libremente en dicho ritual, y no se practica injusticia contra quien accedió, contestamos [...] que ellos no tienen el derecho por sí a poder entregarse a sí mismos o a entregar a los suyos a la muerte. *En segundo lugar, contestamos que practican una gravísima injusticia, de manera que pueden ser vencidos por nosotros, que pertenecemos al género humano, en su condición de injustísimos agresores del género humano*»⁸⁰.

269

⁸⁰ *Idem*, f. 228.

3 ALEGAR EL CUMPLIMIENTO DE ÓRDENES SUPERIORES NO EXIME A LOS SOLDADOS DE LA ACUSACIÓN POR CRIMEN CONTRA EL GÉNERO HUMANO

- 3.1 «Los indicios de injusticia de una guerra pueden ser de tal modo claros que, de conformidad con la usanza humana, resulta necesario suponer la certeza de la injusticia de la guerra, y que en el foro externo, los soldados, incluso los de graduación más baja, no han de ser excusados, así como tampoco en el foro interno o sacramental, en caso de que la ignorancia de la injusticia, tras conocerse la situación, haya sido totalmente grosera»⁸¹.
- 3.2 «Todos, ya sean súbditos o no súbditos, por mayor que sea la diligencia que se haga primero y la buena fe con la que comiencen a combatir, están obligados a desistir de la guerra tan pronto como tengan la certeza de que la guerra es injusta»⁸².

⁸¹ *Idem*, f. 236.

⁸² *Idem*, f. 237v.

É contra o Direito Natural matar inocentes, quer indígenas quer estrangeiros, ou para comê-los ou para sacrificá-los aos ídolos. Pelo que, se se objetar que todos estes bárbaros consentem voluntária e livremente naquele ritual, e não se pratica injustiça contra quem anui, responde-se [...] que eles não têm por si direito para poderem entregar-se a si ou os seus à morte. Em segundo lugar, responde-se que eles praticam uma gravíssima injustiça, pelo que podem ser vencidos por nós, que fazemos parte do género humano, na sua condição de injustíssimos agressores do género humano.

..

Es contra el Derecho Natural matar inocentes, ya sea indígenas o extranjeros, o para comerlos o sacrificarlos a los ídolos. De suerte que, si se objeta que todos estos bárbaros consienten voluntaria y libremente en dicho ritual, y no se practica injusticia contra quien accedió, contestamos [...] que ellos no tienen el derecho por sí a poder entregarse a sí mismos o a entregar a los suyos a la muerte. En segundo lugar, contestamos que practican una gravísima injusticia, de manera que pueden ser vencidos por nosotros, que pertenecemos al género humano, en su condición de injustísimos agresores del género humano.

FERNANDO PÉREZ

De Belo, fol. 228



Paulo Lourenço · Entre Mundos · Tinta acrílica, carborundo e cola sobre papel japonês / Tinta acrílica, carbon redondo y cola sobre papel japonês · 70 x 48 cm · 2013

4 OS SOLDADOS SÃO CULPADOS, POIS A SUA CONDIÇÃO NÃO É A DE CARRASCOS

«Mas objeta-se em sentido contrário, porque o soldado súbdito não é menos agente da justiça do que o carrasco, e o rei que declara guerra não é menos juiz do que o pretor que pronuncia a sentença de matar [...]. Parece-me que esta argumentação causa embaraços aos varões sábios por não prestarem atenção desde os fundamentos ao motivo da diferença. É que, de facto, o carrasco é obrigado a executar a sentença pronunciada de acordo com alegações e provas, porque, quer a sentença seja justa por parte do réu, quer não, é proferida de acordo com alegações e provas por um verdadeiro juiz contra um verdadeiro súbdito, visto que nem o réu é vassalo do juiz nem quem pronuncia a sentença é juiz como consequência da justiça da própria causa, mas a função vem-lhe de outra pessoa, ou seja, da nomeação do rei, que pôde também existir antes daquela causa. Ora, na verdade, nem o príncipe que declara a guerra contra um príncipe adversário é juiz dele, nem o príncipe adversário se torna seu súbdito.»⁸³

⁸³ *Idem*, f. 237.

5 OS CRIMES CONTRA A LEI NATURAL NÃO CONSTITUEM TÍTULO LEGÍTIMO DE CONQUISTA OU OCUPAÇÃO

«Se esta causa de guerra for explicada por quaisquer pecados dos infieis contra a natureza ou o direito natural, embora por pecados contra a natureza tais que com eles não se faz injustiça nem contra o direito dos inocentes, nem da Igreja, nem da religião cristã, não há razão pela qual possa defender-se como justa causa, ainda que “a condição” deles seja de infidelidade ou idolatria. É que não é lícito fazer guerra por motivo de injustiça e iniquidade dos nossos cometida contra o Direito; além disso, por causa de pecados contra a natureza que não tolhem nem impedem o nosso direito, ou o dos inocentes ou o da Igreja ou o da religião católica. Logo, em razão daqueles pecados a nenhum príncipe cristão é lícito fazer guerra, por mais que a autoridade papal se interponha, porque o poder da Igreja não se estende até aos infieis e idólatras que se encontram fora da Igreja.»⁸⁴

⁸⁴ *Idem*, f. 227.

6 A IDOLATRIA NÃO É TÍTULO LEGÍTIMO DE GUERRA

«Respondo: porque a Deus omnipotente não foi necessário dar-nos o direito de tomarmos vingança das injustiças perpetradas contra Ele. Todavia foi necessário dar-nos a nós homens o direito de podermos castigar as injustiças contra nós praticadas. É que assim mais se tornam patentes a Sua paciência, a Sua omnipotência e a compaixão que tem de nós. Nós precisamos do direito que Deus nos dá para defendermos o nosso direito, ao passo que com Deus omnipotente não se passa assim.»⁸⁵

⁸⁵ *Idem*, f. 229v.

4 LOS SOLDADOS SON SUSCEPTIBLES DE CULPA, PUES SU CONDICIÓN NO ES LA DE VERDUGOS

«Pero se objeta en sentido contrario, al no ser el soldado súbdito menos agente de la justicia que el verdugo, y al no ser el rey que declara guerra menos juez que el pretor que promulga la sentencia de matar [...]. Me parece que esta argumentación estorba a los varones sabios, dado que no atienden desde los fundamentos al motivo de la diferencia. Y es que, de hecho, el verdugo está obligado a ejecutar la sentencia promulgada de conformidad con alegaciones y pruebas porque, sin que importe si la sentencia es justa de parte del reo, resulta promulgada de conformidad con alegaciones y pruebas por un verdadero juez contra un verdadero súbdito, puesto que ni el reo es vasallo del juez, ni quien promulga la sentencia es juez como consecuencia de la justicia de la propia causa, pero su función procede de otra persona, es decir, del nombramiento que hace el rey, que pudo asimismo existir antes de dicha causa. Pues bien, en realidad, ni el príncipe que declara la guerra contra un príncipe adversario es juez de éste, ni el príncipe adversario se convierte en súbdito suyo»⁸³.

⁸³ *Idem*, f. 237.

5 LOS CRÍMENES CONTRA LA LEY NATURAL NO SON TÍTULO LEGÍTIMO PARA LA CONQUISTA U OCUPACIÓN

«Si se explica esta causa de guerra por cualesquiera pecados de los infieles contra la naturaleza o el Derecho natural, aunque por pecados contra la naturaleza tales que con ellos no se haga injusticia ni contra el derecho de los inocentes, ni de la Iglesia, ni de la religión cristiana, no hay motivo con el que pueda defenderse como causa justa, aunque “la condición” de aquéllos sea de infidelidad o idolatría. Puesto que no es lícito hacer guerra por motivo de injusticia e iniquidad de los nuestros cometida contra el Derecho; además, por efecto de pecados contra la naturaleza que no tullen ni impidan nuestro derecho o el de los inocentes, o el de la Iglesia, o el de la religión católica. Por ende, en virtud de esos pecados, a ningún príncipe cristiano es lícito hacer guerra, por más que se interponga la autoridad papal, porque el poder de la Iglesia no se extiende a los infieles e idólatras que se encuentran fuera de la Iglesia»⁸⁴.

273

⁸⁴ *Idem*, f. 227.

6 LA IDOLATRÍA NO ES TÍTULO LEGÍTIMO PARA LA GUERRA

«Contesto: porque Dios omnipotente no tuvo necesidad de darnos el derecho de vengarnos de las injusticias perpetradas contra Él. Pero fue necesario darnos a nosotros, hombres, el derecho de poder castigar las injusticias practicadas contra nosotros. Pues de este modo se hacen más manifiestas *Su paciencia*, *Su omnipotencia* y la compasión que siente por nosotros. Necesitamos el derecho que nos

7 O ARGUMENTO DE INFERIORIDADE CIVILIZACIONAL NÃO JUSTIFICA A GUERRA NEM A ESCRAVATURA

«Francisco Vitoria coloca a dificuldade de saber se é lícito subjugar aqueles bárbaros que vivem sem governantes e comunidade política ao modo dos animais selvagens, tal como em algumas partes se encontram alguns africanos, indígenas do Brasil e outros. Mas só por esse título de que são excessivamente bárbaros de forma alguma é lícito combatê-los e subjugá-los, porque, se não cometem injustiça contra nós, não há motivo para termos direito para atacá-los ou, através da força ou medo, obrigá-los a serem súbditos de um príncipe cristão, e embora lhes fosse proveitosa a sujeição, não cumpre todavia que se *faça o mal para que venha o bem* (Rm 3, 8).»⁸⁶

⁸⁶ *Idem*, f. 230.

8 NÃO HÁ ESCRAVATURA POR NATUREZA

«Quanto ao que diz Aristóteles, *Política*, c. 1, que certos homens são escravos por natureza, tal deve entender-se não porque por natureza exista escravidão, como geralmente se aceita a escravidão, mas porque por sua natureza são de tal maneira rudes e boçais que mais devem servir e ser dirigidos do que senhorearem; caso contrário seria lícito obrigar à escravidão homens por sua natureza não menos boçais que por vezes nascem entre nós.»⁸⁷

⁸⁷ *Idem*, f. 228.

9 OS ESCRAVOS, APRISIONADOS NA GUERRA, PODEM FUGIR: O DIREITO DE REGRESSO À PÁTRIA

9.1 «Os que forem reduzidos à escravidão por terem sido aprisionados em guerra justa da parte dos vencedores, pelo *direito de regresso à pátria* poderiam tornar-se livres, de tal maneira fugindo que cruzassem as fronteiras dos inimigos.»⁸⁸

⁸⁸ *Idem*, f. 245.

9.2 «O direito de tornar à pátria é o direito de recuperar, de um estrangeiro, uma coisa perdida e de restituí-la no primitivo estado [...]. O sentido é: se na guerra uma coisa for tomada pelos inimigos e por isso levada para fora das fronteiras dos nossos reinos, se depois voltar para nós é reconduzida ao primitivo estado que anteriormente possuía na nossa posse.»⁸⁹

⁸⁹ *Idem*, f. 255v.

concede Dios para que defendamos nuestro derecho, mientras que con Dios omnipotente esto no sucede así»⁸⁵.

⁸⁵ *Idem*, f. 229v.

7 EL ARGUMENTO DE INFERIOR CIVILIZACIÓN NO JUSTIFICA LA GUERRA NI LA ESCLAVITUD

«Francisco de Vitoria levanta la dificultad de saber si es lícito subyugar a esos bárbaros que viven sin gobernantes y comunidad política a la manera de los animales salvajes, tal y como en algunas partes se encuentran algunos africanos, indígenas del Brasil y otros. Pero con sólo ese título de excesivamente bárbaros no resulta de ningún modo lícito combatirlos y subyugarlos, puesto que si no cometen injusticia contra nosotros no hay motivo para que tengamos derecho de atacarlos o, valiéndonos de la fuerza o del miedo, obligarlos a ser súbditos de un príncipe cristiano, y aunque la sumisión les fuera provechosa, no cabe sin embargo *hacer lo malo para que venga lo bueno* (Rm 3, 8)»⁸⁶.

⁸⁶ *Idem*, f. 230.

8 NO HAY ESCLAVITUD POR NATURALEZA

«Respecto a lo que dice Aristóteles, *Política*, c. 1, que algunos hombres son esclavos por naturaleza, eso ha de entenderse no porque exista por naturaleza esclavitud, tal y como generalmente se acepta la esclavitud, sino más bien porque por naturaleza son a tal punto rudos e incultos que en lugar de señorear deben servir y ser dirigidos; de no ser así, sería lícito obligar a la esclavitud a hombres que por su naturaleza son menos incultos, que de vez en cuando nacen entre nosotros»⁸⁷.

275

⁸⁷ *Idem*, f. 228.

9 LOS ESCLAVOS TOMADOS EN LA GUERRA, PUEDEN HUIR: EL DERECHO DE REGRESO A LA PATRIA

- 9.1 «Quienes sean reducidos a la esclavitud por haber sido hecho prisioneros en guerra justa de parte de los vencedores, podrían hacerse libres por *el derecho de volver a la patria*, huyendo de tal manera que pasasen las fronteras de los enemigos»⁸⁸.
- 9.2 «El derecho de volver a la patria es el derecho que tiene un extranjero a recuperar algo que se ha perdido y restituirlo en su primitivo estado [...]. El sentido es: si en la guerra algo fuera tomado por los enemigos y por eso mismo llevado fuera de las fronteras de nuestros reinos, en caso de que vuelva a nosotros resulta reconducido al primitivo estado que poseía antes en nuestra posesión»⁸⁹.

⁸⁸ *Idem*, f. 245.

⁸⁹ *Idem*, f. 255v.

1568 – 1583

Universidade de Évora

LUIS

..

Luís de Molina nasceu em Cuenca em 1535 e faleceu em Madrid, no ano de 1600. Estudou Jurisprudência em Salamanca e Filosofia em Alcalá de Henares. Ingressou na Companhia de Jesus em 1553 e fez o noviciado em Coimbra. Coursou o Colégio das Artes de Coimbra durante os anos de 1554-1558 a que se seguiram três anos de Teologia

na Universidade de Coimbra (1558-1561) e depois um último ano na Universidade de Évora, na qual se doutorou, no ano de 1571. Iniciou o seu magistério na Universidade de Évora em 1563, onde foi sucessivamente titular das cadeiras de Véspera (1568-1572) e de Prima (1572- 1583), tendo, neste último caso, sucedido a Fernão Pérez.

1568 – 1583
Universidad de Évora

DE MOLINA

..

Luís de Molina nació en Cuenca en 1535 y falleció en Madrid, en 1600. Estudió Jurisprudencia en Salamanca y Filosofía en Alcalá de Henares. Ingresó en la Compañía de Jesús en 1553 haciendo su noviciado en Coímbra. Estudió en el Colegio de Artes de Coímbra durante los años 1554-1558, prosiguiendo con tres años más de Teología

en la Universidad de Coímbra (1558-1561) y un último año más en la de Évora, donde se doctoró en 1571. Su magisterio comienza en esa misma Universidad en 1563, como titular, sucesivamente, de las cátedras de Vísperas (1568-1572) y de Prima (1572-1583). En ésta última sucedió a Fernando Pérez.

LUIS DE MOLINA

Manuscrito

1
Annotations in Secundam Secundam
Dini Thoma à Doctore Ludovico
Molina dictata.



Disputatum est prima 2^a de actibus humanis, virtutibus
& vitijs in generali & alijs que ad m^{am} Moralem in utri-
usque spectant: nunc vero convenientissimo ordine in hac 2^a
2^a tradit D. Th. materiam moralem in particulari, & pri-
mo usq; ad q. 171. disputat de virtutibus & vitijs in parti-
culari. Deinde v^o in reliquo huius operis disputat de
his que pertinent ad varios status hominū. Intra den-
dis v^o virtutibus hoc ordine proceditur, ut primò disputet
de tribus Theologalibus. Deinde v^o de 4^{or} Cardinalibus
ad quas cetera moralia reduuntur. Intra eadem autem
utraq; hanc virtutum hunc ordine tenet, ut prius
disputet de ipsa virtute. 2^o de dono aut donis que ei
respondent, ubi simul legit disputem virtutum intel-
lectualium. 3^o de vitio aut vitijs oppositis. 4^o de precep-
tis que sunt circa salutem virtutem, & quinto de virtu-
tibus sique sunt que ad talem virtutem referuntur, & de
vitijs oppositis. Primo q^o loco disputat de fide que e
ceterarū Theologalium virtutum fundamentum.

De varijs acceptionibus fidei & lingua
acceptione hoc loco vsurpetur. Diss. i.

Varie sunt vocabuli fides significes, quarū cognitio
non parum conducit ad intelligentiam scripturarū. Pri-
mo q^o fides, ut autor e^t Iulianus i^o lib. officiorū e^t didicorū
conventorumq; constantia & veritas, atq; ut ibi ait d^o
a fide & dico, quasi fiat quod d^o, estq; fundamentum

4. cap. qui curq. 88. in hunc modum de sacret. lib. 6. p. dicit
omne & laicos publice vel private de fide catholica
disputare, et addit, qui contrarium fecerit, ex cois
laqueo innotetur, et licet glossa eo in loco nomine lai
cois intelligat illiteratos, et nomine clericos literatos mo
re tramontanoz qui illiteratos laicos vocat & li
teratos clericos, nihilominus nomina iuxta eam de
sententiam in sua propria & coepta signoe sumenda
sunt. quia enim deo respicit quod cois e, et peri
tia eorum qua sunt fidei, et debet et respicit in cle
ricis et no in laicis, optimo iure summus Pont. p. dicit
laicis in univ. sum disputare de rebz fidei, no
obstante quod inter eos aliquis ad id idoneus reperiat.
Solu. s. disputatio et quidam alij putant peccatum e
M. laicos disputare de rebz fidei no solum cum sacretis
et infidelibz sed et in coeptis disputibz inter fideles
motu & prohibitione illegit. Dicendum e nihil
ominus. cum castus lib. 1. de in sa sacretioz punitioe
cap. 19. illo in cap. solum p. dicitur de rebz fidei
et in fidelibz de rebz fidei, tum quia (ut hic et ad
verit. caret) illa simplex respicitur disputatio de fide
Catholica qua vere in dubium vocantur res fidei
disputantesqz verbis et animis dissident circa ea
que sunt fidei, disputatoes vero coes que fiunt
inter fideles ex coeptis gra, potius sut instructioes
de illaz atqz imitationes quoddam earu, cum dispu
tantes animis coeformes sint, tum et quia totum
Cap. manifeste loquitur de sacretis, in de
disputatoe cum illis intelligendus venit. s. ille

In

In uniuersum & Laicis prohibetur sub reatu peccati. m.
 disputare cum hereticis & infidelibus de fide catholica, quando
 quidem apponitur pena excois que derogat inobiam ec. p. m.
 Si quis tamen contra preceptum illud disputaret, non est ex
 coicatus, quia excois illa, ut aperte patet ex verbis capitij no
 est lata sententia sed ferenda. Possent et hoijs excusari
 a culpa mortali propter ignorantiam prohibitionis illius cap. que
 utp. luxuriam erit probabilis seu inuincibilis

Illud e aduertendum quod in casu necessitatis, ut si here
 tici prouocarent Catholicos et insultarent illis, neqz adesse
 clerici docti qui se opponerent illis, no solum est laicum
 laicis doctis se opponere hereticis, et aduersus illos disputare,
 sed et ad id tenentur, petita facultate si daretur locus
 illam petendi ab eo qui preceptum illud dispensare aut inter
 pretari posset, aut etiam no petita si nondaretur locus, sed
 interpretando preceptum per Episcopum, quod in eo euentu no
 est magis legislatoris obligare. Cum u nulla sit prohibitio le
 gis uel inuis positiui que prohibeat laicos exercitj gra dispu
 tate de rebus fidei inter fideles, pat nullum ee peccatu
 si laici docti de hmoi rebus inter fideles disputet, imperit u
 arceri sunt ab hmoi disputationibus, quandoquidem sine pericu
 lo erroris atqz a bonis in commodis hoc no valent disputare

Ar. 8.

Utrum infideles sint compellendi ad fide?

Infidelium quidam sunt qui fidem nunq suscepunt, ut
 Iudei, Mahometani, & gentiles, quidam u qui fide ali
 quando seceperunt & pessi sunt in baptismo ut Sarcini et
 Apostatae, & de istis qd dicendum e.

Quod exgratinet ad primos Scotj in 4 d. 4 q. 9 que 2.

1 A FÉ RESULTA DE UMA DECISÃO LIVRE

«Não é lícito obrigar nenhum destes infiéis a abraçar a fé nem a receber o batismo, ou fazer-lhes guerra por esse motivo ou subjugar-los [...]. E confirma-se esta razão por ser a Igreja cristã, cuja cabeça é o Sumo Pontífice vigário de Cristo, uma república espiritual que visa um fim sobrenatural. Portanto, embora tenha o direito de se propagar, acolhendo todos os que voluntariamente queiram receber a fé que hão de professar, (pois Cristo quer que sejam voluntários os seus ministros e os membros desta Igreja), embora tenha o direito de os chamar a si pela pregação do Evangelho e também de repelir e vingar as ofensas que lhe são feitas, à semelhança das outras repúblicas, todavia, sobre os que não lhe pertencem e nunca lhe pertenceram, não se vê que tenha poder de coação, tanto mais que nas Escrituras não consta que Cristo lho tenha outorgado (antes pelo contrário), e Deus deixou os homens entregues a si mesmos no que respeita a alcançar a vida eterna e a seguir a fé e aos meios que a ela conduzem. Segue-se, portanto, que a Igreja e os seus ministros não podem obrigar ninguém a abraçar à fé.»⁹⁰

2 O PRIMADO DA PAZ

«A via das armas entrou no mundo por não se conseguir convencer por meio da razão; mas a nossa santíssima lei venceu o mundo só pela força da verdade, através de homens inofensivos, pobres e mansos [...]. E evidentemente, como a nossa fé é superior à luz natural, se fosse pregada com violência, os homens seriam obrigados a abraçá-la, e seria considerada como tirania e invenção do diabo, contrária à luz natural, por não se ter encontrado meio mais santo do que a força para a poder introduzir no mundo.»⁹¹

3 A FUNDAMENTAÇÃO JUSNATURALISTA DO PODER POLÍTICO

«Pelo simples facto de os homens terem concordado em constituir o corpo do Estado, nasce por direito natural o poder deste Estado sobre os seus membros para seu governo, legislação, administração da justiça e castigo.»⁹²

4 A LEGITIMIDADE DAS SOBERANIAS INDÍGENAS

- 4.1 «A graça e a fé aperfeiçoam a natureza, mas não a contradizem, por isso, se os homens antes de receberem a fé de Cristo eram reis [...], em virtude do poder conferido pela república, que o possui por direito natural, é evidente que ao receberem a fé não perdem de modo algum aquele poder e domínio, ainda que quando pelo seu ingresso na Igreja se submetam ao Sumo Pontífice.»⁹³

⁹⁰ Molina, Luís de, *Utrum infideles sint compellendi ad fidem*, ms. 1851, ff. 192r-201v, da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, tradução do latim de Luís Machado de Abreu. Sobre o passo selecionado: op. cit., fol. 194v. (Este manuscrito é o comentário de Molina à *Suma Teológica* de Tomás de Aquino, II. II, q. 1-46, e consiste nas explicações dadas em aula, na Universidade de Évora, nos cursos académicos de 1573-74 e 1574-75).

⁹¹ *Idem*, fol. 197r.

⁹² Molina, Luís de, *De iustitia et iure*, tomo I, volumes I e III, Cuenca, 1593, tradução do latim de Giampaolo Abbate, revisão e seleção de Pedro Calafate. Sobre o passo selecionado: *Idem*, tomo I, liv. I, disp. XXII.

⁹³ *Idem*, tomo I, liv. I, disp. XXIX.

1 LA FE SE ACEPTA POR DECISIÓN LIBRE

«No es lícito obligar a ninguno de estos infieles a abrazar la fe ni a recibir el bautismo, o hacerles guerra por este motivo o subyugarlos [...]. Y esta razón se confirma por ser la Iglesia cristiana, cuya cabeza es el Supremo Pontífice vicario de Cristo, una república espiritual que tiene en vistas una finalidad sobrenatural. Por lo tanto, pese a tener el derecho de propagarse, acogiendo a todos aquellos que voluntariamente quieran recibir la fe que han de profesar, (dado que Cristo quiere que los ministros y miembros de esta Iglesia sean voluntarios), pese a tener el derecho de llamarlos a ella por la predicación del Evangelio y asimismo de repeler y vengar las ofensas que le son hechas, a semejanza de otras repúblicas, sin embargo, sobre aquellos que no le pertenecen y jamás pertenecieron, no se ve que tenga poder de coacción, tanto más que en las Escrituras no se dice que Cristo se lo haya otorgado (más bien al contrario), y que hizo a los hombres responsables en lo que concierne a alcanzar la vida eterna y seguir la fe, y a los medios que conducen a ella. Resulta, por lo tanto, que la Iglesia y sus ministros no pueden obligar nadie a abrazar la fe»⁹⁰.

2 EL PRIMADO DE LA PAZ

«La vía de las armas entró en el mundo porque no se logró convencer por medio de la razón; pero nuestra santísima ley sólo venció el mundo por la fuerza de la verdad, a través de hombres inofensivos, pobres y mansos [...]. Y evidentemente, al ser nuestra fe superior a la luz natural, en caso de que fuera predicada con violencia los hombres estarían obligados a abrazarla y sería considerada como tiranía e invención del diablo, contraria a la luz natural, por no haberse encontrado un medio más santo que el de la fuerza para poder introducirla en el mundo...»⁹¹.

3 LA FUNDAMENTACIÓN JUSNATURALISTA DEL PODER POLÍTICO

«Por el simple hecho de que los hombres acordaron constituir el cuerpo del Estado, nace por derecho natural el poder de este Estado sobre sus miembros con vistas a su gobierno, legislación, administración de justicia y castigo»⁹².

4 LA LEGITIMIDAD DE LAS SOBERANÍAS INDÍGENAS

- 4.1 «La gracia y la fe perfeccionan la naturaleza, pero no la contradicen, por ello, si los hombres eran reyes antes de recibir la fe de Cristo [...], en virtud del poder conferido por la república, la cual lo posee por derecho natural, resulta evidente que al recibir la fe no pierden

⁹⁰ Molina, Luís de, *Utrum infideles sint compellendi ad fidem*, ms. 1851, ff. 192r-201v, de la Biblioteca General de la Universidad de Coímbra (antes ms. T 18), fol. 194v. (Este manuscrito es el comentario de Molina a la *Suma Teológica de Tomás de Aquino*, II, II, q. 1-46, y consiste en las explicaciones dadas en clase, en la Universidad de Évora, en los años lectivos de 1573-74 y 1574-75). Traducción de José Luis Pérez.

⁹¹ *Idem*, fol. 197r.

⁹² Molina, Luís de, *De Iustitia et Iure*, tomo I, volúmenes I y III, Cuenca, 1593, tomo I, lib. I, disp. XXII. Tradução de J. L. Pérez.

- 4.2** «Não há nada que se oponha a que as nações infiéis tenham verdadeiros reis que sobre elas exerçam o seu domínio, assim como os demais poderes legítimos. Diga-se o mesmo da licitude do domínio dos infiéis sobre as coisas que possuem como próprias enquanto pessoas particulares. Portanto, tanto o domínio de jurisdição como o de propriedade são comuns a todo o género humano e o seu fundamento não é a fé nem a caridade.»⁹⁴

⁹⁴ *Idem*, tomo I, liv II, disp. XXVII.

5 NEM O IMPERADOR NEM O PAPA SÃO SENHORES DO MUNDO

«Nem o imperador é senhor do mundo, nem o Sumo Pontífice; e ainda que o Papa tenha pleníssimo poder sobre os membros da Igreja, inclusive no temporal quando tal seja necessário ao fim sobrenatural, carece em absoluto de poder sobre os infiéis que ainda não entraram no grémio da Igreja. Portanto, é evidente que pelo facto de algumas nações não obedecerem ao Sacro Império, ou pelo facto de serem infiéis e se negarem a abraçar a fé, não há justa causa para que o imperador ou o Papa lhes declarem guerra ou os obriguem a entrar no grémio da Igreja.»⁹⁵

⁹⁵ *Idem*, tomo I, livro III, disp. CV.

6 O ARGUMENTO DE INFERIORIDADE CIVILIZACIONAL NÃO JUSTIFICA A GUERRA NEM A ESCRAVATURA

«Nem sequer cumpre discutir se é justa causa de guerra submeter uma nação por ser bárbara ou incivilizada e mais própria para ser governada por outros e educada nos bons costumes do que para reger-se a si mesma. Mesmo quando não faltem autores que afirmem ser esta razão suficiente para submeter todos os brasileiros e os demais habitantes do Novo Mundo, assim como os africanos, reduzindo-os à escravidão, sendo que, como escravos, todos os seus bens passariam para os seus senhores, sendo privados das suas terras. Como já referi, de maneira alguma estamos perante causa suficiente para legitimar a escravidão.»⁹⁶

⁹⁶ *Idem*, tomo I, livro III, disp. CV.

7 A IDOLATRIA E OS CRIMES CONTRA A LEI NATURAL NÃO CONSTITUEM TÍTULOS LEGÍTIMOS DE CONQUISTA OU OCUPAÇÃO

- 7.1** «Nem pelo crime de idolatria nem por outros pecados que se oponham à luz natural é lícito ao Sumo Pontífice ou ao imperador ou a qualquer outro príncipe que não tenha jurisdição sobre eles castigar estes povos, declarando-lhes guerra, desde que esses crimes não suponham injúria contra os inocentes. [...] Confirma-se porque assim como ao rei das Espanhas não incumbe castigar os pecados que se cometem em França, porque não tem jurisdição sobre os franceses, também não corresponde ao Papa ou ao imperador nem a qualquer outro príncipe que careça de jurisdição

de ningún modo dicho poder y dominio, aunque se sometan al Sumo Pontífice al ingresar en la Iglesia»⁹³.

⁹³ *Idem*, tomo I, lib. I, disp. XXIX.

- 4.2** «Nada obsta a que las naciones infieles tengan verdaderos reyes que sobre ellas desplieguen su dominio, así como los demás poderes populares legítimos. Dígase lo mismo de la licitud del dominio de los infieles sobre las cosas que poseen como propias en calidad de personas particulares. De suerte que tanto el dominio de jurisdicción como el de propiedad son comunes a todo el género humano y su fundamento no es la fe ni la caridad»⁹⁴.

⁹⁴ *Idem*, tomo I, lib. II, disp. XXVII.

5 NI EL EMPERADOR NI EL PAPA SON LOS SEÑORES DEL MUNDO

«Ni el imperador es señor del mundo, ni el Sumo Pontífice lo es; y aunque el Papa posea plenísimo poder sobre los miembros de la Iglesia, incluso en lo temporal cuando tal sea necesario al fin sobrenatural, está absolutamente falto de poder sobre los infieles que no entraron todavía en el gremio de la Iglesia. Por lo tanto, resulta evidente que por el hecho de que algunas naciones no obedecen al Sacro Imperio, o por el hecho de ser infieles y recusarse a abrazar la fe, no hay justa causa para que el imperador o el Papa les declaren guerra u obliguen a entrar en el gremio de la Iglesia»⁹⁵.

⁹⁵ *Idem*, tomo I, libro III, disp. CV.

6 EL ARGUMENTO DE INFERIOR CIVILIZACIÓN NO JUSTIFICA LA GUERRA NI LA ESCLAVITUD

«Ni siquiera cabe discutir si es justa causa de guerra someter una nación por ser bárbara o incivilizada y más propia para ser gobernada por otros y educada en las buenas costumbres que para regirse a sí misma. Aunque no falten autores que afirman que se trata de una razón suficiente para someter a todos los brasileños y demás habitantes del Nuevo Mundo, así como a los africanos, reduciéndolos a la esclavitud, y que, en cuanto esclavos, todos sus bienes pasarían a las manos de sus señores, siendo privados de sus tierras. Como he dicho, no nos encontramos en absoluto ante una causa suficiente para legitimar la esclavitud»⁹⁶.

⁹⁶ *Idem*, tomo I, libro III, disp. CV.

7 LA IDOLATRÍA Y LOS CRÍMENES CONTRA LA LEY NATURAL NO CONSTITUYEN TÍTULOS LEGÍTIMOS PARA LA CONQUISTA O LA OCUPACIÓN

- 7.1** «Ni por el crimen de idolatría ni por otros pecados que se opongan a la luz natural resulta lícito al Sumo Pontífice o al Emperador, o a cualquier otro príncipe sin jurisdicción sobre ellos, castigar a esos pueblos, declarándoles guerra, con tal de que esos crímenes no supongan injuria contra los inocentes. [...] Esto se confirma porque, si no cabe al Rey de las Españas castigar los pecados cometidos en Francia, al no tener jurisdicción sobre los franceses,

Não é lícito obrigar nenhum destes infiéis a abraçar a fé nem a receber o batismo, ou fazer-lhes guerra por esse motivo ou subjugá-los.

..

No es lícito obligar ninguno de estos infieles a abrazar la fe ni a recibir el bautismo, o hacerles guerra por este motivo o subyugarlos.

LUIS DE MOLINA,

Utrum infideles sint compellendi ad fidem, ms. 1851, ff. 192r-201v,
da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra



sobre estes infieis castigar os seus pecados, que apenas supõem ofensa a Deus e prejuízo para os mesmos pecadores.»⁹⁷

⁹⁷ *Idem*, tomo I, liv. III, disp. CVI

- 7.2** «O mesmo sucede com os pecados contra a lei natural [...]. O juízo e castigo não compete à autoridade eclesiástica senão a Deus. Logo nem o Papa nem qualquer outro que não tenha jurisdição sobre eles poderá castigar os seus pecados, enquanto apenas suponham ofensa a Deus e dano para os próprios pecadores.»⁹⁸

⁹⁸ *Idem*, tomo I, liv. III, disp. CVI

8 A AUTORIDADE DO ORBE EM DEFESA DOS INOCENTES: A PROTEÇÃO INTERNACIONAL DOS DIREITOS DA PESSOA HUMANA

«É lícito impedir que os infieis e quaisquer outros homens cometam pecados que suponham injúria aos inocentes. E se não quiserem abster-se destes crimes, será lícito declarar-lhes guerra por esta causa, nos termos do direito bélico, sem necessidade de autorização do Papa. É o caso do sacrifício de inocentes, ou o dar-lhes morte para se alimentarem das suas carnes, ou o assassinio e opressão através de leis tirânicas.

Devemos impedi-lo de qualquer modo que seja, pois qualquer homem pode, por direito natural, e sobretudo os príncipes, defender os inocentes da tirania e da opressão. [...]. E não importa que os mesmos bárbaros súbditos desejem estes costumes e sacrifícios, não querendo que os estrangeiros façam guerra por esta causa, pois qualquer um pode livrar outro da morte, mesmo contra a sua vontade, incluindo o que procura matar-se a si mesmo, como é notório. Observe-se, não obstante, que esta guerra não se declara para recuperar algo nosso, nem para vingar injúrias próprias, mas para defender os inocentes enquanto pertencem ao género humano, não sendo lícito a quem declara a guerra apoderar-se dos bens do adversário.»⁹⁹

⁹⁹ *Idem*, tomo I, liv. III, disp. C.

9 A LIMITAÇÃO DA ESCRAVATURA PELA NATUREZA E PELO DIREITO

- 9.1** «A servidão não tem a sua origem na natureza nem na constituição das coisas, pois todos os homens nascem livres e iguais, mas podem dar-se certos títulos legítimos em virtude dos quais se institua justamente.»¹⁰⁰

¹⁰⁰ *Idem*, tomo I, liv. I, disp. XXII.

- 9.2** «1.º Direito da Guerra [...] comutando-se a pena de morte em servidão perpétua [...]. 2.º Quando alguém é condenado à escravidão por algum delito que, segundo o arbítrio prudente de uma autoridade legítima, seja digno de tal pena [...]. 3.º Compra e venda [...], pois o homem é senhor da sua liberdade e, portanto, atendendo apenas ao direito natural, pode aliená-la, fazendo-se a si próprio escravo [em estado de necessidade extrema] e além disso, por direito natural, os pais podem vender os seus filhos em caso de necessidade extrema [...] e de gravíssima pobreza e miséria, caso contrário será nula a alienação da liberdade [...]. 4.º Condição de nascimento. Com efeito, o que nasce de mãe escrava será escravo, porque *o parto segue o ventre*.»¹⁰¹

¹⁰¹ *Idem*, tomo I, liv. I, disp. XXXII.

de la misma manera no corresponde al Papa o al Imperador, ni a ningún otro príncipe que esté falto de jurisdicción sobre esos infieles, castigar sus pecados, los cuales sólo suponen ofensa a Dios y perjuicio para esos mismos pecadores»⁹⁷.

⁹⁷ *Idem*, tomo I, lib. III, disp. CVI.

- 7.2** «Sucede lo mismo con los pecados contra la ley natural [...]. El juicio y el castigo no caben a la autoridad eclesiástica, sino a Dios. De suerte que ni el Papa ni nadie que no tenga jurisdicción sobre ellos podrá castigar sus pecados, siempre y cuando supongan solamente ofensa a Dios y perjuicio para los propios pecadores»⁹⁸.

⁹⁸ *Idem*, tomo I, lib. III, disp. CVI.

8 LA AUTORIDAD DEL ORBE EN DEFENSA DE LOS INOCENTES: LA PROTECCIÓN INTERNACIONAL DE LOS DERECHOS DE LA PERSONA HUMANA

«Es lícito impedir que los infieles y cualesquiera otros hombres cometan pecados que supongan injuria contra los inocentes. Y en caso de que no quieran abstenerse de dichos crímenes, será lícito declararles guerra por esta causa, con arreglo al derecho bélico, sin que sea necesaria la autorización del Papa. Éste es el caso del sacrificio de inocentes o de darles muerte para alimentarse de sus carnes, o el asesinato y la opresión mediante leyes tiránicas.

Hemos de impedirlo a toda costa, dado que todo hombre puede, por derecho natural, y sobre todo los príncipes, defender a los inocentes de la tiranía y la opresión [...]. Y poco importa que esos mismos bárbaros súbditos deseen estas costumbres y sacrificios, no queriendo que los extranjeros hagan guerra por esta causa, puesto que cada cual puede librar al otro de la muerte, hasta contra su propia voluntad, incluso el que intenta matarse a sí mismo, como es evidente.

Obsérvese, sin embargo, que esta guerra no se declara para recuperar algo nuestro ni para vengar injurias propias, sino para defender a los inocentes en cuanto pertenecen al género humano, no siendo lícito a quien declara la guerra apoderarse de los bienes del adversario»⁹⁹.

⁹⁹ *Idem*, tomo I, lib. III, disp. C.

9 LA LIMITACIÓN DE LA ESCLAVITUD POR LA NATURALEZA Y EL DERECHO

- 9.1** «El origen de la servidumbre no se encuentra ni en la naturaleza ni en la constitución de las cosas, dado que todos los hombres nacen libres e iguales, pero pueden otorgarse determinados títulos legítimos en virtud de los cuales se instituya de manera justa»¹⁰⁰.
- 9.2** «1.º Derecho de Guerra [...] conmutándose la pena de muerte por servidumbre perpetua [...]. 2.º Cuando se condena a alguien a la esclavitud por algún delito que, de conformidad con el prudente arbitrio de una autoridad legítima, sea digno de dicha pena [...]. 3.º Compra y venta [...], puesto que el hombre es señor de su libertad y, por ende, considerando sólo al derecho natural, puede alienarla, haciéndose a sí mismo esclavo [en estado de necesidad extrema] y,

¹⁰⁰ *Idem*, tomo I, lib. I, disp. XXII.

10 A CONDENAÇÃO DO TRÁFICO DE ESCRAVOS AFRICANOS

10.1 «Embora não seja inteiramente certo, deve porém mais verosimilmente presumir-se que este género de escravos são obtidos, em ambas as Guinés e em toda a África, mediante injustiça, na maioria dos casos pelos próprios habitantes, e vendidos aos nossos, e que os traficantes não podem nem devem pôr regularmente de parte este tipo de presunção. Por isso eles, quando compram no princípio os escravos aos habitantes, não são compradores nem possuidores de boa-fé, e por essa razão não apenas devem ser obrigados a procurar apurar a verdade antes da compra, mas também depois da compra; pelo que, se não se proporcionar um processo para apurar a verdade, tal como regularmente não se proporcionará, deve renunciar-se, sob pena de pecado mortal, à compra destes escravos, e depois da compra assim realizada de má-fé, deve restituir-se a liberdade a cada um dos escravos.»¹⁰²

¹⁰² *Idem*, quaestio X.

10.2 «É quanto ao facto de que se deve presumir a referida injustiça de título, tal se prova não só porque esses escravos, as mais das vezes, são reduzidos à escravidão pela guerra: ora, entre os negros não há qualquer preocupação em regulamentar a justiça da guerra, mas o direito deles está inteiramente fundado nas armas, e os que são mais poderosos fazem maiores rapinas de escravos, atacando os adversários de modo imprevisto durante a noite, e até os nossos próprios traficantes francamente reconhecem que as guerras deles com mais verdade se devem denominar latrocínios.»¹⁰³

¹⁰³ *Idem*, quaestio X.

11 A CONDENAÇÃO DO TRÁFICO DE ESCRAVOS JAPONESES

«Entre os príncipes japoneses são frequentíssimas as guerras internas e pode com razão duvidar-se da justiça das mesmas, já que entre eles não se constata a preocupação de averiguar se têm ou não a razão e a justiça do seu lado, senão que o mais forte e o que tem maior esperança de vitória ataca os demais pela força das armas, tratando de os submeter; pelo que, isto suposto, julgam justa qualquer guerra [...]. Todavia, ignoro se os mercadores lusitanos, ao comprar servos e escravos japoneses se preocupam em inquirir se foram capturados em guerra justa e, em geral, se a servidão em que se encontram é ou não legítima.»¹⁰⁴

¹⁰⁴ *Idem*, tomo I, liv. I disp. XXXIV.

12 A CONDENAÇÃO DO TRÁFICO DE ESCRAVOS CHINESES

«No que respeita aos escravos chineses que os portugueses compram e exportam, é ainda maior a dúvida sobre se foram alguma vez reduzidos à servidão por justo título [...], pois consta que nas províncias da China disfrutavam de uma paz perpétua, já que não têm guerra alguma, a não ser com os tártaros, que distam extraordinariamente do nosso comércio. Consta também que

además, por Derecho Natural, los padres pueden vender a sus hijos en caso de necesidad extrema [...] y de gravísima pobreza y miseria, de lo contrario la alienación de libertad resultará nula [...]. 4.º Condición de nacimiento. En efecto, quien nace de madre esclava será esclavo, porque *el parto sigue al vientre*¹⁰¹.

¹⁰¹ *Idem*, tomo I, lib. I, disp. XXXII.

10 CONDENACIÓN DE LA TRATA DE ESCLAVOS AFRICANOS

10.1 «Si bien no sea totalmente cierto, ha de suponerse sin embargo de un modo más verosímil que este género de esclavos son obtenidos, en las dos Guineas y en toda África, mediante injusticia, en la mayor parte de los casos por los propios habitantes, y vendidos a los nuestros, y que los traficantes ni pueden ni deben dejar de lado este tipo de suposición. Es por eso que, cuando al principio compran los esclavos a los habitantes, no son compradores ni poseedores de buena fe, y por ello no deben estar obligados sólo a intentar saber la verdad antes de la compra, sino que deben hacerlo asimismo tras la compra; de suerte que, si no se proporciona un proceso para saber la verdad, y regularmente no se proporcionará, ha de renunciarse, so pena de pecado mortal, a la compra de esos esclavos, y tras la compra así realizada de mala fe, ha de restituirse la libertad a cada uno de los esclavos»¹⁰².

¹⁰² *Idem*, quaestio X.

10.2 «Y respecto al hecho de que ha de suponerse la mencionada injusticia de título, tal queda probado no sólo porque la mayoría de las veces esos esclavos son reducidos por la guerra a la esclavitud: pues bien, entre los negros no hay ninguna preocupación respecto a reglamentar la justicia de guerra, sino que el derecho de los mismos está totalmente fundado en las armas, y aquellos que son más poderosos son los que más hacen rapiña de esclavos, atacando los adversarios de manera imprevista por la noche, e incluso nuestros propios traficantes reconocen francamente que las guerras de aquéllos son las que con más verdad han de denominarse latrocinios»¹⁰³.

¹⁰³ *Idem*, *Ibidem*.

11 CONDENACIÓN DE LA TRATA DE ESCLAVOS JAPONESES

«Entre los príncipes japoneses son frecuentísimas las guerras internas y cabe dudar con razón de la justicia de las mismas, puesto que entre ellos no se constata la preocupación de saber si tienen razón o no y si la justicia está con ellos, sino que el más fuerte y el que tiene más esperanza en la victoria ataca a los demás con la fuerza de las armas, tratando de someterlos; de suerte que, suponiendo esto, creen que cualquier guerra es justa [...]. Sin embargo, ignoro si los traficantes lusitanos, cuando compran siervos y esclavos japoneses, se preocupan por saber si estos fueron capturados en guerra justa y, por lo general, si es legítima o no la servidumbre en la que los mismos se encuentran»¹⁰⁴.

¹⁰⁴ *Idem*, tomo I, lib. I disp. XXXIV.

aquelas províncias são riquíssimas e que nunca há entre eles fome que justifique que eles, oprimidos pela necessidade, vendam os seus filhos; Consta também que os juízes na China não condenam ninguém à servidão perpétua [...]. De modo que não parece verificar-se nenhum dos títulos justos que enunciámos para reduzir os chineses à escravatura.»¹⁰⁵

¹⁰⁵ *Idem*, tomo I, liv. I disp. XXXIV.

12 CONDENNA DE LA TRATA DE ESCLAVOS CHINOS

«En lo que concierne a los esclavos chinos que los portugueses compran y exportan, la duda sobre si han sido alguna vez reducidos a la esclavitud a justo título es aún mayor [...], al constar que en las provincias de la China gozan de una paz perpetua, dado que no tienen ninguna guerra, a no ser con los Tártaros, que están extraordinariamente alejados de nuestro comercio. Consta asimismo que esas provincias son riquísimas y que entre ellos jamás hay hambre que justifique que, oprimidos por la necesidad, vendan a sus hijos. Consta del mismo modo que los jueces en China no condenan a nadie a servidumbre perpetua [...]. De suerte que no parece verificarse ninguno de los títulos justos que hemos enunciado para reducir los chinos a la esclavitud»¹⁰⁵.

¹⁰⁵ *Idem*, tomo I, lib. I disp. XXXIV.

1569 – 1570

Universidade de Évora

PEDRO

..

Pedro Simões nasceu em Mortágua, em 1539 e morreu em Lisboa em 1619. Entrou para a Companhia de Jesus em 1557. Estudou Humanidades e Retórica em Coimbra até 1560. Foi professor de Gramática (1560-63); cursou Filosofia (1563-67) e Teologia (1567-69) em Coimbra. Concluiu os estudos teológicos em Évora entre os anos de 1571-1573. Lecionou o curso de Artes na Universidade de Évora entre 1569-1570, vendo-se

posteriormente obrigado a interromper a sua atividade letiva por questões de saúde. Ordenou-se presbítero em 1574 e foi residir para o colégio jesuíta de Santo Antão, em Lisboa, onde morou até à data da sua morte, tendo nesse colégio exercido funções de lente de Teologia Moral. O manuscrito de que selecionámos os extratos aqui publicados foi provavelmente escrito em Lisboa, durante a sua permanência no Colégio de Santo Antão.

1569 – 1570
Universidad de Évora

SIMÕES

..

Pedro Simões nació en Mortágua en 1539 y murió en Lisboa em 1619. Ingresó en la Compañía de Jesús en 1557, estudiando Humanidades y Retórica en Coímbra hasta 1560. Fue profesor de Gramática (1560-63) y cursó Filosofía (1563-67) Teología (1567-69) también en Coímbra. Concluyó sus estudios teológicos en Évora entre 1571-1573, compaginándolos con la docencia del curso de Artes entre 1569-1570, viéndose obligado posteriormente

a interrumpir su actividad docente por motivos de salud. Fue ordenado presbítero en 1574 pasando al colegio jesuita de San Antón en Lisboa, en donde desempeñó las funciones de lector de Teología Moral y residió hasta su muerte. El manuscrito de donde se han seleccionado los fragmentos que se presentan, probablemente fue escrito en Lisboa durante la permanencia de su autor en el Colegio de San Antón.

PEDRO SIMÕES

Manuscrito

1 A LEGITIMIDADE DAS SOBERANIAS INDÍGENAS

«Se o príncipe pagão não oprimir os cristãos, nem governar a república à maneira de um tirano, mas conforme o fim natural, não poderá ser privado do seu domínio, pelo simples facto de não ser cristão nem administrar a república conforme o bem espiritual, e uma vez provado o facto de que ele é o legítimo senhor, nem o Sumo Pontífice nem a Igreja têm jurisdição sobre ele.»¹⁰⁶

2 O PAPA NÃO É SENHOR DO MUNDO NAS COISAS TEMPORAIS

«O Papa não é o senhor de todo o orbe nas coisas temporais [...]; esta questão é evidente, porque se for senhor do mundo inteiro não o seria nem de acordo com o direito natural, nem de acordo com o direito divino positivo, nem o humano. Nenhum destes direitos pode invocar-se [...]. Portanto, não é senhor de todo o orbe nas coisas temporais.»¹⁰⁷

¹⁰⁶ Simões, Pedro, *Annotationes in materiam de bello*, 1575, ms. da BNP 3858, ff. 301r-320r, transcrição do manuscrito latino de Joana Serafim, tradução do latim de Marina Costa Castanho, coordenação científica da transcrição e tradução de Ana Maria Tarrío. Sobre o passo seleccionado: *Idem, quaestio I*, f. 305v.

¹⁰⁷ *Idem, quaestio I*, f. 302v.

3 PODE HAVER GUERRA JUSTA DE AMBAS AS PARTES

«Os hispanos que são proibidos pelos bárbaros <de se dedicarem ao comércio legítimo> não podem mover imediatamente uma guerra ofensiva, porque os bárbaros, ao verem homens estrangeiros armados e mais poderosos, com razão podem ter medo, e em consequência no princípio poderiam sem culpa proibir os hispanos de tal comércio. Portanto, os hispanos deverão agir de acordo com esta norma: em primeiro lugar impeçam a revolta mediante argumentos, mostrem que não vieram com ânimo de prejudicar os índios e mostrem ainda que os bens supraditos são de todos, conforme o direito das gentes. Contra si próprios cometeriam injúria os bárbaros, negando-se a pactuar e tomando as armas contra os hispanos. Poderiam então estes defender-se e fazer tudo aquilo que julgarem necessário para a sua defesa. Mas depois de alcançada a vitória não os poderão matar ou apoderar-se dos seus bens, porque tal guerra é apenas defensiva, e os bárbaros são indefensos e têm medo com razão.»¹⁰⁸

¹⁰⁸ *Idem, quaestio I*, f. 304v.

4 JUS PRAEDICANDI

«Se os bárbaros, tanto os príncipes como a população, impedem os hispanos de anunciar livremente o Evangelho, os hispanos podem pregá-lo mesmo contra a vontade daqueles [...]. E, se for necessário, podem declarar a guerra por esta causa [...]. Idêntica resolução se aplica se os bárbaros que permitem a predicação impedirem a conversão, matando ou punindo de outra maneira aqueles que se convertem à fé [...]. Sobre esta questão, admite-se que antes de entrar em guerra por esta causa, deve apresentar-se

1 LA LEGITIMIDAD DE LAS SOBERANÍAS INDÍGENAS

«Si “el príncipe pagano” no oprime a los cristianos, ni gobierna la república a la manera de un tirano, sino conforme al fin natural, no podrá ser privado de su dominio por el simple hecho de no ser cristiano ni administrar la república conforme al bien espiritual, y una vez probado el hecho de que es el legítimo señor, ni el Sumo Pontífice ni la Iglesia tienen jurisdicción sobre él»¹⁰⁶.

¹⁰⁶ Simões, Pedro, *Annotationes in materiam de bello*, 1575, ms. de la BNP 3858, ff. 305. Traducción de Rosario Ruiz.

2 EL PAPA NO ES EL SEÑOR DEL MUNDO EN CUANTO A LAS COSAS TEMPORALES

«El Papa no es el señor de todo el orbe en las cosas temporales [...]; esta cuestión es evidente porque si fuera señor del mundo entero no lo sería ni de acuerdo con el derecho natural, ni de acuerdo con el derecho divino positivo, ni con el humano. Ninguno de estos derechos puede invocarse [...]. Por tanto, no es señor de todo el orbe en los asuntos temporales»¹⁰⁷.

¹⁰⁷ *Idem*, quaestio I, f. 302v.

3 PUEDE HACERSE GUERRA JUSTA POR AMBAS PARTES

«Los hispanos a quienes los bárbaros prohíben “dedicarse al comercio legítimo” no pueden librar inmediatamente una guerra ofensiva, porque los bárbaros, al ver hombres extranjeros armados y más poderosos, pueden con razón tener miedo y, en consecuencia, en principio podrían sin culpa prohibir a los hispanos tal comercio. Por tanto, los hispanos deberán actuar de acuerdo con esta norma: en primer lugar, que impidan la revuelta mediante argumentos, que muestren que no han llegado con ánimo de perjudicar a los indios y que muestren también que los bienes mencionados son de todos, conforme al derecho de las gentes. Contra sí mismos cometerían injuria los bárbaros, negándose a pactar y tomando las armas contra los hispanos. Podrían entonces estos defenderse y hacer todo aquello que juzgaran necesario para su defensa. Pero después de alcanzada la victoria, no los podrán matar o apoderarse de sus bienes, porque tal guerra es apenas defensiva, y los bárbaros están indefensos y tienen miedo con razón»¹⁰⁸.

¹⁰⁸ *Idem*, quaestio I, f. 304v.

4 *JUS PRAEDICANDI*

«Si los bárbaros, tanto los príncipes como la población, impiden a los hispanos anunciar libremente el Evangelio, los hispanos pueden predicarlo incluso contra la voluntad de aquellos [...]. Y si fuera necesario, pueden declarar la guerra por esta causa [...]. Idéntica resolución se aplica si los bárbaros que permiten la predicación impidieran la conversión, matando o castigando de otra manera a aquellos que se convierten a la fe [...]. Sobre

Se os bárbaros – tanto o príncipe como o seu povo – que compreendem a prudência e a humanidade dos hispanos, livremente, isto é, sem medo, sem fraude e sem ignorância, egessem o rei de Espanha ou da Lusitânia para príncipe e governante, tal título seria legítimo e de acordo com a lei natural, porque qualquer república pode instituir como rei quem quiser e entregar-lhe o seu governo.

..

Si los bárbaros –tanto el príncipe como su pueblo– que comprenden la prudencia y la humanidad de los hispanos, libremente, esto es, sin miedo, sin engaño y sin ignorancia, eligiesen al rey de España o de Lusitania como príncipe o gobernante, tal título sería legítimo y acorde con la ley natural, porque cualquier república puede nombrar rey a quien quisiere y entregarle su gobierno.

PEDRO SIMÕES,

De Bello, Quaestio I, fol. 306



Filipa Christellys Tirgoala · Onde me levam os rios? · Tinta da China e acrílico s/ papel / Tinta china y acrílico sobre papel · 65 x 50 cm · 2013

a razão que permite provar aos bárbaros que nós temos o direito para lhes pregar o Evangelho, para que não se revoltem; em seguida, deve agir-se com a máxima moderação nesta guerra. De facto, não será permitido ocupar imediatamente as suas terras nem destituir os seus príncipes.»¹⁰⁹

¹⁰⁹ *Idem, quaestio I, f. 305.*

5 A AUTORIDADE DO ORBE EM DEFESA DOS INOCENTES: A PROTEÇÃO INTERNACIONAL DOS DIREITOS DA PESSOA HUMANA

«O quinto título <de guerra justa> radica na tirania dos senhores dos bárbaros e nas leis tirânicas para injúria dos inocentes como o sacrifício de homens inocentes ou o assassinio de homens isentos de culpa, a fim de se alimentarem das suas carnes. Em defesa dos inocentes, os hispanos podem proibir aos bárbaros aquele costume hediondo, por meio das armas e da guerra. Aliás, são obrigados a isto, porque Deus mandou a cada um ajudar o seu próximo. Ora se os bárbaros recusassem desistir daquela injúria feita aos inocentes, os hispanos poderiam demandar todos os direitos de guerra, depor os príncipes e criar outros, se assim fosse necessário para a libertação dos inocentes.

Mas se alguém objetar que todos os bárbaros querem ter estas leis e sacrifícios, responda-se que, neste caso, não têm o direito de entregar-se a si nem os seus filhos à morte injusta [...], da mesma maneira que aquele que se quer degolar ou atirar-se ao mar pode sem injúria ser impedido e atado.

Ainda no que diz respeito a este título, admite-se que aqueles que combatem nesta guerra em defesa dos inocentes não podem usurpar para si todos os bens dos bárbaros, porque eles não lutam para recuperar as suas coisas nem para vingar a própria injúria.»¹¹⁰

¹¹⁰ *Idem, quaestio I, f. 305v.*

6 O IMPÉRIO É UMA EXPECTATIVA JURÍDICA

- 6.1** «Se os bárbaros – tanto o príncipe como o seu povo – que compreendem a prudência e a humanidade dos hispanos, livremente, isto é, sem medo, sem fraude e sem ignorância, elegessem o rei de Espanha ou da Lusitânia para príncipe e governante, tal título seria legítimo e de acordo com a lei natural, porque qualquer república pode instituir como rei quem quiser e entregar-lhe o seu governo.»¹¹¹
- 6.2** «Do que foi dito, conclui-se, em primeiro lugar, que querer amplificar o império não é uma causa justa de guerra [...]. Conclui-se, em segundo lugar, que a glória para interesse próprio não é uma causa justa de guerra, porque o príncipe deve determinar a guerra e a paz para bem comum da república.»¹¹²

¹¹¹ *Idem, quaestio I, f. 306.*

¹¹² *Idem, quaestio I, f. 306-306v.*

esta cuestión se admite que, antes de entrar en guerra por esta causa, debe presentarse la razón que permite demostrar a los bárbaros que tenemos el derecho de predicarles el Evangelio, para que no se rebelen; a continuación, debe actuarse con la máxima moderación en esta guerra. De hecho, no se permitirá ocupar inmediatamente sus tierras ni destituir a sus príncipes»¹⁰⁹.

¹⁰⁹ *Idem*, quaestio I, f. 305.

5 LA AUTORIDAD DEL ORBE EN DEFESA DE LOS INOCENTES: LA PROTECCIÓN INTERNACIONAL DE DERECHOS DE LA PERSONA HUMANA

«El quinto título “de la guerra justa” radica en la tiranía de los señores de los bárbaros y en las leyes tiránicas para injuria de los inocentes, como el sacrificio de hombres inocentes o el asesinato de hombres exentos de culpa a fin de alimentarse de su carne. En defensa de los inocentes, los hispanos pueden prohibir a los barbaros aquella costumbre nefanda por medio de las armas y de la guerra. Es más, están obligados a ello, porque a todos nos mandó Dios ayudar al prójimo. Ahora bien, si los bárbaros perseverasen en la injuria cometida contra los inocentes, los hispanos podrían demandar todos los derechos de la guerra, deponer a los príncipes y proclamar otros, si así fuese necesario para la liberación de los inocentes.

Pero si alguien objetara que todos los bárbaros quieren tener estas leyes y sacrificios, respóndase que, en este caso, no tienen derecho a entregarse a si ni a sus hijos a una muerte injusta [...], de la misma manera que al que pretende degollarse o tirarse al mar, se le puede sin injuria atar e impedir que lo haga.

Asimismo, en lo relativo a este título, se admite que aquellos que combaten en esta guerra en defensa de los inocentes no pueden usurpar para si todos los bienes de los bárbaros, porque no luchan para recuperar sus cosas ni para vengar su propia injuria»¹¹⁰.

¹¹⁰ *Idem*, quaestio I, f. 305v.

6 EL IMPERIO ES UNA EXPECTATIVA JURÍDICA

6.1 «Si los bárbaros –tanto el príncipe como su pueblo– que comprenden la prudencia y la humanidad de los hispanos, libremente, esto es, sin miedo, sin engaño y sin ignorancia, eligiesen al Rey de España o de Lusitania como príncipe o gobernante, tal título sería legítimo y acorde con la ley natural, porque cualquier república puede nombrar rey a quien quisiere y entregarle su gobierno»¹¹¹.

¹¹¹ *Idem*, quaestio I, f. 306.

6.2 «De lo dicho se concluye, en primer lugar, que querer ensanchar el imperio no es una causa justa de guerra [...]. Se concluye, en segundo lugar, que la gloria para interés propio no es una causa justa de guerra, porque el príncipe debe determinar la guerra y la paz para bien común de la república»¹¹².

¹¹² *Idem*, quaestio I, f. 306-306v.

O quinto título «de guerra justa» radica na tirania dos senhores dos bárbaros e nas leis tirânicas para injúria dos inocentes como o sacrificio de homens inocentes ou o assassínio de homens isentos de culpa, a fim de se alimentarem das suas carnes. Em defesa dos inocentes, os hispanos podem proibir aos bárbaros aquele costume hediondo, por meio das armas e da guerra. Aliás, são obrigados a isto, porque Deus mandou a cada um ajudar o seu próximo.

..

El quinto título «de la guerra justa» radica en la tiranía de los señores de los bárbaros y en las leyes tiránicas para injuria de los inocentes, como el sacrificio de hombres inocentes o el asesinato de hombres exentos de culpa a fin de alimentarse de su carne. En defensa de los inocentes, los hispanos pueden prohibir a los bárbaros aquella costumbre horrible por medio de las armas y de la guerra. Es más, están obligados a ello, porque a todos nos mandó Dios ayudar al prójimo.

PEDRO SIMÕES

De Bello, Quaestio I, fol. 305 v





7 O ARGUMENTO DE INFERIORIDADE CIVILIZACIONAL NÃO JUSTIFICA A GUERRA NEM A ESCRAVATURA

«Não constitui causa justa para combater uma nação o facto de ser bárbara, rude e mais apta para ser dirigida do que para se dirigir, [...] porque os bárbaros não renunciam à liberdade nem ao domínio das suas coisas, nem são servos por título legal ou civil, como são os escravos. Contudo, diz-se que eles participam da mesma natureza de um servo, isto é, são mais aptos para obedecer e servir do que para mandar; mas mesmo assim permanece o princípio de que são verdadeiros senhores das suas coisas.»¹¹³

¹¹³ *Idem, quaestio I, f. 306v.*

8 A INVOCAÇÃO DO CUMPRIMENTO DE ORDENS SUPERIORES NÃO ESCUSA OS SOLDADOS DA CULPA POR CRIMES CONTRA O GÉNERO HUMANO

«Os argumentos e indícios da injustiça de guerra poderão ser tais e tão manifestos que, se forem ignorados, não escusam os súbditos. Estes, pelo contrário, em casos tais, terão de examinar, em primeiro lugar, com diligência, a situação e as causas da guerra; [...] e isso é evidente porque os outros infieis que seguem os seus príncipes na guerra contra os cristãos seriam escusados da culpa e não poderiam ser mortos pelos nossos. Também seriam escusados os soldados que crucificaram Cristo por ignorância, obedecendo o mandato de Pilatos. Também seria escusado o povo judaico que, persuadido pelos fariseus e pelos escribas, pediu que Cristo Jesus fosse crucificado.»¹¹⁴

¹¹⁴ *Idem, quaestio II, f. 308.*

7 EL ARGUMENTO DE INFERIOR CIVILIZACIÓN NO JUSTIFICA LA GUERRA NI LA ESCLAVITUD

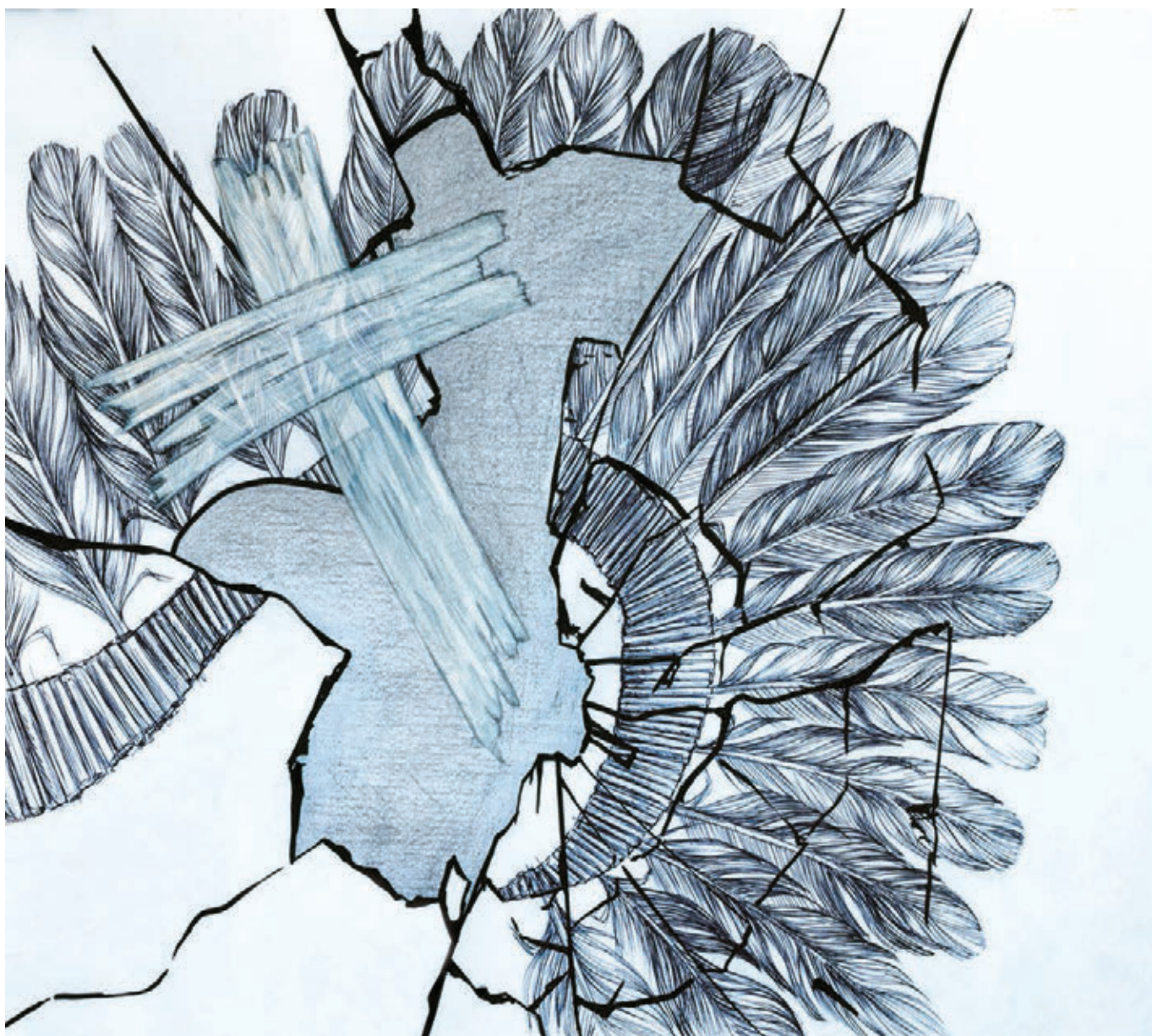
«No constituye causa justa para combatir a una nación el hecho de que sea bárbara, ruda y más apta para ser dirigida que para dirigirse, [...] porque los bárbaros no renuncian a la libertad ni al dominio de sus cosas, ni son siervos por título legal o civil, como lo son los esclavos. Se dice, sin embargo, que participan de la misma naturaleza que un siervo, esto es, que son más aptos para obedecer y servir que para mandar; pero aun así, se mantiene el principio de que son verdaderos señores de sus cosas»¹¹³.

¹¹³ *Idem*, quaestio I, f. 306v.

8 ALEGAR EL CUMPLIMIENTO DE ÓRDENES SUPERIORES NO EXIME A LOS SOLDADOS DE CULPA POR CRÍMENES CONTRA EL GÉNERO HUMANO

«Los argumentos e indicios de la justicia de guerra podrán ser tales y tan manifiestos que, de ser ignorados, no eximan a los súbditos. Por el contrario, en tales casos, estos tendrán que examinar con diligencia, en primer lugar, la situación y las causas de la guerra [...] y esto es evidente porque los otros infieles que siguen a sus príncipes en la guerra contra los cristianos se verían libres de culpa y nosotros no podríamos darles muerte. También serían eximidos los soldados que crucificaron a Cristo por ignorancia, obedeciendo el mandato de Pilatos. También sería eximido el pueblo judío que, persuadido por los fariseos y por los escribas, pidió que Cristo Jesús fuese crucificado»¹¹⁴.

¹¹⁴ *Idem*, quaestio II, f. 308.



Filipa Christellys Tirgoala · *In Nomine Patris - a imposição* · Esferográfica, grafite e acrílico s/ papel / Esferografia, grafite e acrílico sobre papel · 29,7 x 42 cm · 2013

1573 – 1593

Universidade de Coimbra

ANTÓNIO

..

António de São Domingos nasceu em Coimbra em 1531 e professou em 7 de Fevereiro de 1547, no convento dos dominicanos em Lisboa. Em 1573 foi nomeado para a cadeira de Prima, na Universidade de Coimbra, tomando posse em Janeiro do ano seguinte, tendo-se jubilado em 12 de Novembro de 1593.

1573 – 1593
Universidad de Coímbra

DE SÃO DOMINGOS

..

António de São Domingos nació en Coímbra en 1531 y profesó como fraile el 7 de febrero de 1547, en el convento de los dominicos en Lisboa. En 1573 fue nombrado para desempeñar la Cátedra de Prima en la Universidad de Coímbra, tomando posesión de la misma en enero del año siguiente y jubilándose el 12 de noviembre de 1593.

ANTÓNIO DE SÃO DOMINGOS

Manuscrito

Vtrum bellare semper sit peccatum
 Articulus. 1.

Materia de bello tractant similia omnia in verbo Belli. Tractat etiam Alexander
 de Alit. 3. p. q. 77. membro. 3. Gabriel in. q. dist. 15. questione. q. Gandarus
 quolib. ultimo. q. ultima. Albertus in. q. in de restitutione. folio. 3. Gratianus
 23. q. 1. ubi omnia canonice hoc tractant. Cetero verbo bellum, primum et secundo.
 Quia dicitur in regula peccati. 2. p. 8. q. et infra. S. J. quolib. 9. art. 15.
 et alibi etiam. Quare primo. S. J. non bellare sit peccatum circa quod videndum est
 in quo genere operum moralium sit constitutum bellum. Divinus in aliqua de quod
 erant 2. generis operum moralium, alia non erant de se bona sicut orare, ieiuna-
 rare: alia de se mala ut furari, fornicari: alia de se indifferentia ut ambulare
 et saltare: Alia autem sunt quae vocantur mala secundum se. quae de se quidem
 ipsum mali habent sed possunt interdum honestari, sicut comedere carnes in qua
 dragabima. Quia in quo genere hoc sit bellum. Et quidem quod in
 primis non sit de se bonum et hoc de se quod non male fuerit. 2. id est de se bonum
 est de se operandum: bellum autem non est de se operandum: quod non sit bonum de se. Pro
 prima ex dicto dicitur. Bellagimus ut pacem habeamus, non si nemo est qui velit
 qui appetat aliquando bellum propter se. In hoc de iudeis cap. 11. ubi dicitur motum
 bellum ista Malicia dicitur illi malis viris: clarum autem quod bellum est de se bonum
 non operum est honestum illud. Deinde etiam non potest de genere indifferentiam, quae agit
 de se parvissimi impedimenta, bonorum, statum, et de: quod non sit maximum momenti. Quod
 non potest de genere indifferentiam. Tota ergo ista quaestio est utrum sit de genere malorum
 1. utrum in universum bella damna sint. Tunc igitur antiquus error facti manebat
 qui damnae omnia bella intendit quod damnae ipsi Moyses de Jove qui bella ge-
 stavit: Contra dicitur apud Aug. lib. 2. cap. 7. q. multis verbis. Nos autem
 tempore hinc ita dicitur de lampadibus, qui asserit quidem bella non esse
 in lege veteri, quod ad id in dicta tempore ante legem non omnia bella in se mala et in iuris
 et quod dicitur in Evangelio hoc videtur. Hoc quidem tenet Cornelius Nepos ut refert Cyprianus.

1 OS CRISTÃOS NÃO PODEM PRESCREVER CONVICÇÕES ÍNTIMAS AOS OUTROS POVOS

«Em relação a todos estes [pagãos] assente-se como proposição certa que por causa da fé não podem ser reduzidos pelas armas, e nem mesmo incomodados. Isto prova-se: faz parte da essência da fé o aceitá-la voluntariamente; logo, é contra a essência e natureza da mesma o ser imposta pelas armas. Prova-se o antecedente porque crer é um ato íntimo a que ninguém pode obrigar; logo, é contra a natureza da fé que alguém seja obrigado a recebê-la, daqui se seguindo que o príncipe não pode promulgar uma lei obrigando todos a abraçarem a fé, porque nem os príncipes nem a Igreja podem prescrever atos íntimos. É todavia verdade que podem promulgar uma lei ordenando que todos permaneçam no culto que abraçaram e neste sentido devem ser interpretadas todas as leis civis e eclesiásticas [...] logo, não está de acordo com a dignidade da fé ser imposta através das armas. [...] Por conseguinte, os homens não devem ser salvos contra a sua própria vontade, mas devem ser voluntariamente persuadidos.»¹¹⁵

¹¹⁵ António de São Domingos, *De bello*, ms 5552 da BNP, fol. 58vº-86, excertos traduzidos do latim por António Guimarães Pinto. Sobre o passo selecionado: fol. 64vº.

2 OS CRIMES CONTRA A LEI NATURAL NÃO CONSTITUEM TÍTULO LEGÍTIMO DE CONQUISTA OU OCUPAÇÃO

«Tão-pouco é causa de guerra justa o facto de os infiéis terem cometido alguns pecados contra a natureza: a saber, o comerem carne humana ou praticarem crimes nefandos. E prova-se porque para punir não só se requer culpa, mas também jurisdição. Ora, nem o Papa nem príncipe cristão algum têm jurisdição sobre os infiéis; logo, não é lícito a estes punirem aqueles nem fazer-lhes guerra. A menor prova-se com 1 Cor 5. 12.: *Porque, que me vai a mim em julgar daqueles que estão fora?* Logo, não nos é lícito julgar acerca daqueles povos [...]. Eis portanto que S. Paulo não nos proíbe de castigar e julgar os maus cristãos, mas, em relação aos infiéis, reconhece que isso não lhe diz respeito; logo, ainda que se trate de um idólatra nefando, não compete ao cristão julgá-lo.»¹¹⁶

¹¹⁶ *Idem*, fol. 65vº.

3 OS POVOS AMERICANOS PODEM SER OBRIGADOS A CUMPRIR O DIREITO DAS GENTES, COMUM AO GÉNERO HUMANO: O *JUS COMMUNICATIONIS*

«Segue-se que, sempre que os infiéis nos impedem ou negam algo que consta do direito das gentes, podemos justamente declarar -lhes guerra. Por exemplo, faz parte do direito das gentes poder qualquer pessoa viajar por terra alheia e negociar entre quaisquer povos, e também se quer ser cidadão em alguma cidade, contanto isto se faça sem qualquer dano ou simulação, e desde que os mesmos não sejam inimigos, porque faz parte do direito natural evitarmos os inimigos.

1 LOS CRISTIANOS NO PUEDEN IMPONER CONVICCIONES ÍNTIMAS A LOS DEMÁS PUEBLOS

«En relación a todos estos [paganos], se establece como premisa cierta que por causa de la fe no pueden ser reducidos por las armas, y ni tan siquiera importunados. Esto se prueba porque forma parte de la esencia de la fe el aceptarla voluntariamente; luego va contra la esencia y la naturaleza de la misma el que sea impuesta por las armas. Se prueba lo anterior porque creer es un acto íntimo al que nadie puede obligar; luego va contra la naturaleza de la fe que alguien sea obligado a recibirla, de lo que se desprende que el príncipe no puede promulgar una ley obligando a todos a abrazar la fe, porque ni los príncipes ni la Iglesia pueden prescribir actos íntimos. Es, sin embargo, verdad que pueden promulgar una ley ordenando que todos permanezcan en el culto que han abrazado, y en este sentido deben ser interpretadas todas las leyes civiles y eclesiásticas [...], luego no se corresponde con la dignidad de la fe el ser impuesta a través de las armas. [...] Por consiguiente, los hombres no deben ser salvados contra su propia voluntad, sino que deben ser voluntariamente persuadidos»¹¹⁵.

¹¹⁵ António de São Domingos, *De bello*, ms 5552 de la BNP, fol. 64vº. Traducción de Rosario Ruiz.

2 LOS CRÍMENES CONTRA LA LEY NATURAL NO OTORGAN TÍTULO LEGÍTIMO DE CONQUISTA U OCUPACIÓN

«Tampoco es causa de guerra justa el hecho de que los infieles hayan cometido pecados contra la naturaleza: a saber, comer carne humana o practicar crímenes nefastos. Y se prueba porque para castigar no solo se requiere culpa, sino también jurisdicción. Ahora bien, ni el Papa ni príncipe cristiano alguno tiene jurisdicción sobre los infieles; luego no les es lícito castigar a estos ni hacerles la guerra. La menor se prueba con 1 Cor 5. 12.: *¿Pues qué me ha de tocar a mí juzgar a los que están fuera?* Luego no nos es lícito juzgar a aquellos pueblos [...]. Por tanto, S. Pablo no nos prohíbe castigar y juzgar a los malos cristianos, si bien en relación a los infieles, reconoce que eso no le corresponde; luego, aunque se trate de un idólatra vil, no le compete al cristiano juzgarlo»¹¹⁶.

¹¹⁶ *Idem*, fol. 65vº.

3 LOS PUEBLOS AMERICANOS PUEDEN SER OBLIGADOS A CUMPLIR EL DERECHO DE GENTES, COMÚN AL GÉNERO HUMANO: EL *JUS COMMUNICATIONIS*

«Se sigue que, siempre que los infieles nos impiden o niegan algo que consta en el derecho de gentes, podemos justamente declararles la guerra. Por ejemplo, forma parte del derecho de gentes que cualquier persona pueda viajar por tierra ajena y negociar con cualquier pueblo, y también, si así lo quiere, ser ciudadano en alguna ciudad, siempre y cuando ello se haga sin

Finalmente, que a nós se conceda o que se concede a outros estrangeiros. Logo, se os infiéis nos negam isto, estão de facto a inferir-nos uma injustiça e, por consequência, podemos reduzi-los pelas armas, desde que, *depois de expostos os motivos*, eles não queiram concordar. E prova-se de acordo com o princípio: *é lícito repelir a violência com a violência*. Ora, eles cometem violência contra nós, negando o que nos é concedido por direito natural e das gentes. Logo, podemos repelir essa violência com a violência.»¹¹⁷

¹¹⁷ *Idem*, fol. 67vº.

4 A NEGAÇÃO DO *JUS PRAEDICANDI*: MESMO QUE OS GENTIOS IMPEÇAM A PREGAÇÃO DO EVANGELHO NÃO SE LHES PODE MOVER A GUERRA

«<Diz-se que> se os bárbaros embaraçam os pregadores do Evangelho proibindo-os de pregarem entre eles, esta é uma justa causa para fazer-se-lhes guerra, pois podemos, através da força e das armas, compeli-los a que permitam que livremente se pregue o Evangelho. Victoria e os restantes defendem esta opinião e provam isto porque Cristo nos deu o poder de pregar o Evangelho: Mt 28, 19.: *Ide e ensinai todas as gentes* etc; e Mc 16, 15.: *Ide por todo o mundo, pregai o Evangelho a toda a criatura* etc. Logo, se alguém quiser privar-nos do nosso direito, temos motivo de justa guerra contra esses, respeitando-se aquilo que deve respeitar-se. E isto se confirma porque aqui se trata do proveito deles mesmos; logo, podemos ir empós disto, mesmo contra a vontade deles. E prova-se, em último lugar, porque de outro modo eles já ficariam sem remédio.

Todavia, e salva melhor opinião, esta causa não parece suficientemente justa, e prova-se porque o Senhor quer que o Evangelho seja pregado com mansidão, e não pela força das armas, como provámos atrás. Em segundo lugar, porque eles teriam em relação a nós um justo motivo de escândalo, porquanto *não podemos provar-lhes que Cristo pôde conceder este direito*. E, em relação aos argumentos, nego que o Senhor tenha dado mediante aquelas palavras um tal poder, e unicamente ordenou aos apóstolos que pregassem pelo mundo inteiro; que isto poderia fazer-se, deixou à virtude divina fazê-lo e assim se fez, como diz S. Paulo: *a vós se prega o Evangelho tal como no mundo inteiro se encontra*.»¹¹⁸

¹¹⁸ *Idem*, fol. 67vº-68.

5 A AUTORIDADE DO ORBE EM DEFESA DOS INOCENTES: A PROTEÇÃO INTERNACIONAL DOS DIREITOS DA PESSOA HUMANA

«Se os infiéis oprimem os inocentes, quer sacrificando-os quer matando-os, devem primeiro ser admoestados a absterem-se de fazerem isto e, se não o quiserem fazer, podem ser reduzidos pelas armas só por este motivo. Isto prova-se com Sir 17, 14.: *Deus impôs a cada um deveres para com o próximo*, e com Pr 24,11.: *Tira do perigo*

perjuicio o fingimiento, y a condición de que no se trate de un enemigo, porque forma parte del derecho natural que evitemos a los enemigos. Finalmente, se nos ha de conceder lo que se concede a otros extranjeros. Luego si los infieles nos niegan esto, están, de hecho, cometiendo una injusticia contra nosotros y, en consecuencia, podemos reducirlos por las armas, siempre que, *después de expuestos los motivos*, no quieran llegar a un acuerdo. Y se prueba conforme al principio: *Es lícito repeler la violencia con la violencia*. Luego, si ellos ejercen la violencia sobre nosotros, negándonos lo que nos es concedido por derecho natural y de gentes, nosotros podemos repeler esa violencia con la violencia»¹¹⁷.

¹¹⁷ *Idem*, fol. 67vº.

4 LA NEGACIÓN DEL *JUS PRAEDICANDI*: NO SE PUEDE HACER LA GUERRA A LOS GENTILES INCLUSO SI IMPIDEN LA PREDICACIÓN DEL EVANGELIO

«Se dice que si los bárbaros entorpecen la labor de los predicadores del Evangelio prohibiéndoles predicar entre ellos, esta es una justa causa para hacerles la guerra, pues podemos, a través de la fuerza y de las armas, compelerlos a permitir que libremente se predique el Evangelio. Vitoria y los demás defienden esta opinión y la prueban porque Cristo nos dio el poder de predicar el Evangelio: Mt 28, 19.: *Id y enseñad a todas las gentes*, etc.; y Mc 16, 15: *Id por todo el mundo y predicad el Evangelio a toda criatura*, etc. Luego, si alguien quisiera privarnos de nuestro derecho, tenemos motivo de justa guerra contra él, al respetar aquello que se debe respetar. Y esto se confirma porque lo que aquí está en cuestión es su propio bien; luego podemos ir en pos de esto, incluso contra su voluntad. Y se prueba, en último lugar, porque de otro modo, no habría ya remedio para ellos.

Sin embargo, y salvo mejor opinión, esta causa no parece suficientemente justa, y se prueba porque el Señor quiere que el Evangelio se predique con mansedumbre, y no por la fuerza de las armas, como hemos probado antes. En segundo lugar, porque tendrían con relación a nosotros un justo motivo de escándalo, por cuanto *no podemos demostrarles que Cristo pudo conceder este derecho*. Y, relativo a los argumentos, niego que el Señor haya dado mediante aquellas palabras tal poder, pues únicamente ordenó a los apóstoles que predicasen por el mundo entero; el cómo podría hacerse esto, lo dejó a la virtud divina y así se hizo, como dice S. Pablo: *A vosotros se os predica el Evangelio tal como en el mundo entero se encuentra*»¹¹⁸.

¹¹⁸ *Idem*, fol. 67vº-68.

5 LA AUTORIDAD DEL ORBE EN DEFENSA DE LOS INOCENTES: LA PROTECCIÓN INTERNACIONAL DE LOS DERECHOS DE LA PERSONA HUMANA

«Si los infieles oprimen a los inocentes, ya sacrificándolos, ya matándolos, deben primero ser amonestados para que se abstengan



Gina Martins · *Territorial hand* · Marcadores de tinta-da-china sobre papel / Marcadores de tinta china sobre papel · 70 x 50 cm · 2014

aqueles que são levados à morte etc. Ora, aqueles homens padecem inocentemente; logo, se comodamente podemos fazê-lo, somos obrigados a libertá-los.»¹¹⁹

¹¹⁹ *Idem*, fol. 68vº.

6 A INVOCAÇÃO DO CUMPRIMENTO DE ORDENS SUPERIORES NÃO ESCUSA OS SOLDADOS DA CULPA POR CRIMES CONTRA O GÊNERO HUMANO

«Todos os soldados, quer súbditos quer não súbditos, se a guerra encerra uma clara injustiça, não podem avançar com o rei para a guerra. E prova-se porque eles veem claramente que não podem ir; logo, se vão, vão contra a consciência, e, por consequência, pecam mortalmente. Em segundo lugar, prova-se porque todos estes, dando-se o ensejo, querem matar inocentes; logo, pecam de modo muitíssimo grave. Prova-se porque se a guerra é injusta por parte deste rei, segue-se que todos os adversários são inocentes. Em terceiro lugar, quem presta ajuda a alguém que vai para pecar mortalmente, peca mortalmente; ora, aquele rei que vai para a guerra injusta, vai para pecar mortalmente; logo, também os que o ajudam. E esta foi a causa pela qual a Legião Tebana não quis combater.»¹²⁰

¹²⁰ *Idem*, fol. 68vº.

7 O PRIMADO DA CONSCIÊNCIA JURÍDICA UNIVERSAL NA DETERMINAÇÃO DA JUSTIÇA DA GUERRA

«Terceira proposição: embora não seja de plena certeza que a guerra é injusta, mas mesmo assim existam muitos indícios assaz notórios acerca disto, nem neste caso podem os soldados seguir o seu rei. Prova-se porque também então agem contra a consciência, porque, durante o tempo em que esses indícios se manifestam, não podem conceber que o rei tem guerra justa. Em segundo lugar, argui-se que a ignorância crassa a ninguém desobriga de pecado; ora, aqueles soldados lavram nesta ignorância; logo, não estão desculpados. Prova--se a menor porque, durante o tempo em que duram esses indícios, eles estão obrigados a informarem-se sobre a justiça da guerra.»¹²¹

¹²¹ *Idem*, fol. 68.

8 OS ESTADOS CIVILIZADOS SÃO OS QUE RESPEITAM A OPINIÃO DOS SÁBIOS: A PREVALÊNCIA DA SOLUÇÃO PACÍFICA DOS CONFLITOS INTERNACIONAIS

«Mas a maior dúvida é sobre o que cumpre fazer-se se nenhum de ambos se encontra na posse, e se são muitos os que pleiteiam a posse. Em relação a isto, digo que se existir algum tribunal diante do qual possam pleitear, então não existe nenhuma dúvida, mas são obrigados a requerer justiça diante do juiz, tal como nós costumamos fazer diante do juiz. Mas, quando não existe tribunal

de hacerlo y, si no lo quisieran hacer, pueden ser reducidos por las armas solo por este motivo. Esto se demuestra con Eclo. 17, 14.: *Dios impuso a cada uno deberes para con el prójimo*, y con Prov. 24, 11.: *Libra del peligro a quienes son conducidos a la muerte*, etc. Luego, si aquellos hombres padecen inocentemente y podemos liberarlos sin dificultad, entonces, estamos obligados a hacerlo»¹¹⁹.

¹¹⁹ *Idem*, fol. 68vº.

6 ALEGAR EL CUMPLIMIENTO DE ÓRDENES SUPERIORES NO EXIME A LOS SOLDADOS DE CULPA POR CRÍMENES CONTRA EL GÉNERO HUMANO

«Todos los soldados, ya sean súbditos o no, si la guerra encierra una clara injusticia, no pueden avanzar con el rey hacia la guerra. Y se prueba porque ellos ven claramente que no pueden ir; luego si van, van contra su conciencia, y, en consecuencia, pecan mortalmente. En segundo lugar, se prueba porque todos estos, aprovechando la oportunidad, quieren matar inocentes; luego pecan de modo sumamente grave. Se demuestra porque, si la guerra es injusta por parte de este rey, de ello se sigue que todos los adversarios son inocentes. En tercer lugar, quien presta ayuda a alguien que va a pecar mortalmente, peca mortalmente; de manera que, aquel rey que va a una guerra injusta, va para pecar mortalmente y, por tanto, también los que lo ayudan. Y esta fue la causa por la que la legión tebana no quiso combatir»¹²⁰.

¹²⁰ *Idem*, fol. 68vº.

7 EL PRIMADO DE LA CONCIENCIA JURÍDICA UNIVERSAL EN LA DETERMINACIÓN DE LA JUSTICIA DE LA GUERRA

«Tercera premisa: aunque no haya seguridad plena de que la guerra es injusta, pero aun así existan muchos indicios asaz notorios acerca de ello, ni en este caso pueden los soldados seguir a su rey. Se prueba porque también entonces actúan contra la conciencia, pues, durante el tiempo en que esos indicios son manifiestos, no pueden concebir que el rey libre una guerra justa. En segundo lugar, se arguye que la crasa ignorancia a nadie libra de pecado; luego a los soldados que cultivan esta ignorancia no se les puede disculpar. Se prueba la menor porque, durante el tiempo en que se advierten esos indicios, están obligados a informarse sobre la justicia de la guerra»¹²¹.

¹²¹ *Idem*, fol. 68.

8 LOS ESTADOS CIVILIZADOS SON LOS QUE RESPETAN LA OPINIÓN DE LOS SABIOS: LA PREVALENCIA DE LA SOLUCIÓN PACÍFICA EN LAS CONTROVERSIAS INTERNACIONALES

«Pero la mayor duda gira en torno a lo que cumple hacer si ninguno de ambos se encuentra en la posesión y si son muchos los que la pleitean. En relación a esto, digo que, si existe algún tribunal ante el cual puedan pleitear, entonces no hay ninguna duda y están

superior ou algum dos litigantes com justa causa recusa aquele tribunal: que deve fazer-se? Victoria e outros respondem que todos estes litigantes são obrigados a apresentarem varões sábios que dirimam o assunto, *e que são obrigados a acatar o juízo destes*. [...] Tudo deve tentar-se antes de apelar às armas.»¹²²

¹²² *Idem*, fol. 70.

9 O PRIMADO DA JUSTIÇA OBJETIVA SOBRE O PODER NAS RELAÇÕES ENTRE OS ESTADOS

«Mas que fazer, se a verdade não puder prevalecer? A isto digo que estes são obrigados a entender-se entre si e cada um a prescindir de alguma coisa do seu direito, ainda que um dos dois seja muito mais poderoso. Prova-se porque este é igual na causa, ainda que seja mais poderoso; logo, deve ser também igual na acomodação e condição. Em segundo lugar, argui-se que nas coisas privadas a acomodação faz-se por tal forma que cada um desista do seu direito, e até quanto mais claro for o direito de algum, tanto maior porção se lhe deve ceder. Prova-se porque nesta matéria *deve olhar-se ao direito, e não ao poder*. Em último lugar, argui-se que, se numa causa privada algum juiz concedesse inteiramente os direitos duvidosos a um só, pecaria mortalmente, porque é obrigado a distribuir igualmente ou a dar a maior porção a quem tem maior direito.»¹²³

¹²³ *Idem*, fol. 70.

obligados a requerir justicia frente al juez. Pero cuando no existe tribunal superior o alguno de los litigantes con justa causa rechaza aquel tribunal, ¿qué se debe hacer? Vitoria y otros responden que todos estos litigantes están obligados a presentar varones sabios que diriman el asunto, *y que están obligados a acatar el juicio de estos. [...]* Todo debe intentarse antes de apelar a las armas»¹²².

¹²² *Idem*, fol. 70.

9 EL PRIMADO DE LA JUSTICIA OBJETIVA SOBRE EL PODER EN LAS RELACIONES ENTRE LOS ESTADOS

«¿Pero qué hacer si la verdad no pudiera prevalecer? A esto digo que estos están obligados a entenderse entre sí y cada uno a prescindir de algo de su derecho, aunque uno de los dos sea mucho más poderoso. Se prueba porque este es igual en la causa, aunque sea más poderoso; luego debe ser también igual en el acomodo y la condición. En segundo lugar, se arguye que en las cosas privadas la conciliación se hace de tal forma que ambos transijan, y que cuanto más claro fuere el derecho de uno, tanto mayor la porción que se le debe ceder. Se demuestra porque en esta materia *ha de mirarse al derecho, y no al poder*. En último lugar, se arguye que, si en una causa privada algún juez concediese enteramente los derechos dudosos a uno solo, pecaría mortalmente, porque está obligado a distribuirlos igualmente o a dar la mayor porción a quien tiene mayor derecho»¹²³.

¹²³ *Idem*, fol. 70.

1585 – 1596

Universidade de Évora

FERNÃO

..

Fernão Rebelo nasceu em Moimenta da Beira em 1547 e ingressou na Companhia de Jesus em 1562, mesmo ano em que foi viver para Évora. Ensinou Filosofia na Universidade de Évora (1568-1572) e doutorou-se na mesma Universidade em 1589. Entre 1586 e 1588 regeu a cadeira de Véspera de Moral e entre 1589 e 1596 a cadeira de Prima de Teologia Moral. Entre 1596 e 1604 foi cancelário da Universidade de Évora e entre 1604 e 1608 reitor do Colégio do Porto.

1585 – 1596
Universidad de Évora

REBELO

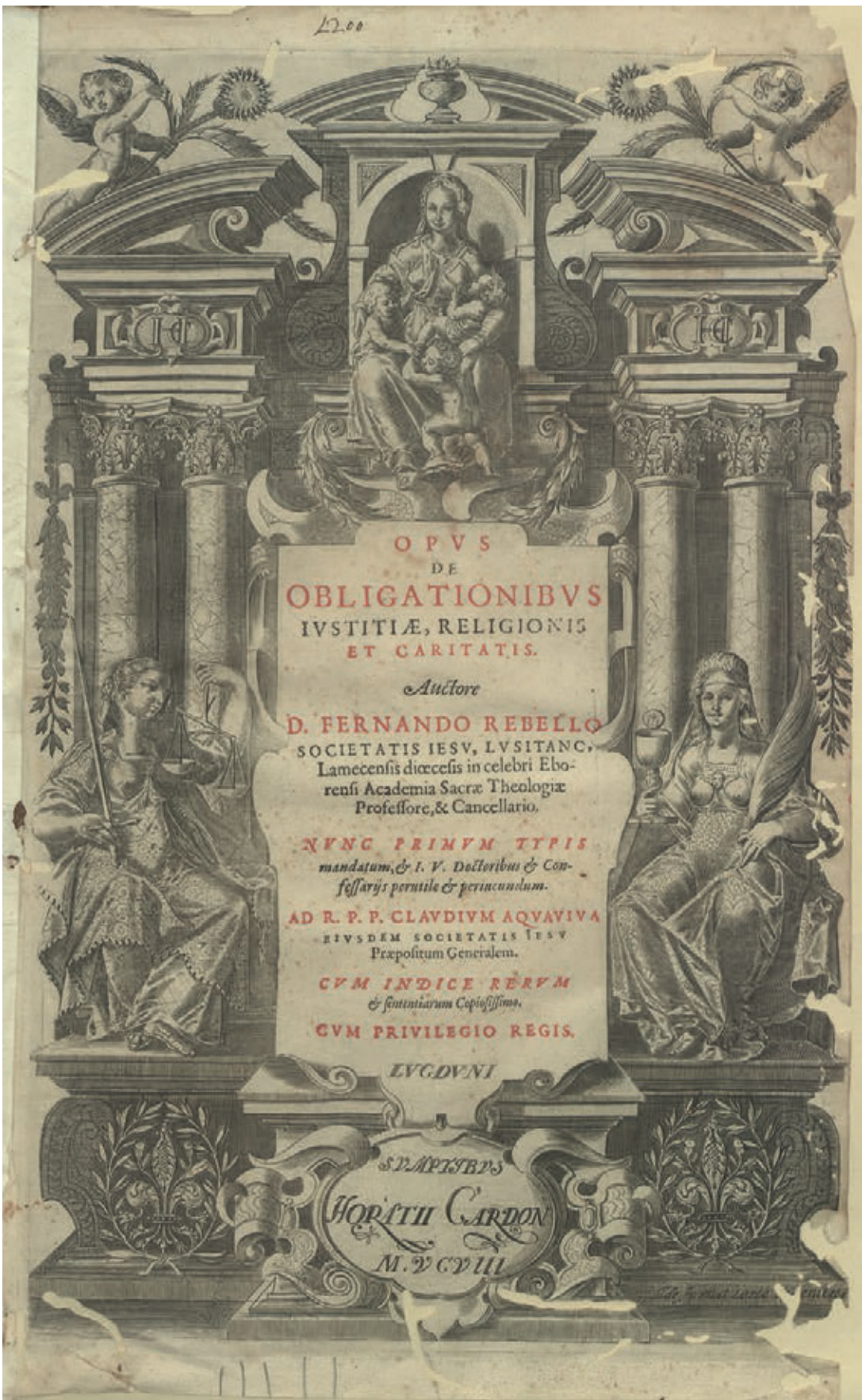
..

Fernão Rebelo nació en Moimenta da Beira en 1547 e ingresó en la Compañía de Jesús en 1562, año en el que se trasladó a vivir a Évora. Enseñó Filosofía en la Universidad de Évora (1568-1572) doctorándose en esa misma Universidad en 1589. Entre 1586 y 1588 regentó la cátedra de Vísperas de Moral y entre 1589 y 1596 la de Prima de Teología Moral. Entre 1596 y 1604 fue canciller de la Universidad de Évora y entre 1604 y 1608 rector del Colegio de Oporto.

FERNÃO REBELLO

Frontispício / Frontispicio

1200



OPVS
DE
OBLIGATIONIBVS
IVSTITIÆ, RELIGIONIS
ET CARITATIS.

Auctore

D. FERNANDO REBELLO
SOCIETATIS IESV, LVSITANIC.
Lamecensis diocesis in celebri Ebo-
rensi Academia Sacræ Theologiæ
Professore, & Cancellario.

NUNC PRIMUM TYPIS
*mandatum, & I. V. Doctoribus & Con-
fessarijs perutile & pericundum.*

AD R. P. P. CLAVDIUM AQUAVIVA
EIVSDEM SOCIETATIS IESV
Præpositum Generalem.

CVM INDICE RERVM
& sententiarum Copiosissimo.

CVM PRIVILEGIO REGIS.

LUGDVNI

S. N. AP. TIBVS
HORATHI CARDON
M. D. C. C. LIII

1 O DIREITO DAS GENTES APLICA-SE A TODAS AS NAÇÕES

«Os cristãos tomados pelos infiéis que fazem guerra justa tornar-se-ão verdadeiros escravos destes: é que, se os infiéis fazendo guerra injusta se tornam escravos dos cristãos pelo direito das gentes, que deve ser comum a todos, igualmente os cristãos se tornarão escravos dos infiéis que fazem justa guerra. Todavia, se a guerra for injusta por parte dos que tomam os prisioneiros, a escravidão também será sempre injusta.»¹²⁴

2 A CONDENÇÃO DO TRÁFICO DE ESCRAVOS AFRICANOS

2.1 «Embora não seja inteiramente certo, deve porém mais verosimilmente presumir-se que este género de escravos são obtidos, em ambas as Guiné e em toda a África, mediante injustiça, na maioria dos casos pelos próprios habitantes, e vendidos aos nossos, e que os traficantes não podem nem devem pôr regularmente de parte este tipo de presunção. Por isso eles, quando compram no princípio os escravos aos habitantes, não são compradores nem possuidores de boa-fé, e por essa razão não apenas devem ser obrigados a procurar apurar a verdade antes da compra, mas também depois da compra; pelo que, se não se proporcionar um processo para apurar a verdade, tal como regularmente não se proporcionará, deve renunciar-se, sob pena de pecado mortal, à compra destes escravos, e depois da compra assim realizada de má-fé, deve restituir-se a liberdade a cada um dos escravos.»¹²⁵

2.2 «É quanto ao facto de que se deve presumir a referida injustiça de título, tal se prova não só porque esses escravos, as mais das vezes, são reduzidos à escravidão pela guerra: ora, entre os negros não há qualquer preocupação em regulamentar a justiça da guerra, mas o direito deles está inteiramente fundado nas armas, e os que são mais poderosos fazem maiores rapinas de escravos, atacando os adversários de modo imprevisto durante a noite, e até os nossos próprios traficantes francamente reconhecem que as guerras deles com mais verdade se devem denominar latrocínios.»¹²⁶

3 A SALVAÇÃO DA ALMA NÃO É TÍTULO LEGÍTIMO DE ESCRAVATURA

«E a isto não contraria o proveito que, por acidente, para os escravos resulta da injustiça, por receberem o sagrado batismo, ao serem vendidos a senhores cristãos, porque é certo que por este motivo não pode verificar-se uma justa servidão nem, por isso, a compra dos mesmos escravos, suspeita de tão grandes embustes, uma vez que *não devemos fazer coisas ruins para que se tornem em boas*, (Rm 3,8), como diz o Apóstolo»¹²⁷

¹²⁴ Rebelo, Fernão, *Opus de obligationibus justitiae, religionis et caritatis*, Lugudni, 1608, tradução do latim de António Guimarães Pinto. Sobre o passo selecionado: *Idem*, quaestio IX, p. 67.

¹²⁵ *Idem*, quaestio X, p. 71.

¹²⁶ *Idem*, quaestio X, p. 71.

¹²⁷ *Idem*, quaestio X, p. 71.

1 EL DERECHO DE GENTES ES APLICABLE A TODAS LAS NACIONES

«Los cristianos tomados por los infieles que hacen guerra justa se convertirán en verdaderos esclavos de estos: puesto que, si los infieles que hacen guerra injusta se convierten en esclavos de los cristianos por el derecho de gentes, que ha de ser común a todos, los cristianos se convertirán asimismo en esclavos de los infieles que hacen guerra justa. Pero en caso de que la guerra sea injusta de parte de quienes toman los prisioneros, la esclavitud también será siempre injusta»¹²⁴.

¹²⁴ Rebelo, Fernão, *Opus de obligationibus iustitiae, religionis et caritatis*, Lugudni, 1608, quaestio IX, p. 67. Traducción de José Luis Pérez.

2 CONDENACIÓN DE LA TRATA DE ESCLAVOS AFRICANOS

2.1 «Si bien no sea totalmente cierto, ha de suponerse sin embargo de un modo más verosímil que este género de esclavos son obtenidos, en las dos Guineas y en toda África, mediante injusticia, en la mayor parte de los casos por los propios habitantes, y vendidos a los nuestros, y que los traficantes ni pueden ni deben dejar de lado este tipo de suposición. Es por eso que, cuando al principio compran los esclavos a los habitantes, ellos no son compradores ni poseedores de buena fe, y por ello no deben estar obligados sólo a intentar saber la verdad antes de la compra, sino que deben hacerlo asimismo tras la compra; de suerte que, si no se proporciona un proceso para saber la verdad, y regularmente no se proporcionará, ha de renunciarse, so pena de pecado mortal, a la compra de esos esclavos, y tras la compra realizada así de mala fe, ha de restituirse la libertad a cada uno de los esclavos»¹²⁵.

2.2 «Y respecto al hecho de que ha de suponerse la mencionada injusticia de título, tal queda probado no sólo porque la mayoría de las veces esos esclavos son reducidos por la guerra a la esclavitud: pues bien, entre los negros no hay ninguna preocupación respecto a reglamentar la justicia de guerra, sino que el derecho de los mismos está totalmente fundado en las armas, y aquellos que son más poderosos son los que más hacen rapiña de esclavos, atacando los adversarios de manera imprevista por la noche, e incluso nuestros propios traficantes reconocen francamente que las guerras de aquéllos son las que con más verdad han de denominarse latrocinios»¹²⁶.

¹²⁵ *Idem*, quaestio X, p. 71.

¹²⁶ *Idem*, quaestio X, p. 71.

3 LA SALVACIÓN DEL ALMA NO OTORGA TÍTULO LEGÍTIMO PARA LA ESCLAVITUD

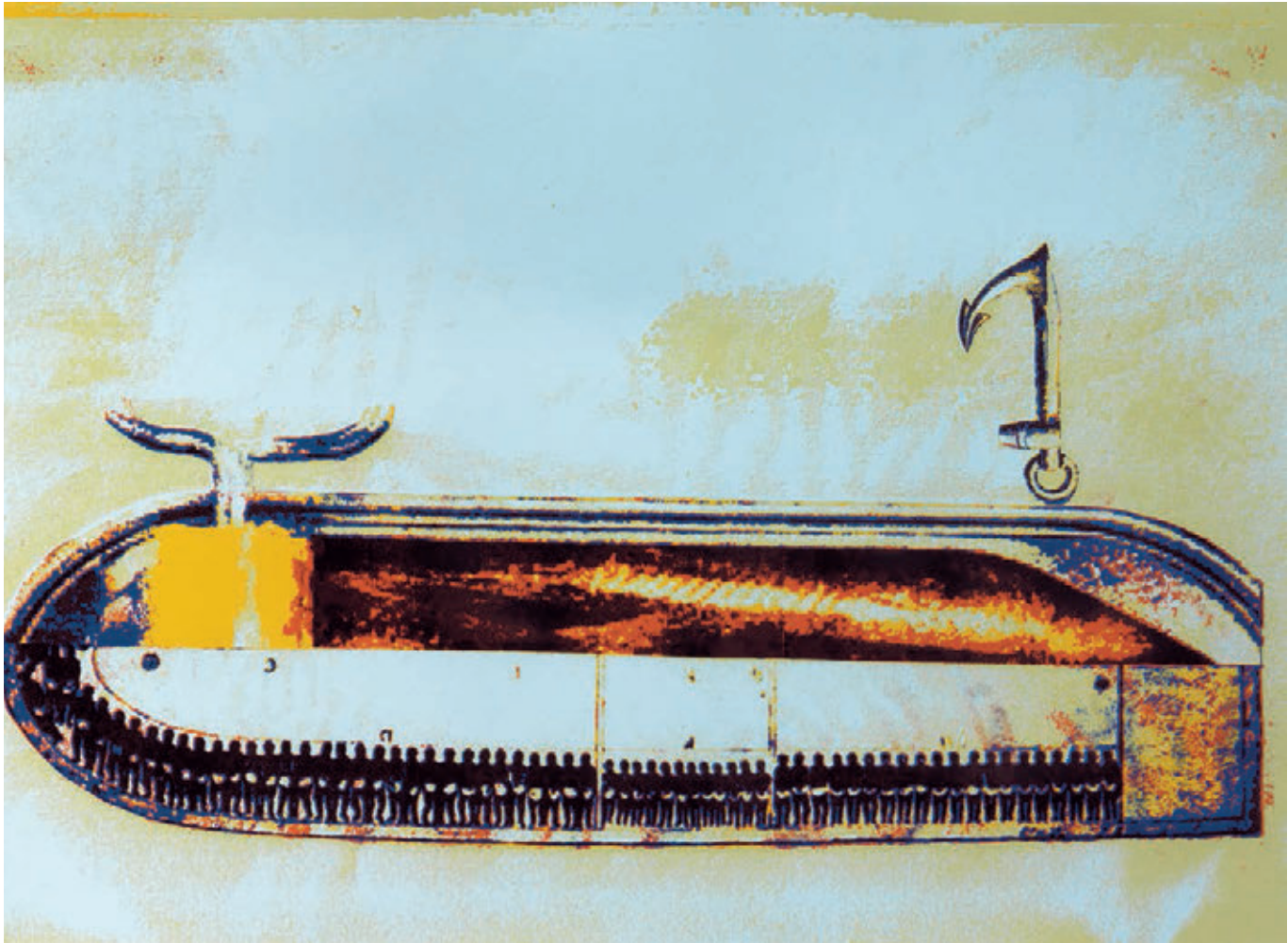
«Y esto no es impugnado por el provecho que, por accidente, resulta de la injusticia para los esclavos, por recibir el sagrado bautismo al ser vendidos a señores cristianos, porque es cierto que por este motivo no se puede verificar una justa servidumbre ni, por eso, la compra de los mismos esclavos, sospechosa de tan grandes

Tomás Mercadus conta que, de quatrocentos, em uma única e mesma noite mais de cento e trinta dentro dos porões de um só navio morreram asfixiados com o seu intolerável fedor, e que certo traficante seu amigo chegara às Índias Ocidentais só com vinte. Também sucedeu, no porto de Angola que, depois de serem encerrados de igual modo violento, os traficantes, de espadas embainhadas os impediram durante a noite de saírem e de respirarem, sendo pela manhã trinta e dois encontrados asfixiados. Estas e coisas piores fazem s traficantes naquelas regiões que totalmente desconhecem os reis e governantes de Portugal, que, se delas tivessem conhecimento, não permitiriam que ficassem sem castigo.

..

330

Tomás Mercadus cuenta cómo en la misma noche, entre cuatrocientos, hubo más de ciento treinta en las bodegas de un solo navío que murieron asfixiados con su intolerable hedor, y cómo cierto traficante amigo suyo había llegado a las Indias Occidentales con tan sólo veinte. Sucedió asimismo en el puerto de Angola que, tras encerrarlos de igual manera violenta, los traficantes impidieron por la noche con espadas envainadas que salieran y respiraran, habiéndose encontrado asfixiados a treinta y dos de ellos por la mañana. Estas cosas y otras peores hacen los traficantes en aquellas regiones que son desconocidas para los gobernantes y reyes de Portugal, quienes, en caso de conocerlas, no permitirían que quedaran sin castigo.



Filipa Flores · *Sem título* · Serigrafia · 50 x 70 cm · 2013

4 A RESPONSABILIZAÇÃO MORAL DA COROA NA ESCRAVATURA INJUSTA DOS AFRICANOS

«Da précitada presunção, que deve forçosamente conceber-se razoavelmente, devido aos relatos de muitas pessoas dignas de crédito e à fama corrente relativamente à injusta compra dos escravos, que se realiza em ambas as Guínés, podemos corretamente inferir com Molina, no passo citado acima, que em consciência está obrigado o rei e os que governam o reino de Portugal, assim como também os bispos de Cabo Verde e da ilha de S. Tomé, e os confessores dos mesmos príncipes e prelados (incluindo também neste número os funcionários superiores, aos quais foi atribuído o cuidado particular do tribunal da consciência do rei), cada um em proporção com o seu grau e ofício, na medida em que lhes for possível, a apresentar um remédio eficaz, para com ele se atalhar quanto antes a esta injustiça.»¹²⁸

¹²⁸ *Idem*, quaestio X, p. 71.

5 OS ESCRAVOS, APRISIONADOS NA GUERRA, PODEM FUGIR: O DIREITO DE REGRESSO À PÁTRIA

«Ainda que aos escravos de qualquer condição, se falarmos em geral, não seja lícito fugir, mas pecado mortal que obriga à restituição, todavia, é lícito aos aprisionados na guerra, pelo direito de voltar à pátria, fugirem diretamente para junto dos seus [...], e obtêm a liberdade quando entram nas raias da sua pátria. Ora, o direito de voltar à pátria, confirmado pelos costumes dos povos e pelas leis, é o direito pelo qual a coisa tomada na guerra obtém a condição original como se não tivesse existido guerra.»¹²⁹

¹²⁹ *Idem*, quaestio XII, p. 77.

embustes, dado que *no debemos hacer cosas malas para que se hagan buenas*, (Rm 3, 8), como dice el Apóstol»¹²⁷.

¹²⁷ *Idem, quaestio X, p. 71.*

4 LA RESPONSABILIDAD MORAL DE LA CORONA EN LA ESCLAVITUD INJUSTA DE LOS AFRICANOS

«De la suposición anteriormente citada, que forzosamente ha de concebirse de manera razonable, debido a los relatos de muchas personas dignas de crédito y a la noticia común respecto a la injusta compra de los esclavos que ocurre en las dos Guineas, podemos inferir correctamente con Molina, en el pasaje citado anteriormente, que en conciencia está obligado el rey y aquellos que gobiernan el reino de Portugal, así como los obispos de Cabo Verde y de la isla de Santo Tomé, y los confesores de dichos príncipes y prelados (incluyendo asimismo en este número a los funcionarios superiores a quienes se otorgó el cuidado particular del tribunal de la conciencia del rey), cada uno en proporción de su grado y oficio, en la medida en que les sea posible, a presentar una medicina eficaz, para con ella atajar lo más pronto posible esta injusticia»¹²⁸.

¹²⁸ *Idem, quaestio X, p. 71.*

5 LOS ESCLAVOS HECHOS EN LA GUERRA PUEDEN HUIR: EL DERECHO DE REGRESO A LA PATRIA

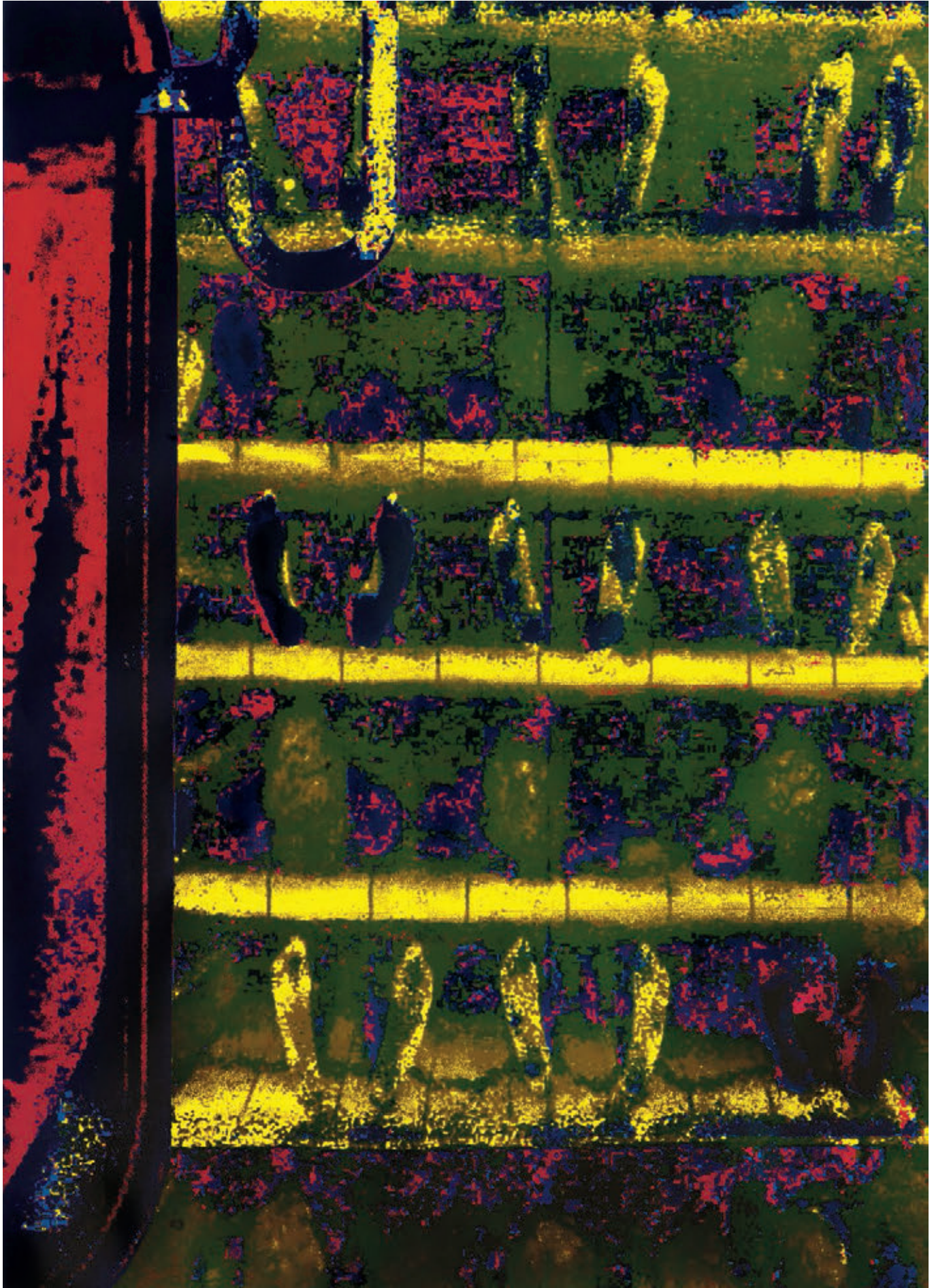
«Pese a que a los esclavos de cualquier condición, si hablamos en general, no sea lícito escapar, sino pecado mortal que obliga a la restitución, sin embargo, resulta lícito a los aprisionados en la guerra, por el derecho de volver a la patria, escapar directamente junto a los suyos [...], y alcanzan la libertad cuando entran en las rayas de su patria. Pues bien, el derecho de volver a la patria, confirmado por las costumbres de los pueblos y por las leyes, es el derecho por el cual la cosa tomada en la guerra obtiene la condición original como si no hubiera existido guerra»¹²⁹.

¹²⁹ *Idem, quaestio XII, p. 77.*

**No próprio transporte por mar
a maior parte deles amiúde
mofinamente perece: é que os
traficantes, como têm receio
deles, não os deixam gozar do
ar livre sobre o convés e assim,
cruelmente fechados nos porões,
morrem sufocados pela sua própria
fedentina.**

..

**En el propio transporte por mar
muere a menudo la mayor parte
de ellos de manera ruin: de hecho,
al sentir temor por ellos,
los traficantes no les permiten
gozar en la cubierta del aire libre
y así, cruelmente encerrados en las
bodegas, mueren sofocados a causa
de su propio hedor.**



Filipa Flores · *Sem título* · Serigrafia · 70 x 50 cm · 2013

1597–1616

Universidade de Coimbra

FRANCISCO

..

Francisco Suárez nasceu em Granada, no ano de 1548 e morreu em Lisboa, em 1617. Entrou para a Companhia de Jesus em Salamanca, em 16 de Junho de 1564. Entre 1576 e 1580 foi professor em Valladolid, e entre 1580-1585 no Colégio Romano. Regressou a Espanha para ensinar na Universidade de Alcalá de Henares (1585-1593) e na Universidade de Salamanca (1593-1597). Nesse mesmo ano parte para Coimbra, onde lecionará até 1616, período que coincidiu com a fase mais ativa de redação dos seus trabalhos académicos.

1597 – 1616
Universidad de Coímbra

SUÁREZ

..

Francisco Suárez nació en Granada el año de 1548 y murió en Lisboa en 1617. Ingresó en la Compañía de Jesús en Salamanca el 16 de junio de 1564. Entre 1576 y 1580 fue profesor en Valladolid y entre 1580-1585 en el Colegio Romano. Regresó a España para enseñar en la Universidad de Alcalá de Henares (1585-1593) y en la de Salamanca (1593-1597). En ese mismo año pasa a Coímbra, donde enseñará hasta 1616, siendo éste el período de mayor intensidad en la redacción de sus trabajos académicos.

FRANCISCO SUÁREZ
Frontispício / Frontispicio

*De fidei de
Hon.*

DEFENSIO

FIDEI CATHOLICÆ,
ET APOSTOLICÆ

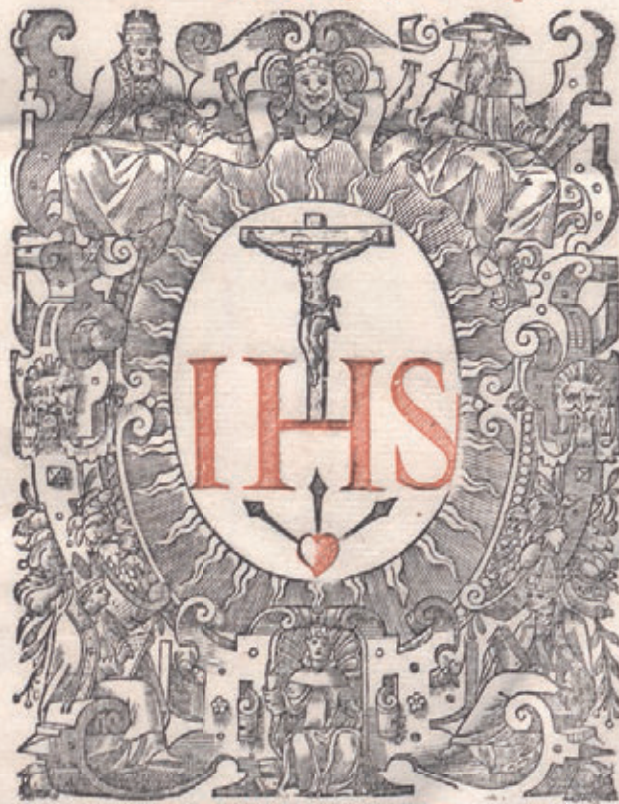
Aduersus Anglicanæ sectæ errores,

CVM RESPONSIONE

AD APOLOGIAM PRO IVRAMENTO FIDELITATIS,
& Præfationem monitoriam Serenissimi IACOBI Angliæ Regis.

*Authore P. D. FRANCISCO SVARIO Granatenſi & Societate IESV
Sacræ Theologiæ in celebri Conimbricenti Academia Primario Professore.*

AD SERENISSIMOS TOTIVS CHRISTIANI
Orbis Catholicos Reges, ac Principes.



CONIMBRICÆ.

CVM PRIVILEGIIS REGIS CATHOLICI.

Apud **Didacum Gomez de Loureyro** Academiae Typographum.

Annò DOMINI 1613.

1 FUNDAMENTAÇÃO JUSNATURALISTA DO PODER POLÍTICO

- 1.1 «O homem foi criado por Deus naturalmente livre e cada homem só recebeu imediatamente de Deus poder para dominar os brutos animais e os seres inferiores.»¹³⁰
- 1.2 «A democracia poderia existir sem uma instituição positiva, apenas por instituição ou dimanação natural, com a negação apenas de uma instituição nova ou positiva, pois a própria razão natural estabelece que o poder político supremo segue-se naturalmente da comunidade humana perfeita e que, por este mesmo motivo, pertence a toda a comunidade, exceto se for transferido para outro por via de uma nova instituição – porque, à luz da razão, não há lugar para qualquer outra determinação, nem se postula uma outra mais imutável [...]. A comunidade civil perfeita é livre por direito natural e não está sujeita a homem algum fora de si, mas detém em si, na verdade, toda ela o poder, o qual é democrático conquanto não mude.»¹³¹

¹³⁰ Suárez, Francisco, *Defensio Fidei Catholicae...*, III, *Principatus Politicus*, Conimbricæ, 1613, excertos traduzidos do latim por André Santos Campos. Sobre o passo seleccionado: *Idem*, II, 11.

¹³¹ *Idem*, II, 8.

2 A LEGITIMIDADE DAS SOBERANIAS INDÍGENAS

- 2.1 «Tudo o que foi dito até agora sobre o poder natural que têm os homens para ditar leis civis é universalmente válido para todos os pagãos e infieis.»¹³²
- 2.2 «O poder dos príncipes cristãos, em si mesmo, não é de maior nem de distinta natureza que o poder dos príncipes pagãos; logo, em si próprio, não tem outra matéria nem outro fim.»¹³³
- 2.3 «É S. Tomás quem se ocupa da vera argumentação desta verdade: “O domínio (diz) ou a prelação foram introduzidos por direito humano, enquanto a distinção entre fieis e infieis é de direito divino; e o direito divino, o qual procede da graça, não suprime o direito humano, o qual procede da razão natural, portanto, a distinção entre fieis e infieis, em si mesma considerada, não suprime o domínio nem a prelação dos infieis sobre os fieis”. Esta argumentação é excelente e pode ser explicada do seguinte modo: mesmo quando os súbditos de um rei gentio se convertam à fé, não se isentam por esse mesmo facto, nem por força do direito divino, da jurisdição temporal do seu príncipe legítimo, pois não podem pela sua própria autoridade privar outrem do seu domínio e do seu direito, nem tampouco lhes foi concedido que o fizessem por autoridade de Deus, tendo em vista que não lhes foi isto revelado nem o dita a razão natural – ao invés, ensinam precisamente o contrário tanto a Escritura como a reta razão.»¹³⁴
- 2.4 «A conversão dos pagãos ao cristianismo não destrói o direito natural ou o contrato humano que nele se baseia [...]. Por isso os príncipes pagãos não perdem o legítimo poder civil pela conversão ao cristianismo dos seus súbditos.»¹³⁵

¹³² Suárez, Francisco, *De Legibus*, Liv. III, V, 1.

¹³³ *Idem*, XII, 9.

¹³⁴ Suárez, Francisco, *Defensio Fidei* III, IV, 5.

¹³⁵ *Idem*, IV, 5.

1 FUNDAMENTACIÓN JUSNATURALISTA DEL PODER POLÍTICO

- 1.1 «El hombre fue creado naturalmente libre por Dios y cada hombre sólo recibió inmediatamente de Dios poder para dominar los brutos animales y los seres inferiores»¹³⁰.
- 1.2 «La democracia podría existir sin una institución previa, únicamente por institución o dimanación natural, con la negación tan sólo de una institución nueva o positiva, dado que la propia razón natural establece que el poder político supremo resulta naturalmente de la comunidad humana perfecta y que, por este mismo motivo, pertenece a toda la comunidad, salvo si resulta transferido a otro por vía de una nueva institución –puesto que, a la luz de la razón, no cabe ninguna otra determinación, ni se postula alguna otra más inmutable–. [...]. La comunidad civil perfecta es libre por Derecho natural y no está sometida a ningún hombre fuera de sí misma, pero más bien posee toda ella en sí el poder, el cual es democrático con tal de que no cambie»¹³¹.

¹³⁰ Suárez, Francisco, *Defensio Fidei Catholicae...*, III, *Principatus Politicus*, Conimbricæ, 1613, *Op. cit.*, II, 11. Traducción de José Luis Pérez.

¹³¹ *Idem*, II, 8.

2 LA LEGITIMIDAD DE LAS SOBERANÍAS INDÍGENAS

- 2.1 «Todo lo que quedó dicho hasta ahora sobre el poder natural que los hombres poseen para dictar leyes civiles es universalmente válido para todos los paganos e infieles»¹³².
- 2.2 «El poder de los príncipes cristianos, en sí mismo, no tiene una naturaleza mayor ni distinta del poder de los príncipes paganos; consiguientemente, en sí mismo, no posee otra materia ni finalidad»¹³³.
- 2.3 «S. Tomás es quien ofrece la auténtica argumentación de esta verdad: “El dominio (dice) o la prelación fueron introducidos por derecho humano, mientras que la distinción entre fieles e infieles es de derecho divino; y el derecho divino, que procede de la gracia, no suprime el derecho humano, que procede de la razón natural. Consiguientemente, la distinción entre fieles e infieles, considerada en sí misma, no suprime el dominio ni la prelación de los infieles sobre los fieles”. Esta argumentación es excelente y puede explicarse del siguiente modo: aun cuando los súbditos de un rey gentil se conviertan a la fe, no quedan exentos por ese mismo hecho, ni por fuerza del derecho divino, de la jurisdicción temporal de su príncipe legítimo, puesto que no pueden por su propia autoridad privar al otro de su dominio y de su derecho, y tampoco se les concedió que lo hicieran por autoridad de Dios, teniendo en cuenta que esto no les fue revelado ni es dictado por la razón natural –en cambio, enseñan precisamente lo contrario tanto la Escritura como la recta razón–»¹³⁴.
- 2.4 «La conversión de los paganos al cristianismo no destruye el derecho natural o el contrato humano basado en éste [...]. Así pues, los príncipes paganos no pierden el legítimo poder civil por la conversión de sus súbditos al cristianismo»¹³⁵.

¹³² Suárez, Francisco, *De Legibus*, Liv. III, V, 1.

¹³³ *Idem*, XII, 9.

¹³⁴ Suárez, Francisco, *Defensio Fidei* III, IV, 5.

¹³⁵ *Idem*, IV, 5.

**O poder dos príncipes cristãos,
em si mesmo, não é de maior nem
de distinta natureza do que foi entre
os príncipes pagãos; logo, em si
próprio, não tem outra matéria nem
outro fim.**

..

**El poder de los príncipes cristianos,
en sí mismo, no tiene una
naturaleza mayor ni distinta del
poder de los príncipes paganos;
consiguientemente, en sí mismo,
no posee otra materia ni finalidad.**

FRANCISCO SUÁREZ

De legibus, III, XII, 9



Gina Martins · *S/título* · Marcadores de tinta-da-china sobre papel / Marcadores de tinta china sobre papel · 30 x 20 cm · 2013

3 OS PAGÃOS PODEM DOMINAR OS CRISTÃOS

3.1 «Os pagãos são verdadeiros reis e príncipes dos cristãos, como homens que são, e podem ter autoridade sobre eles, ainda que não possuam uma alma reta.»¹³⁶

¹³⁶ *Idem*, IV, 4.

3.2 «Se um rei gentio ocupar um Estado cristão por meio de guerra justa, adquire então verdadeiro domínio, e isto também está conforme ao direito das gentes derivado do direito natural, o qual não é suprimido pela fé. Nem a Igreja, por assim dizer, o impede quando o príncipe infiel é pagão e não é súbdito da mesma Igreja, como agora dizemos. Seria o mesmo, aliás, se acontecesse que um rei infiel obtivesse, por legítimo direito sucessório, um povo cristão submetido antes a um príncipe cristão, pois então também a fé dos súbditos não impede a aquisição do mando, nem tampouco depende da vontade daquele povo, mas advém-lhe necessariamente de uma justa instituição anterior.»¹³⁷

¹³⁷ *Idem*, IV, 7.

4 O PAPA NÃO TEM PODER TEMPORAL NEM ESPIRITUAL SOBRE OS POVOS ESTRANHOS AO REDIL DA IGREJA

4.1 «Em si própria, a Igreja não tem poder sobre os infiéis que não são seus súbditos, nem temporal nem espiritualmente, de acordo com as palavras de São Paulo *Como posso julgar os que estão de fora* (I Cor 5, 12). Por isso, assim como não pode obrigá-los à conversão, tampouco os pode castigar pelo pecado de infidelidade. Nos mesmos termos não os pode privar do domínio e jurisdição que tenham sobre os cristãos.»¹³⁸

¹³⁸ *Idem*, IV, 7.

4.2 «Responderemos ao argumento contrário que se baseia nas palavras de São Paulo: *Não vos deixeis conduzir sob o jugo dos infiéis* (2Cor 6,14). Por elas devemos entender literalmente que não devemos tomar parte das ações próprias dos infiéis enquanto infiéis.»¹³⁹

¹³⁹ *Idem*, IV, 19.

5 O *JUS PRAEDICANDI* E A DOAÇÃO DO PAPA ALEXANDRE VI: NATUREZA E LIMITES

«O Papa detém o direito de enviar pregadores onde quer que for [...]. A partir daí segue-se que o Pontífice Romano pode conceder esse direito a algum rei ou a um príncipe cristão, e depois de o ter concedido nenhum outro príncipe pode intrometer-se justamente na questão. Ambas as conclusões constam do costume da Igreja. Assim fez Alexandre VI com os reis de Espanha e de Portugal. O motivo pelo qual o fez é claro: traz muita utilidade à regência da Igreja e à paz e porque o Pontífice pode proibir e delegar o seu direito a quem lhe aprover.»¹⁴⁰

¹⁴⁰ Suárez, Francisco, *De mediis quibus infideles possint licite ab hominibus ad fidem adducit*, Roma, Universidade Gregoriana, ms. 452, ff. 365-370, tradução de Miguel Sena Monteiro. Sobre o passo citado: quaestio 4ª.

3 LOS PAGANOS PUEDEN DOMINAR SOBRE LOS CRISTIANOS

- 3.1 «Los paganos son verdaderos reyes y príncipes de los cristianos, al ser hombres, y pueden tener autoridad sobre ellos, aunque no posean un alma recta»¹³⁶.
- 3.2 «Si un rey gentil llega a ocupar un Estado cristiano por medio de guerra justa, adquiere entonces verdadero dominio, y esto también resulta de conformidad con el derecho de gentes derivado del derecho natural, el cual no es suprimido por la fe. Ni la Iglesia, por así decirlo, lo impide cuando el príncipe infiel es pagano y no es súbdito de la misma Iglesia, como decimos ahora. Sería lo mismo, en realidad, si sucediera que un rey infiel obtuviese, por legítimo derecho sucesorio, un pueblo cristiano antes sometido a un príncipe cristiano, puesto que también en este caso la fe de los súbditos no impide la adquisición del mando, ni depende tampoco de la voluntad de ese pueblo, pero la recibe necesariamente de una justa institución anterior»¹³⁷.

¹³⁶ *Idem*, IV, 4.

¹³⁷ *Idem*, IV, 7.

4 EL PAPA NO TIENE PODER TEMPORAL NI ESPIRITUAL SOBRE LOS PUEBLOS AJENOS AL REDIL DE LA IGLESIA

- 4.1 «En sí misma, la Iglesia no tiene poder sobre los infieles que no son sus súbditos, ni temporal ni espiritualmente, de conformidad con las palabras de San Pablo: *¿Cómo puedo yo juzgar a los que están fuera?* (I Cor 5, 12). Por ello, así como no puede obligarles a la conversión, tampoco puede castigarlos por pecado de infidelidad. De la misma manera tampoco puede privarles del dominio y jurisdicción que tengan sobre los cristianos»¹³⁸.
- 4.2 «Contestaremos al argumento opuesto que se basa en las palabras de San Pablo: *No os dejéis conducir bajo el yugo de los infieles* (2 Cor 6,14). Ha de entenderse con ellas literalmente que no debemos tener parte en las acciones propias de los infieles en cuanto infieles»¹³⁹.

345

¹³⁸ *Idem*, IV, 7.

¹³⁹ *Idem*, IV, 19.

5 EL *JUS PRAEDICANDI* Y LA CONCESIÓN DEL PAPA ALEJANDRO VI: NATURALEZA Y LÍMITES

«El Papa tiene el derecho de enviar predicadores a dondequiera [...]. Resulta de esto que el pontífice romano puede conceder ese derecho a algún rey o a un príncipe cristiano, y tras haberlo concedido, ningún otro príncipe puede entrometerse justamente en la cuestión. Ambas conclusiones son la costumbre de la Iglesia. Así hizo Alejandro VI con los reyes de España y de Portugal. El motivo por lo cual lo hizo es claro: trae mucha utilidad al gobierno de la Iglesia y a la paz, y porque el pontífice puede prohibir y delegar su derecho en quien él quiera»¹⁴⁰.

¹⁴⁰ Suárez, Francisco, *De mediis quibus infideles possint licite ab hominibus ad fidem adduci*, Roma, Universidad Gregoriana, ms. 452, quaestio 4ª.

Os pagãos são verdadeiros reis e príncipes dos cristãos, como homens que são, e podem ter autoridade sobre eles, ainda que não possuam uma alma reta.

..

Los paganos son verdaderos reyes y príncipes de los cristianos, al ser hombres, y pueden tener autoridad sobre ellos, aunque no posean un alma recta.

FRANCISCO SUÁREZ

Defensio fidei..., III, IV, 5



Filipa Camacho · *Parasitação II* · Pastel de óleo, ecoline, viochene, grafite e marcador preto sobre papel canson basic / Pastel al óleo, ecoline, viochene, grafito y marcador negro sobre papel canson basic · 70 x 50 cm · 2013

6 OS GENTIOS NÃO PODEM SER OBRIGADOS A OUVIR A PREGAÇÃO

«A Igreja não pode obrigar os infiéis não apóstatas a ouvir a pregação [...]. Isto prova-se porque os que estão fora da fé não podem ser arrastados para a fé, e portanto também não podem ser arrastados para algo que é necessário apenas do ponto de vista da fé. Confirma-se ainda, pois acreditar e ouvir fazem parte do mesmo preceito. Mas todo este preceito está colocado fora da jurisdição da Igreja, no que diz respeito aos que estão fora da fé. Por fim, vemos que o Senhor Cristo deu o poder de pregar em toda a terra, mas jamais o de obrigar alguém a ouvir [...], pois por muito “que a Igreja” tenha direito de ensinar os que se recusam a ouvir, não implica isso que os possa obrigar [...], pois esse poder não é de jurisdição nem julgamento: é sim um poder de iluminação e de persuasão, cujos efeitos e até mesmo os meios por si ordenados devem ser voluntários [...]. Por isso, se se agir de outro modo, se forem cometidas a princípio injustiças contra estes povos, eles terão o direito de se defender e nós não estaremos autorizados a avançar enquanto não forem reparadas as injustiças cometidas e enquanto, na medida do possível, não lhes assegurarmos que não voltarão a ser cometidas injustiças semelhantes, e que essas injustiças não são consentâneas com o Evangelho que lhes está a ser pregado.»¹⁴¹

¹⁴¹ *Idem*, quaestio 4ª.

7 O *JUS PRAEDICANDI* NÃO É UM DIREITO NATURAL

«Nos termos do direito natural, parece que todas as seitas podem pregar a sua doutrina [...], e se nos ficarmos estritamente pelo direito natural, talvez isso seja verdade; mas este direito não é completamente natural, de certa forma é sobrenatural, e basta que assumamos a revelação e a doutrina que acolhemos, para podermos justificar de maneira suficiente o nosso direito, demonstrando também que é consentâneo à razão, assim como necessário à salvação da alma. Isto nenhuma outra seita nos pode demonstrar e é algo que para nós é evidente.»¹⁴²

¹⁴² *Idem*, quaestio 4ª.

8 O IMPÉRIO UNIVERSAL É IMPROVÁVEL E INCONVENIENTE

«Em todo o orbe da terra não existe uma só república ou um só reino temporal, senão vários e muitos que não formam entre si um só corpo político, pois não foi conveniente que houvesse um só monarca, nem (falando em termos mais comuns) um só governo, ou um só tribunal supremo, político e humano, para todo o universo. Mais ainda, nem moral nem humanamente tal foi possível.»¹⁴³

¹⁴³ *Defensio fidei*, VI, 10-11.

6 LOS GENTILES NO PUEDEN SER OBLIGADOS A RECIBIR LA PREDICACIÓN

«La Iglesia no puede obligar a los infieles ni a los apóstatas a escuchar la predicación [...]. Esto queda probado porque los que están fuera de la fe no pueden ser arrastrados a la fe, y, por ende, tampoco pueden ser arrastrados a algo que es necesario únicamente desde la perspectiva de la fe. Queda además confirmado, dado que creer y escuchar pertenecen al mismo precepto. Pero todo este precepto está fuera de la jurisdicción de la Iglesia, en lo que concierne a los que están fuera de la fe. Por último, vemos que el Señor Cristo dio el poder de predicar por toda la tierra, pero jamás el de obligar a alguien a escuchar [...], puesto que por más que la Iglesia tenga el derecho de enseñar a quienes se resisten a escuchar, esto no implica que pueda obligarles [...], puesto que ese poder no es de jurisdicción ni juicio: se trata más bien de un poder de iluminación y persuasión, cuyos efectos e incluso los medios para ello han de ser voluntarios [...]. Por eso, si se actúa de otro modo, si al principio se cometen injusticias contra estos pueblos, tendrán estos el derecho de defenderse y nosotros no estaremos autorizados a proseguir mientras no se reparen las injusticias cometidas y hasta que, en la medida de lo posible, no se les asegure que no se volverá a cometer semejantes injusticias, y que dichas injusticias no están de acuerdo con el Evangelio que se les predica»¹⁴¹.

¹⁴¹ *Idem, quaestio 4ª.*

7 EL *JUS PRAEDICANDI* NO ES UN DERECHO NATURAL

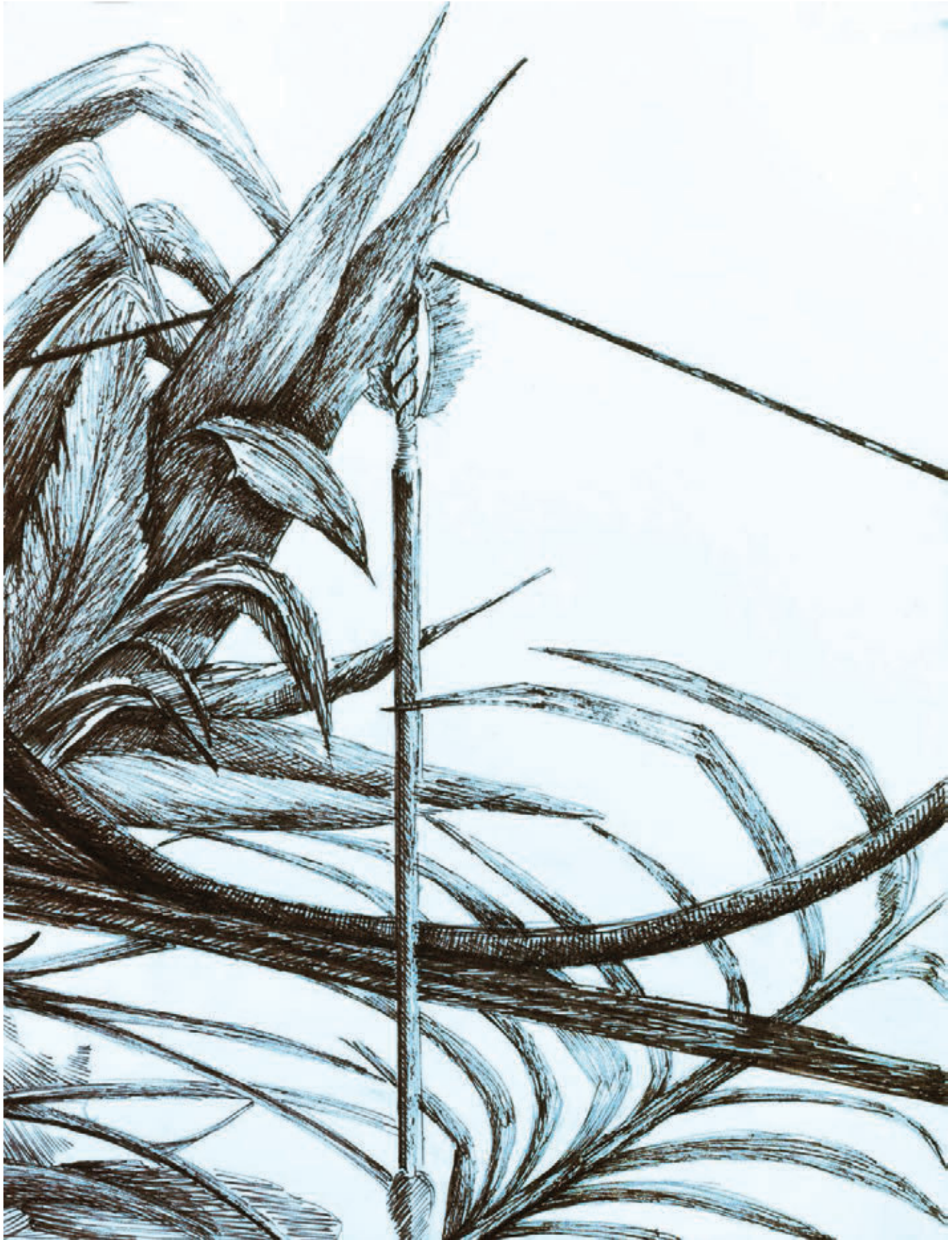
«Con arreglo al Derecho Natural, parece que todas las sectas pueden predicar su doctrina [...], y si nos ceñimos estrictamente al Derecho Natural, quizás sea eso verdad; pero este derecho no es completamente natural, en cierta forma es sobrenatural, y basta con que asumamos la revelación y la doctrina que acogemos para que podamos justificar de manera suficiente nuestro derecho, demostrando asimismo que está de acuerdo con la razón, y que también es necesario para la salvación del alma. Ninguna otra secta puede demostrarnos esto y, para nosotros, se trata de algo evidente»¹⁴².

¹⁴² *Idem, quaestio 4ª.*

8 EL IMPERIO UNIVERSAL ES IMPROBABLE E INCONVENIENTE

«No existe en todo el orbe de la tierra una sola república o un solo reino temporal, sino que más bien existen varios y muchos que no forman entre sí un solo cuerpo político, dado que no fue conveniente que hubiera un solo monarca, ni (hablando en términos más comunes) un solo gobierno, o un solo tribunal supremo, político y humano, para todo el universo. En realidad, eso no fue ni moral ni humanamente posible»¹⁴³.

¹⁴³ *Defensio fidei, VI, 10-11.*



Gina Martins · *S/título* · Marcadores de tinta-da-china sobre papel / Marcadores de tinta china sobre papel · 30 x 20 cm · 2013

Missionários que exerceram na América Portuguesa e Espanhola

C

Misioneros que ejercieron su ministerio en las Américas Española y Portuguesa



BARTOLOMÉ DE LAS CASAS
356 MANUEL DA NÓBREGA
366 JOSÉ DE ACOSTA 378
JUAN ZAPATA Y SANDOVAL
388 ANTÓNIO VIEIRA 396

1510 – 1547

América Central, Venezuela, Peru e México

BARTOLOMÉ

..

Bartolomé de las Casas nasceu em Sevilha, no ano de 1474 e faleceu em Madrid, no ano de 1566. Filho de comerciante, foi atraído pelos relatos de aventura e riquezas na América, sendo levado a participar na expedição de Nicolas Ovando, que chegou à Ilha Espanhola em 1503. Concluiu em Roma os estudos anteriormente iniciados em Salamanca, tornando-se sacerdote em 1507. Em 1510 retorna à Ilha Espanhola como missionário

e, segundo o seu famoso relato, ouviu, em 21 de dezembro de 1511, o sermão do frade dominicano António de Montesinos, que o marcou profundamente, tornando-se um dos mais importantes defensores de mudanças radicais nas leis e na política colonial espanhola em favor dos índios. Ingressou na ordem dominicana em 1523, após o fracasso de sua experiência colonizadora na Venezuela. Foi nomeado bispo de Chiapas em 1544.

1510 – 1547

América Central, Venezuela, Perú y México

DE LAS CASAS

..

Bartolomé de las Casas nació en Sevilla en 1474 y falleció en Madrid en 1566. Hijo de un comerciante, se sintió atraído por los relatos de aventuras y riquezas que llegaban de América, lo que le indujo a participar en la expedición de Nicolás Ovando que arribó a la Isla de La Española en 1503. Concluyó en Roma los estudios que anteriormente había iniciado en Salamanca, haciéndose sacerdote en 1507. En 1510 retornó a La Española como

misionero y según su famoso relato, escuchó el 21 de diciembre de 1511, el sermón del dominico Fray Antón de Montesinos, que le impresionó profundamente, convirtiéndose en uno de los más importantes defensores del cambio, en favor de los indios, de las leyes y la política colonial española. Ingresó en la orden dominicana en 1523, después del fracaso de su experiencia colonizadora en Venezuela. Fue nombrado Obispo de Chiapas en 1544.

1 NÃO HÁ ESCRAVATURA POR NATUREZA

- 1.1 «Sendo todos os homens de igual natureza, Deus a nenhum fez servo, mas concedeu a todos igual arbítrio. E a razão é porque a natureza racional, no que ao que se diz respeito, não está ordenada a outrem como seu fim, como homem a homem, como diz S. Tomás. Pois, desde o princípio da natureza racional, a liberdade é em si e necessariamente um direito inerente ao homem, de modo que por isso é de direito natural.»¹⁴⁴
- 1.2 «A escravidão é um fenómeno acidental, caindo sobre os seres humanos por obra do acaso e da fortuna, pois cada coisa segue a sua espécie segundo o que é essencial e não segundo o que é acidental. O que é acidental não pertence à essência da espécie [...]. Por isso, a escravidão, por regra, não tem a sua origem em causas naturais, senão acidentais.»¹⁴⁵

¹⁴⁴ Bartolomé de Las Casas, *De Regia Potestate*, Frankfurt, 1571, 1, ed. *Corpus Hispanorum de Pace*, dir. Luciano Pereña, J.M. Prendes, Vidal Abril y Joaquín Azcarraga, vol. VIII, Madrid, 1969. Excertos traduzidos do latim por Pedro Calafate e M. Sena Monteiro.

¹⁴⁵ *Idem*, I, I, 2.

2 A LEGITIMIDADE DAS SOBERANIAS INDÍGENAS

- 2.1 «Deus criou todas as coisas para serviço de todos os homens que vivem sobre a terra. Logo, por concessão divina todos os homens tiveram direito a apropriar-se das coisas por meio da ocupação, pois ao princípio todas eram comuns [...]. Portanto, os reis e imperadores não têm poder fundado sobre as fazendas dos particulares nem sobre a posse dos seus territórios [...] e não importa que os reis digam que o reino é seu, pois tal deve entender-se unicamente no que se refere à jurisdição e proteção do reino.»¹⁴⁶
- 2.2 «Henrique de Segúcio errou contra toda a lógica e ainda contra o direito natural e divino ao dizer que com a vinda de Cristo foram tiradas aos infieis a propriedade e jurisdição sobre os seus bens e Estados e transferidas para os cristãos. Este erro é nocivo e oposto à Sagrada Escritura e à doutrina de todos os santos, incluindo à prática permanente da Igreja, legitimando tantas rapinas, guerras injustas, matanças inumeráveis e todo o género de pecados.»¹⁴⁷
- 2.3 «Procura o doutor [Sepúlveda] inferir que Cristo concedeu a São Pedro e à sua Igreja poder de jurisdição para punir os infieis que nunca receberam a fé e vivem nas suas terras e reinos em sossego e sem ofensa nossa, tese que nunca o doutor Sepúlveda conseguirá provar [...]. E mais se ajuda dos canonistas que dizem que apenas pelos pecados contra a natureza e pela idolatria podem ser os infieis debelados e punidos [...]. Respondo que se engana, como em tudo o mais, o doutor Sepúlveda.»¹⁴⁸
- 2.4 «E das suas [de Sepúlveda] ideias segue-se uma suposição, em razão de consequência, que constitui uma tremenda heresia, condenada muitos anos atrás, a saber: afirmar e defender que o poder temporal e civil na fé ou na graça seja fundado.»¹⁴⁹

¹⁴⁶ *Idem*, I, II, 3-5 e I, III, 1-3.

¹⁴⁷ *Idem*, I, III, 10-11.

¹⁴⁸ Bartolomé de Las Casas, *Controvérsia com Sepúlveda*, Valladolid, 1551, Réplicas 6.^a e 7.^a. Tradução de Pedro Calafate.

¹⁴⁹ *Idem*, Réplica 12.^a.

1 NO EXISTE ESCLAVITUD POR NATURALEZA

- 1.1 «Siendo todos los hombres de igual naturaleza, no hizo Dios a un hombre siervo sino que a todos concedió idéntica libertad. Y la razón es que la naturaleza racional esencial y absolutamente no está ordenada a otro ser como a su fin, como de hombre a hombre, según dice Santo Tomás. Pues la libertad es un derecho inherente al hombre necesariamente y desde el principio de la naturaleza racional, y es por eso de Derecho Natural»¹⁴⁴.
- 1.2 «La esclavitud es un fenómeno accidental, acaecido al ser humano por obra de la casualidad y de la fortuna, pues cada cosa sigue su especie según lo que es esencial, y no según lo que es accidental. Lo que es accidental no pertenece a la esencia de la especie [...]. Por eso la esclavitud de suyo no tiene su origen en causas naturales sino accidentales»¹⁴⁵.

¹⁴⁴ Bartolomé de Las Casas, *De Regia Potestate*, Frankfurt, 1571, 1, ed. Corpus Hispanorum de Pace, dir. Luciano Pereña, J.M. Prendes, Vidal Abril y Joaquín Axcarraga, vol. VIII, Madrid, 1969.

¹⁴⁵ *Idem*, I, I, 2.

2 LA LEGITIMIDAD DE LAS SOBERANÍAS INDÍGENAS

- 2.1 «Dios creó todas las cosas para servicio de los hombres todos que viven debajo del cielo. Luego, por concesión divina todos los hombres tuvieron derecho a apropiarse de las cosas por medio de la ocupación, pues al principio todas eran comunes [...]. Por tanto, los reyes y emperadores no tienen dominio directo sobre las propiedades de los particulares [...]. Y no importa que digan los reyes que el reino es suyo, pues ha de entenderse únicamente en lo relativo a la jurisdicción y a la protección del reino»¹⁴⁶.
- 2.2 «Henrique de Segusio [...] incurrió en grave error [...] contra toda la lógica y aun contra el derecho natural y divino, al decir que con la venida de Cristo fueron quitados a todos los infieles todo dominio y jurisdicción, y transferidos a los creyentes. Tal error es del todo nocivo y opuesto a la Sagrada Escritura y a la doctrina de todos los santos, incluso a la práctica permanente de la Iglesia, legitimando tantas rapiñas, guerras injustas, matanzas innumerables y todo género de pecados»¹⁴⁷.
- 2.3 «No se sigue de lo que intenta el doctor [Sepúlveda] inferir, que haya Cristo concedido poder o jurisdicción a San Pedro y a su Iglesia para punir los infieles que nunca recibieron la fe y que viven en sus tierras y reinos apartados, sin ofensa de ella. Lo cual nunca el reverendo doctor Sepúlveda probará en su vida [...]. A lo que se ayuda de los señores canonistas que dicen que por sólo pecar contra la natura y por la idolatría pueden ser los infieles debelados e punidos [...]. Respondo engañarse como en lo demás el doctor Sepúlveda»¹⁴⁸.
- 2.4 «Se sigue de las ideas del reverendo doctor [Sepúlveda] en buena consecuencia, algo que supone, en razón de buena consecuencia, una gruesa herejía condenada de muchos años atrás, conviene a saber, afirmar y defender que el señorío civil temporal en la fe o en la gracia sea fundado»¹⁴⁹.

¹⁴⁶ *Idem*, I, II, 3-5 e I, III, 1-3.

¹⁴⁷ *Idem*, I, III, 10-11.

¹⁴⁸ Bartolomé de Las Casas, *Controversia com Sepúlveda*, Valladolid, 1551, en Bartolomé de Las Casas, *Obra Indigenista*, ed. José Franch, Alianza Editorial, Madrid, 1985, 6ª e 7ª.

¹⁴⁹ *Idem*, Réplica 12.ª.

Deus criou todas as coisas para serviço de todos os homens que vivem sob o céu. Logo, por concessão divina todos os homens tiveram direito a apropriar-se das coisas por meio da ocupação, pois no princípio todas as coisas eram comuns, pelo que se presume que são alodiais enquanto não se prove o contrário.

Daqui conclui-se que para a prescrição de uma servidão basta a simples negligência do titular que não a exige [...]. Pois a prescrição vai em favor da liberdade e nunca contra a liberdade. A liberdade, pelo contrário jamais pode perder-se por prescrição.

..

Dios creó todas las cosas para servicio de todos los hombres que viven debajo del cielo. Luego, por concesión divina todos los hombres tuvieron derecho a apropiarse de las cosas por medio de la ocupación, pues al principio todas las cosas eran comunes y se presume que son alodiales mientras no se pruebe el contrario.

De aquí se concluye que para la prescripción de una servidumbre basta la simple negligencia del titular que no la exige [...]. Pues la prescripción va en favor de la libertad y nunca contra la libertad. La libertad, por el contrario, jamás puede perderse por prescripción.

BARTOLOMÉ DE LAS CASAS

De Regia Potestate, I, II, 3-5



3 O IMPÉRIO DEPENDE DE UM PACTO ENTRE POVOS LIVRES

«Aqueles povos e gentes são livres e a ninguém neste mundo deviam o que quer que fosse, antes de serem descobertos, quando foram descobertos e depois de serem descobertos. [...]. Manifesto é que nenhum poder existe sobre a terra com autoridade bastante para deteriorar e tornar menos livre o estado dos livres, sem culpa sua, por ser a liberdade a coisa mais preciosa e suprema de todos os bens deste mundo temporal [...]. E se esse consentimento não resultar da livre, espontânea e não forçada vontade dos mesmos homens livres, tudo será força, violência, injustiça e perversidade e, segundo o direito natural, de nenhum valor [...]. Porque se aos homens livres não se lhes pode tomar com justiça os bens sem culpa sua e contra a sua vontade, muito menos deteriorar e destruir o seu estado e usurpar a sua liberdade, que é de preço e estima incomparáveis.»¹⁵⁰

¹⁵⁰ Bartolomé de Las Casas, *De Regia Potestate*, ed. Corpus Hispanorum de Pace, *Idem*, Apêndice II: “Aquellos Pueblos de Todo Aquel Orbe son Libres”, pp. 126-127.

4 A SUBMISSÃO À TIRANIA, MESMO QUE VOLUNTÁRIA, É SEMPRE INVÁLIDA

«Por todas estas razões e males detestáveis que da dita sujeição dos índios aos espanhóis nascem, mesmo que os ditos índios, por sua própria vontade, quisessem submeter-se e deteriorar tão abatidamente o seu estado e perder totalmente a sua liberdade, como na verdade perdem, seria nula e de nenhum valor tal vontade, e não o poderiam fazer, antes seria Vossa Majestade obrigada, por preceito divino, a proibir a dita *encomienda* dos índios aos espanhóis»¹⁵¹

¹⁵¹ *Idem*, p. 132.

5 A GUERRA JUSTA PELA LIBERDADE

«Diz Sepúlveda que se se considerar o que eu digo, tudo vai endereçado a provar que as conquistas que agora se fizeram foram injustas e tirânicas. Respondo, em primeiro lugar, que diz vossa mercê uma grande verdade, e assim torno a sublinhar que todas as conquistas e guerras que desde a descoberta das Índias aos nossos dias se fizeram contra os índios foram injustíssimas, tirânicas, infernais e que foram piores e que nelas se cometeram mais deformidades e com mais ofensa a Deus que as que conduzem os turcos e mouros contra o povo cristão.»¹⁵²

¹⁵² Bartolomé de Las Casas, *Controvérsia com Sepúlveda*, Valladolid, 1551, Réplica 12.^a.

6 O ARGUMENTO DE INFERIORIDADE CIVILIZACIONAL NÃO JUSTIFICA A GUERRA NEM A ESCRAVATURA

«Também a gente hispânica era povo bárbaro e fero, e é de perguntar ao reverendo doutor [Sepúlveda] se lhe parece bem e se aconselharia ele que os romanos fizessem repartimento dos hispanos, dando a cada tirano a sua parte, como se fez nas Índias,

3 EL IMPERIO DEPENDE DE UN PACTO ENTRE PUEBLOS LIBRES

«Aquellos pueblos y gentes son libres y a nadie del mundo debían nada antes que se hallasen, ni cuando se hallaron, ni hoy deben después de hallados [...]. Manifiesto es que ningún poder hay sobre la tierra que sea bastante para menoscabar y hacer menos libre el estado de los libres, sin culpa suya, no errante la clave de la justicia, como la libertad sea la cosa más preciosa y suprema en todos los bienes de este mundo temporales [...]. Y si no sale de su espontánea y libre y no forzada voluntad de los mismos hombres libres a aceptar y consentir cualquiera perjuicio a la dicha libertad, todo es forzado, violento, injusto y perverso y, según el derecho natural, de ningún valor [...]. Porque si a las personas libres no se les puede tomar su hacienda justamente, sin culpa suya, contra su voluntad, mucho menos deteriorar y abatir su estado y usurpar su libertad, que a todo precio y estima es incomparable»¹⁵⁰.

4 LA SUMISIÓN A LA TIRANÍA, INCLUSO SI ES VOLUNTARIA, ES SIEMPRE INVÁLIDA

«Por todas estas razones y males detestables que de la dicha subjeción de los indios a los españoles suceden, aunque los mismos indios de su propia voluntad quisiesen someterse a ella y deteriorar tan abatidamente su estado y perder su total libertad, como en ella pierden, sería nula y de ningún valor la tal voluntad y no lo podrían hacer; antes sería Vuestra Majestad obligado de precepto divino a prohibir la dicha encomienda de los indios a los españoles»¹⁵¹.

5 LA GUERRA JUSTA POR LA LIBERTAD

«A lo que dice [Sepúlveda] que si bien se considera todo lo que yo digo y escribo va enderezado a probar que todas las conquistas que hasta ahora se han hecho han sido injustas y tiránicas; digo, a lo primero, que dice su merced gran verdad, y así torno a rededir que todas las conquistas y guerras que desde que se descubrieron las Indias, hasta hoy inclusive, se han hecho contra los indios, fueran siempre y han sido injustísimas, tiránicas, infernales, y que han sido peores, y en ellas se han cometido más deformidades y con más ofensas a Dios que las que hacen los turcos y moros contra el pueblo cristiano»¹⁵².

6 EL ARGUMENTO DE INFERIOR CIVILIZACIÓN NO JUSTIFICA LA GUERRA NI LA ESCLAVITUD

«Y pues la gente española era pueblo bárbaro y fiero, de preguntar es al reverendo doctor si fuera bien y lo aconsejara él, que los romanos hicieran repartimiento de ellos, dando a cada tirano su parte, como

¹⁵⁰ Bartolomé de Las Casas, *De Regia Potestate*, ed. Corpus Hispanorum de Pace, Op. cit., Apéndice II: "Aquellos Pueblos de Todo Aquel Orbe son Libres", pp. 126-127.

¹⁵¹ *Idem*, p. 132.

¹⁵² Bartolomé de Las Casas, *Controversia con Sepúlveda*, Valladolid, 1551, Réplica 12.^a.

para que, apoderando-se da prata e do ouro que então havia na Hispânia, percessem todos os nossos avós em suas almas e corpos.»¹⁵³

¹⁵³ *Idem*, Réplica 8.^a.

7 O *JUS PRAEDICANDI* E A DOAÇÃO DO PAPA ALEXANDRE VI: NATUREZA E LIMITES

«<Sepúlveda> considera iguais os direitos de predicar a fé aos que nunca a receberam e de a conservar e defender entre os que a receberam [...]. Quanto ao primeiro, apenas temos direito ou preceito para predicar-lhes a fé, usando de todos os meios para a predicação evangélica, proporcionais e necessários, nos quais não se contém nem entra o guerrear, roubar, cativar e matar. Mas quanto à sua conservação, sustento e defesa entre os que a receberam, mais forte direito e mais estreito preceito temos [...]. Este segundo caso, direito ou preceito, foi decentíssima e necessária causa pela qual a Sede Apostólica justa e providentemente pôde conceder e dar o supremo e universal principado e senhorio daquele orbe a um rei católico, com o fim de os amparar e conservar, mas sem tirar aos senhores naturais nem aos povos o seu poder e senhorio temporal.»¹⁵⁴

¹⁵⁴ *Idem*, Réplica 12.^a.

se ha hecho en las Indias, para que cogiendo el oro y plata que entonces España tenía perecieran todos nuestros abuelos en las ánimas y cuerpos»¹⁵³.

¹⁵³ *Idem*, Réplica 8.^a.

7 EL *JUS PRAEDICANDI* Y LA CONCESIÓN DEL PAPA ALEJANDRO VI: NATURALEZA Y LÍMITES

«Sepúlveda» por consiguiente hace igualdad del derecho o precepto que tenemos a la predicación de la fe a los que nunca la recibieron, al de la conservación de ella en los que la hubieren recibido. [...]. En cuanto a lo primero sólo tenemos derecho o precepto para predicarles, y para todos los medios a la predicación de la ley evangélica proporcionables y necesarios, dentro de los cuales no se contienen ni entra la guerra, robar, cautivar y matar. Pero en cuanto a conservar, y sustentar, y defender la fe en los que la hubieren recibido, más grueso y pingüe derecho y más estrecho precepto tenemos. Este segundo caso, derecho o precepto fue más decentísima y necesaria causa que la del primero, por la cual la Sede Apostólica justa y pródicamente se pudo mover a conceder y donar el supremo y universal principado y señorío de aquel orbe, sin quitar empero, a los señores naturales ni a los pueblos el suyo, a un rey católico que en ella los ampare y conserve»¹⁵⁴.

¹⁵⁴ *Idem*, Réplica 12.^a.

1549 – 1570

Costa Atlântica Brasileira

MANUEL

..

Manuel da Nóbrega nasceu em Sanfins do Douro, no ano de 1517 e faleceu no Rio de Janeiro, em 1570. Estudou na Universidade de Salamanca (1534-1538) e em Coimbra (1539), onde obteve o grau de bacharel em Direito Canônico. Em 1544 foi ordenado pela Companhia de Jesus. Foi o chefe da primeira missão jesuíta no Brasil, chegada em 1549 em Salvador, ao serviço da Coroa para a evangelização dos indígenas. Participou da fundação da Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo.

1549 – 1570
Costa Atlántica Brasileña

DA NÓBREGA

..

Manuel da Nóbrega nació en Sanfins do Douro en 1517 y falleció en Río de Janeiro en 1570. Estudió en la Universidad de Salamanca (1534-1538) y en la de Coímbra (1539), donde obtuvo el grado de Bachiller en Derecho Canónico. En 1544 ingresó en la Compañía de Jesús y fue ordenado sacerdote. Al frente de la primera misión jesuita en el Brasil, al servicio de la Corona de Portugal y para la evangelización de los indígenas, llegó en 1549 a Salvador, participando en la fundación de Bahía, Río de Janeiro y São Paulo.

1 O GENTIO É HOMEM E PRÓXIMO

«*Gonçalo Álvares*

Dizei-me, Irmão Nogueira, esta gente são próximos?

Mateus Nogueira

Parece-me que sim.

Gonçalo Álvares

Por que razão?

Mateus Nogueira

Porque nunca me acho senão com eles, e com seus machados e foices.

Gonçalo Álvares

E por isso lhes chamais próximos?

Mateus Nogueira

Sim. Porque próximos, chegados quer dizer, e eles sempre se chegam a mim, que lhes faça o que hão mister; e eu como a próximos lhos faço, cuidando que cumpro o preceito de amar ao próximo como a mim mesmo, pois lhes faço o que eu queria que me fizessem, se eu tivesse semelhante necessidade.

Gonçalo Álvares

Pois a pessoas mui avisadas ouvi eu dizer que estes não eram próximos, e porfiar-no muito, nem têm para si que estes são homens como nós.

Mateus Nogueira

Bem! Se eles não são homens, não serão próximos, porque só os homens, e todos, maus e bons, são próximos. Todo o homem é “de” uma mesma natureza, e todo pode conhecer a Deus e salvar sua alma e este ouvi eu dizer que era próximo. Prova-se no Evangelho do Samaritano, onde diz Cristo N. S. que aquele é próximo que usa de misericórdia.»¹⁵⁵

¹⁵⁵ Manuel da Nóbrega. *Diálogo sobre a Conversão do Gentio*. Manaus: Valer, 2010. pp. 18-20.

2 A ALMA RACIONAL COMO FUNDAMENTO DA UNIDADE DO GÊNERO HUMANO E A IGUALDADE DA NATUREZA HUMANA EM TODOS OS POVOS

2.1 «*Gonçalo Álvares*

Estes têm alma como nós?

Mateus Nogueira

Isto está claro, pois a alma tem três potências, entendimento, memória, vontade, que todos têm. Eu cuidei que vós éreis mestre já em Israel e vós não sabeis isso. Bem parece que as teologias, que me dizeis arriba, eram posições do P. Brás Lourenço, e não vossas. Quero-vos dar um desengano, meu Irmão Gonçalo Álvares: que tão ruim entendimento tendes vós para entender o que vos queria dizer, como este gentio para entender as coisas de nossa fé.

2.2 «*Mateus Nogueira*

Pois estai atento. Depois que nosso pai Adão pecou, como diz o salmista, não conhecendo a honra que tinha, foi tornado semelhante

1 EL GENTIL ES HOMBRE Y PRÓJIMO

«*Gonzalo Álvarez*

Decidme, Hermano Nogueira, ¿esta gente son prójimos?

Mateo Nogueira

Me parece que sí.

Gonzalo Álvarez

¿Por qué razón?

Mateo Nogueira

Porque nunca estoy sino con ellos, y con sus machetes y hoces.

Gonzalo Álvarez

¿Y por eso les llamáis prójimos?

Mateo Nogueira

Sí. Porque prójimos significa cercanos, y ellos siempre se acercan a mí, para que les haga lo que sea necesario; y yo como a prójimos se lo hago, haciendo por cumplir el precepto de amar al prójimo como a mí mismo, pues les hago lo que yo querría que me hiciesen, si yo tuviese semejante necesidad.

Gonzalo Álvarez

Pues a personas muy sabias he oído decir que éstos no son prójimos, y en ello insisten mucho, y no consideran que éstos sean hombres como nosotros.

Mateo Nogueira

Bueno, si ellos no son hombres, no serán prójimos, porque sólo los hombres, y todos, malos y buenos, son prójimos. Todo hombre “de” una misma naturaleza que puede conocer a Dios y salvar su alma he oído decir que es prójimo. Esto se prueba en el Evangelio del Samaritano, donde dice Cristo N. S. que es prójimo el que usa de misericordia»¹⁵⁵.

2 EL ALMA RACIONAL COMO FUNDAMENTO DE LA UNIDAD DEL GÉNERO HUMANO Y LA IGUALDAD DE LA NATURALEZA HUMANA EN TODOS LOS PUEBLOS

2.1 «*Gonzalo Álvarez*

¿Éstos tienen alma como nosotros?

Mateo Nogueira

Eso está claro, pues el alma tiene tres potencias, entendimiento, memoria, voluntad, que tienen todos. Yo pensaba que érais maestro ya en Israel y vos no sabéis eso. Me parece que las teologías, que me decíais arriba, eran postizas, del Padre Brás Lourenço, y no vuestras. Quiero desengañaros, Hermano Gonzalo Álvarez: que tan ruin entendimiento tenéis vos para entender lo que os quería decir, como este gentil para entender las cosas de nuestra fe.

2.2 «*Mateo Nogueira*

Pues atended. Después que nuestro padre Adán pecó, como dice el salmista, sin conocer la distinción que poseía, se **transformó**

¹⁵⁵ Manuel da Nóbrega. *Diálogo sobre a Conversão do Gentio*. Manaus: Valer, 2010, pp. 18-20. Traducción de Ana Maria Tarrío.

à besta, de maneira que todos, assim Portugueses, como Castelhanos, como Tamoios, como Aimorés, ficamos semelhantes a bestas por natureza corrupta, e nisto todos somos iguais, nem dispensou a natureza mais com uma geração que com outra, posto que em particular dá melhor entendimento a um que a outro.»¹⁵⁶

¹⁵⁶ *Idem*, pp. 29-30.

2.3 «Gonçalo Álvares

Pois “se” assim é, que todos temos uma alma e uma bestialidade naturalmente, e sem graça todos somos uns: de que veio estes negros serem tão bestiais, e todas as outras gerações, como os romanos e os gregos e os judeus, serem tão discretos e avisados?

Mateus Nogueira

Esta é boa pergunta, mas clara é a resposta. Todas as gerações tiveram também suas bestialidades. Adoravam pedras e paus, dos homens faziam deuses, tinham crédito em feitiçarias do diabo. Outros adoravam os bois e vacas, e outros adoravam por deus aos ratos e outras imundícias. E os judeus, que eram a gente de mais razão que no mundo havia e que tinha conta com Deus e tinham as Escrituras desde o começo do mundo, adoravam uma bezerra de metal e não os podia Deus ter que não adorassem os ídolos e lhes sacrificavam seus próprios filhos, não olhando as tantas maravilhas que Deus fizera por eles, tirando-os do cativeiro de Faraó. Não vos parecem tão bestiais os mouros a quem Mafamede, depois de serem cristãos, converteu-os à sua bestial seita, como estes?

Se quereis cotejar coisa com coisa, cegueira com cegueira, bestialidade com bestialidade, todas achareis de um jaez, que procedem de uma mesma cegueira.»¹⁵⁷

¹⁵⁷ *Idem*, pp. 31-32.

370

3 AS DIFERENÇAS CIVILIZACIONAIS NÃO ANULAM O ARGUMENTO DA RACIONALIDADE NOS GENTIOS

«Gonçalo Álvares

Bem estou com isso. Mas, como são os outros todos mais polidos, sabem ler, escrever, tratam-se limpamente, souberam a filosofia, inventaram as ciências, que agora há: e estes nunca souberam mais que andarem nus e fazerem uma frecha? O que está claro que denota haver “desigual” entendimento em uns e outros.

Mateus Nogueira

Não é essa razão de homem, que anda fazendo brasil no mato, mas estai atento e entenderéis. Terem os romanos e outros gentios mais polícia que estes não lhes veio de terem naturalmente melhor entendimento, mas de terem melhor criação e criarem-se mais politicamente. É bem creio que vós o vereis claro, pois tratais com eles e vedes que nas coisas de seu mister e em que eles tratam, têm tão boas subtilezas, e tão boas invenções, e tão discretas palavras como todos, e os Padres o experimentam cada dia com seus filhos, os quais acham de tão bom entendimento, que muitos fazem vantagem aos filhos dos cristãos.

en semejante a la bestia, de manera que todos, tanto Portugueses, como Castellanos, como Tamoyos, como Aimorés, nos quedamos semejantes a bestias por naturaleza corrupta, y en esto todos somos iguales, y la naturaleza no dispensó más con una generación que con otra, si bien en particular da mejor entendimiento a uno que a otro»¹⁵⁶.

¹⁵⁶ *Idem*, pp. 29-30.

2.3 «Gonzalo Álvarez

Pues «sí» así es, que todos tenemos una alma y una bestialidad naturalmente, y sin gracia todos somos uno: ¿cuál es la causa de que estos negros sean tan bestiales, y que todas las otras generaciones, como los romanos y los griegos y los judíos sean tan discretos y instruidos?

Mateo Nogueira

Ésta es una buena pregunta, pero la respuesta es clara. Todas las generaciones han tenido su bestialidad. Unos adoraron a piedras y palos, de los hombres hacían dioses, creían en hechicerías del diablo. Otros adoraban a bueyes y vacas, y otros tomaban por dioses a ratones y otras inmundicias. Y los judíos, que eran las personas más razonables que había en el mundo y contaban con Dios y tenían las escrituras desde el principio del mundo, adoraron un becerro de metal y Dios no podía impedir que adorasen ídolos y sacrificasen a sus propios hijos, sin atender a las maravillas que Dios había hecho por ellos, liberándolos de la esclavitud del Faraón. ¿No os parecen tan bestiales como éstos los moros a quienes Mahoma, después de ser cristianos, convirtió a su secta bestial?

Si deseáis comparar una cosa con la otra, ceguera con ceguera, bestialidad con bestialidad, las encontraréis todas del mismo jaez, pues proceden de la misma ceguera»¹⁵⁷.

¹⁵⁷ *Idem*, pp. 31-32.

3 LAS DIFERENCIAS DE CIVILIZACIÓN NO ANULAN EL ARGUMENTO DE LA RACIONALIDAD EN LOS GENTILES

«Gonzalo Álvarez

Esto me parece bien. Pero, ¿cómo es que todos los otros son más refinados, saben leer, escribir, se tratan con limpieza, conocen la filosofía, inventaron las ciencias que ahora existen, y éstos nunca supieron nada más que andar desnudos y hacer una flecha? Lo que denota claramente que existe “desigual” entendimiento en unos y otros.

Mateo Nogueira

No es esa razón de hombre, que anda haciendo brasil en la mata, pero estad atento y entenderéis. El hecho de que los romanos y otros gentiles hayan tenido más refinamiento que éstos no les vino de tener naturalmente mejor entendimiento, sino de tener mejor formación y de crecer más políticamente. Y creo que vos lo veréis claro, pues tratáis con ellos y veis que en las cosas de su menester y que ellos tratan, tienen tan buenas sutilezas, y tan buenas invenciones, y tan discretas palabras como todos, y los Padres lo

**Depois que nosso pai Adão
pecou, como diz o salmista, não
conhecendo a honra que tinha,
foi tornado semelhante à besta,
de maneira que todos, assim
Portugueses, como Castelhanos,
como Tamoios, como Aimorés,
ficamos semelhantes a bestas por
natureza corrupta, e nisto todos
somos iguais, nem dispensou a
natureza mais com uma geração que
com outra, posto que em particular
dá melhor entendimento a um que
a outro.**

..

372

**Después que nuestro padre Adán
pecó, como dice el salmista, sin
conocer la distinción que poseía,
se transformó en semejante a la
bestia, de manera que todos, tanto
Portugueses, como Castellanos,
como Tamoyos, como Aimorés, nos
quedamos semejantes a bestias por
naturaleza corrupta, y en esto todos
somos iguales, y la naturaleza no
dispensó más con una generación
que con otra, si bien en particular
da mejor entendimiento a uno
que a otro.**

MANUEL DA NÓBREGA

Diálogo sobre a Conversão do Gêntio, Op. cit, p. 23



Gonçalo Álvares

Pois como tiveram estes pior criação, que os outros, e como não lhes deu a natureza a mesma polícia que deu aos outros?

Mateus Nogueira

Isso podem-vos dizer chamente, falando a verdade, que lhes veio por maldição de seus avós, porque estes cremos serem descendentes de Cam, filho de Noé, que descobriu as vergonhas de seu pai bêbado, e em maldição por isso ficaram nus e têm outras mais misérias.

Os outros gentios, por serem descendentes de Sem e Jafete, era razão, pois filhos de bênção, terem mais alguma vantagem. E porém toda esta maneira de gente, uma e outra, naquilo em que se criam tem uma mesma alma e um entendimento. E prova-se pela Escritura, porque logo os dois primeiros irmãos do mundo, um seguiu uns costumes e outro outros. Isac e Ismael ambos foram irmãos, mas Isac foi mais político que Ismael, que andou nos matos. Um homem tem dois filhos de igual entendimento, um criado na aldeia e outro na cidade, o da aldeia empregou seu entendimento em fazer um arado e outras coisas da aldeia, o da cidade em ser cortesão e político: certo está, que ainda que tenham diversa criação, ambos têm um entendimento natural exercitado segundo a sua criação. E o que dizeis das ciências, o que acharam os filósofos que denota haver entendimento grande, isso não foi geral benefício de todos os humanos dado pela natureza, mas foi especial graça dada por Deus, não a todos os romanos nem a todos os gentios, senão a um ou a dois ou a poucos, para proveito e formosura de todo o universo. Mas que estes, por não terem esta polícia, fiquem de menos entendimento para receberem a fé que os outros que a têm, me não provareis vós nem todas as razões acima ditas; antes, provo quanto esta polícia aproveita por uma parte, tanto dana por outra, e quanto à simplicidade destes, estorva por uma parte, ajuda por outra, [...]».¹⁵⁸

¹⁵⁸ *Idem*, pp. 32-34.

374

4 A ESCRAVATURA DERIVADA DO TÍTULO DE VENDA DE UM FILHO POR SEU PAI SOMENTE É LEGÍTIMA, NO BRASIL, SE ESTA NECESSIDADE FOR EXTREMA, O QUE SÓ RARAMENTE SUCEDE.

- 4.1** «O 4º. Corolário, diz ele, [Quirício Caxa], é que a determinação do Sr. Bispo e do Sr. Governador e Provedor-Mor e do Padre Luís da Grã, Provincial, que neste caso tomaram, a qual segundo pelas palavras da Monitória que se passou, se vê, são as seguintes: *O pai pode vender seu filho com grande necessidade, etc.*, se não de entender de *extrema* e outra nenhuma não, conforme ao que está dito, porque a entender-se de outra grande necessidade, que não chegue a *extrema*, seria mui perigosa e contra o que a mesma Monitória acima diz, que todos os letrados, que Sua Alteza manda ajuntar sobre estes casos e sobre as informações que os moradores da Bahia e toda a costa lá mandaram, responder que nas coisas que eram de Direito

verifican cada día con sus hijos, a los cuales consideran de tan buen entendimiento, que muchos aventajan a los hijos de los cristianos.

Gonzalo Álvarez

Entonces ¿cómo es que éstos se criaron peor que los otros, y cómo no les dio la naturaleza el mismo refinamiento que dio a los otros?

Mateo Nogueira

Eso se os puede explicar fácilmente, en verdad, pues les vino por maldición de sus abuelos, porque éstos creemos que son descendientes de Cam, hijo de Noé, el cual descubrió las vergüenzas de su padre borracho, y como maldición por ello se quedaron desnudos y tienen otras miserias. Los otros gentiles, por ser descendientes de Sem y Jafet, era razonable que tuviesen alguna ventaja, como hijos de bendición. Y sin embargo toda esta diversidad de gentes, una y otra, tienen una misma alma y un entendimiento en su desarrollo. Y se prueba en las Escrituras, porque los dos primeros hermanos del mundo, uno siguió unas costumbres y otro otras. Isaac e Ismael ambos fueron hermanos, pero Isaac fue más político que Ismael, que anduvo en los matos. Un hombre tiene dos hijos de igual entendimiento, uno criado en la aldea y otro en la ciudad, el de la aldea empleó su entendimiento en la fabricación de un arado y otras cosas de la aldea, el de la ciudad en ser cortesano y político: está claro que ambos tienen una misma comprensión natural, diversamente ejercitada según como se crían. Y qué me decís de las ciencias, lo que encontraron los filósofos que denotan tener una comprensión grande, para beneficio general de todos los seres humanos, no concedido por la naturaleza, sino por la gracia especial dada por Dios, y no a todos los romanos ni a todos los Gentiles, sino a uno o dos o a unos pocos, para beneficio y belleza de todo el universo. Pero que éstos, por no tener este refinamiento, se queden con menor entendimiento para recibir la fe que los otros que la tienen, no me lo probaréis vos ni todas las razones citadas; antes, pruebo hasta qué punto este refinamiento tanto es de provecho por una parte, como daña por otro y hasta qué punto la simplicidad de éstos, por un lado daña, por otro ayuda [...]»¹⁵⁸.

¹⁵⁸ *Idem*, pp. 32-34.

4 LA ESCLAVITUD DERIVADA DEL TÍTULO DE VENTA DE UN HIJO POR SU PADRE SOLAMENTE ES LEGÍTIMA, EN BRASIL, SI SE DEBIERA A UNA NECESIDAD EXTREMA, LO QUE SÓLO RARAMENTE SUCEDE

- 4.1 «El 4º. Corolario, dice él, [Quirício Caxa], es que la determinación del Sr. Obispo y del Sr. Gobernador y Proveedor principal y del Padre Luis da Gran, Provincial, que en este caso tomaron según la Monitoria que hubo, se ve que son las siguientes: *El padre puede vender a su hijo por gran necesidad*, etc., se ha de entender extrema y no otra, de acuerdo con lo dicho, porque entenderse otra gran necesidad, que no llegue a extrema, sería muy peligroso y contra lo

Natural, divino e canônico, não podia haver alteração alguma, da qual determinação do Sr. Bispo com os mais, mal entendida com os confessores e gente do Brasil, se abriu a porta a muitas desordens que nisto são feitas.»

- 4.2** «O 6º, que todos os que nesta Bahia e por toda a costa dizem vender os pais (se pai algum vendeu filho verdadeiro), desde o ano de 60, em que esta desventura mais reinou, até este de 67, mui poucos podem ser escravos, porque é notório a todos poucas vezes terem fomes, nem necessidade *extrema*, para venderem seus filhos; em todo este tempo nem me satisfaz dizer que a necessidade do resgate, com que fazem seus mantimentos, é grande, pois esse podem eles haver sem venderem os filhos, como sempre houveram, com servir certo tempo, ou suas criações ou seus mantimentos, e por grande necessidade que tenham, raramente chega em *extrema*, como seria necessário para a venda valer.»¹⁵⁹

5 A LIBERDADE É DE LEI NATURAL E A VENDA DE SI MESMO EXIGE MANIFESTAÇÃO LIVRE DA VONTADE

«Destruído pois todo o fundamento de Va. Ra. e resolvendo a matéria, digo que, como a liberdade seja de lei natural, não se pode perder senão quando a razão, fundada em lei natural, o permitir; mas quando se presume não haver liberdade de vontade, ou outro modo de tirania, e não há causa justa para se vender, não pode ser escravo, e peca pecado de injustiça, e é obrigado a restituir; e todos aqueles a que cujas mãos vem têm a mesma obrigação, porque como coisa furtada, sempre passa com seu encargo.»¹⁶⁰

¹⁵⁹ Polêmica de Manuel da Nóbrega com Quirício Caxa sobre a escravidão dos indígenas da costa brasileira in: Serafim Leite. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. T. II. *Século XVI: A Obra*. Lisboa/Rio de Janeiro: Editora Portugalia/Civilização Brasileira, 1938. p. 202-203.

¹⁶⁰ Polêmica de Manuel da Nóbrega com Quirício Caxa sobre a escravidão dos indígenas da costa brasileira in: Serafim Leite. *História ...Idem*, p. 204-205.

que la monitoria misma dice arriba, que todos los letrados que Su Alteza manda reunir para estos casos y todas las informaciones que los moradores de Bahía y de toda la costa ya enviaron respondieron que en las cosas de Derecho Natural, divino y canónico no habrá ningún cambio; a partir de esta determinación del Sr. Obispo, mal entendida por los confesores y gente de Brasil, se abrió la puerta a muchos desórdenes que se hacen en esto».

- 4.2 «El 6º, que todos los que dicen que los padres venden en esta Bahía y por toda la costa (si algún padre vendió a un hijo verdadero), desde el año de 60, en que esta desventura se dio con más frecuencia, hasta este de 67, muy pocos pueden ser esclavos, porque es notorio a todos que pocas veces tienen hambres, ni necesidad *extrema*, para tener que vender a sus hijos; en todo este tiempo no me satisface decir que la necesidad del rescate con el que se mantienen es grande, porque pueden mantenerse sin vender a sus hijos, como siempre pudieron, sirviendo por algún tiempo, y porque por gran necesidad que tengan de sustento y manutención, ésta raramente llega a *extrema*, como sería necesario para que la venta tenga valor»¹⁵⁹.

5 LA LIBERTAD ES DE LEY NATURAL Y LA VENTA DE SI MISMO EXIGE LIBRE MANIFESTACIÓN DE VOLUNTAD

«Destruído pues todo el fundamento de Va. Ra. y para concluir esta materia, digo que, como la libertad es de ley natural, no se puede perder sino cuando la razón, fundada en ley natural, lo permita; pero cuando se presume que no hay libertad de la voluntad, u otro modo de tiranía, y no existe causa justa para venderse, no puede ser esclavo, y comete pecado de injusticia, y es obligatorio restituirlo; y todos aquellos que llegan a sus manos tienen la misma obligación, porque tal como cosa robada, siempre pasa con su deuda»¹⁶⁰.

¹⁵⁹ Polémica de Manuel da Nóbrega con Quirício Caxa sobre la esclavitud de los indígenas de la costa brasileira in: Serafim Leite. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. T. II. *Século XVI: A Obra*. Lisboa/Rio de Janeiro: Editora Portugalia/Civilização Brasileira, 1938. p. 202-203.

¹⁶⁰ *Idem*, p. 204-205.

1571 – 1587

Peru e México

JOSÉ

..

José de Acosta nasceu no ano de 1539 em Medina del Campo e faleceu em Salamanca, em 1600. Em 1552 ingressou na Companhia de Jesus e a partir de 1559 realizou estudos universitários em Teologia, Direito, Filosofia e ciências naturais em Alcalá de Henares. Em 1571 foi enviado, como missionário, ao Peru e, posteriormente, ao México, onde trabalhou por cerca de dezassete anos. Como superior fundou vários colégios jesuítas naquela região e teve um importante papel no Terceiro Concílio de Lima (1582).

1571 – 1587

Perú y México

DE ACOSTA

..

José de Acosta nació en 1539 en Medina del Campo y falleció en Salamanca en 1600. En 1552 ingresó en la Compañía de Jesús. A partir de 1559 cursa estudios universitarios de Teología, Derecho, Filosofía y Ciencias naturales en Alcalá de Henares. En 1571 fue enviado, como misionero al Perú y posteriormente a México, donde permanece cerca de diecisiete años. En calidad de Superior fundó varios colegios jesuitas en aquella región llegando a desarrollar un papel importante en el Tercer Concilio de Lima (1582).

Há algo que sempre me pareceu quase monstruoso: entre tantos milhares e milhares de índios a quem atribuimos o nome de cristãos, é muito raro haver algum que conheça Cristo. De modo que podem estes índios apropriar-se com maior propriedade, a respeito de Cristo, do que responderam em outro tempo a São Paulo os habitantes de Efeso: *Nem sequer ouvimos se existe Cristo.*

..

Hay algo que a mí siempre me ha parecido casi monstruoso: entre tantos miles y miles de indios a los que damos el nombre de cristianos, es muy raro qua haya uno que conozca a Cristo. De manera que lo que los habitantes de Efeso respondieron en otro tiempo a San Pablo, pueden estos indios apropiárselo con mayor propiedad respecto a Cristo: *Ni siquiera hemos oído si existe Cristo.*

JOSÉ DE ACOSTA

De Procuranda Indorum Salute, II, 1



Elsa Bruxelles · *Pelo Bem II* · Acrílico sobre papel · 70 x 50 cm · 2013

1 «COM QUE DIREITO?»: A DÚVIDA SOBRE A LEGITIMIDADE DO DOMÍNIO ESPANHOL SOBRE AS ÍNDIAS OCIDENTAIS

«Lê-se em S. Mateus *Se não vos quiserem receber, ao sair de suas casas, sacudi o pó dos pés* (Mt, 10). Não disse: *desembainhai as vossas espadas contra eles ou arrojai os vossos dardos*. Como podia mandar atacar com dardos e espadas O que mandou ir sem cajado nem báculo? O que não só mandou pregar sem armas, mas até meio desnudados e descalços, sem alforje e sem dinheiro? Pois não disse: *Mando-vos como lobos entre ovelhas*, mas ao contrário: *Como ovelhas entre lobos* [...] Pergunta, então, com que direito nos foi permitido submeter os infiéis e verás que S. Paulo, gabando-se do poder que recebeu de Cristo, concluiu: *Como poderei julgar os que estão de fora? Acaso não os julgará o Senhor?*»¹⁶¹

¹⁶¹ Acosta, José de, *De Procuranda Indorum Salute*, Salmanticae, 1588, II, II 2-3, ed. *Corpus Hispanorum de Pace*, dir. Luciano Pereña, vol., XXIV, tomo II, Madrid, 1987. Excertos traduzidos do latim por Pedro Calafate e M. Sena Monteiro.

2 OS CRIMES CONTRA A LEI NATURAL NÃO CONSTITUEM TÍTULO LEGÍTIMO DE CONQUISTA OU OCUPAÇÃO

2.1 «Disse o Divino Legislador: *Farás o que é justo de maneira justa* (Dt 16,20). Quem negará que é justo e razoável que os gentios abertamente idólatras, que se deitam com outros homens, incestuosos, homens sem palavra, sem compaixão, rebeldes a seus pais, ingratos e criminosos [...] devam ser reprimidos e castigados mesmo com a pena capital? Mas falta averiguar por quem e com que autoridade? [...] Não é por uma república ser culpada por dar leis iníquas e vergonhosas [...] que a república vizinha e o seu príncipe ganham direito a dar-lhe melhores leis e a obrigar os seus cidadãos, contra vontade própria, a aceitá-las e cumpri-las, a conquistar pelas armas os que não queiram submeter-se e a privar dos seus bens e vidas os que resistirem. Pois se se concedesse tão extraordinário poder a uma república sobre outra, o único resultado seria perturbar a curto prazo toda a terra e cobri-la de discórdias e de mortes.»¹⁶²

¹⁶² *Idem*, II, IV, 1-2.

2.2 «Difícilmente jamais terão sido cometidos tantos e tão enormes crimes por nenhum povo bárbaro e feroz como por estes defensores do direito natural e propagadores da fé cristã.»¹⁶³

¹⁶³ *Idem*, II, IV, 5.

3 NÃO HÁ ESCRAVATURA POR NATUREZA

3.1 «Justamente reinam os mais sábios e os de melhor critério, mas se de facto reina um ignorante ou um bárbaro, não há direito (aliás, seria uma injustiça) de o privar do reino. Pois que se fosse de outro modo todas as condições da vida humana ficariam à mercê do crime e da rapina.»¹⁶⁴

¹⁶⁴ *Idem*, II, V, 1.

3.2 «Aquilo que se alega, com base em Aristóteles, sobre a guerra justa contra os bárbaros que se recusam a aceitar o *domínio*, é algo bem difícil de entender, e desperta não pequenas suspeitas de que essa tese

1 «¿CON QUÉ DERECHO?»: LA DUDA A CERCA DE LA LEGITIMIDAD DEL DOMINIO ESPAÑOL SOBRE LAS INDIAS OCCIDENTALES

«Dice Mateo: *Si no os recibieran, al salir de su casa o pueblo sacudíos el polvo de los pies. No dijo: Desenvainad vuestras espadas contra ellos o arrojadles vuestros dardos. ¿Cómo iba a mandar atacar con dardos y espadas el que mandó ir sin cayado ni báculo, el que no sólo mandó a predicar sin armas, sino hasta medio desnudos y descalzos, sin alforjas y sin dinero? Pues no dijo: Mirad que yo os mando como lobos entre ovejas, sino al contrario, como ovejas entre lobos [...].* Pregunta con qué derecho se nos ha permitido someter a los infieles y verás que Pablo, jactándose del poder que de Cristo había recibido, concluye: *¿Cómo puedo juzgar a los que están fuera? ¿Acaso no los juzgará Dios?»*¹⁶¹.

¹⁶¹ Acosta, José de, *De Procuranda Indorum Salute*, Salmanticae, 1588, II, II 2-3, ed. *Corpus Hispanorum de Pace*, dir. Luciano Pereña, vol., XXIV, tomo II, Madrid, 1987.

2 LOS CRÍMENES CONTRA A LEY NATURAL NO CONSTITUYEN TÍTULO LEGÍTIMO DE CONQUISTA U OCUPACIÓN

- 2.1 «Dice el divino legislador: *Harás lo que es justo de manera justa* (Dt. 16-20). ¿Quién negará que es muy justo y razonable que los infieles, abiertamente idólatras, reos de crímenes nefastos, incestuosos, hombres sin palabra, sin compasión, rebeldes a sus padres, ingratos, criminales [...] han de ser reprimidos [...] y aun castigados con la pena capital? ¿Hace falta indagar por quién y con qué autoridad? No porque una república sea culpable dando leyes inicuas y vergonzosas [...] tiene por eso derecho la república vecina o su príncipe a darle mejores leyes, obligar a los ciudadanos contra su voluntad a aceptarlas y cumplirlas, a conquistar con armas a los que no quieren someterse, a privar de sus bienes y vidas a los que se resistan. Pues si se concediera tan extraordinario poder a una república sobre otra, no se conseguirá otra cosa que perturbar en breve tiempo todo el orbe de la tierra y colmarlo de discordias y muertes»¹⁶².
- 2.2 «Difícilmente se han cometido jamás tantos y tan enormes crímenes por ningún pueblo bárbaro y fiero como por esos defensores del derecho natural y por los propagadores de la fe cristiana»¹⁶³.

¹⁶² *Idem*, II, IV, 1-2.

¹⁶³ *Idem*, II, IV, 5.

3 NO EXISTE ESCLAVITUD POR NATURALEZA

- 3.1 «Justamente reinan los más sabios y de mejor criterio; pero si de hecho reina un ignorante o un bárbaro, no hay derecho, sino que sería una injusticia privarle del reino. De otro modo, todos los mortales quedarían a merced del robo y del crimen»¹⁶⁴.
- 3.2 «Lo que se añade, sacado de Aristóteles, sobre la guerra justa contra los bárbaros que se niegan a aceptar la esclavitud, es mucho más difícil de entender, y despierta no pequeñas sospechas de que esa afirmación no resulta tanto de razones filosóficas cuanto de cierta opinión popular [...]. Y si Alejandro Magno, atraído por la ambición

¹⁶⁴ *Idem*, II, V, 1.



Elsa Bruxelles · *Sacudir o pó dos pés* · Acrílico sobre papel · 70 x 50 cm · 2013

não resulte de razões filosóficas mas sim da opinião popular [...]. E se Alexandre Magno (como dizem alguns, atraído pela ambição do poder) quis levar as bandeiras macedónias por todo o universo, não devemos preocupar-nos demasiado com o que Aristóteles escreveu mais por motivos de adulação do que de filosofia.»¹⁶⁵

¹⁶⁵ *Idem*, V, 1-2.

4 NÃO É ACEITÁVEL COMBATER O TERROR COM UM TERROR MAIOR

- 4.1** «Segundo penso, todos estarão de acordo em que defender um inocente, sobretudo se estiver em questão a sua morte, (pois mesmo que ele se cale será a natureza que nos é a todos comum a gritar) é tarefa que é exigida a todo aquele que esteja em posição capaz de prestar auxílio. Resulta pois que a defesa dos inocentes é causa de guerra justa contra os bárbaros homicidas.»¹⁶⁶
- 4.2** «Mas esta tese, ainda que subtilmente discutida, se for confrontada com a realidade, revela falta de adequação. Porque por um lado, deve prestar-se auxílio “aos inocentes” com o menor dano do agressor e, portanto, não será lícito despojar os bárbaros do domínio ou da vida sempre que possam ser reprimidos por meio do temor ou com alguma sujeição; por outro lado é absurdo querer defender aqueles a quem se causa uma mortandade ainda maior com essa defesa. E consta por infinidade de testemunhos que morreram muito mais índios nestas guerras que lhes movemos do que com a tirania dos bárbaros. Que quantidade de sacrifícios e carnificina de índios não foram cometidos por causa dos estragos provocados pela espada dos espanhóis?»¹⁶⁷

¹⁶⁶ *Idem*, II, VI, 1.

¹⁶⁷ *Idem*, II, VI, 2-3.

5 O JUS PRAEDICANDI NÃO ANULA O PODER TEMPORAL DOS REIS GENTIOS

«Não deve espantar-nos que os príncipes infieis que abusam tiranicamente do seu poder contra os novos cristãos sejam privados de todo o poder e direito sobre os cristãos, em função da autoridade da Igreja. Mas se não se opuserem à predicação e propagação de Evangelho nem colocarem obstáculos aos seus súbditos que livremente queiram receber a fé de Cristo, permitindo que a conservem inviolavelmente, ainda que esses príncipes, pela sua parte, permaneçam cegos no seu erro, não será lícito privá-los do poder que têm sobre os seus súbditos. Mas existe apesar de tudo, qual imperador constituído pela igreja, um príncipe cristão que olha pela causa da fé com esmero e protege os fieis sempre que necessário.»¹⁶⁸

¹⁶⁸ *Idem*, III, II, 4-5.

del poder, como dicen algunos, quiso llevar las banderas macedónicas por todo el universo, no hemos de preocuparnos demasiado de lo que Aristóteles escribió por adulación más que como filósofo»¹⁶⁵.

¹⁶⁵ *Idem*, V, 1-2.

4 NO ES ACEPTABLE COMBATIR EL TERROR CON UN TERROR MAYOR

4.1 «A lo que pienso, todos estarán de acuerdo en que defender, sobretodo de la muerte, a un inocente, aunque él mismo calle, clamando como clama la naturaleza misma, es tarea encarecidamente encomendada a todo el que sea capaz de prestar auxilio. Resulta, pues, que la defensa de los inocentes es causa de justa guerra contra los bárbaros homicidas»¹⁶⁶.

¹⁶⁶ *Idem*, II, VI, 1.

4.2 «Pero esta tesis, aunque sutilmente discutida, si se confronta con la realidad se descubre su falta de adecuación. Porque por un lado se ha de prestar ayuda con el menor daño del agresor y, por tanto, no será lícito desposeer a los bárbaros del dominio o de la vida si pueden ser reprimidos por el temor o con alguna sujeción; y por otro es absurdo querer defender a quienes con la defensa se ocasiona mayor mortandad. Y consta por infinidad de testimonios que muchos más sin comparación han muerto en las guerras contra los indios que con ninguna tiranía de los bárbaros. ¿Qué cantidad de sacrificios y carnicería de indios no se llevo a cabo a causa del estrago provocado por la espada de los españoles?»¹⁶⁷.

¹⁶⁷ *Idem*, II, VI, 2-3.

387

5 EL *JUS PRAEDICANDI* NO ANULA EL PODER TEMPORAL DE LOS REYES PAGANOS

«Nada tiene, pues, de maravilla que los señores infieles que abusan tiránicamente de su poder contra los nuevos cristianos, sean privados de todo poder y derecho sobre ellos, en función de la autoridad de la Iglesia. Pero si no se oponen a la predicación y propagación del Evangelio, ni ponen obstáculos a los suyos para que abracen la fe de Cristo los que quieran, o la conserven inviolablemente los que ya la han profesado, aunque ellos por su parte perseveren ciegos en su error, no por eso es lícito privarles del poder que tienen sobre los suyos. Existe, sin embargo, un príncipe cristiano constituido por la Iglesia como supremo emperador, para que mire por la causa de la fe con esmero y tenga providencia de los fieles en las ocasiones que se oferescan»¹⁶⁸.

¹⁶⁸ *Idem*, III, II, 4-5.

1613 – 1630

México e Guatemala

JUAN

..

Juan Zapata y Sandoval nasceu em 1547, na cidade do México, filho de uma das famílias mais distintas da Nova Espanha e faleceu em 1630 na cidade da Guatemala. Ingressou, em 1590, na Ordem de Santo Agostinho no Colégio de São Paulo do México. Em 1602 foi para Espanha, tendo sido nomeado reitor e catedrático do Colégio Universitário de São Gabriel de Valladolid, onde permaneceu por treze anos lecionando Teologia. Foi bispo de Chiapas (1613) e da Guatemala (1630).

1613 – 1630
México y Guatemala

ZAPATA Y SANDOVAL

..

Juan Zapata y Sandoval nació en 1547 en la ciudad de México, hijo de una de las familias más distinguidas de la Nueva España y falleció en 1630 en la ciudad de Guatemala. En 1590 ingresó en el Colegio de San Pablo de México perteneciente a la Orden de San Agustín. En 1602 viajó a España, siendo nombrado rector y catedrático del Colegio Universitario de San Gabriel de Valladolid, donde permaneció trece años impartiendo lecciones de Teología. Fue Obispo de Chiapas (1613) y de Guatemala (1630).

1 DO PRINCÍPIO DE CIDADANIA E «AMERICANIDADE» À PRIMAZIA DOS ÍNDIOS E CRIoulos

«Sob censura eclesiástica, não temo afirmar e defender, como verdade insofismável, que sendo os índios dignos de tais ofícios <eclesiásticos e civis>, devemos, em igualdade de circunstâncias e sem perigo de escândalo, preferir os índios aos espanhóis naqueles reinos. E afirmo-o com plena consciência. Com efeito, como aqueles reinos e possessões pertenceram aos seus maiores, não perderam eles, pelo facto de se terem convertido, o poder político e o direito de a si próprios se governarem e de administrarem a justiça, pois são cidadãos daquelas terras. E se o que nasce naqueles territórios fruto da união entre espanhol e índia é reconhecido como cidadão e não se lhe podem negar os privilégios e prerrogativas da cidadania, como afirma Francisco de Vitoria, assim também e com maior razão não se há de defraudar estes mesmos índios nos seus direitos, por terem admitido os espanhóis, por terem ouvido a predicação da fé católica e terem-na aceite espontaneamente (oh maravilha!) e por terem perseverado nela com constância e firmeza até ao final. Esta é a razão por que lhes devemos conceder maiores privilégios e benefícios [...], principalmente sendo já todos vassallos e súbditos do nosso poderosíssimo e cristianíssimo rei de Espanha.»¹⁶⁹

2 NÃO HÁ APENAS UMA REGRA UNIVERSAL A RESPEITO DA ÍNDOLE E COSTUMES DOS POVOS E DAS NAÇÕES

«Seria, no entanto, muito arriscado discutir o tema da sua idoneidade, da sua índole e qualidades morais; a índole e os costumes de todos e cada um dos homens, de qualquer região que sejam, são diversos, e seria muito temerário enunciar uma regra geral para todas as nações, tratando-se de homens capazes tanto para as exigências da fé como para as da doutrina necessária à fé e aos costumes. Se se encontrar algum desses (refiro-me aos índios) bem formado, devemos considerá-lo como o mais digno para ser eleito “para os ofícios e cargos civis e eclesiásticos”. E não constitui obstáculo o ter sido gentio e descendente de gentios e pagãos.»¹⁷⁰

3 A PÁTRIA DOS «FILHOS DO NOVO MUNDO»

«Há quem, por desenfreada paixão e intransigente inveja, não apenas pretenda considerar incapazes para serem admitidos <aos ofícios e cargos civis e eclesiásticos> os índios e descendentes de índios, senão que também queira marcar com a mesma nota de incapacidade, que eles próprios inventaram entre sonhos e intrigas, aqueles que nasceram entre estes índios, mas que são de pais espanhóis [...]. Mas pessoas doutíssimas e padres de profunda religiosidade, magistrados e chanceleres justíssimos, bispos

¹⁶⁹ Juan Zapata y Sandoval, *De Iustitia Distributiva et Acceptione Personarum ei Opposita Discopatio*, Valisoleti, 1609, ed. *Corpus Hispanorum de Pace*, segunda série, vol. XII, dir. C. Bacierno, A.M. Barrero, J.M. García Añoveros y J.M. Soto, Madrid, 2004. Sobre o passo citado: I, XI, 14-15. Excertos traduzidos do castelhano por Pedro Calafate.

¹⁷⁰ *Idem*, II, XI, 19.

1 DEL PRINCIPIO DE CIUDADANÍA Y «AMERICANIDAD» DA PREFERENCIA A LOS INDIOS Y CRIOLLOS

«Bajo censura eclesiástica, no temo afirmar y tener por verdad manifiesta que, siendo los indios dignos de tales oficios o “eclesiásticos y civiles”, se deben preferir los indios a los españoles en aquellos reinos en igualdad de circunstancias y sin peligro de escándalo. Y lo digo a ciencia y conciencia. En efecto, como aquellos reinos y posesiones pertenecieron a sus mayores, no perdieron por el hecho de la conversión el poder político y el derecho de gobernarse a sí mismos y de administrar justicia, pues son ciudadanos de aquellas tierras.

Y al igual que el nacido en aquellos territorios de español e india es ciudadano y no se le pueden negar los privilegios y prerrogativas de la ciudadanía, como afirma Francisco de Vitoria, así también y con mayor razón no se les ha de defraudar a estos mismos indios en sus derechos por haber admitido a los españoles, por haber escuchado la predicación de la fe católica y haberla aceptado espontáneamente (¡oh maravilla!) y haber perseverado en ella con constancia y firmeza hasta el final»¹⁶⁹.

2 NO HAY UNA REGLA UNIVERSAL SOBRE LA ÍNDOLE Y COSTUMBRES DE LOS PUEBLOS Y LAS NACIONES

«Sería, sin embargo, muy arriesgado discutir sobre el tema de su idoneidad, de su índole y cualidades morales; la índole y las costumbres de todos y cada uno de los hombres, de cualquier región que sean, son diversas, y sería muy temerario dar una regla general para todas las naciones de todo el Reino, por más que se trate de hombres con capacidad así para la fe como para toda doctrina necesaria a la fe y costumbres. Si se encontrase a alguno de ellos (me refiero a los indios) bien formado, se le ha de juzgar el más digno para ser elegido. Y no es obstáculo haber sido gentil y descender de gentiles y paganos»¹⁷⁰.

3 LA PATRIA DE LOS «HIJOS DEL NUEVO MUNDO»

«Hay quienes por desenfrenada pasión e intransigente envidia, no sólo pretenden llamar incapaces para ser admitidos a los indios y descendientes de indios, sino que hasta han querido marcar con la misma nota de incapacidad, que ellos mismos han fingido entre sueños e intrigas, a aquéllos que únicamente han nacido entre estos indios, pero que son de padres españoles [...]. Pero personas doctísimas y padres de profunda religiosidad, magistrados y cancilleres justísimos, obispos de acendrada piedad, que trabajan en la Iglesia de Dios con la energía de los primitivos soldados, prueban y demuestran con toda claridad cuán errados andan en sus sueños

¹⁶⁹ Juan Zapata y Sandoval, *De Iustitia Distributiva et Acceptione Personarum ei Opposita Disceptatio*, Valisoleti, 1609, ed. Corpus Hispanorum de Pace, segunda serie, vol. XII, dir. C. Baciero. A.M. Barrero, J.M. García Añoveros y J.M. Soto, Madrid, 2004, I, XI, 14-15.

¹⁷⁰ *Idem*, II, XI, 19.

Os índios são o fruto fecundíssimo do Novo Mundo, que os procriou como se fossem seus filhos, até os conduzir a um estado de maturidade em idade e em virtude: instruiu-os nas letras e muniu-os com a integridade dos costumes, para que a sua própria pátria, benevolmente, os voltasse a acolher e a abraçar, já na qualidade de pastores, juízes e padres.

..

Los ha producido aquel Nuevo Mundo como frutos fecundísimos, los ha procreado como a hijos hasta llevarlos a un estado de madurez en edad y virtud, los ha instruido en letras, los ha ataviado con la integridad de costumbres, para que su propia patria benévolmente los vuelva a acoger y a abrazar hechos ya pastores, jueces y padres.

JUAN ZAPATA Y SANDOVAL

De Iustitia..., II, XI, 20



de acentuada piedade, que trabalham na Igreja de Deus com a energia dos primitivos soldados, provam e demonstram, com toda a clareza, quão errados estão esses nos seus sonhos (para não dizer nas suas intrigas e fantasias). *Os índios são o fruto fecundíssimo do Novo Mundo, que os procriou como se fossem seus filhos, até os conduzir a um estado de maturidade em idade e em virtude: instruiu-os nas letras e munuiu-os com a integridade dos costumes, para que a sua própria pátria, benevolamente, os voltasse a acolher e a abraçar, já na qualidade de pastores, juízes e padres.»*¹⁷¹

¹⁷¹ *Idem*, II, XI, 20.

(por no decir en sus intrigantes fantasías). *Los ha producido aquel Nuevo Mundo como frutos fecundísimos, los ha procreado como a hijos hasta llevarlos a un estado de madurez en edad y virtud, los ha instruido en letras, los ha ataviado con la integridad de costumbres, para que su propia patria benévolamente los vuelva a acoger y a abrazar hechos ya pastores, jueces y padres»*¹⁷¹.

¹⁷¹ *Idem*, II, XI, 20.

1632 – 1697

Brasil, Maranhão e Grão-Pará

ANTÓNIO

..

António Vieira nasceu em Lisboa em 1608 e morreu na Bahia em 1697. Não foi um académico, nem professor universitário, mas adquiriu uma sólida formação teológica e filosófica no colégio da Companhia de Jesus na Bahia, para onde viajou com seus pais em 1614, sendo ordenado sacerdote em 1632. Distinguiu-se como pregador, teólogo, missionário e diplomata, intervindo nos momentos mais decisivos da história de Portugal e do Brasil ao longo do século XVII. Autor de vastíssima obra, é seguramente a figura mais importante do barroco luso-brasileiro de Seiscentos.

1632 – 1697

Brasil, Maranhão y Grão-Pará

VIEIRA

..

António Vieira nació en Lisboa en 1608 y murió en Bahía en 1697. No fue académico ni profesor universitario, pero adquirió una sólida formación teológica y filosófica en el Colegio de la Compañía de Jesús en Bahía, hasta donde viajó con sus padres en 1614, siendo ordenado sacerdote en 1632. Se distinguió como predicador, teólogo, misionero y diplomático, interviniendo en los momentos más decisivos de la historia de Portugal y de Brasil a lo largo del siglo XVII. Autor de una vasta obra es seguramente la figura más importante del barroco luso-brasileño del Seiscientos.

PADRE ANTÓNIO VIEIRA

Manuscrito

Clavis Prophetarum.

Verum eorum sensum, aperiens
ad rectam Regni Christi, in Terris consummati
intelligentiam, asequendam.

A P. Antonio Vieyra, Societatis Jesu.

Summo studio elaborata,
sed, morte, preveniente, non absoluta,
nec ultimâ manu, exposita.

Opus posthumum, ac desideratissimum,
A Collegio Bahiensi.

A Almoduni Reverendum P. Nostrum, Thyrsium.

Panzalez, ejusdem Societatis Propositum, Generalen
missum.

Anno MDCXCIX.

1 A LEGITIMIDADE DAS SOBERANIAS INDÍGENAS

«Assim como o espanhol ou genovês cativo em Argel é contudo vassalo do seu rei e da sua república, assim o não deixa de ser o índio, posto que forçado e cativo, como membro que é do corpo e cabeça política da sua nação, importando igualmente para a soberania e liberdade, tanto a coroa de penas como a de ouro, e tanto o arco como o cetro. Daqui se segue que os mesmos índios de S. Paulo, dentro desta sua miséria, ainda que trazidos às terras sujeitas ao domínio de Portugal, de nenhum modo estão eles sujeitos ao mesmo domínio, de tal sorte que os reis a seu arbítrio os possam obrigar com leis, pensões ou tributos, nem limitar, diminuir ou alterar a inteireza da sua liberdade [...] salvo somente se for com expresse, voluntário e livre consentimento dos ditos índios, sem força, dolo ou simulação alguma.»¹⁷²

¹⁷² Vieira, António, *Voto sobre as Dúvidas dos Moradores de S. Paulo*, (1694), in *Obras Escolhidas do Padre António Vieira*, org. de Hernâni Cidade e António Sérgio, Livraria Sá da Costa, Lisboa, 1952, vol. V, pp. 341-342-343.

2 A OBRIGATORIEDADE DA RESTITUIÇÃO E INDEMNIZAÇÃO

2.1 «Pela mesma opressão que têm padecido e padecem lhes são devidas aos ditos índios duas satisfações, uma da parte dos reis, outra da parte dos Paulistas: da parte dos reis que, como príncipes justos, os devem pôr a todos em sua liberdade natural, não consentindo em seus Estados tal tirania, antes castigando severamente os delinquentes nela; e da parte dos Paulistas, que lhes satisfaçam os danos recebidos e lhes restituam e paguem o preço do seu serviço, a que por força os obrigaram.»¹⁷³

¹⁷³ *Idem*, p. 342

2.2 «Todo o homem que deve serviço ou liberdade alheia, e podendo-a restituir, não restitui, é certo que se condena: todos, ou quase todos os homens do Maranhão devem serviços e liberdades alheias, e podendo restituir, não restituem; logo, todos ou quase todos se condenam. Dir-me-eis que ainda que isto fosse assim, que eles o não cuidavam nem o sabiam; e que a sua boa fé os salvaria. Nego tal: sim, cuidavam, e sim, sabiam, como também vós o cuidais e sabeis; e se o não cuidavam nem o sabiam, deveram cuidá-lo e sabê-lo. A uns condena-os a certeza, a outros a dúvida, e outros a paciência. Aos que têm certeza, condena-os o não restituírem; aos que têm dúvida, condena-os o não examinarem; aos que têm ignorância condena-os o não saberem, quando tinham obrigação de o saber.»¹⁷⁴

¹⁷⁴ Vieira, António, «Sermão da Primeira Dominga da Quaresma» (1653) in *Sermões*, Porto, 1959, vol. III, p. 13.

3 A DIGNIDADE DO TRABALHO LIVRE

«Este povo, esta república, este Estado, não se pode sustentar sem índios. Quem nos há de ir buscar um pote de água ou um feixe de lenha? Quem nos há de fazer duas covas de mandioca? Hão de ir nossas mulheres? Hão de ir nossos filhos? - Primeiramente não são estes os apertos em que vos hei de pôr, como logo vereis; mas quando a necessidade e a consciência obrigam a tanto, digo que sim, e torno a dizer que sim: que vós, que vossas mulheres, que vossos filhos, e que todos nós nos sustentássemos dos nossos braços;

1 LA LEGITIMIDAD DE LAS SOBERANÍAS INDÍGENAS

«Así como el español o el genovés cautivo en Argel continúa siendo a pesar de todo vasallo de su rey y de su república, así también lo es el indio que ha sido forzado y es cautivo, como miembro que es del cuerpo y cabeza política de su nación, pues tiene la misma relevancia para la soberanía y la libertad tanto la corona de plumas como la de oro, tanto el arco como el cetro. De esto se infiere que los propios indios de São Paulo, dentro de su miseria y a pesar de haber sido traídos a tierras sujetas al dominio de Portugal, de ninguna manera están sujetos al mismo dominio, por lo que los reyes no los pueden obligar a su arbitrio, ni con leyes, ni pensiones o tributos, ni limitar, disminuir o alterar la integridad de su libertad [...] salvo únicamente si fuera con expreso, voluntario y libre consentimiento de los tales indios, sin fuerza, dolo o simulación»¹⁷².

2 LA OBLIGATORIEDAD DE RESTITUCIÓN E INDEMNIZACIÓN

- 2.1 «Por la opresión que han padecido y padecen los indios les son debidas dos compensaciones, una por parte de los reyes y otra por parte del pueblo de São Paulo; por parte de los reyes que, como príncipes justos que son, los dejen a todos en su libertad natural no permitiendo en sus Estados tal tiranía, antes bien, debiendo castigar severamente a los delincuentes que atenten contra ella. Y de parte de los paulistas, que los compensen por los daños recibidos y les restituyan y les paguen el precio de sus servicios, a los que los forzaron a hacer»¹⁷³.
- 2.2 «Todo hombre que deba el pago por el servicio o la libertad de otro y pudiendo restituirla no la restituye es verdad que se condena: todos o casi todos los hombres de Maranhão deben el pago por servicios y la libertad de otros que pudiendo restituir no restituyen; por lo que todos o casi todos se condenan. Me diréis que aunque esto fuera así ellos no se daban cuenta ni lo sabían, y que su buena fe los salvaría. Niego tal cosa: sí se daban cuenta, y sí lo sabían como también vosotros os dais cuenta y los sabéis; y si no se daban cuenta o no lo sabían deberían haberlo sabido. A unos los condena el saber, a otros la duda y a otros la paciencia. A los que saben los condena el no restituir lo que es debido; a los que tienen dudas o no están seguros los condena el no examinar; a los que son ignorantes los condena el no saber cuando tenían obligación de saber»¹⁷⁴.

3 LA DIGNIDAD DEL TRABAJO LIBRE

«Este pueblo, esta república, este Estado no se puede sostener sin los indios. ¿Quién nos traería un pote de agua o un haz de leña? ¿Quién nos cavaría la tierra para la mandioca? ¿Lo harían nuestras mujeres? ¿Lo harían nuestros hijos? –Antes que nada, no son estos los aprietos en los que os quiero poner, como lo verán, pero cuando la

¹⁷² Vieira, António, *Voto sobre as Dívidas dos Moradores de S. Paulo*, (1694), in *Obras Escolhidas do Padre António Vieira*, org. de Hernâni Cidade e António Sérgio, Livraria Sá da Costa, Lisboa, 1952, vol. V, pp. 341-342-343.

¹⁷³ *Idem*, p. 342.

¹⁷⁴ Vieira, António, «Sermão da Primeira Dominga da Quaresma» (1653) in *Sermões*, Porto, 1959, vol. III, p. 13.

Daqui se segue que os mesmos índios de S. Paulo, dentro desta sua miséria, ainda que trazidos às terras sujeitas ao domínio de Portugal, de nenhum modo estão eles sujeitos ao mesmo domínio, de tal sorte que os reis a seu arbítrio os possam obrigar com leis, pensões ou tributos, nem limitar, diminuir ou alterar a inteireza da sua liberdade.

..

De esto se infiere que los propios indios de São Paulo, dentro de su miseria y a pesar de haber sido traídos a tierras sujetas al dominio de Portugal, de ninguna manera están sujetos al mismo dominio, por lo que los reyes no los pueden obligar a su arbitrio, ni con leyes, ni pensiones o tributos, ni limitar, disminuir o alterar la integridad de su libertad.

ANTÓNIO VIEIRA

Voto sobre as Dúvidas dos Moradores de São Paulo,

Op. cit. p. 344



Inês Mesquita · *Sem título* · Monotípia sobre papel de arroz · 70 x 50 cm · 2013

porque melhor é sustentar do suor próprio, que do sangue alheio. Ah fazendas do Maranhão, que se esses mantos e essas capas se torceram, haviam de lançar sangue!»¹⁷⁵

¹⁷⁵ Vieira, António, «Sermão da Primeira Domingo da Quaresma» (1653) in *Sermões*, Porto, 1959, vol. III, p. 14.

4 A CONVERSÃO NÃO IMPLICA VASSALAGEM DOS POVOS AMERICANOS NEM DERROGA O DIREITO NATURAL

«A mesma Providência que teve o cuidado de trazer os Magos a Cristo por um caminho, essa mesma teve o cuidado de os livrar e pôr em salvo por outro [...], e nós, não só consentimos que aqueles gentios percam a soberania natural com que nasceram e vivem isentos de toda a sujeição, mas somos os que, sujeitando-os ao jugo espiritual da Igreja, os obrigámos também ao temporal da coroa, fazendo-os jurar vassalagem [...]. Mas nada disso basta.»¹⁷⁶

¹⁷⁶ Vieira, António, «Sermão da Epifania» (1662), in *Sermões*, Porto, 1959, vol. II, p. 32.

5 O LIVRO E A ESPADA

5.1 «Acabe de entender Portugal que não pode haver Cristandade nem cristandades nas conquistas sem os ministros do Evangelho terem abertos e livres estes dois caminhos [...]. Um para trazerem os gentios à fé, outro para os livrarem da tirania: um para lhes salvarem as almas, outro para lhes libertarem os corpos. *Neste segundo caminho está toda a dúvida, porque nele consiste toda a tentação.* Querem que aos ministros do Evangelho pertença só a cura das almas, e que a servidão e cativo dos corpos seja dos ministros do Estado [...]. Não é esse o governo de Cristo.»¹⁷⁷

¹⁷⁷ *Idem*, p. 33.

5.2 «E porque algum político, mau gramático, e pior cristão não cuide que a obrigação do pastor é somente apascentar, como parece o que significa a derivação do nome, saiba que só quem apascenta e defende é pastor, e quem não defende, ainda que apascente, não.»¹⁷⁸

¹⁷⁸ *Idem*, p. 33.

5.3 «Quem tem por ofício a conversão dos gentios, há de ter o livro em uma mão e a espada noutra: o livro para os doutrinar; a espada para os defender [...]. E se esta espada se tirar das mãos de Paulo e se meter na mão de Herodes, que sucederá? Nadará toda a Belém em sangue inocente; e é isso que queremos evitar.»¹⁷⁹

¹⁷⁹ *Idem*, p. 35.

6 A FUNDAMENTAÇÃO ÉTICA DO IMPÉRIO UNIVERSAL: JUSTIÇA E PAZ

«Abraçaram-se a justiça e a paz, e foi a justiça a primeira que concorreu para este abraço. Porque não é a justiça que depende da paz (como alguns tomam por escusa) senão a paz da justiça.»¹⁸⁰

¹⁸⁰ Vieira, António, «Sermão ao Enterro dos Ossos dos Enforcados», in *Sermões*, Porto, 1959, vol. XIV, p. 107.

7 A COMUNHÃO DOS HOMENS EM CRISTO

7.1 «Ora, essa consumação “do Reino de Cristo na Terra” não é outra coisa senão aquilo que pouco antes dizíamos, a saber, uma fé única

necesidad y la consciencia obligan a tanto digo que sí y vuelvo a decir que sí: que ustedes, que sus mujeres, que sus hijos y que todos nosotros nos mantengamos a nosotros mismos con nuestros brazos; porque mejor es mantenerse con el propio sudor que de la sangre ajena. ¡Ah, haciendas de Maranhão, si esos mantos y esas capas se retorcieron, habrían de escurrir sangre!»¹⁷⁵.

¹⁷⁵ *Idem*, p. 14.

4 LA CONVERSIÓN NO IMPLICA EL VASALLAJE DE LOS PUEBLOS AMERICANOS NI DEROGA EL DERECHO NATURAL

«La propia Providencia que tuvo el cuidado de conducir a los Magos para llegar a Cristo por un camino, tuvo el cuidado de librarlos y ponerlos a salvo haciéndolos volver por otro [...], y nosotros no sólo permitimos que estos idólatras pierdan la soberanía natural con la que nacieron y en la que vivían exentos de toda sujeción, sino que además somos los que sujetándolos al yugo espiritual de la Iglesia, los obligamos también al temporal de la corona haciéndolos jurar vasallaje [...]. Pero nada de esto es suficiente»¹⁷⁶.

¹⁷⁶ Vieira, António, «Sermão da Epifania» (1662), in *Sermões*, Porto, 1959, vol. II, p. 32.

5 EL LIBRO Y LA ESPADA

5.1 «Acabe de entender Portugal que no puede haber Cristiandad ni cristiandades en las conquistas sin que los ministros del Evangelio dejado abiertos y libres estos dos caminos [...]. Uno para llevar a los idólatras a la fe, otro para librarlos de la tiranía: uno para salvarles las almas, otro para liberar sus cuerpos. *En este segundo camino se suscitan todas las dudas, porque contra él acecha toda tentación*. Quieren que únicamente pertenezca a los ministros del Evangelio la cura de las almas, y que la servidumbre y el cautiverio de los cuerpos sea de los ministros del Estado [...]. Ese no es el gobierno de Cristo»¹⁷⁷.

¹⁷⁷ *Idem*, p. 33.

5.2 «Y porque algún político, mal gramático y peor cristiano no juzgue que la obligación del pastor sea únicamente apacentar, como parece que se deriva del significado del nombre, sepa que sólo quien apacienta y defiende es pastor y quien no defiende, aunque apaciente, no lo es»¹⁷⁸.

¹⁷⁸ *Idem*, p. 33.

5.3 «Quien tiene por oficio la conversión de los idólatras, debe tener el libro en una mano y la espada en la otra: el libro para adoctrinarlos; la espada para defenderlos [...]. Y si esta espada se quita de las manos de Pablo y se pone en la mano de Herodes ¿qué sucedería? Toda Belém nadaría en sangre inocente; y es eso lo que queremos evitar»¹⁷⁹.

¹⁷⁹ *Idem*, p. 35.

6 LA FUNDAMENTACIÓN ÉTICA DEL IMPERIO UNIVERSAL: JUSTICIA Y PAZ

«Se abrazaron la justicia y la paz y fue la justicia la primera que buscó este abrazo. Porque no es la justicia la que depende de la paz (como algunos toman como excusa) si no la paz de la justicia»¹⁸⁰.

¹⁸⁰ Vieira, António, «Sermão ao Enterro dos Ossos dos Enforcados», in *Sermões*, Porto, 1959, vol. XIV, p. 107.





Inês Mesquita · *Sem título* · Monotípia sobre papel de arroz · 45 x 62 cm · 2013

e universal de todos os povos através do conhecimento de Cristo; ou seja, reunindo-se e ajuntando-se uns com os outros todos os homens e *de comum acordo assentindo* na unidade da mesma fé e profissão cristã.»¹⁸¹

- 7.2** «Demais, uma vez que todo o direito da paz e da guerra se encontra nas mãos dos reis e, por outro lado, todos os reis naquele tempo hão de servir a Cristo e obedecer às suas leis, não causa qualquer espanto que, *mediante alguma aliança todos também se ponham de acordo entre si* [...] os povos hão de ajuntar-se em um só, e não de outro modo senão ajuntando-se primeiramente os seus reis e entendendo--se para se submeterem a Deus.»¹⁸²

¹⁸¹ Vieira, António, *Clavis Prophetarum*, ms. 706 Casanatense, Liv. II, f. 245, tradução do latim de A. Guimarães Pinto.

¹⁸² *Idem*, Liv. III, f. 876.

8 O DIREITO NATURAL TAMBÉM FUNDAMENTA O PODER POLÍTICO DE CRISTO

- 8.1** «É que suponho (algo que porventura há de parecer novo e espantoso) que, antes da descida de Cristo à Terra, todas as nações em geral, com *públicos votos, comum consenso e aplauso* o quiseram e aceitaram como Rei.»¹⁸³
- 8.2** «É que essa *sujeição espontânea e comum oferta*, aceita pelo próprio príncipe, seja bastante para conferir o direito de reino, é evidente, de acordo com os princípios gerais dos direitos natural e das gentes [...], e foi este o modo pelo qual todas as nações receberam e como *coroaram Cristo, a saber, através da aceitação espontânea*.»¹⁸⁴
- 8.3** «Nem diminui o direito ou propriedade deste título o facto de que, antes dos votos, oferta e aceitação por parte de todas as nações do futuro Reino de Cristo, o próprio Reino se devia a Cristo em virtude da sua divindade e que Deus o estabelecera e proclamara como Rei antes de ter sido aceito pelas nações que a ele se votaram. É que este não suprime o *direito novo e espontâneo, que pela vontade livre dos homens* pode ser oferecido (ou melhor, se é lícito dizê-lo, conferido), não só a Cristo mas também ao próprio Deus.»¹⁸⁵

¹⁸³ *Idem*, Liv. I, f. 168.

¹⁸⁴ *Idem*, Liv. I., f. 170.

¹⁸⁵ *Idem*, Liv. I., fol. 171.

7 LA COMUNIÓN DE LOS HOMBRES EN CRISTO

- 7.1 «Ahora bien, esa consumación “del Reino de Cristo en la Tierra” no es otra cosa que aquello que antes decíamos, a saber: una fe única y universal de todos los pueblos a través del conocimiento de Cristo; es decir, reuniéndose y congregándose unos con los otros todos los hombres, y consintiendo de común acuerdo en la unidad de la misma fe y profesión cristiana»¹⁸¹.
- 7.2 «Además, dado que el derecho de la paz y de la guerra se encuentra en manos de los reyes y, por otro lado que, todos los reyes en ese tiempo deberán servir a Cristo y obedecer sus leyes, no causa ninguna sorpresa que *mediante alguna alianza todos también se pongan de acuerdo entre sí* [...] los pueblos deben fundirse en uno solo, y no de otro modo sino uniéndose primero a sus reyes y *entendiéndose mutuamente para someterse a Dios*»¹⁸².

¹⁸¹ Vieira, António, *Clavis Prophetarum*, ms. 706 Casanatense, Liv. II, f. 245, traducción del latín de A. Guimarães Pinto. Traducción castellana de Jania Salazar.

¹⁸² *Idem*, Libro III, f. 876.

8 EL DERECHO NATURAL TAMBIÉN FUNDAMENTA EL PODER POLÍTICO DE CRISTO

- 8.1 «Es que supongo, (algo que por ventura parecerá nuevo e increíble) que antes del descenso de Cristo a la Tierra todas las naciones en general, con *votos públicos, consenso y aplauso* lo quisieron y lo aceptaron como Rey»¹⁸³.
- 8.2 «Y que ese sometimiento espontáneo y ofrecimiento general, aceptado por el propio príncipe, sea suficiente para conceder el derecho al reino, es evidente, de acuerdo a los principios generales de los derechos natural y de gentes [...], y fue este el modo por el cual todas las naciones recibieron y *coronaron a Cristo, es decir, a través de la aceptación espontánea*»¹⁸⁴.
- 8.3 «No disminuye el derecho o propiedad de este título el hecho de que, antes de los votos, ofrenda y aceptación por parte de todas las naciones del futuro Reino de Cristo, el propio Reino era debido a Cristo en virtud de su divinidad y que Dios lo hubiera establecido y proclamado como Rey antes de haber sido aceptado por las naciones que a Él se entregaron. Esto no suprime *el derecho nuevo y espontáneo, que por libre voluntad de los hombres puede ser ofrendado* (o mejor, si es lícito decirlo, concedido) no sólo a Cristo sino también al propio Dios»¹⁸⁵.

¹⁸³ *Idem*, Libro I, f. 168.

¹⁸⁴ *Idem*, Libro I, f. 170.

¹⁸⁵ *Idem*, Libro I, f. 171.



BIOGRAFIAS DOS ARTISTAS

BIOGRAFÍAS DE LOS ARTISTAS

Elsa Bruxelles

Lisboa, 1960. Licenciada e aluna de Mestrado em Pintura pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Desenvolve o seu trabalho em pintura, gravura e vídeo, sendo autora de vários filmes de vídeo arte e de ficção com participações e prémios em Festivais Internacionais, tendo uma obra em exposição permanente no Museu Arqueológico do Carmo (vídeo instalação “Ulisses”). Tem Participado em projectos de arte pública e exposições colectivas como: *De Santa Apolónia a Saint – Lazare* (Instituto Français de Portugal 2013); *Chiado em Paris* (Maison du Portugal, Paris 2013); *Face to face – The transcendence of the arts in China and beyond* (Capela da FBAUL e Reitoria da Cidade Universitária de Lisboa 2013); *Grafica contemporanea Quattro visioni a Confronto* (Accademia di Belle Arti di Bologna 2012); *Noites em São Carlos* (Teatro de São Carlos, Lisboa); *Gravura /Instalação/Poesia, The Joy of a Reencounter*, com exposições em Granada, Utrecht, Copenhaga, e Lisboa.

Filipa Camacho

Lisboa, 1989. Licenciada em pintura pela Faculdade Belas Artes da Universidade de Lisboa. Participou nas seguintes exposições colectivas: (2014) *Finalistas*, sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa; (2013) *The Rape of Europe*, Brasil/Espanha/Holanda/Polónia/Portugal; *Laboratório de Anatomia – Ver e pensar o corpo*, Reitoria da Universidade de Lisboa; *Face to face – The transcendence of the Arts in China and Beyond*, Galeria FBAUL, Lisboa; *Encontros, Próximos*, ISEG, Lisboa. (2010) *Onde estás.*, Colectivo Cultural Bacalhoeiro, Lisboa. Em 2011 colabora com a Reserva Natural de Lecceta, Torino de Sangro na componente de ilustração e comunicação – *Promoção de Áreas Verdes para o desenvolvimento social e económico da juventude*, Abruzzo, Itália.

Filipa Christellys Tirgoala

Lisboa, 1969. Licenciada em desenho pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, curso de Desenho Gráfico na –Ar.Co, cursos de desenho e de pintura da Sociedade Nacional de Belas Artes, cursos de webdesign montagem offset e de maquetista. Participou em diversos workshops na área da fotografia e design.

O percurso profissional esteve sempre ligado ao design gráfico e web design incluindo arte-final, design editorial, ilustração, web design, programação web. Também tem exercido funções na área da formação, lecionando cursos de fotografia digital e de informática associada ao design.

Participou na exposição *Face to Face, the Transcendence of the Arts in China and Beyond* (em 2013).

Actualmente frequenta, na Universidade de Lisboa, o Mestrado em Ensino das Artes Visuais.

Filipa Flores

Lisboa, 1963. Frequenta a licenciatura de Pintura da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (2013). Curso Oficinas Livres de Interpretação Teatral na Companhia de Teatro Os Satyrus, e Certificação Profissional na Categoria de Atriz, Curitiba, Brasil, (2000-03). Curso de Decoração e Restauro de Mobiliário da Fundação Ricardo Espírito Santo e Silva de Lisboa (1983-86). Trabalhou como Restauradora de Lacas Chinesas no Atelier Estoril Restauro (1984-87). Exposições Colectivas: 2011 – ArteLab Futuro – Tapeçaria Contemporânea no Museu da Tapeçaria de Portalegre Guy Fino. 2012 – 12x12 Galeria Travessa, Lisboa; GABA – Galerias Abertas de Belas-Artes, Abril, Lisboa; ArteLab Next Vision-Tapeçaria Contemporânea no Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior; GABA –

Elsa Bruxelles

Lisboa, 1960. Licenciada y alumna de la maestría en Pintura de la Facultad de Bellas Artes de la Universidad de Lisboa. Se ha desarrollado profesionalmente en los campos de la pintura, el grabado y el vídeo. Es autora de varios filmes de vídeoarte y de ficción con participaciones y premios en festivales internacionales. Tiene una obra en exposición permanente en el Museo Arqueológico del Carmo (vídeo instalación «Ulisses»). Ha participado en proyectos de arte público y exposiciones colectivas como: *De Santa Apolónia a Saint-Lazare* (Instituto Français de Portugal 2013); *Chiado en Paris* (Maison du Portugal, Paris 2013); *Face to face – The transcendence of the arts in China and beyond* (Cara a cara. La trascendencia de las artes en China y otras regiones), (capilla de la FBAUL y el Rectorado de la ciudad universitaria de Lisboa 2013); *Grafica contemporánea Quattro visione a Confronto* (Accademia di Belle Arti di Bologna 2012); *Noches en el São Carlos* (Teatro de São Carlos, Lisboa); *Gravura /Instalação/Poesia, The Joy of a Reencounter* (Grabado, Instalación y Poesía. La alegría de un reencuentro) exposición itinerante en Granada, Utrecht, Copenhague, y Lisboa.

Filipa Camacho

Lisboa, 1989. Es licenciada en Pintura por la Facultad de Bellas Artes de la Universidad de Lisboa. Ha participado en las siguientes exposiciones colectivas: (2014) *Finalistas*, Sociedad Nacional de Bellas Artes, Lisboa; (2013) *El rapto de Europa*, Brasil/España/Holanda/Polonia/Portugal; *Laboratorio de Anatomía – Ver y pensar el cuerpo*, Rectorado de la Universidad de Lisboa; *Face to face – The transcendence of the Arts in China and Beyond* (Cara a cara. La trascendencia de las artes en China y otras regiones), Galería FBAUL, Lisboa; *Encuentros, Próximos*, ISEG, Lisboa; (2010) *Dónde estás*, Colectivo Cultural

Bacalhoeiro, Lisboa. En el 2011 colaboró con la Reserva Natural de Lecceta, Torino de Sangro en la componente de ilustración y comunicación – *Promoción de las Áreas Verdes para el desarrollo social y económico de la juventud*, Abruzzo, Italia.

Filipa Christellys Tirgoala

Lisboa, 1969. Nació en Lisboa y es licenciada en Diseño por la Facultad de Bellas-Artes de la Universidad de Lisboa. Realizó el curso de Diseño Gráfico en AR.CO y ha realizado diversos cursos de diseño y de pintura en la Sociedad Nacional de Bellas Artes. También ha realizado cursos de diseño de páginas web, de montaje offset y de maquetista. Ha participado en diversos talleres en el área de fotografía y el diseño.

Su trayectoria profesional ha estado siempre ligada al diseño gráfico y al diseño de web, incluyendo arte-final, diseño editorial, ilustración, diseño de web, programación web. También ha ejercido funciones en el área de formación profesional, impartiendo cursos de fotografía digital y de informática asociada al diseño.

En el 2013 participó en la exposición *Face to Face, the Transcendence of the Arts in China and Beyond* (Cara a cara. La trascendencia de las artes en China y otras regiones). Actualmente estudia en la Universidad de Lisboa la maestría en Enseñanza de las Artes Visuales.

Filipa Flores

Lisboa, 1963. Estudia la Licenciatura en Pintura en la Facultad de Bellas Artes de la Universidad de Lisboa (2013). Realizó el curso Talleres Libres de Interpretación Teatral en la Compañía de Teatro Os Satyrus, y obtuvo la certificación profesional en la categoría de actriz en Curitiba, Brasil, (2000-03). También realizó el taller de Decoración y Restauración de Mobiliario de la

Galerias Abertas de Belas-Artes, Outubro, Lisboa. 2013 – Encontros Próximos, ISEG; Face to Face, The transcendence of the Arts in China and beyond.

Gina Martins

Coimbra, 1984. Actualmente encontra-se a trabalhar no seu ateliê, *Atelier de São Bento- artes visuais e gráficas*, que dirige e onde lecciona as aulas de desenho e pintura-crianças e adultos.

Paralelamente lecciona as aulas de Artes Plásticas no Liceu Francês – Charles Lepierre e no Colégio Luso Suíço, ambos em Lisboa. Expõe regularmente desenho, gravura e pintura.

2011 Mestrado em Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa com a Dissertação teórico-prática intitulada: *Gravura – Pintura. Convergências* orientada pelo Professor José Quaresma.

2007 Licenciatura em Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa com especialização nas áreas da gravura e cerâmica.

Inês Garcia

Lisboa, 1990. Lisboa. Licenciada em Pintura pela Faculdade de Belas-Artes de Lisboa (2013). Actualmente frequenta o primeiro ano do Mestrado de Anatomia Artística na mesma instituição. Participa em exposições coletivas deste 2010, entre elas: *Finalistas de Pintura da FBAUL 12'13* (2014), *Aveiro Jovem Criador* (2013), *XVIII Galeria Aberta em Beja* (2013), *XVIII Bienal de Artes Plásticas da Festa do Avante* (2013), *Laboratório de Anatomia: Ver e Pensar o Corpo* (2013), *Face to Face: The Transcendence of the Arts in China and Beyond* (2013), *XXVI Salão de Primavera – Prémio Rainha Isabel de Bragança* na Galeria de Arte do Casino Estoril (2013). Participou ainda em diversos

workshops ligados à ilustração e obteve menções honrosas bem como publicações em revistas e jornais regionais.

Inês Mesquita

Coimbra, 1980. Licenciada em Piano pela Escola Superior de Música de Lisboa, e pós-graduada pela Accademia Europea di Musica no Lago de Como. Frequenta o Mestrado em Pintura na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, instituição onde concluiu a licenciatura em Desenho. Como pianista, ganhou vários prémios, incluindo o primeiro lugar na 17ª edição do Prémio Jovens Músicos, que a levou a tocar como solista com a Orquestra Gulbenkian. Ao longo da sua carreira tocou em palcos nacionais e internacionais, nomeadamente em Nova Iorque, Washington, Índia, Timor, Indonésia, Verona, Bruxelas, Madrid, Viena e Praga. Actualmente divide a sua vida entre a música e as artes visuais. Exposições: 2012, *GABA – Galerias Abertas Belas Artes*, Faculdade de Belas Artes, Lisboa; 2013, *Encontros, Próximos*, Instituto Superior de Economia e Gestão, Lisboa; *Face to Face. The transcendence of the arts in China and beyond*, Galeria da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa e Átrio da Reitoria da Universidade de Lisboa; *9th Biennial Miniature Print Exhibition*, Center for Contemporary Printmaking, Norwalk, EUA; *XOPOIII*, Galeria da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa; *The Rape of Europe*, Lisboa, Utrecht, Barcelona, Porto Alegre e Lodz.

Inês Valla

Lisboa, 1990. Frequenta o 4º ano do curso de Pintura na Faculdade Belas-Artes, da Universidade de Lisboa. Em 2009, concluiu o 1º ano no curso de Pintura da AR.CO. Em 2012 participou nas exposições

Fundación Ricardo Espírito Santo e Silva de Lisboa (1983-86). Trabajó como restauradora de lacas chinas en el Atelier Estoril Restauro (1984-87). Exposiciones Colectivas: 2011 – ArteLab Futuro – Tapicería Contemporánea en el Museo de la Tapicería de Portalegre Guy Fino. 2012 – 12x12 Galería Travessa, Lisboa; GABA – Galerías Abiertas de Bellas Artes, abril, Lisboa; ArteLab Next Vision – Tapicería Contemporánea en el Museo de Lanificios de la Universidad de Beira Interior; GABA – Galerías Abiertas de Bellas Artes, octubre, Lisboa; 2013 – Encuentros Próximos, ISEG; Face to Face, The transcendence of the Arts in China and beyond (Cara a cara. La trascendencia de las artes en China y otras regiones).

Gina Martins

Coímbra, 1984. Actualmente trabaja en su estudio: *Estudio de São Bento- artes visuales y gráficas*, mismo que dirige y en donde imparte clases de diseño y pintura para niños y adultos. Paralelamente da clases de Artes Plásticas en el liceo francés – Charles Lepierre y en el Colégio Luso-Suizo, ambos en Lisboa. Expone regularmente diseño, grabado y pintura. En el 2011 concluyó la maestría en Pintura en la Facultad de Bellas Artes de la Universidad de Lisboa, con la disertación teórico-práctica titulada: *Grabado – Pintura. Convergencias*, orientada por el profesor José Quaresma. En el 2007 se licenció en Pintura en la Facultad de Bellas Artes de la Universidad de Lisboa con especialización en las áreas de grabado y cerámica.

Inês Garcia

Lisboa, 1990. Es licenciada en Pintura por la Facultad de Bellas-Artes de Lisboa (2013). Actualmente estudia el primer año de la maestría en Anatomía Artística en la misma institución. Participa en exposiciones colectivas

desde el 2010, entre las cuales: *Estudiantes del último año de Pintura de la FBAUL 12'13* (2014), *Aveiro Joven Creador* (2013), *XVIII Galería Abierta* en Beja (2013), *XVIII Bienal de Artes Plásticas de la Fiesta del Avante* (2013), *Laboratorio de Anatomía: Ver y Pensar el Cuerpo* (2013), *Face to Face: The Transcendence of the Arts in China and Beyond* (Cara a cara. La trascendencia de las artes en China y otras regiones)(2013), *XXVI Salón de Primavera – Premio Rainha Isabel de Bragança* en la Galería de Arte del Casino Estoril (2013). Además ha participado en diversos talleres ligados a la ilustración y ha obtenido diversas menciones honoríficas, así como ha publicado en revistas y periódicos regionales.

Inês Mesquita

Coímbra, 1980. Es licenciada en Piano por la Escuela Superior de Música de Lisboa y también realizó estudios de postgrado en la Academia Europea de Música del Lago de Como. Actualmente estudia la Maestría en Pintura en la Facultad de Bellas Artes de la Universidad de Lisboa, donde también concluyó la licenciatura en Diseño. Como pianista ha ganado varios premios, entre los cuales cabe destacar el obtenido en la 17ª edición del Premio Jóvenes Músicos, donde obtuvo el primer lugar y le valió tocar como solista en la Orquesta Gulbenkian. A lo largo de su carrera ha tocado en diversos escenarios nacionales e internacionales, entre los cuales se hace especial mención a los de Nueva York, Washington, India, Timor, Indonesia, Verona, Bruselas, Madrid, Viena y Praga. Actualmente divide su tiempo entre la música y las artes visuales. Exposiciones: 2012, *GABA – Galerías Abiertas Bellas Artes*, Facultad de Bellas Artes, Lisboa; 2013, *Encuentros, Próximos*, Instituto Superior de Economía y Gestión, Lisboa; *Face to Face. The transcendence of the arts in China and beyond*, (Cara a cara. La trascendencia de las artes en China y otras regiones) Galería de

colectivas: ARTLAB Next Vision, Tapeçaria Contemporânea, organizada pelo Museu dos Lanifícios da Universidade da Beira Interior, na Covilhã; e Bologna Children's Book Fair, em Bolonha. Em 2013, participou na 4ª edição do evento G.A.B.A, Galerias Abertas das Belas Artes, organizado pela Faculdade Belas Artes de Lisboa.

Isabel Lopes de Castro

Lisboa, 1974. Licenciatura em Design de Comunicação (1997) pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa e pós-Graduação em Design de Comunicação e Novos Media (2011) pela mesma Universidade. Tem desenvolvido projetos como Designer de Comunicação desde 1997 para vários clientes nomeadamente: Associação de Turismo de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa – Departamento Cultural, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação José Saramago, Leya, Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado. Desde 2011 é assistente convidada na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, no curso de Design de Comunicação. Em 2013 iniciou estudos em Gravura, tendo concluído Iniciação à Gravura. Em 2013 participou na exposição *O Rapto da Europa* – uma reflexão sobre o mito e o estado actual da Europa a partir de vários aspectos (político, económico, etc) e que foi organizada simultaneamente em 5 países: Portugal, Brasil, Espanha, Holanda e Polónia.

José Quaresma

Santarém, 1965. Doutoramento e Mestrado em Estética e Filosofia de Arte pelo Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Licenciatura em *Artes Plásticas-Pintura* pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Exposições de Arte realizadas. (Entre várias

exposições realizadas destacam-se as seguintes): Colectivas. Participação na Exposição *Printmaking, Installation and Poetry. The Joy of a Reunion*. Granada (Espanha), Utrecht (Holanda), Copenhaga (Dinamarca), FBAUL, Lisboa, 2012. Participação na Exposição Internacional *Environmental Art* em Rouvas, Creta, Grécia, 2008. Colectiva na Casa de Serralves, Porto, 2000. Colectiva *Greenhouse Display*, Estufa Fria, Lisboa, 1996. Colectiva Cercle Culturel des Institutions Europeennes, Luxemburgo, 1995. Colectiva Europäische Akademie für Bildende Kunst, Trier, Alemanha, 1995. Algumas Exposições Individuais. Fórum Mário Viegas, Santarém, 2002. Casa-Museu José Relvas, Alpiarça, 2001. Palácio Marquês de Pombal (instalações do I.A.D.E.), Lisboa, 2000. Arbejdensbank, Aarhus, Dinamarca, 1987. Galeri 44, Bogense, Dinamarca, 1984.

Mário Bernardo

Lisboa, 1942. Licenciado em Medicina em 1966 pela Faculdade de Medicina de Lisboa. Médico de uma Unidade de Fuzileiros, em Moçambique, durante a guerra colonial. Chefe de Serviço de Cirurgia Geral no IPOFG de Lisboa e Professor Catedrático de Oncologia e de Medicina Geral e Familiar na Faculdade de Ciências Médicas de Lisboa (aposentado). Aluno do 4º ano (finalista) da Licenciatura em Pintura na Faculdade de Belas-Artes de Lisboa. Investigador do CIEBA. Participou em 2 exposições colectivas (2012 – Vila Verde de Ficalho e 2014 – XXVII Salão de Primavera do Casino Estoril).

Paulo Lourenço

Lisboa, 1965. Licenciado em Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Desde 2001 participou em cerca de

la Facultad de Bellas Artes de la Universidad de Lisboa y el atrio del Rectorado de la Universidad de Lisboa; *9th Biennial Miniature Print Exhibition*, Center for Contemporary Printmaking, Norwalk, EUA; *XOPOILIO*, Galería de la Facultad de Bellas Artes de la Universidad de Lisboa; *The Rape of Europe*, (El rapto de Europa) Lisboa, Utrecht, Barcelona, Porto Alegre y Lodz.

Inês Valla

Lisboa, 1990. Actualmente cursa el 4º año de la licenciatura en Pintura en la Facultad de Bellas Artes de la Universidad de Lisboa. En el 2009 concluyó el primer año del curso de Pintura en AR.CO. En el 2012 participó en las exposiciones colectivas: ARTLAB Next Vision, Tapicería Contemporánea, organizada por el Museo de Lanifícios de la Universidad de Beira Interior en Covilhã; Bologna Children's Book Fair (Feria de libros para niños de Boloña), en Boloña. En el 2013 participó en la 4ª edición del evento G.A.B.A, Galerías Abiertas de las Bellas Artes, organizado por la Facultad de Bellas Artes de Lisboa.

Isabel Lopes de Castro

Lisboa, 1974. Tiene la Licenciatura en Diseño de Comunicación (1997) de la Facultad de Bellas Artes de la Universidad de Lisboa y un postgrado en Diseño de Comunicación y Nuevos Medios (2011) por la misma Universidad. Ha desarrollado proyectos de Diseño de Comunicación desde 1997 para diversos clientes, de los que se hace especial mención de los desarrollados para la Asociación de Turismo de Lisboa, para el Ayuntamiento de Lisboa – Departamento Cultural, para la Fundación Calouste Gulbenkian, la Fundación José Saramago, la editorial Leya y el Museo Nacional de Arte Contemporáneo – Museo del Chiado. Desde el 2011 es Profesora Asistente Invitada en la Facultad de Bellas Artes de la

Universidad de Lisboa en la Licenciatura de Diseño de Comunicación. En el 2013 inició estudios en Grabado, habiendo ya concluido la parte de Iniciación al Grabado. En el 2013 participó en la exposición 'El Rapto de Europa', una muestra donde se reflexionó sobre el mito y el estado actual de Europa a partir de varios aspectos: político, económico, etc. Es de mencionar que éste fue un proyecto expositivo internacional organizado simultáneamente en Portugal, Brasil, España, Holanda y Polonia.

José Quaresma

Santarém, 1965. Tiene el Doctorado y la Maestría en Estética y Filosofía del Arte de la Facultad de Letras de la Universidad de Lisboa. Estudió la Licenciatura en *Artes Plásticas-Pintura* en la Escuela Superior de Bellas Artes de Lisboa. Ha participado en diversas exposiciones, de las cuales se destacan a nivel colectivo: *Printmaking, Installation and Poetry. The Joy of a Reunion* (Grabado, Instalación y Poesía. La alegría de un reencuentro), Granada (España), Utrecht (Holanda), Copenhagen (Dinamarca), FBAUL, Lisboa, 2012; *Environmental Art* en Rouvas, Creta, Grecia, 2008; Exposición colectiva en la Casa de Serralves, Porto, 2000; *Greenhouse Display*, Estufa Fría, Lisboa, 1996; Cercle Culturel des Institutions Europeennes, Luxemburgo, 1995; Europäische Akademie für Bildende Kunst, Trier, Alemania, 1995. Se destacan también algunas exposiciones Individuales: Fórum Mário Viegas, Santarém, 2002; Casa-Museo José Relvas, Alpiarça, 2001; Palacio Marquês de Pombal (instalaciones del I.A.D.E.), Lisboa, 2000; Arbejdensbank, Aarhus, Dinamarca, 1987; Galeri 44, Bogense, Dinamarca, 1984.

Mário Bernardo

Lisboa, 1942. Se licenció en Medicina en 1966 en la Facultad de Medicina de Lisboa.

oitenta Exposições Colectivas em Portugal, Brasil, França, Espanha, Itália, Dinamarca, Holanda, Polónia e Japão.

Exposições Individuais: 2006 Évora, (Galeria Teoartis) *Desigual*, Gravura. Lisboa, (Galeria Diferença) *Entre Variáveis*, Gravura. 2008 Lisboa, (Associação de Gravura Água Forte) *Ambientes-Feéricos*, Gravura. 2009 Proença-a-Nova, *Crossover*, Gravura. Lisboa, (Galeria Diferença) *Genios Loci*, Pintura.

PRÉMIOS: 2004 Évora, Prémio Exposição Individual do 4º festival Internacional de Évora – Bienal Internacional. 2007 Lisboa, Medalha de Bronze do I Salão de Artes Plásticas de Portugal. Beja, Menção Honrosa, (Museu Jorge Vieira), XV Concurso/Exposição Galeria Aberta. 2009 Beja, Menção Honrosa, (Museu Jorge Vieira), XVII Concurso/Exposição Galeria Aberta.

REPRESENTAÇÕES: Holanda, Amsterdão, Vereniging Voor Originele Grafiek, (VOG). Portugal, Lisboa, Biblioteca da Fundação Calouste Gulbenkian. Japão, Okinawa, Sakimi Art Museum. Representado em colecções privadas em Portugal, Brasil, Espanha, Holanda, Polónia e Japão.

Rita Castro

Sintra, 1979. Frequentou a licenciatura de Pintura na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Tem participado em exposições coletivas, destacando-se: exposição itinerante de *Gravura, Instalação, Poesia: Alegria de um Reencontro*, em Granada/ Utrecht/ Copenhaga/ Londres/ Lisboa, em 2012; exposição *Repensar o Chiado/ Reviver o Chiado* na Faculdade de Belas Artes de Lisboa e no café Chiado, em 2011; exposição de tapeçaria contemporânea *ARTELab Futuro* no Museu da Tapeçaria de Portalegre- Guy Fino, em 2011; exposição de Gravura, *Provas Contraprovas e outros testemunhos*, na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, 2011.

Susana Carvalho

Lisboa, 1990. Finalista da licenciatura de Pintura, da Faculdade de Belas-Artes, da Universidade de Lisboa (FBAUL). Participante em exposições e eventos desde 2010, sendo estas decorrentes no respectivo ano: *Bienal de Arte Jovens VaLoures'09*, Galeria Municipal Vieira da Silva, Lisboa; *Viagens Pelo Som e Pela Imagem*, Fonoteca Municipal, Lisboa; Em 2011: *Concurso Internacional de Ilustração de Dinossauros*, GEAL, Lourinhã; *Iniciativa x*, Galeria Arte Contempo, Lisboa. No ano de 2012: *Janela Aberta*, Associação Envolve, Abrantes; *Abertura Ateliês: 3ª edição*, Faculdade de Belas-Artes, Lisboa; *Children's Book Fair*, Bolonha. E por fim, em 2013, as exposições: *Abertura Ateliês: 4ª edição*, Faculdade de Belas-Artes, Lisboa; *Laboratório de Anatomia: Ver e Pensar o Corpo*, Alameda da Reitoria, Lisboa; 2013: *Arte Jovem VII Edição: Interculturalidade*, Galeria Municipal Paços do Concelho, Torres Vedras; 2013: *The Rape of Europe*, exposição simultânea em: Galeria da Faculdade de Belas-Artes de Lisboa/ Utrecht/ Barcelona/ Porto Alegre/ Lodz.

Fue médico de una unidad de marines en Mozambique durante la guerra colonial, también jefe de servicio de Cirugía General en el IPOFG de Lisboa y profesor catedrático de Oncología y de Medicina General y Familiar en la Facultad de Ciencias Médicas de Lisboa (jubilado). Actualmente estudia el 4º y último año de la licenciatura en Pintura en la Facultad de Bellas Artes de Lisboa.

Investigador del CIEBA (Centro de Investigación y de Estudios en Bellas Artes). Ha participado en dos exposiciones colectivas (2012 – Vila Verde de Ficalho y 2014 – XXVII Salón de Primavera del Casino Estoril).

Paulo Lourenço

Lisboa, 1965. Licenciado en Pintura por la Facultad de Bellas Artes de la Universidad de Lisboa. Desde el 2001 ha participado en cerca de ochenta exposiciones colectivas en Portugal, Brasil, Francia, España, Italia, Dinamarca, Holanda, Polonia y Japón.

EXPOSICIONES INDIVIDUALES.

2006: Évora (Galería Teoartis), *Desigual*; grabado; Lisboa (Galería Diferença), *Entre Variables*, grabado. 2008: Lisboa, (Asociación de Grabado Agua Fuerte) *Ambientes-Mágicos*, grabado. 2009: Proença-a-Nova, *Crossover*, grabado; Lisboa, (Galería Diferença) *Genios Loci*, pintura. **PREMIOS.** 2004: Évora, Premio Exposición Individual del 4º festival Internacional de Évora – Bienal Internacional. 2007: Lisboa, medalla de bronce del I Salón de Artes Plásticas de Portugal. Beja, mención honorífica, (Museo Jorge Vieira), XV Concurso/Exposición Galería Abierta. 2009: Beja, mención honorífica, (Museo Jorge Vieira), XVII Concurso/Exposición Galería Abierta. **REPRESENTACIONES:** Holanda, Ámsterdam, Vereniging Voor Originele Grafiek, (VOG). Portugal, Lisboa, Biblioteca de la Fundación Calouste Gulbenkian. Japón, Okinawa, Sakimi Art Museum. Representado en colecciones privadas en Portugal, Brasil, España, Holanda, Polonia y Japón.

Rita Castro

Sintra, 1979. Actualmente estudia la Licenciatura en Pintura en la Facultad de Bellas Artes de la Universidad de Lisboa. Ha participado en diversas exposiciones colectivas, de las cuales se destacan las siguientes: *Grabado, Instalación y Poesía. La alegría de un reencuentro*, exposición itinerante en Granada/ Utrecht/ Copenhague/ Londres/ Lisboa, 2012; *Repensar el Chiado/ Revivir el Chiado* en la Facultad de Bellas Artes de Lisboa y en el café Chiado, 2011; exposición de tapicería contemporánea *ARTELab Futuro* en el Museo de la Tapicería de Portalegre – Guy Fino, 2011; exposición de grabado, Pruebas Contrapruebas y otros testimonios, en la Facultad de Bellas Artes de la Universidad de Lisboa, 2011.

Susana Carvalho

Lisboa 1990. Estudia el último año de la licenciatura en Pintura en la Facultad de Bellas Artes de la Universidad de Lisboa (FBAUL). Ha participado en diversas exposiciones y eventos desde el 2010: *Bienal de Arte Jóvenes VaLoures'09*, Galería Municipal Vieira da Silva, Lisboa; *Viajes por el sonido y por la imagen*, Fonoteca Municipal, Lisboa. 2011: *Concurso Internacional de Ilustración de Dinosaurios*, GEAL, Lourinhã; *Iniciativa x*, Galería Arte Contempo, Lisboa. 2012: *Ventana Abierta*, Asociación Envolva, Abrantes; *Abertura Ateliês: 3ª edición*, Facultad de Bellas Artes, Lisboa; *Children's Book Fair*, (Feria de libros para niños de Boloña), Boloña. 2013: *Abertura Ateliês: 4ª edición*, Facultad de Bellas Artes, Lisboa; *Laboratorio de Anatomía: Ver y Pensar el Cuerpo*, Alameda de la Rectoría, Lisboa; *Arte Joven VII Edición: Interculturalidad*, Galería Municipal Paços do Concelho, Torres Vedras; *The Rape of Europe* (El rapto de Europa), exposición simultánea en la: Galería de la Facultad de Bellas Artes de Lisboa/ Utrecht/ Barcelona/ Porto Alegre/ Lodz.

INDEX
DA COMPONENTE VISUAL
E ARTÍSTICA

ÍNDICE

DE LOS ELEMENTOS VISUALES

Y ARTÍSTICOS



Filipa Christellys Tirgoala
In Nomine Pater
- a contestação
p. 35



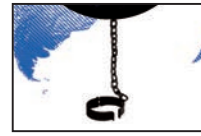
Elsa Bruxelles
Sacudir o pó dos pés
pp. 50-51



Elsa Bruxelles
Invasão
pp. 60-61



Filipa Camacho
Parasitação III
pp. 70-71



Isabel Lopes de Castro
Mundo Livre
pp. 80-81



Paulo Lourenço
Entre Mundos
pp. 90-91

{ }



Mário Bernardo
Crucifixo
p. 167



Inês Garcia
A hegemonia indígena
p. 171



Mário Bernardo
O Carnaval do Rio
p. 175



Elsa Bruxelles
Invasão
p. 187



Filipa Camacho
Parasitação III
p. 195



Filipa Camacho
Parasitação VI
p. 203

424



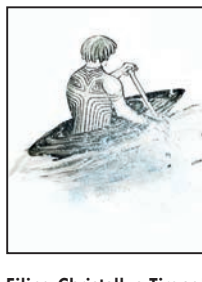
Isabel Lopes de Castro
Mundo Livre
p. 259



Paulo Lourenço
Entre Mundos
p. 271



Susana Carvalho
tempus est optimus judex
rerum omnium
p. 287



Filipa Christellys Tirgoala
Onde me levam os rios?
p. 301



Elsa Bruxelles
Com que direito I
p. 305



Filipa Christellys Tirgoala
In Nomine Pater
- a imposição
p. 309



Gina Martins
S/título
p. 361



Gina Martins
S/título
pp. 373



Elsa Bruxelles
Pelo Bem II
p. 381



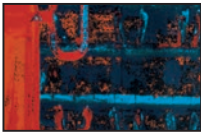
Elsa Bruxelles
Sacudir o pó dos pés
p. 385



Inês Garcia
A espiritualidade do índio
p. 393



Inês Mesquita
Sem título
p. 403



Filipa Flores
Sem título
pp. 102-103



Inês Mesquita
Sem título
p. 115



Susana Carvalho
abyssus abyssum invocat
pp. 138-139



Filipa Camacho
Parasitação V
p. 213



Rita Castro
Inter Caetera
p. 221



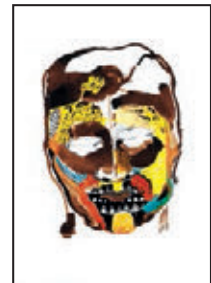
Inês Valla
A Conversão
p. 230



Inês Valla
O Batismo
p. 231



Filipa Camacho
Parasitação IV
p. 235



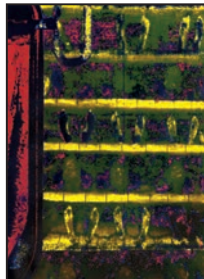
Filipa Camacho
Parasitação I
p. 249



Gina Martins
Territorial band
p. 319



Filipa Flores
Sem título
p. 331



Filipa Flores
Sem título
p. 335



Gina Martins
S/título
p. 343



Filipa Camacho
Parasitação II
p. 347



Gina Martins
S/título
p. 351



Inês Mesquita
Sem título
pp. 406-407



Filipa Christellys Tirgoala
O Cocar do chefe
p. 411



La presente edición, consta de 430 páginas impresas en máquina Heidelberg de los Talleres Kadmos de Salamanca sobre papel Gardapat clásica con guardas Pop´set en negro, la combinatoria de papeles apunta a lograr ese halo que muchas veces impide dar con el secreto del trabajo bien realizado, con las tipografías Adobe Caslon Pro y TW Cen MT en sus diferentes cuerpos y estilos, que ayuda a traer a presencia la delicadeza del trazo actual de cada carácter, el cual muchas veces está muy erosionado.

Para la sobrecubierta se ha utilizado un papel en una sola tinta haciéndola envolvente y no cubriendo entera la tela Imperial 4170 estampada, en seco, de la tapa dura utilizada para su encuadernación.

Escuela Ibérica de la Paz se
presenta al público el
23 de junio de 2014
festividad de los santos
José Cafasso, Tomás
Garnet, y Lanfranco
de Pavia; de los Santos
Mártires de Nicomedia,
de la santa Eteldreda
de Ely y de la beata María Rafaela Climati.

Laus Deo





Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA



Asociación de Hispanismo Filosófico



«Parece-me de todo apropriado resgatar, mediante a presente obra sobre a *Escola Ibérica da Paz*, seus ensinamentos de um direito impessoal que é o mesmo para todos - não obstante as disparidades de poder, - e que situa a solidariedade humana acima da soberania, e que submete os diferendos ao juízo da *recta ratio*. O renascimento - que sustento firmemente - em nossos tempos desses ensinamentos clássicos, que ademais propugnam por uma ampla concepção da personalidade jurídica internacional (incluindo os seres humanos, e a humanidade como um todo), pode certamente nos ajudar a enfrentar mais adequadamente os problemas com que se defronta o Direito Internacional contemporâneo, movendo-nos rumo a um novo *jus gentium* do século XXI, o Direito Internacional para a humanidade.»

Antônio A. Cançado Trindade

Juiz da Corte Internacional de Justiça (Haia);
Ex-Presidente da Corte Interamericana de Direitos Humanos; Professor Emérito de Direito Internacional da Universidade de Brasília

«Considero de todo punto apropiado rescatar, mediante la presente obra sobre la *Escuela Ibérica de la Paz*, las enseñanzas de ésta a cerca de un derecho impersonal que es el mismo para todos, al margen de las rivalidades por el poder, que coloca a la solidaridad humana por encima de la soberanía y que somete las diferencias al juicio de la *recta ratio*. El renacimiento en nuestro tiempos de esas enseñanzas clásicas, como vengo preconizando sostenidamente, que conlleva además una concepción amplia de la personalidad jurídica internacional, en donde se incluye a los seres humanos y a la humanidad como un todo, puede ciertamente ayudarnos a afrontar mejor los problemas a los que se enfrenta el Derecho Internacional contemporáneo, arrumbándonos hacia un nuevo *jus gentium* del siglo XXI: el Derecho Internacional para la humanidad.»

Antônio A. Cançado Trindade

Juez del Tribunal Internacional de Justicia de La Haya;
Ex-Presidente de la Corte Interamericana de Derechos Humanos; Profesor Emérito de Derecho Internacional de la Universidad de Brasília



CANTABRIA
CAMPUS
INTERNACIONAL



UNIVERSIDADE
DE LISBOA

REAL SOCIEDAD
MENÉNDEZ PELAYO
1918



Cátedra
Menéndez
Pelayo



Ediciones
Universidad
Cantabria



ISBN 978-84-19024-45-9 20 €

9 788419 024459

www.editorialunican.es

THEMA: LBBS, JBPH, SMD, SMG